2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA



CAMINHOS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

ANAIS

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE



PSICOLOGIA

CAMINHOS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

ANAIS

AUTORAS:

THEREZA CHRISTINA GARCIA BEZERRA

CAMILLA VIEIRA DE FIGUEIREDO

TESSYA HYANNA ALMEIDA OLIVEIRA

Psicologia UNIFIP

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

CORPO EDITORIAL

REITOR
JOÃO LEUSON PALMEIRA GOMES

VICE-REITORA
SYLVANIA PALMEIRA GOMES ALVES

PRÓ-REITORA ACADÊMICA
ALANA CANDEIA DE MELO

PRÓ-REITORA DE ENSINO
ELZENIR PEREIRA DE OLIVEIRA ALMEIDA

COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA
THEREZA CHRISTINA GARCIA BEZERRA

COORDENADOR COOPEX
FLÁVIO FRANKLIN FERREIRA DE ALMEIDA

COORDENADORA CEADI
ANARITA DE SOUZA SALVADOR

COMISSÃO GERAL
THEREZA CHRISTINA GARCIA BEZERRA (PRESIDENTA)
MURILO MAURICIO LARANJEIRA DE LACERDA (CULTURAL)
MARTINA GOMES DE LACERDA GUEDES (TESOUREIRA)
BRUNNO ALVES DE LUCENA (APOIO E LOGÍSTICA)
JUCIRLEIA FERREIRA DE MEDEIROS CHAVES (MARKETING)

COMISSÃO CIENTÍFICA
CAMILLA VIEIRA DE FIGUEIREDO (PRESIDENTA)
ALESSANDRO TEIXEIRA REZENDE
FLÁVIA MARCELLY DE SOUSA MENDES DA SILVA
GERMANO GABRIEL LIMA ESTEVES
LARISSE HELENA GOMES DE MACEDO BARBOSA
TESSYA HYANNA ALMEIDA OLIVEIRA

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

Anais do 2º Congresso Nacional de Psicologia:
Caminhos da Avaliação Psicológica. Patos, PB:
UNIFIP, 2024.

335 p.

Organização: Thereza Christina Garcia Bezerra;
Camilla Vieira de Figueiredo; Tessya Hyanna
Almedida Oliveira.
Centro Universitário de Patos – UNIFIP
ISBN: 978-65-83393-10-4

1. Anais. 2. Psicologia. 3. Congresso Nacional.
I. Título II. UNIFIP.

UNIFIP/BU CDU: 159.9(81)(05)
Francisco C. Leite – Bibliotecário. CRB 15/0076

APRESENTAÇÃO

Após 3 anos de sua última edição, o Congresso Nacional de Psicologia – UNIFIP continua se reinventando e se configura como o maior evento científico das Ciências Psicológicas no Estado da Paraíba. Em sua segunda edição em âmbito nacional, o Congresso trouxe como tema central: "Caminhos da Avaliação Psicológica". As atividades que integraram essa 2ª edição contemplaram uma diversidade de conferências nacionais, mesas-redondas, debates, workshops, minicursos, apresentações orais e painéis, com o objetivo de ampliar o debate sobre a Avaliação Psicológica, se constituindo como um espaço democrático e abrangente de reflexão, promovendo o compartilhamento de saberes sobre as práticas da avaliação psicológica nos mais variados contextos, além de assuntos de relevância relacionados à área, como: psicometria, métodos estatísticos, formação, legislação e ética.

Os Anais do 2º Congresso Nacional de Psicologia – UNIFIP inclui debates teóricos, resultantes de pesquisas empíricas, com diferentes métodos, ou de revisão de literatura, bem como relatos de experiência apresentados em modalidades de Trabalhos Completos (Comunicações Orais) e Resumos Simples (Painéis), apresentados nos seguintes Eixos Temáticos (ET):

- Psicometria e Análises de Dados;
- Psicologia Organizacional e do Trabalho;
- Psicologia Escolar e Educacional;
- Neuropsicologia e Neurodesenvolvimento;
- Psicologia Social e Comunitária;
- Psicologia Clínica e Saúde;
- Psicologia Jurídica e Forense.

Por meio da diversidade de temáticas e abordagens presentes nos trabalhos, evidencia-se o comprometimento dos participantes em compartilhar conhecimentos e experiências que enriquecem as práticas da avaliação psicológica em seus diversos contextos de aplicação. Essa multiplicidade reflete também o esforço do envolvimento acadêmico entre estudantes e professores por meio de diferentes perspectivas e metodologias, promovendo a integração de saberes de áreas distintas, com vistas ao desenvolvimento de uma postura crítica, ética e comprometida, contribuindo para o fortalecimento de uma Psicologia comprometida com o bem-estar social, estando unida às diversas lutas como maior inclusão, respeito às diversidades, combate à violência e promoção da saúde mental.

Que estas produções inspirem novas discussões, avanços e práticas transformadoras em benefício da sociedade e do campo psicológico.

Atenciosamente,

Comissão Geral do 2º Congresso Nacional de Psicologia – UNIFIP

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

TRABALHOS COMPLETOS

PSICOMETRIA E ANÁLISES DE DADOS

CONSTRUÇÃO DE UMA MEDIDA IMPLÍCITA DE ABUSO DIGITAL NO NAMORO

Maria Eduarda Pereira Araújo – UNIFIP
Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Gustavo da Silva Rodrigues – UNIFIP
Alessandro Teixeira Rezende – UPE
Tessya Hyanna Almedida Oliveira – UNIFIP

RESUMO: O presente artigo objetivou construir uma medida implícita de abuso digital no relacionamento amoroso. Participaram 100 pessoas, com média de idade de 23,8 anos (*DP* = 5,6), majoritariamente do sexo feminino (78%). Estes responderam o Teste de Associação Implícita (TAI) de abuso digital nos relacionamentos amorosos. Para tabulação e análises de dados foi feito o cálculo de associação implícita dos escores C e D, assim como fez-se o uso da linguagem de interface *R* para algumas análises estatísticas (teste *t* para amostra única). Quanto aos resultados, o escore C apresentou uma média de 671,70 (*DP* = 475,58) e, no que tange ao escore D, foi apresentada uma média de 0,94 (*DP* = 0,62). Sobre a comparação entre os números de acertos nas respostas congruentes e incongruentes foram encontrados os seguintes resultados: escore C [$t(99) = 16,89$; $p < 0,001$] e escore D [$t(99) = 17,89$, $p < 0,001$]. Os dados obtidos indicaram resultados significativos, sendo considerados parâmetros psicométricos satisfatórios. Os objetivos propostos foram alcançados, sendo trazida, à literatura, uma nova medida implícita para mensuração deste fenômeno nos relacionamentos amorosos.

Palavras-chave: Abuso Digital; Relacionamentos Amorosos; Medida Implícita.

INTRODUÇÃO

O Brasil, atualmente, ocupa a terceira posição no *ranking* de países que mais consomem as redes sociais. Cerca de 131,5 milhões de brasileiros estão consumindo e usufruindo das ferramentas disponíveis nestas plataformas (Pacete, 2023), o que implica dizer que a população brasileira está, cada vez mais, conectada e se utilizando da realidade virtual para compartilhar suas vivências, acompanhar a rotina de terceiros, além de estreitar e criar conexões afetivas.

Tal influência do aumento no uso das redes sociais, especialmente no que diz respeito à manutenção de relações, pode vir a ser potencializadora, especialmente ao se contemplar e analisar o contexto dos relacionamentos amorosos – onde o ambiente virtual tem apresentado indicativos positivos de impacto. Nos Estados Unidos, o *Pew Research Center*, em uma de suas pesquisas, constatou que 41% dos casais entre 18 e 29 anos de idade relatam se sentir mais próximos de seus parceiros em razão do uso da tecnologia. (São Paulo, 2016; Cavalcanti & Coutinho, 2019).

No entanto, o panorama inverso também é uma realidade possível – o uso da tecnologia pode vir a ser um verdadeiro infortúnio, bem como um fator de risco para a estabilidade dos relacionamentos amorosos, visto que alguns fenômenos comportamentais que envolvem a realidade virtual e, especificamente, as redes sociais, têm sido observados na dinâmica das relações, a exemplo do *ghosting*, comportamento relacionado ao ato de ignorar a pessoa com quem se está tendo algum tipo de relação amorosa e, posteriormente, sumir de modo repentino (LeFebvre, 2017), do *phubbing*, que diz respeito ao ato de utilizar o *smartphone* enquanto está interagindo face-a-face com alguém,

gerando, nesta pessoa, um sentimento de estar sendo ignorado (Xie et al., 2020); e do abuso digital (Flach & Deslandes, 2017).

Segundo Flach e Deslanches (2017), o abuso digital envolve um conjunto de características comportamentais que são desencadeadas pela interação em contextos virtuais, e se reverbera por meio de ameaças, insultos, humilhações e comportamentos de ciúme e de controle (e.g., exigência de ter acesso às senhas das redes sociais, do celular ou de outros tipos de contas). Desse modo, torna-se evidente que as interações sociais ocorridas na realidade virtual podem se transfigurar, para além de um espaço de estreitamento de laços afetivos saudáveis, em um ambiente favorável à proliferação e reprodução de novas expressões de violência – e é neste momento em que o fenômeno do abuso digital passa a ser realizado e perpetuado nas relações entre parceiros amorosos (Borrajo et al., 2015; Yahner et al. 2015).

O abuso digital no contexto dos relacionamentos amorosos pode se manifestar de diferentes maneiras: o *sexting* (não consentido), o *revenge porn* (pornografia de vingança) e o *stalking* (controle/monitoramento). O *sexting* apresenta-se como sendo uma estratégia comportamental de sedução sexual – apesar de não ser apontado como um tipo de abuso –, onde o indivíduo envia mensagens de texto, fotos e/ou vídeos de conteúdo sensual para pessoas e/ou grupos. Tais conteúdos podem ou não envolver nudez explícita e, quando enviados sem o consentimento de quem os recebe, se tornam práticas de *revenge porn* – que, de fato, se configura como uma expressão de abuso digital (Flach & Deslandes, 2017; Ventura, 2014).

O *revenge porn*, por sua vez, é caracterizado pelo compartilhamento não-consentido de conteúdos íntimos e pessoais (mensagens, fotos, vídeos) de atuais ou ex-parceiros amorosos nas mídias digitais, a fim de exercer calúnia, difamar e prejudicar sua imagem pública. Tal comportamento costuma ocorrer, com frequência, com o término da relação amorosa, sendo motivado e guiado por aspectos cognitivos e sentimentais de vingaça (Martsolf, Colbert & Draucker, 2012).

Por fim, o *stalking* reflete o comportamento pautado na monitoração, controle e rastreamento das atividades virtuais do parceiro. Isso inclui o acesso, sem consentimento, às senhas de dispositivos (*smartphones, notebooks*) e aplicativos, e a criação de perfis falsos para verificar o que é postado nas redes sociais do parceiro, bem como acessar o conteúdo das mensagens recebidas e enviadas. Há a possibilidade de ir ainda mais além, com a clonagem dos dispositivos do parceiro, para ter acesso em tempo integral às atividades que estão sendo realizadas (Flach & Deslasndes, 2017; Keen, 2014).

Levando em consideração o que fora exposto acima, é perceptível que o abuso digital, dentro das relações amorosas, é capaz de ocasionar danos à saúde mental e à integridade daqueles que são vitimados por ele (Zweig et al., 2014). Desse maneira, por perpassar intimamente perspectivas psicológicas e por ser um objeto de interesse do campo das ciências sociais, se torna impreterível a análise quanto à mensuração deste construto. Como este traço latente tem sido mensurado? Quais

tipos de instrumentos a literatura disponibiliza para coletar dados acerca deste fenômeno? Os métodos utilizados asseguram precisão e fidedignidade nos resultados desta mensuração?

Mediante a revisão de literatura proposta por Cavalcanti e Coutinho (2019), é possível observar que, na maioria dos estudos de metodologia quantitativa que contemplam a mensuração do abuso digital nas relações amorosas, há o predomínio do uso de medidas explícitas de autorrelato. Nessas medidas, o participante, conscientemente, julga seus níveis de determinadas condutas abordadas nos itens dos instrumentos.

Entretanto, apesar de apresentar como vantagens a simplicidade e a rapidez na aplicação dos testes e na obtenção de dados, é válido destacar que tais medidas estão profundamente susceptíveis ao fenômeno da desejabilidade social – onde os indivíduos possuem uma tendência a distorcer suas respostas, com o objetivo de "camuflar" ou, até mesmo, omitir traços tidos como socialmente indesejáveis (Furnham, 1986). Assim, os dados obtidos pelos participantes são marcados pela possibilidade de não serem verdadeiramente condizentes com a realidade, por estarem "maquiados" em alternativas do teste voltadas às respostas mais aceitas pelas pessoas (Crowne & Marlowe, 1960).

Para que os construtos psicológicos, de maneira geral, pudessem ser mensurados sem sofrer intercorrências significativas do fenômeno da desejabilidade social, os pesquisadores, na década de 1980, passaram a se debruçar sobre o desenvolvimento de medidas implícitas. Tais medidas se tornaram mais presentes e influentes na literatura, demarcando a primordialidade da produção de estudos a seu respeito (Gouveia et al., 2012). No cenário das medidas implícitas, ocupam posição de destaque o *Priming* e o Teste de Associação Implícita (TAI).

Desenvolvido por Fazio (1995), o *priming* é uma técnica de mensuração implícita que entende as atitudes como sendo associações que fazemos entre um objeto e a sua avaliação, sendo essas associações obtidas na memória mais acessível (Athayde, 2012; Wittenbrink & Schwarz, 2007). Este processamento cognitivo se dá pelo seguinte modo: o estímulo inicial (*prime*) ativa conceitos conectados na memória, o que acaba por ocasionar a redução do tempo de reação que o cérebro precisa para fornecer uma resposta ao *prime*. O *priming* é emitido por meio de duas principais categorias: o avaliativo e o conceitual (Fazio et al., 1986).

O primeiro se relaciona à investigação da relação analítica entre o *prime* e o alvo. Na prática, isto implica dizer que o participante irá associar, no menor tempo possível, o estímulo prévio com palavras-alvo de valência polarizada (e.g., confiança *versus* desconfiança; Fazio et al., 1986). O segundo, por sua vez, tem por objetivo analisar a semântica entre o *prime* e o alvo. Assim, o desempenho do participante corresponde ao significado do *prime* atribuído ao alvo, sendo os alvos classificados como positivos ou negativos (e.g., bom e mau). Em suma, os dois tipos de *priming* se diferenciam nas seguintes instâncias: o avaliativo objetiva a entender a relação entre o estímulo e o alvo, e o conteitual objetiva a entender a associação semântica e a relação do significado (Gouveia et

al., 2012).

No tocante ao Teste de Associação Implícita – TAI (*Implicit Association Test – IAT*), se constata que seu objetivo, enquanto técnica de medida implícita, é atenuar a intencionalidade das respostas dos participantes e, do mesmo modo, como efeito, a desejabilidade social (Vargas, Sekaquaptewa, & Hippel, 2007). Desse maneira, o TAI mensura a força das associações mentais espontâneas, por intermédio do tempo – haja vista que quanto maior for a identificação do participante com o traço analisado, menor será o seu tempo de reação, sendo a sua avaliação obtida de forma mais veloz (Andrews, Greenwald, Hampson, Gordon, & Widdop, 2010).

Quanto à sua operacionalização, o TAI possui dois manejos de aplicação: a versão lápis e papel e a versão computadorizada. Na versão computadorizada, há a mensuração implícita por meio de um experimento dividido por blocos e ensaios. Inicialmente, são apresentados, aos participantes, determinados estímulos (palavras ou figuras) na tela do computador. São escolhidas duas chaves para respostas – geralmente, uma chave esquerda (Tecla E) e uma chave direita (Tecla I), e os participantes são orientados a manusear estas duas chaves para computar suas respotas o mais rápido possível, evitando cometer erros durante o processo (Athayde, 2012). Tal processo acaba por evidenciar a potencialidade desta técnica para atenuar a desejabilidade social dos respondentes.

Considerando as explanações supracitadas e compreendendo que o abuso digital é um construto sensível ao fenômeno da desejabilidade social, a presente pesquisa teve, por objetivo, elaborar uma medida implícita para mensurá-lo no contexto das relações amorosas, observando seus parâmetros de adequabilidade. Para tanto, foi utilizada a versão computadorizada do TAI. Esta pesquisa se justifica pela lacuna existente na literatura de medidas que realizem essa mensuração de modo implícito, exercendo maior controle sobre a possibilidade de camuflagem e distorção de respostas.

MÉTODO

Delineamento

Tratou-se de uma pesquisa correlacional, isto é, de cunho quantitativo e psicométrico de elaboração de uma medida.

Participantes

O presente estudo contou com uma amostra não probabilística por conveniência, composta por 100 respondentes. Destes, majoritariamente mulheres (78%), com idade média de 23,8 anos (DP = 5,6), variando entre 18 e 45 anos, solteiras (52%) e classe social média (45%) e universitários (61%).

Instrumentos

Foi utilizado um questionário sociodemográfico, abordando variáveis como sexo, idade, classe social, religião e estado civil, com o objetivo de caracterizar a amostra. Também fora utilizado

o Teste de Associação Implícita (TAI) de abuso digital nas relações amorosas – que será, detalhadamente, descrito a seguir. Destaca-se que este estudo foi voltado ao contexto das relações heterossexuais.

O TAI, no presente estudo, foi abordado sob a perspectiva computadorizada. As categorias de estímulo do instrumento são as palavras *Favorável* (segurança, certeza, respeito, acreditar e cuidado) e *Desfavorável* (insegurança, dúvida, desrespeito, suspeita e negligência). As categorias-alvo são as palavras *Confiança* (imagens de confiança) e *Desconfiança* (imagens de desconfiança). Todas as imagens constam no Apêndice I.

Quanto à operacionalização do teste, se dá do seguinte modo: as palavras e imagens (estímulos) aparecem centralizadas na tela do computador e, nesse momento, os participantes concedem suas respostas por meio de duas chaves de respostas, para que possam fazer a associação entre o estímulo e a categoria-alvo que o reflete – tais chaves são o lado esquerdo, representado pela tecla "E" e o lado direito, representado pela tecla "I". Todo o teste é realizado através de blocos de ensaios que devem ser respondidos o mais rápido possível, evitando cometer erros – essas informações são repassadas aos participantes. Os blocos serão apresentados, minuciosamente, a seguir.

No *Bloco I*, os participantes são expostos à imagens relativas às palavras *Confiança* e *Desconfiança* e recebem a orientação de que, quando a imagem for relativa à *Confiança*, selecionem a tecla "E"; e quando a imagem for relativa à *Desconfiança*, selecionem a tecla "I".

No *Bloco 2,* são apresentadas as palavras relativas às categorias *Favorável e Desfavorável.* Os respondentes são orientados a selecionarem a tecla "E" ao identificarem uma palavra concernente à categoria *Favorável*; e a selecionarem a tecla "I" para palavras concernentes à categoria *Desfavorável.*

No *Bloco 3,* as categorias *Confiança* e *Favorável* se apresentam juntas. Quando o estímulo for a seu respeito, os respondentes devem apertar a tecla "E". Quando o estímulo estiver relacionado às categorias *Desconfiança* e *Favorável*, apertam a tecla "I". Os estímulos, neste bloco, podem ser palavras e, também, imagens. No *Bloco 4* há a inversão das unidades categóricas do *Bloco 2*. Dessa forma, as categorias ocupam posições diferentes: a *Confiança* se torna no lado esquerdo (tecla "I") e a *Desconfiança* se torna no lado direito (tecla "E").

Por fim, no *Bloco 5*, os participantes são introduzidos à informação de que as cores podem ser um auxílio para que eles cometam menos erros. Possui semelhança ao *Bloco 3*, mas, neste, as palavras agrupadas se modificam: ao lado direito (tecla "I"), estão as palavras *Desconfiança* (na cor azul) e *Favorável* (na cor preta). Se o estímulo que aparece na tela for uma imagem, deverá ser associada à categoria que se encontra na cor azul; se o estímulo for uma palavra, deverá ser associada à categoria que se encontra na cor preta. Ao lado esquerdo (tecla "E"), encontram-se as palavras Confiança (na

cor azul) e Desfavorável (na cor preta) – ao aparecer uma imagem que represente confiança e palavras que representem a categoria desfavorável, aperta-se a tecla "E".

Partindo para as próximas características do teste, o bloco que deve apresentar o menor tempo de reação (tempo de latência) é o bloco congruente, e o bloco que deve apresentar o maior tempo de latência é o incongruente. O tempo de latência referente ao bloco congruente deve ser mensurado em milésimos de segundo. Há algumas formas de calcular a associação implícita – destacam-se, aqui, os escores C e D.

A maneira mais simples, segundo Lemm et al. (2008), de calcular a associação implícita, é por meio da diferença entre o número de respostas nos blocos congruentes (A) e incongruentes (B), sendo TAI = A – B. Ao realizar essa subtração, constata-se que a diferença de latência média entre A e B resulta numa força referente a uma associação subjacente – este resultado é nominado como escore C.

Há, também, um modo mais robusto de se calcular esta associação, preconizado por Greenwald, Nosek e Banaii (2003), chamada de escore D. Ao passo em que o escore C é dividido pelo desvio-padrão do sujeito e todos os seus tempos de resposta (tempos de latência), o escore D possui o fim de corrigir a variabilidade nos escores, advindas da diferença de velocidade no processamento de resposta de todos os respondentes. Assim, ao término do teste, é atribuído a cada participante um escore D, com variação entre – 2 e + 2. Os valores próximos a + 2 se refere à atitude implícita fortemente relacionada ao objeto de estudo da medida, enquanto valores mais próximos a – 2 se referem a atitudes implícitas fortemente contrárias ao objeto de estudo (Greenwald et al., 2003; Mendes, 2014).

Ao relacionar as informações acima expostas ao teste utilizado, conclui-se que, quanto mais próxima de + 2 a pontuação dos participantes, maior será a associação implícita com as categorias congruentes (*Confiança* e *Favorável*; *Desconfiança* e *Desfavorável*) – havendo, assim, um menor tempo de latência. Por outro lado, quanto mais próximo do – 2, maior será o tempo de latência de respostas e o distanciamento do objeto de estudo do teste – havendo mais associação com o bloco incongruente (*Desfavorável* e *Confiança*; *Favorável* e *Desconfiança*).

Procedimentos e Aspectos Éticos

A princípio, houve o desenvolvimento da medida implícita de abuso digital no relacionamento amoroso, por meio do sistema *Open and Online IAT*, através da linguagem *Javascript*. Em seguida, o projeto de pesquisa foi destinado ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Assim que aprovado, pelo parecer nº 5.002.777 e CAAE 50821321.5.0000.5188, se iniciou a coleta dos dados. Os dados foram obtidos de modo remoto, via dois *links*: o da medida implícita e um elaborado no *Google Forms*. Os participantes demoraram, em média, 10 minutos para computar suas respostas. O caráter anônimo e voluntário fora preservado, a

partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como os critérios éticos seguiram os preceitos preconizados pela Resolução 510/2016 do Ministério da Saúde (Brasil, 2016).

Análise de Dados

No que se refere ao cálculo da associação implícita, foram utilizadas duas fórmulas para mensurar o resultado, sendo elas: Escore Convencional (C) e Escore (D) (Greenwald et al., 1998). Além disso, se fez necessário o uso da linguagem de interface R, para realização de estatísticas descritivas (média, desvio padrão) e Teste *t* de *Student* para amostra única.

RESULTADOS

Quanto aos resultados deste estudo, inicialmente buscou verificar a diferença entre as associações dos blocos congruente e incongruente do *TAI* de absuso digital no relacionamento amoroso. Para isso, foram realizadas estatísticas inferenciais, adotando o procedimento realizado por Mendes (2014), no qual foi computada uma variável zero, de ausencia de relação, e um Teste *t* para amostra única, a fim de obter a significância estatística dessa diferença nos Escores C e D. Assim como, foram realizadas estatíticas descritivas para avaliar os índices de pontuações encontrados através da fórmula utilizada para cálculo de assossiação implícita dos Escores C e D (Lemm et al., 2008).

Quanto ao escore C, a presente amostra apresentou uma média 671,70 (*DP* = 475,58). O escore D, por sua vez, apresentou uma média de 0,94 (*DP* = 0,62). Buscando testar se existe diferença estatisticamente significativa entre os números de acertos nas respostas atribuídas à situações congruentes e incongruentes, ou seja, buscando compreender se existe associação implícita, foi realizado Teste *t* de *Student* para amostra única. Nesta análise, pode-se observar os seguintes resultados Escore C [t (99) = 16,89; $p < 0,001$] e Escore D [t (99) = 17,89, $p < 0,001$].

Como bloco congruente desta medida implícita tiveram-se as categorias *Favorável* e *Confiança*, com latência média de associação de 1.079,64 ms (*DP* = 238,33). No que diz respeito ao bloco incongruente, as categorias atribuídas foram *Desfavorável* e *Desconfiança*, com o tempo de associação médio de 1.751,35 ms (*DP* = 509,81). Neste sentido, é possível observar uma associação mais rápida relacionada ao bloco congruente, com o escore D, o que significa uma magnitude baixa dessa associação (*M* = 0,94; *DP* = 0,62).

Desse modo, é possível constatar que, na amostra do presente estudo, os respondentes apresentam menores tendências a categorizar de maneira favorável o abuso digital no relacionamento amoroso, uma vez que o bloco congruente foi associado com maior rapidez em relação ao bloco incongruente.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve, como objetivo, construir uma medida implícita para mensuração do abuso digital em relacionamentos amorosos, de maneira computadorizada – sendo este método

considerado vantajoso por avaliar o tempo de reação dos participantes, exercendo controle às tendências à desejabilidade social. Como hipótese, se esperava que os respondentes apresentariam associações mais fortes entre as categorias *Favorável* e *Confiança* (imagens de confiança) e *Desfavorável* e *Desconfiança* (imagens de desconfiança). Isto implica dizer que os conteúdos relativos ao abuso digital exercem influência nas atitudes implícitas de favorabilidade e desfavorabilidade nas relações amorosas.

Quanto aos resultados, a divisão dos blocos funcionou da seguinte forma: *bloco congruente*, relacionado ao menor tempo de latência entre a manifestação do estímulo e a resposta; e *bloco incongruente*, com o maior tempo de latência. A partir da análise das diferenças entre o número de acertos nas respostas à situações congurentes e inconguentes, foi verificado se diferentes categorias de estímulos (Favorável *vs*. Desfavorável) influenciam de maneira implícita na associação de determinadas categorias-alvo (Confiança *vs*. Desconfiança). FoiOs resultados foram satisfatórios e significativos. Todavia, o bloco congruente demonstrou associações de respostas mais rápidas, indicando uma menor tendência dos participantes a categorizar favoravelmente o abuso digital nas relações amorosas.

Observa-se que o abuso digital no contexto dos relacionamentos amorosos se revela a partir da manifestação de comportamentos violentos entre os parceiros, o que faz com que as redes sociais se tornem um ambiente propício para perpetuação de tais práticas. Assim, ainda que existam barreiras físicas que impossibilitem o contato direto entre o agressor e a vítima, a violência, a vulnerabilidade e a iminência de perigo ainda sondam aqueles que sofrem deste fenômeno (Cavalcanti & Coutinho, 2019; Flach & Deslanches, 2017).

Considerando que o abuso digital, como fora exposto anteriormente, se reverbera por meio de comportamentos controladores, humilhações, insultos e ameaças, que podem vir a ocasionar, nas vítimas, sofrimento mental significativo, distúrbios do sono, ideação suicida, além de sintomas ansiosos e depressivos (Flach & Deslanches, 2017; Gomes-Cavalcanti & Coutinho, 2019; Zweig et al., 2014), é possível constatar que os resultados do presente estudo reforçam e asseguram a pertinência de compreender o abuso digital *online* sob sua perspectiva negativa – abordagem, esta, que não é abarcada pela maior parte dos estudos, pois ainda há a preconização da ideia de que este fenômeno não se apresenta como sendo uma manifestação de violência entre parceiros íntimos.

Além disto, foi constatado que os respondentes à medida construída não apresentaram o comportamento tentar sugerir respostas socialmente aceitas, o que corrobora com o propósito das medidas implícitas, de tornar amenas as chances de os participantes se utilizarem da desejabilidade social (Crowne & Marlowe, 1960). O presente estudo acaba por propiciar, à literatura, uma nova medida implícita, válida e com parâmetros psicométricos satisfatórios no que se refere ao enviesamento implícito de respostas, para mensurar o abuso digital no contexto dos relacionamentos

amorosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou construir uma medida implícita para mensuração do abuso digital nas relações amorosas. Observou-se que os indivíduos responderam à medida construída sem o padrão comportamental de camuflagem, ou seja, sem tentar computar respostas socialmente agradáveis (Crowne & Marlowe, 1960). Esta medida apresentou resultados estatisticamente significativos, sendo capaz de realizar a mensuração implícita almejada. Assim, pode-se dizer que os objetivos do estudo foram alcançados, sendo apresentada, à literatura, uma nova medida implícita que mensura este construto de modo discreto e desvinculado da desejabilidade social.

Quanto às limitações deste estudo, aponta-se a amostra composta, majoritariamente, por pessoas do sexo feminino e por estudantes universitários selecionados por conveniência – o que acaba por limitar a generalização dos resultados para a população geral. Ademais, uma outra limitação a ser levantada se relaciona ao fato de que o estudo foi voltado ao contexto das relações amorosas heterossexuais, destacando a necessidade de que estudos futuros possam expandir este leque, abarcando, também, o abuso digital sob a perspectiva de outras configurações relacionais.

Em suma, sugere-se, ainda, que estudos futuros possam compreender o abuso digital a partir da relação entre a medida implícita elaborada e outros fenômenos psicológicos, como a dependência emocional (Hoyos & Arredondo, 2006). Além disso, se faz impreterível a realização de estudos que contemplem este construto sob a perspectiva de variáveis multifatoriais (e.g., psicológicas, sociais, de gênero, classe socioeconômica).

REFERÊNCIAS

Andrews, J. A., Greenwald, A. G., Hampson, S. E., Gordon, J., & Widdop, C. (2010). Using the Implicit Association Test to assess children's implicit attitudes toward smoking. *Journal of Applied Social Psychology*, *40*(9), 2387-2406. https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2010.00663.x

Athayde, R. A. A. (2012). *Medidas Implícitas de Valores Humanos: Elaboração e Evidências de Validade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB.

Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, *116*(2), 565-585. https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4

Cavalcanti, J. G., & Coutinho, M. P. L. (2019). Abuso digital nos relacionamentos amorosos: urna revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. *Avances en Psicología Latinoamericana*, *37*(2), 235-254. http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6888

Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução nº 510/2016 - Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasil: Ministério da Saúde. Brasília, DF.

Crowne, D., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, *24*(4), 349-354. https://doi.org/10.1037/h0047358

Fazio, R. H. (1995). Attitudes as object-evaluation associations: Determinants,consequences, and correlates of attitude accessibility. In R. E. Petty, & J. A. Krosnick (Eds.), *Attitude strength: Antecedents and consequences* (pp. 247-282). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Fazio, R. H., Sanbonmatsu, D. M., Powell, M. C., & Kardes, F. R. (1986). On the automatic activation of attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*(2), 229–238. https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.229

Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: Uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, *33*(7), e00138516. https://doi.org/10.15090/0102-311X00138516

Furnham, A. (1986). Response bias, social desirability and dissimulation. *Personality and Individual Differences*, *7*(3), 385-400. https://doi.org/10.1016/0191-8869(86)90014-0

Gouveia, V. V., Athayde, R. A., Mendes, L. A. C., & Freire, S. E. (2012). Introdução às Medidas Implícitas: conceitos, técnicas e contribuições. *Diaphora*, *11*, 80-92.

Greenwald, A. G., Nosek, B. A., & Banaji, M. R. (2003). Understanding and using the Implicit Association Test: I. An improved scoring algorithm. *Journal of Personality and Social Psychology*, *85*(2), 197-216. http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.197

Hoyos, M. L., & Arredondo, N. H. L. (2006). Construcción y validación del cuestionario de dependencia emocional em población colombiana. *Acta Colombiana de Psicología*, *9*(2), 127-140. http://www.hmredalyc.org/articulo.oa?id=79890212

Keen, A. (2014). *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando?*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

LeFebvre, L. (2017). Ghosting as a relationship dissolution strategy in the technological age. In N. M. Punyanunt-Carter & J. S. Wrench (Eds.), *The impact of social media in modern romantic relationships* (pp. 219-235). Lexington Books.

Lemm, K. M., Lane, K. A., Sattler, D. N., Khan, S., & Nosek, B. A. (2008). Assessing implicit attitudes with a paper-format Implicit Association Test. In T. G. Morrison & M. A. Morrison (Eds.), *The psychology of modern prejudice* (pp. 123-146). Hauppauge: New Science Publishers.

Martsolf, D. S., Colbert, C., & Draucker, C. B. (2012). Adolescent Dating Violence Prevention and Intervention in a Community Setting: Perspectives of Young Adults and Professionals. *Qualitative Report*, *17*(99), 1-23.

Mendes, L. A. C. (2014). *Consumo de Roupas: Uma Explicação Pautada Em Variáveis Psicológicas, Processos Implícitos e Influência Publicitária.* Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB.

Pacete, L. G. (2023). *Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo*. Forbes. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/#:~:text=Perfil%20de%20consumo,interessam%20por%20telecomunica%C3%A7%C3%B5es%20e%20games.

São Paulo. (2016). *Namorados usam tecnologia para ficar próximos*. Folha de São Paulo, Acesso em 12 de novembro de 2020. Disponível em: http://estudio.folha.uol.com.br/namorados-com-estilo/2016/05/1775774-namorados-usam-tecnologia-para-ficar-proximos.shtml

Vargas, P. T., Sekaquaptewa, D., & Von Hippel, W. (2007). Armed only with paper and pencil: "Low-tech" measures of implicit attitudes. In B. Wittenbrink & N. Schwarz (Eds.), *Implicit measures of attitudes* (pp. 103-124). New York: The Guilford Press.

Ventura, M. C. A. A. (2014). *Violência no namoro: crenças e autoconceito nas relações sociais de gênero.* Dissertação de Mestrado, Universidade de Porto. Porto, Portugal.

Wittenbrink, B., & Schwarz, N. (Eds.). (2007). *Implicit measures of attitudes*. Guilford Press.

Xie, X., Xie, J. (2020). Parental phubbing accelerates depression in late childhood and adolescence: A two-path model. *Journal of adolescence*, *78*(1), 43-52.

Yahner, J., Dank, M., Zweig, J. M., & Lachman, P. (2015). The co-occurrence of physical and cyber dating violence and bullying among teens. *Journal of Interpersonal Violence*, *30*(7), 1079-1089. https://doi.org/10.1177/0886260514540324

Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2014). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of youth and adolescence*, *43*(8), 1306-1321. https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x

PREDIZENDO O ABUSO DIGITAL NO NAMORO: À LUZ DA DEPENDÊNCIA EMOCIONAL E ACEITAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Gustavo da Silva Rodrigues – UNIFIP
Maria Eduarda Pereira Araújo – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Olveira – UNIFP

RESUMO: O estudo "Predizendo o Abuso Digital no Namoro: À Luz da Dependência Emocional e Aceitação da Violência" examina como a dependência emocional e a aceitação da violência influenciam o abuso digital em relacionamentos. Com uma amostra de 302 participantes, predominantemente universitários (86,4%) e mulheres (77,5%), o estudo utilizou questionários sobre abuso digital, dependência emocional e aceitação da violência. Os resultados indicaram que a aceitação da violência predisse positivamente o abuso digital tanto para vítimas ($\beta = 0,43$; $t(355) = 9,99$; $p < 0,003$) quanto para perpetradores ($\beta = 0,46$; $t(360) = 8,79$; $p < 0,001$). No caso da dependência emocional, houve correlação positiva apenas na versão voltada aos agressores ($\beta = 0,16$; $t(332) = 9,10$; $p < 0,005$). Os dados sugerem que a dependência emocional pode normalizar comportamentos abusivos, como o controle de redes sociais e humilhações públicas, frequentemente percebidos como sinais de afeto. Com base nos resultados, o estudo aponta a importância de intervenções voltadas à dependência emocional e à aceitação da violência para prevenir o abuso digital.

Palavras-chave: Abuso Digital; Dependência Emocional; Aceitação da Violência.

INTRODUÇÃO

A violência em relacionamentos amorosos se tornou uma questão de crescente preocupação para os pesquisadores sociais, especialmente devido ao aumento acentuado de incidentes. De acordo com a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR, 2020), a comparação entre os dados de 2019 e 2020 revelou um crescimento significativo nesse tipo de violência, influenciado pela pandemia de COVID-19. As medidas de isolamento social, necessárias para controlar a propagação do vírus, geraram consequências sociais e econômicas, resultando em um aumento de casos de violência doméstica e na utilização de aplicativos de relacionamentos (Brito et al., 2020; Senhoras, 2020; Cozer, 2020). Um estudo realizado por Silva et al. (2021) indicou que as restrições de mobilidade contribuíram para a intensificação das tensões nos lares, aumentando a vulnerabilidade das mulheres a abusos.

Nesse cenário, o abuso digital nas relações afetivas se destacou, apresentando formas de violência psicológica e sexual que podem persistir mesmo após o término do relacionamento (Zweig et al., 2013; Cavalcanti, 2019). A pesquisa de Parra e colaboradores (2021) enfatiza que o abuso digital pode incluir monitoramento excessivo e controle das redes sociais da vítima, ampliando o impacto da violência.

Outro aspecto relevante a ser considerado é a dependência emocional, que pode levar a vítima a permanecer em situações abusivas. Essa dependência é marcada por comportamentos de submissão em relação ao parceiro (Aiquipa & Tello, 2015) e pode fazer com que mulheres justifiquem ações

agressivas e traições (Castelló, 2012). Um estudo conduzido por Oliveira et al. (2014) com adolescentes revelou que 29,8% eram alvo de abuso psicológico por parte de parceiros. Esses comportamentos de aceitação da violência são comuns entre os jovens e trazem consequências graves, como depressão e estresse pós-traumático (Exner-Cortens et al., 2012). Portanto, é fundamental combater a ideia de que a violência nos relacionamentos é uma demonstração de afeto (Pimentel, Moura & Cavalcanti, 2017).

Este estudo se propõe a explorar a conexão entre a dependência emocional e a aceitação da violência no contexto do abuso digital, visando identificar abordagens de enfrentamento e prevenção à violência de gênero, além de fortalecer redes de suporte (Colossi et al., 2015). As hipóteses a serem analisadas incluem a relação entre dependência emocional, aceitação da violência e diferentes formas de abuso digital nos relacionamentos.

MÉTODO

Delineamento

Tratou-se de uma pesquisa correlacional, do tipo ex-post facto, de abordagem quantitativa.

Participantes

Contou-se com a participação de 302 respondentes, majoritariamente universitários (86,4%), mulheres (77,5%), de classe social média (48,7%). Com a idade média de 26,5 anos (*DP* = 8,46anos), é importante destacar que se tratou de uma amostra de não probabilística de conveniência, tendo participado as pessoas que, aceitaram responder a pesquisa voluntariamente.

Instrumentos

Além de perguntas demográficas (i.e., idade, sexo, escolaridade, classe social), os participantes responderam um questionário composto pelas seguintes medidas:

Questionário de Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos – QADRA, desenvolvido originalmente na língua espanhola por Borrajo, Gámez-Guadix, Pereda e Cavalcante (2015) e adaptado para o contexto brasileiro por Cavalcanti, Coutinho, Nascimento e Pinto (2020). Nesse instrumento são ofertadas duas versões, sendo uma voltada para vitimização e outra para perpetração. No que tange a estrutura fatorial, o instrumento é composto por 20 itens distribuídos em 2 fatores (Agressão Direta – AD e Controle/Monitoramento – C). A medida busca conhecer a frequências em que os respondentes vivenciaram comportamentos de abuso digital, por parte de seus parceiros ou ex-parceiros no último ano. A escala de resposta é do tipo *likert* de 6 pontos, variando entre 1= Nunca – Isso nunca aconteceu em nosso relacionamento a 6 = Geralmente – Aconteceu mais de 20 vezes. Quanto a consistência interna, o questionário apresentou índices de consistência internas satisfatórios nas duas versões (Vitimização: AD $\alpha = 0,78$, C $\alpha = 0,90$; Perpetração: AD $\alpha = 0,80$; C $\alpha = 0,86$) em ambos os fatores.

Questionário de Dependência Emocional (CDE), instrumento desenvolvido originalmente na língua espanhola (Hoyos & Arredondo, 2006) e adaptado para o contexto nacional por Fonsêca, Couto, Silva, Guimarães e Machado (2020). Composto por 23 itens que mensuram a Dependência Emocional a partir de características psicológicas, considerando concepções pessoais acerca de si e dos outros, como também, possuem estímulos que são ameaçadores e estratégias pessoais. A escala de resposta é do tipo *likert* de 6 pontos, que variam entre 1 = Completamente falso em mim e 6 = Descreve-me perfeitamente. Quanto a estrutura fatorial, o estudo de Fonsêca et al. (2020), destacam duas possibilidades, uma estrutura unifatorial com alfa de Cronbach de (0,95). Como também destaca uma estrutura exafatorial, nessa estrutura, as facetas encontradas são: Ansiedade de Separação (α = 0,85); Expressão Afetiva (α = 0,85); Modificação de Planos (α = 0,75); Medo de Solidão (α = 0,79); Expressão Limite (α = 0,59); e Busca de Atenção (α = 0,64).

Escala de Aceitação da Violência no Namoro. Tal instrumento foi desenvolvido originalmente por Foshee, Bauman, Arriaga, Helms e Linder (1998) e adaptado para o contexto brasileiro por Pimentel, Moura e Cavalcanti (2017), formada por 11 itens que são distribuídos em 3 subfatores: violência masculino-feminino (α = 0,74); violência entre mulheres (α = 0,71); e aceitação da violência geral no namoro (α = 0,73). A escala de resposta do referido instrumento é dada através de uma escala do tipo *likert*, que veriam de 1 = Discordo Totalmente a 4 = Concordo Totalmente.

Procedimentos e Aspectos Éticos

A coleta de dados foi realizada de maneira remota, através de um formulário *online* elaborado no *Google Forms*. Inicialmente a pesquisadora recrutava os respondentes através das redes sociais. Na oportunidade, ressaltou o caráter voluntário e anônimo de sua participação, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os preceitos éticos pertinentes a pesquisas com seres humanos foram respeitados, de acordo com a Resolução CNS nº 510/16 (CAAE: 50821321.5.0000.5188). Os participantes levaram em média 10 minutos para concluir o estudo (Brasil, 2016).

Análise de Dados

Os dados foram tabulados e analisados através do *software* estatístico para Ciências Sociais (SPSS, versão 26). Foram realizadas estatísticas descritivas (média, frequência e desvio padrão) e inferenciais (regressão linear simples).

RESULTADOS

Buscou-se verificar o poder preditivo da Dependeância Emocional Geral e Aceitação da Violência Geral na explicação frente ao Abuso Digital no Namoro. Desse modo, o Abuso Digital no Namoro foi considerado com variável-critério, enquanto as pontuações totais da Dependência Emocional e Aceitação da Violência foram inseridas como variáveis explicadoras. Em consonância com nossas hipóteses, os resultados indicaram que a Aceitação da Violência predisse

positivamente o Abuso Digital no Namoro, tanto na versão direcionada a vítimas [$\beta = 0{,}43$; $t(355) = 9{,}99$; $p < 0{,}003$], como na versão direcionada aos perpetuadores [$\beta = 0{,}46$; $t(360) = 8{,}79$; $p < 0{,}001$]. Quanto a Dependência Emocional, as nossas hipóteses foram corroboradas parcialmente, considerando que só prediz o Abuso Digital no Namoro na versão do instrumento voltada ao perpetuador [$\beta = 0{,}16$; $t(332) = 9{,}10$; $p < 0{,}005$].

DISCUSSÃO

O uso da tecnologia transformou os relacionamentos afetivos, especialmente os amorosos, e a violência no namoro emergiu como um problema significativo. O abuso digital, manifestado por meio do controle das redes sociais da parceira e humilhações públicas, se destaca nesse contexto. Este artigo analisa como a dependência emocional e a aceitação da violência atuam como fatores preditivos do abuso digital.

Para avaliar as hipóteses propostas, foram realizadas análises de correlação. A primeira hipótese, que relacionava a agressão direta ao nível de dependência emocional, não encontrou suporte. No entanto, estudos anteriores, como o de Gonzales-Castro et al. (2021), indicam que essa relação é observada em contextos de namoro fora do ambiente virtual. Além disso, a literatura demonstra uma conexão entre dependência emocional e controle no relacionamento (Estévez et al., 2017; Martín & Moral, 2019).

Os dados mostraram uma correlação significativa entre controle/monitoramento e dependência emocional, tanto para vítimas quanto para agressores. Isso sugere que a dependência emocional pode levar à normalização de comportamentos abusivos, que muitas vezes são percebidos como sinais de amor (Van Ouytsel et al., 2020). Os resultados também apontam que a aceitação da violência está relacionada a comportamentos abusivos, sendo que aqueles que aceitam tais comportamentos tendem a se tornar vítimas ou perpetradores (Fernandéz-Antelo et al., 2020).

As análises de regressão corroboraram que a dependência emocional e a aceitação da violência preveem o abuso digital, com implicações tanto para agressores quanto para vítimas. Esses achados sugerem a necessidade de intervenções que abordem a dependência emocional e a aceitação de comportamentos abusivos, visando a prevenção e o apoio a vítimas de violência em relacionamentos.

Embora o estudo tenha contribuído para a compreensão do abuso digital, limitações foram identificadas, como a falta de diferenciação entre gêneros e a restrição da amostra ao contexto universitário. A investigação futura deve incluir populações mais amplas para entender melhor como o abuso digital se manifesta em diferentes faixas etárias e contextos sociais.

REFERÊNCIAS

Aiquipa Tello, J. J. (2015). Dependencia emocional en mujeres víctimas de violencia de pareja. *Journal of Psychology*, *33*(2), 411-437.

Brito, L., Borges, L., Fortes, P., Gomes, A., Narciso, L., Palácios, M., ... & Thome, B. (2020). *Impactos sociais da Covid-19: uma perspectiva sensível às desigualdades de gênero*. https://portal.fiocruz.br/documento/impactos-sociais-da-covid-19-uma-perspectiva-sensivel-desigualdades-de-genero

Castelló, J. (2012). *Superando a dependência emocional*. Edições Corona Borealis.

Cavalcanti, J. G. (2019). *Abuso Digital nos Relacionamentos Amorosos: Uma Perspectiva das Representações Sociais e do Modelo Geral da Agressão.* Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB.

Colossi, P. M., Razera, J., Haack, K. R., & Falcke, D. (2015). Violência conjugal: prevalência e fatores associados. *Contextos Clínicos*, *8*(1), 55-66. https://doi.org/10.4013/ctc.2015.81.06

Cozer, C. (2020). *Aplicativos de relacionamento registram crescimento durante a pandemia*. Consumidor Moderno, Acesso em 24 de junho de 2020. Disponível em: https://www.consumidormoderno.com.br/2020/04/01/aplicativos-relacionamento-pandemia/

Estévez, A., Urbiola, I., Iruarrizaga, I., Onaindia, J., & Jauregui, P. (2017). Dependencia emocional en el noviazgo y consecuencias psicológicas del abuso de internet y móvil en jóvenes [Emotional dependence in dating and psychological consequences of internet and mobile abuse in young people]. *Anales de Psicología*, *33*, 260-268. https://doi.org/10.6018/analesps.34.3.313681

Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, *131*(1), 71-78. http://dx.doi.org/10.1542/peds.2012-1029

Fernández-Antelo, I., Cuadrado-Gordillo, I., & Martín-Mora Parra, G. (2020). Synergy between acceptance of violence and sexist attitudes as a dating violence risk factor. *International journal of environmental research and public health*, *17*(14), 5209. https://doi.org/10.3390/ijerph17145209

Gonzales-Castro, A., Guerra-Olivares, T. S., & Rodriguez-Benites, C. 2021. Violencia y dependencia emocional en parejas adolescentes de educación secundaria de la región Huancavelica, Perú. *Revista Espacios. 42*(05), 95-108. https://doi.org/10.48082/espacios-a21v42n05p07

Martín, B., & Moral, M. V. (2019). Relación entre la dependencia emocional y maltrato psicológico en forma de victimización y agresión en jóvenes [Relationship between emotional dependence and psychological abuse in the form of victimization and aggression in young people]. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, *10*, 75-89. https://doi.org/10.23923/j.Rips.2019.02.027

Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. D., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, *19*(3), 707-718. https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013

Pimentel, C. E., Moura, G. B. D., & Cavalcanti, J. G. (2017). Acceptance of Dating Violence Scale: Checking its psychometric properties. *Psico-USF*, *22*(1), 147-159. https://doi.org/10.1590/1413-82712017220113

Senhoras, E. M. (2020). COVID-19 e os padrões das relações nacionais e internacionais. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, *3*(7), 105-110.

Silva, A. (2022). Os impactos da pandemia da Covid-19 na vida das mulheres. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Van Ouytsel, J., Torres, E., Choi, H. J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, *33*(2), 116-122. http://dx.doi.org/10.1177/1059840516683229

Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of youth and adolescence*, *42*(7), 1063-1077. https://doi.org/10.1007/s10964-013-9922-8

SÍNDROME DO IMPOSTOR E PERFECCIONISMO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: COMO SE RELACIONAM ESSAS VARIÁVEIS?

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Ana Elisa Candeia Tavares da Silva – UNIFIP
Amanda de Oliveira Bezerra – UNIFIP
Aysla Cseandeia Mendes – UNIFIP
Gustavo da Silva Rodrigues – UNIFIP
Alessandro Teixeira Rezende – UPE
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP

RESUMO: A Síndrome do Impostor (SI) é um fenômeno que se manifesta como insegurança, dúvidas sobre a própria capacidade e medo de ser visto como uma fraude. Este estudo investigou a relação entre a SI e as dimensões do perfeccionismo, que se subdivide em padrão e discrepante. Participaram deste estudo 170 alunos de uma instituição privada da Paraíba, com idade média de 21,9 anos (variando de18 a 61 anos; *DP* = 4,65). A maioria mulheres (79,5%), solteiras (81,9%) e de classe média (42,9%). Os participantes responderam a *Escala Clance do Fenômeno Impostor,* questões sociodemográficas, bem como a *Escala de Quase Perfeição*. A SI a presentou uma correlação positiva com a dimensão Perfeccionismo Discrepante ($r = 0,65$ e $p < 0,001$) e o fator Geral do Perfeccionismo ($r = 0,48$ e $p < 0,001$), mas não com o Perfeccionismo Padrão ($r = 0,01$ e $p > 0,005$). Por fim, os objetivos do estudo foram alcançados e podem ser utilizados como subsídio para outros estudos ou intervenções, considerando que altos padrões de perfeccionismo e a SI podem acometer a saúde mental das pessoas.

Palavras-chave: Síndrome do Impostor; Perfeccionismo; Correlação.

INTRODUÇÃO

Segundo a Unimed, mais de 70% de toda a população mundial apresenta pelo menos algum sintoma da Síndrome do Impostor (SI) como: insegurança e dúvidas em relação a própria capacidade (Kauati, 2013). Por sua vez, a síndrome do impostor é uma condição que leva o indivíduo a manter padrões de pensamento duvidosos acerca de si mesmo como o constante medo de ser descoberto como uma fraude, além de atribuir o sucesso a fatores externos, não reconhecendo sua capacidade intelectual e outras qualidades, acreditando ser fruto do acaso ou mérito de terceiros (Bezerra et al., 2021). Tudo isso compromete o bem-estar e a saúde mental do indivíduo, podendo acarretar alguns sintomas clínicos como ansiedade e depressão (Clance, 1985).

Indivíduos que endossam fortemente em características relacionadas a Síndrome do Impostor, apresentam alguns padrões de comportamentos, sendo um deles a ação compensatória, no qual realizam trabalhos de forma fatigante para que outros não o percebam como incompetentes. Além disso tendem a acreditar que vinculações com cargos superiores aos deles são decorrentes de falsidade e, por fim, eles se esquivam de cenários que os coloquem no centro das atenções, evitando ser alvo de reações adversas ou serem desmascarados (Rodrigues, 2024).

Todos esses comportamentos, segundo Costa (2022), podem ocorrer devido a alguns fatores como o ambiente familiar e os estilos parentais que influenciam o modo como esse indivíduo aprende

a enfrentar o sucesso e o fracasso, que, somado com a socialização em idades posteriores formam fatores de risco para o desenvolvimento da SI. Clance (1985) define o ciclo do impostor como uma das características chaves da síndrome. A pessoa com traços impostores inicia uma atividade e começa a ter preocupações e ansiedades, com isso ela pode se preparar excessivamente e em seguida procrastinar e logo após engatar em dias intensos de trabalho novamente para alcançar o objetivo.

Quando a tarefa é realizada o sentimento de alívio pode ser percebido, mas sem permanecer por muito tempo, independente do retorno positivo que tenha recebido com a tarefa. A repetição desse comportamento reforça o ciclo e gera dúvidas, falta de confiança, frustação, exaustão emocional, falta de motivação pessoal e culpa para o sucesso. A Síndrome do Impostor, embora não seja classificada como uma doença mental, pode ser um sinal de que a pessoa está vulnerável a problemas psicológicos que, se não tratados, podem evoluir para transtornos graves, como a depressão e a ansiedade generalizada (Costa, 2022).

Clance e Imes (1978) realizaram os primeiros estudos sobre a síndrome do impostor em um grupo de mulheres que acreditavam não serem merecedoras das conquistas advindas de suas habilidades. Estudos da literatura mostram que a SI acomete mais o sexo feminino que o masculino (Bezerra et al., 2023) e tal predominância pode ser explicado pela expectativa social que é posta nas mulheres mais cedo que nos homens, a baixa autoestima e a hierarquia de gêneros (Costa, 2022). Segundo Roskowski (2010), a forma que homens e mulheres experienciam a SI é diferente. Nas mulheres a SI está mais relacionada com o trabalho incessante para a competência, tentando ser sempre melhor que os outros, já nos homens está mais relacionada com o medo do fracasso.

Um outro fator marcante dos impostores é o excesso de trabalho, para atender demandas inalcançáveis, que interfere na integridade do próprio indivíduo (Costa, 2022). Foi determinado que as pessoas com SI reconhecem o tempo e os esforços que colocam nas tarefas, mas não são capazes de encerrar o ciclo devido ao medo da falha ou de se revelar uma fraude (Almeida, 2020). Desde a década de 90 pesquisadores procuram a conexão da SI com outros construtos e esse fenômeno se mostrou associado a outras variáveis como introversão, *burnout* e perfeccionismo (Nori, 2023), a última variável citada será levada em consideração neste estudo.

O perfeccionismo pode ser definido como a autoavaliação crítica seguida de padrões elevados e rígidos do comportamento. Ele se divide em perfeccionismo normal (padrão) e neurótico (discrepância). No que se refere ao padrão, o indivíduo tende a seguir objetivos mais realista sem prejudicar significativamente seu bem estar. Já no discrepante, o objetivo tem um padrão mais alto, a ponto de se tornar irreal, levando o indivíduo a achar que seus esforços não são suficientes. (Bezerra et al., 2023).

Em pesquisa contendo uma amostra universitária, houve ausência de relação significativa entre o perfeccionismo padrão e a SI, o que sugere que, devido ao grau de comprometimento e

organização, os indivíduos tenderiam a não expressar a SI. Em contrapartida, a relação entre SI e o perfeccionismo discrepante foi significativa e positiva que poderia ser explicada em virtude do foco que os indivíduos dariam as inadequações e as metas irreais. (Bezerra et al., 2023)

Desse modo, a SI não se configura como uma psicopatologia, mas deve ser tratada visto que pode chegar a uma instabilidade psicoemocional. Em razão disso o tratamento se dá através de psicoterapia na tentativa de entender as causas responsáveis para o desenvolvimento do fenômeno, a fim de entender os fatores de risco bem como a personalidade e os transtornos que podem acompanhar o indivíduo (Costa, 2022). Diante do contexto supracitado, o objetivo do presente estudo foi relacionar a Síndrome do Impostor com as dimensões do Perfeccionismo (Padrão e Discrepante).

MÉTODO

Delineamento e Hipótese

A presente pesquisa descreve-se como sendo do tipo descritivo com abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex-post-facto.* Para que o objetivo do estudo fosse alcançado, foi elaborada a seguinte hipótese:

H1) A Síndrome do Impostor se relacionará de maneira positiva com o Perfeccionismo Discrepante.

H2) A Síndrome do Impostor não se relacionará com o Perfeccionismo Padrão de maneira significativa.

H3) A Síndrome do Impostor não se relacionará com a fator geral do Perfeccionismo de maneira positiva.

Participantes

O estudo envolveu 170 alunos de uma instituição privada localizada no sertão da Paraíba, os respondentes apresentaram uma idade média de 21,9 anos (variando de18 a 61 anos; *DP* = 4,65). A majoritariamente mulheres (79,5%), solteiras (81,9%) e de classe média (42,9%).

Instrumentos

Os participantes responderam a questões sociodemográficas para caracterização da amostra (e.g., sexo, idade, estado civil, curso, período e classe social), bem como, a **Escala Clance do Fenômeno Impostor e Escala de Quase Perfeição**. Os instrumentos supracitados serão descritos a seguir:

Escala Clance do Fenômeno Impostor. Desenvolvida originalmente na língua inglesa, por Clance (1985) e adaptada para o contexto brasileiro por Bezerra et al., (2021). Este instrumento possui 20 itens, que são avaliados em uma escala *Likert* de 5 (cinco) pontos que varia de 1 (não me descreve) a 5 (me descreve totalmente), sendo unifatorial com alfa de combach de $\alpha = 0,92$.

Escala de Quase Perfeição. Desenvolvida originalmente na língua inglesa e adaptada para o contexto brasileiro por Coelho et al., (2020). Composta por 08 itens, divididos igualmente em dois

fatores (Padrões; α = 0,76 e Discrepância α = 0,80.). As respostas do instrumento são dadas em uma escala likert de 7 (sete) pontos, variando entre 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

Procedimento e Aspectos Éticos

Inicialmente a pesquisa passou pela aprovação do Comitê de Ética do UNIFIP, através do parecer nº 6.436.093 (CAAE:74528323.0.0000.5181), seguindo os aspectos éticos na qual são envolvidas as pesquisas com seres humanos, de acordo com as resoluções 466/12 510/16 (Brasil, 2012; 2016) do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A pesquisa foi conduzida de forma presencial, utilizando um questionário impresso em papel. Os participantes foram recrutados em salas de aula, com a autorização prévia dos professores. O questionário incluía o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que os participantes assinaram, concordando em participar do estudo e podendo desistir a qualquer momento sem nenhum custo. O TCLE também garantiu o anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações coletadas, além de descrever os objetivos, procedimentos da pesquisa e os métodos de coleta de dados. A participação na pesquisa teve uma duração média de 15 minutos.

Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio do *Software* Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS, versão 26). Foram realizadas estatísticas descritivas (médias, desvios padrão, frequências) para caracterizar o perfil demográfico da amostra. Assim como, estatísticas inferenciais correlação de *r* de Pearson.

RESULTADOS

Relacionando a Síndrome do Impostor com as dimensões do Perfeccionismo (Padrão e Discrepante), foram encontrados os resultados descritos na tabela abaixo:

Variáveis	Síndrome do Impostor	Perfeccionismo Padrão	Perfeccionismo Discerpante	Perfeccionismo Geral
Síndrome do Impostor	1			
Perfeccionismo Padrão	0,001	1		
Perfeccionismo Discrepante	0,65**	0,10	1	
Perfeccionismo Geral	0,48**	0,68**	0,79**	1

A Síndrome do Impostor a presentou uma correlação significativa com a dimensão Perfeccionismo Discrepante ($r = 0,65$ e $p < 0,001$) e com o fator Geral do Perfeccionismo ($r = 0,48$ e $p < 0,001$). Em contrapartida, não apresentou relação estatisticamente significativa com o Perfeccionismo Padrão ($r = 0,01$ e $p > 0,005$), confirmando as hipóteses do estudo. Os resultados encontrados serão descritos no tópico a seguir.

DISCUSSÃO

Os resultados apontaram que a síndrome do impostor se relaciona positivamente com o perfeccionismo discrepante, o que corrobora com a literatura existente, segundo Wang et al. (2019) a natureza rígida e autocritica dos sujeitos com esse tipo de perfeccionismo, envolve metas inatingíveis e constante insatisfação com os seus resultados. Este padrão se alinha com o sentimento central da SI: a sensação de ser uma fraude, independente do sucesso alcançado (Clance,1985). Logo, o perfeccionismo discrepante parece nutrir o ciclo de autossabotagem e de sentimentos negativos característicos do fenômeno (Fraenza, 2016).

Ademais, a SI também se relacionou positivamente com o perfeccionismo geral, podendo ser explicada pelo fato que ambas envolvem a pressão constante para atingir altos padrões. No perfeccionismo geral, mesmo que as metas não sejam tão extremas quanto no discrepante, existe a busca pela perfeição e o medo de falhar, estando diretamente ligados aos sentimentos de inadequação presentes na SI, especialmente em contextos onde o fracasso é visto como uma ameaça à autoimagem ou às expectativas, mesmo que estas sejam menos rígidas (Bezerra, 2018).

Em contrapartida, a SI não se relacionou com perfeccionismo padrão, confirmando as hipóteses iniciais, uma vez que está mais associado a metas realistas, apesar de elevadas. Estes, costumam ter uma autoavaliação mais equilibrada, reconhecendo suas habilidades e conquistas de forma mais justa, aceitando suas realizações como resultado de seu próprio esforço, sem a constante sensação de fraude ou de que o sucesso advém de fatores externos (Albuquerque et al., 2023). Isso sugere que o perfeccionismo padrão, apesar de buscar a excelência, não cria um terreno fértil para pensamentos autodepreciativos e o medo intenso que caracteriza a SI (Lee et al., 2021).

REFERÊNCIAS

Bezerra, C. G. T. (2018). Explicando a ideação suicida: o papel da personalidade e da síndrome do impostor. (Trabalho de conclusão de curso). Faculdades Integragas de Patos, PB.

Clance, P. R., & Imes, S. A. (1978). The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice, 15*(3), 241–247. https://doi.org/10.1037/h0086006

Clance, P. R. (1985).The impostor phenomenon: Overcoming the fear that haunts your success. Peachtree.

Costa, G. R. M. (2021). A síndrome do impostor e o direito à saúde mental: um estudo com discentes de direito, Universidade federal da paraíba, UFPB, João Pessoa.

Fraenza, C. B. (2016). The role of social influence in anxiety and the imposter phenomenon. Online Learning, 20(2), 230-243. https://doi.org/10.24059/olj.v20i2.618

Oliveira, A. R. de; Bezerra, T. C. G.; Oliveira, T. H. A.; Rezende, A. T.; Figueiredo, C. V. de; Costa, T. S. (2021).Burnout's Syndrome and Impostor Syndrome: a correlational study . Research,

Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e34710313344. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.13344. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13344. Acesso em: 14 nov. 2024.

Revista CPAQV - Centro De Pesquisas Avançadas Em Qualidade De Vida .(2023). Síndrome do impostor, traços de personalidade e perfeccionismo em universitários: um estudo correlacional., . https://doi.org/10.36692/V15N3-28R

Rodrigues, G. D. S. (2024). Síndrome do impostor, síndrome de burnout acadêmico e procrastinação: uma proposta de modelo explicativo. *Repositório Institucional Do Unifip*, *9*(1). Recuperado de https://editora.unifip.edu.br/index.php/repositoriounifip/article/view/4353

Roskowski, R. J. C. (2010). Impostor phenomenon and counselling self-efcacy: The impact of impostor feelings. Ball State University

Lee, Lindsay & Rinn, Anne & Crutchfield, Kacey & Ottwein, Jessica & Hodges, Jaret & Mun, Rachel. (2021). Perfectionism and Imposter Phenomenon of Academically Talented Undergraduates. Gifted Child Quarterly. 65. 220–34. 10.1177/0016986220969396.

Nori, H., Vanttaja, M. (2023). Too stupid for PhD? Doctoral impostor syndrome among Finnish PhD students. *High Educ* **86**, 675–691. https://doi.org/10.1007/s10734-022-00921-w

Unimed do Brasil. (2021, 8 de dezembro).Você conhece a síndrome do impostor?. Saúde em pauta. Disponível em: https://www.unimed.coop.br/viver-bem/saude-em-pauta/conheca-a-sindrome-do-impostor . Acesso em: 14 nov. 2024.

Wang, K. T., Sheveleva, M. S., & Permyakova, T. M. (2019). Imposter syndrome among Russian students: The link between perfectionism and psychological distress. *Personality and Individual Differences, 143*, 1-6. doi: 10.1016/j.paid.2019.02.005

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE COMPORTAMENTO *LOW PROFILE* NAS REDES SOCIAIS

Francisco Moreira da Silva Neto – UNIFIP
Camilla Vieira de Figueiredo – UNIFIP

RESUMO: O comportamento *low profile*, caracterizado pela ausência de postagens e interação passiva nas redes sociais, tem atraído crescente atenção em estudos de Psicologia. O objetivo desse estudo foi construir e validar a *Escala de Comportamento Low Profile nas Redes Sociais*, um instrumento para avaliar a postura dos usuários que optam por manter uma presença discreta nas redes socias. Os resultados da análise fatorial exploratória indicaram uma estrutura unifatorial, explicando 32,42% da variância total, com alta consistência interna (α = 0,91). Essa estrutura sugere que o comportamento *low profile* é uma prática integrada e singular, caracterizada pela ausência de postagens frequentes e pela preferência por observar passivamente o conteúdo de outros. Tais resultados estão alinhados com a literatura existente, que aponta que os usuários com esse perfil buscam preservar sua privacidade e minimizar a visibilidade pública, o que pode ser uma estratégia adaptativa para evitar conflitos ou estresse. Esta pesquisa oferece subsídios para futuras investigações na área de Psicologia e abre espaço para reflexões sobre as novas dinâmicas de interação social digital e suas implicações psicológicas.

Palavras-chave: Low Profile; Redes Sociais; Comportamento.

INTRODUÇÃO

No final do século XX surgiram plataformas como a *Classmates.com* (1995) e a *Sixdegrees* (1997) que marcaram a chegada das redes sociais e revolucionaram a forma como as pessoas se conectam e interagem *online*. Esses foram os primeiros registros de redes que permitiam aos usuários estabelecer conexões com pessoas do mundo inteiro e construir círculos sociais *online*, inaugurando uma nova era de comunicação virtual. Com o avanço da tecnologia e a popularização da internet, as redes sociais evoluíram significativamente, se adaptando às demandas e preferências dos usuários (Andrade, 2023).

Em 2024, estima-se que 5,04 bilhões de pessoas em todo o mundo fazem o uso de alguma rede social, o que corresponde a 62,3% da população mundial. A média de uso estimada é de 143 minutos ao dia. O Brasil encontra-se no topo do *ranking* mundial de adesão às redes sociais, de maneira que os usuários brasileiros passam pelo menos 229 minutos diários navegando nas redes sociais (Statista, 2024). Atualmente, as redes sociais não se limitam à simples conexão entre conhecidos, mas se tornaram ambientes virtuais complexos, onde os indivíduos podem compartilhar conteúdo, interagir em tempo real e construir comunidades com base em interesses em comum. Nesse contexto, as redes sociais se consolidaram como espaços essenciais para a socialização, o compartilhamento de informações e a expressão de identidades *online*, redefinindo as relações sociais e as maneiras de se comunicar (Andrade, 2023).

Em contrapartida ao perfil de se expor deliberadamente nas redes, surge um perfil de pessoas popularmente conhecidos na internet como *low profile*, termo em inglês que, traduzido de forma

literal, significa “perfil baixo” e que consiste na prática de manter um perfil *online* discreto, com poucas ou nenhuma postagem (Guberek et al., 2018). Manter um perfil *low profile* é uma maneira de gerenciar quem visualiza suas postagens e evitar problemas nas redes sociais.

Alguns usuários que adotam essa postura fazem isso com a finalidade de evitar situações estressantes ou indesejadas, pois, ao não chamar muita atenção, eles podem reduzir conflitos e desconfortos vindos de audiências não intencionais. Essa estratégia ajuda a minimizar possiveis interações negativas, tornando a convivência *online* mais controlada (Zhang et al., 2021).

Muitas pessoas que escolhem não alimentar frequentemente suas redes sociais permanecem *online*, consumindo o conteúdo de outras pessoas na mídia e se colocando de maneira passiva nesse meio (Hong et al., 2023). Existem diferentes motivações e aspectos psicológicos que podem levar as pessoas a adotarem esse comportamento passivo na internet. Alguns usuários podem buscar entretenimento, informações, curiosidades, alívio da ansiedade, evitação de conflitos, aprendizado e ativismo adotando o comportamento de apenas observar nas redes sociais. Essa variedade de motivações destaca a complexidade do comportamento passivo *online* e destaca a pertinência de entender os efeitos psicológicos e sociais provenientes de não postar nas redes sociais (Adjin-Tettey & Garman, 2022).

Alguns instrumentos têm sido desenvolvidos para avaliar comportamentos relacionados ao uso das redes sociais, principalmente com foco em características como a frequência de uso, os impactos do uso excessivo na saúde geral e mental, e a tendência à comparação social (Schivinski et al., 2020). No entanto, estudos específicos voltados ao comportamento *low profile* ainda são escassos, tanto em nível nacional quanto internacional. Embora alguns estudos tenham proposto questionários sobre uso passivo e observação social nas redes (por exemplo, Meier & Krause, 2022; Remondi et al., 2023), esses instrumentos geralmente focam em comportamentos mais amplos nas redes sociais e não em aspectos específicos do comportamento *low profile*, como a ausência de postagens, o comportamento de ser discreto intencionalmente nas redes, e a manutenção de uma presença minimamente visível nas redes, característicos de indivíduos que aderem a um perfil *low profile*.

Considerando essa questão, observou-se a necessidade de se construir um instrumento específico para avaliar o comportamento *low profile*. O desenvolvimento de uma escala dessa natureza visa não só preencher essa lacuna, mas também oferecer uma ferramenta de pesquisa precisa para compreender como esse perfil se relaciona com aspectos psicológicos e psicossociais, como saúde mental, afetos, autoestima, personalidade e modos de interação nas redes sociais.

O presente estudo tem por objetivo apresentar o processo de construção da *Escala de Comportamento Low Profile nas Redes Sociais*. A elaboração dos itens desse instrumento fundamentou-se em uma revisão da literatura sobre o uso passivo das redes sociais e os fatores associados a uma postura discreta e de apenas observar, sem fazer muitas postagens no ambiente

virtual. Estudos indicam que o comportamento *low profile* é caracterizado pela tendência de consumir conteúdos de outros usuários sem se engajar diretamente, a preferência por privacidade e o evitamento de exposição pública (Hong et al., 2023; Zhang et al., 2021). Partindo disso, a escala foi formulada com o objetivo de entender os principais aspectos psicológicos e comportamentais associados a esse perfil. Os itens foram elaborados para medir tanto o comportamento de observar de maneira passiva quanto as motivações subjacentes ao uso reservado das redes sociais.

Pesquisas sobre comparação social e comportamento de navegação passiva destacam que o comportamento de manter um perfil *low profile* frequentemente inclui práticas como manter perfis privados e limitar postagens pessoais, atitudes motivadas pelo desejo de evitar conflitos e preservar a saúde mental (Gastal & Pilati, 2016; Schivinski et al., 2020). Esses aspectos foram incorporados em itens como "Raramente compartilho fotos ou vídeos nas redes sociais" e "Evito postar sobre minhas opiniões pessoais nas redes sociais," que refletem ações típicas de usuários com perfil discreto.

Para captar a preferência por consumo passivo de conteúdo, a escala inclui itens como "Prefiro observar postagens dos outros nas redes sociais do que fazer minhas próprias postagens" e "Passo mais tempo vendo o que as pessoas postam nas redes sociais do que criando minhas próprias postagens". Estudos anteriores sugerem que a exposição passiva ao conteúdo de terceiros é motivada pelo desejo de se manter informado sem necessariamente interagir, o que reduz o estresse associado à visibilidade *online* (Keles et al., 2020; Adjin-Tettey & Garman, 2022). A elaboração da *Escala de Comportamento Low Profile nas Redes Sociais* considerou esses aspectos. O processo de validação fatorial dessa medida e a demonstração de seus parâmetros psicométricos fundamentais serão apresentados a seguir.

MÉTODO

Delineamento e Hipótese

Esse estudo é de natureza quantitativa e tem um delineamento correlacional. Espera-se que a *Escala de Comportamento Low Profile* apresente propriedades psicométricas de validade e fidedignidade satisfatórias.

Participantes

Participaram desse estudo 225 brasileiros, com idades variando entre 18 e 55 anos (M = 25,3; DP = 7,3), em sua maioria mulheres cisgênero (60,0%), solteiros (80,9%), com ensino superior incompleto (43,1%) e autodeclarados de classe média (44,0%). A maioria dos participantes apontou o *Instagram* como a rede social mais utilizada (40,4%) e indicou um uso médio de redes sociais de três a quatro horas diárias (30,7%).

Instrumentos

Além de questões sociodemográficas (e.g., idade, gênero) e relacionadas ao uso de redes

sociais (e.g., principais redes sociais utilizadas, tempo diário de uso das redes), os participantes responderam à *Escala de Comportamento Low Profile*. Os participantes indicaram o quanto cada item descrevia o seu comportamento nas redes sociais. A escala de resposta para esse instrumento foi do tipo *Likert*, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Me descreve totalmente).

Procedimentos e Aspectos Éticos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Patos, de acordo com o que preconiza a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas éticas de pesquisas envolvendo seres humanos. Após a aprovação do projeto (CAAE: 80167624.8.0000.5181), a coleta de dados foi conduzida virtualmente através de um formulário desenvolvido no *Google Forms*, tendo sido este divulgado amplamente através das redes sociais.

O formulário de coleta de dados, que permaneceu disponível *online* durante os meses de setembro e outubro de 2024, incluía inicialmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A partir desse termo os participantes foram esclarecidos quanto ao objetivo, finalidade e procedimentos utilizados no estudo, além de serem informados sobre a garantia do anonimato, confidencialidade de suas respostas e de que poderiam declinar de sua participação no estudo em qualquer momento sem quaisquer prejuízos. Apenas aqueles que voluntariamente aceitaram participar do estudo concordando com o conteúdo do TCLE prosseguiu à participação. O tempo médio de duração da participação foi de 15 minutos.

Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio do *software Statistical Package for Social Science* (SPSS), em sua versão 21, sendo obtidas estatísticas descritivas (i.e., média, desvio-padrão) e inferenciais (i.e., análise fatorial exploratória, análise de confiabilidade).

RESULTADOS

A fim de conhecer a validade fatorial da Escala de Comportamento *Low Profile* procedeu-se a uma análise fatorial exploratória. Inicialmente não se fez qualquer fixação quanto ao número de fatores a extrair e nem ao tipo de rotação. Observou-se que a matriz de dados era passível de fatoração a partir dos resultados do *Kaiser-Meyer-Olkim* (KMO) = 0,89 e *Teste de Esfericidade de Bartlett*, χ^2 (210) = 2017,120, $p < 0,001$. Com base no critério de Kaiser, foi possível identificar uma estrutura composta por cinco fatores com valores próprios (*eigenvalue*) superiores a 1, explicando 51,08% da variância total. Já o gráfico de sedimentação (critério de Cattell) não possibilitou uma interpretação conclusiva, podendo ser admitida uma estrutura fatorial de dois ou cinco fatores baseados na inflexão da curva.

Haja vista que o critério de Kaiser tende a superestimar o número de fatores a serem extraídos em uma matriz de dados e a dubiedade na interpretação do gráfico de sedimentação, procedeu-se uma análise paralela (Horn, 1965) efetuando 1.000 simulações com as mesmas características do banco de

dados empírico (225 participantes e 21 itens). Comparando os valores próprios obtidos na análise fatorial exploratória com os valores da análise paralela, constatou-se que o quinto valor próprio do banco empírico (1,00) foi inferior ao simulado na análise paralela (1,27), evidenciando a existência de uma estrutura tetrafatorial. Procedeu-se, então, a uma nova análise fatorial exploratória fixando-se quatro fatores a extrair e a carga mínima de |0,40| para que o item fosse atribuído a um fator. Identificou-se que quase a totalidade dos itens saturaram em um fator de comportamento *low profile* e que três itens saturaram neste primeiro fator, mas também, separadamente, em outros três fatores. Esse dado, portanto, sugeriu que uma estrutura fatorial seria a mais adequada a esse instrumento.

Por conseguinte, foi executada uma nova análise fatorial exploratória, fixando a extração de um fator e a carga fatorial mínima de |0,40|. O fator obteve valor próprio de 7,41 e explicou 32,42% da variância. Observou-se que os itens 14 (i.e., "*Costumo apagar postagens antigas ou revisar meu histórico de postagens nas redes sociais*"), 17 (i.e., "*Gosto de participar de discussões públicas nas redes sociais*") e 20 (i.e., "*Aceito solicitações de amizade de qualquer pessoa em minhas redes sociais*") não alcançaram a saturação mínima exigida, sendo, portanto, excluídos do instrumento. As cargas fatoriais dos 18 itens que compuseram o instrumento variaram de 0,43 a 0,74. O índice de consistência interna da medida foi satisfatório ($\alpha = 0,91$). Os itens e demais informações sobre o instrumento são apresentados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1

Estrutura Fatorial da Escala de Comportamento Low Profile

Itens	Cargas fatoriais
1. Raramente posto atualizações sobre minha vida pessoal nas redes sociais.	**0,68**
2. Prefiro observar postagens dos outros nas redes sociais do que fazer minhas próprias postagens.	**0,62**
3. Mantenho minhas configurações de privacidade nas redes sociais no nível mais alto possível.	**0,63**
4. Raramente compartilho fotos ou vídeos nas redes sociais.	**0,74**
5. Evito postar sobre minhas opiniões pessoais nas redes sociais.	**0,62**
6. Prefiro enviar mensagens privadas do que comentar em postagens públicas nas redes sociais.	**0,46**
7. Gosto de ser ativo nas redes sociais.*	**0,63**
8. Me sinto confortável para compartilhar informações pessoais nas minhas redes sociais.*	**0,62**
9. Passo mais tempo vendo o que as pessoas postam nas redes sociais do que criando minhas próprias postagens.	**0,43**
10. Raramente participo de trends (tendências) nas redes sociais.	**0,57**
11. Costumo interagir com marcas ou influenciadores através das redes sociais.*	**0,48**

12. Prefiro manter um perfil discreto e reservado nas redes sociais.	**0,81**
13. Gosto de postar sobre eventos importantes da minha vida, como aniversários, promoções e outras conquistas, nas redes sociais.*	**0,56**
14. Gosto de compartilhar detalhes sobre meus hobbies ou interesses nas redes sociais.*	**0,67**
15. Evito comentar nas redes sociais de outras pessoas.	**0,58**
16. Sinto que não preciso compartilhar minha vida nas redes sociais para me sentir conectado(a) com os outros.	**0,56**
17. Meus perfis nas redes sociais são privados.	**0,45**
18. Costumo compartilhar postagens nas redes sociais para que meus seguidores saibam no que estou pensando.*	**0,59**
Número de itens	18
Valor próprio	7,41
% Variância explicada	32,42%
Alfa de Cronbach	0,91

DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi construir e validar a *Escala de Comportamento Low Profile nas Redes Sociais*, um instrumento para avaliar a postura dos usuários que optam por manter uma presença discreta nas redes socias. Os resultados da análise fatorial exploratória indicaram uma estrutura unifatorial, explicando 32,42% da variância total, com alta consistência interna ($\alpha = 0,91$). Essa estrutura sugere que o comportamento *low profile* é uma prática integrada e singular, caracterizada pela ausência de postagens frequentes e pela preferência por observar passivamente o conteúdo de outros. Tais resultados estão alinhados com a literatura existente, que aponta que os usuários com esse perfil buscam preservar sua privacidade e minimizar a visibilidade pública, o que pode ser uma estratégia adaptativa para evitar conflitos ou estresse (Marwick & Boyd, 2014; Zhang et al., 2021). A ausência de postagens e a escolha deliberada por uma interação passiva com o conteúdo de terceiros têm sido associadas a uma maior sensação de controle e ao alívio de pressões sociais, como as observadas no comportamento de comparação social (Verduyn et al., 2017).

A exclusão de itens relacionados à participação em discussões públicas ou à aceitação irrestrita de solicitações de amizade também reforça essa ideia, indicando que o comportamento *low profile* não está apenas relacionado à ausência de postagens, mas também ao desejo de evitar a exposição e a interação em ambientes públicos da rede. Isso é consistente com o trabalho de Gastal e Pilati (2016), que discutem como o comportamento de manter um perfil discreto nas redes sociais pode ser uma forma de redução de estresse, proporcionando um espaço de interações mais controlado e privado. A definição dos itens da medida apresentada é uma contribuição importante para a compreensão desse fenômeno, visto que estudos anteriores sobre o uso das redes sociais

tenderam a focar apenas no uso ativo (como postar ou comentar), negligenciando a relevância do consumo passivo de conteúdo (Meier & Krause, 2022; Zhang et al., 2021). Apesar disso, uma abordagem qualitativa poderia fornecer uma compreensão mais aprofundada das motivações subjacentes ao comportamento *low profile*. Futuros estudos podem investigar como o comportamento *low profile* se relaciona com características de personalidade, como introversão e neuroticismo, que têm sido associadas a uma maior propensão a adotar posturas de contenção *online* (Schivinski et al., 2020).

A *Escala de Comportamento Low Profile nas Redes Sociais* se mostrou uma ferramenta válida e confiável para medir as atitudes de observação passiva e contenção da presença *online*. A escala pode contribuir significativamente para a literatura sobre o uso das redes sociais, oferecendo uma abordagem específica para um comportamento cada vez mais comum, mas pouco explorado. O desenvolvimento desta medida abre portas para novas investigações sobre as motivações psicológicas, os impactos desse comportamento na saúde mental e seu papel na interação social nas plataformas digitais. O estudo também sugere a necessidade de examinar mais a fundo como o comportamento *low profile* pode se manifestar em diferentes plataformas e em diferentes contextos sociais, o que pode fornecer uma compreensão mais ampla dos efeitos das redes sociais na vida dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

Adjin-Tettey, T. D., & Garman, A. (2022). Lurking as a mode of listening in social media: motivations-based typologies. *Digital Transformation and Society*. https://doi.org/10.1108/dts-07-2022-0028

Andrade, R. (2023). Redes Sociais Digitais e Direitos da Personalidade Digital Social – Networks And Personality Rights. *ReJuB*, *3*, 641–666. https://doi.org/10.54795/rejubesp.dirdig.238

Gastal, C. A., & Pilati, R. (2016). Escala de Necessidade de Pertencimento: Adaptação e Evidências de Validade. *Psico-USF*, *21*(2), 285–292. https://doi.org/10.1590/1413-82712016210206

Guberek, T., McDonald, A., Simioni, S., Mhaidli, A. H., Toyama, K., & Schaub, F. (2018). Keeping a Low Profile? *Proceedings of the 2018 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. https://doi.org/10.1145/3173574.3173688

Hong, Y., Hu, J., & Zhao, Y. (2023). Would you go invisible on social media? An empirical study on the antecedents of users' lurking behavior. *Technological Forecasting and Social Change*, *187*, 122237–122237. https://doi.org/10.1016/j.techfore.2022.122237

Horn, J. (1965). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, *30*, 179-185.

Marwick, A. E., & Boyd, D. (2014). Networked privacy: How teenagers negotiate context in social

media. *New Media & Society*, *16*(7), 1051–1067.

Meier, A., & Krause, H. V. (2022). Does passive social media use harm well-being? An adversarial review. *PsyArXiv (OSF Preprints)*. https://doi.org/10.31234/osf.io/nvbwh

Remondi, C., Compare, A., Tasca, G. A., Favini, A., Tona, A. L., Greco, A., Coco, G. L., & Brugnera, A. (2023). The Active and Passive Use of Social Networking Sites (apu-Snss) Scale: Validation and Reliability Assessment Among Young Adults. *TPM: Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, *30*(1), 79–92. https://doi.org/10.4473/TPM30.1.6

Schivinski, B., Brzozowska-Woś, M., Stansbury, E., Satel, J., Montag, C., & Pontes, H. M. (2020). Exploring the Role of Social Media Use Motives, Psychological Well- Being, Self-Esteem, and Affect in Problematic Social Media Use. *Frontiers in Psychology*, *11*(1). https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.617140

Statista (2024). *Statista - the Statistics Portal for Market Data, Market Research and Market Studies*. Statista.com.

Verduyn, P., Ybarra, O., Résibois, M., Jonides, J., & Kross, E. (2017). Do Social Network Sites Enhance or Undermine Subjective Well-Being? A Critical Review. *Social Issues and Policy Review*, *11*(1), 274–302.

Zhang, Y., Shi, S., Guo, S., Chen, X., & Piao, Z. (2021). Audience management, online turbulence and lurking in social networking services: A transactional process of stress perspective. *International Journal of Information Management*, *56*, 102233. https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2020.102233

SEXISMO AMBIVALENTE E CRENÇAS SOCIAIS NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Amanda de Oliveira Bezerra – UNIFIP
Aysla Candeia Mendes- UNIFIP
Ana Elisa Candeia Tavares Da Silva – UNIFIP
Larisse Helena Gomes de Macedo Barbosa – FIP CG
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP
Alessandro Teixeira Rezende – UPE

RESUMO: O sexismo é um ato discriminatório que se baseia em crenças preconceituosas para manifestar intolerância em relação a indivíduos com base em seu gênero, impactando os espaços sociais e organizacionais. Este estudo tem como objetivo analisar as relações entre práticas sexistas e crenças sociais no contexto organizacional. Participaram do estudo 107 funcionários de uma instituição privada do interior da Paraíba, sendo a maioria mulheres (72%) e casadas (45,8%), com média de idade de 36 anos. Os participantes responderam ao Inventário de Sexismo Ambivalente, à Escala de Crenças Sociais e a um questionário sociodemográfico para caracterizar a amostra. Os resultados indicaram que o sexismo ambivalente, composto por sexismo hostil e benevolente, correlacionou-se positivamente com as crenças construtivistas ($r= 0,35$; $p < 0,001$) e essencialistas ($r= 0,60$; $p < 0,001$). Especificamente, o sexismo benevolente apresentou correlações com ambas as crenças: construtivistas ($r= 0,28$; $p < 0,001$) e essencialistas ($r= 0,68$; $p < 0,001$). Assim, os atos sexistas, tanto benevolentes quanto hostis, estão fortemente relacionados às crenças essencialistas e construtivistas, sugerindo que quanto maior a crença na segregação de características masculinas e femininas, maior a probabilidade de práticas sexistas no cotidiano.

Palavras-chave: Sexismo Ambivalente; Crenças Sociais; Correlação.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Relatório Global Gender Gap (2020), há um contraste de poder entre homens e mulheres no ambiente de trabalho, influenciado por fatores de gênero enraizados historicamente e culturalmente na sociedade. Esses fatores indicam que determinados cargos são atribuídos conforme características de gênero, criando expectativas sociais sobre as atividades que devem ser realizadas de acordo com o sexo biológico. Por exemplo, espera-se que mulheres desempenhem atividades domésticas, enquanto homens são vistos como responsáveis por trabalhos braçais. Com o desenvolvimento da sociedade, essa visão segregacionista começou a ser questionada, resultando em padrões e crenças sociais que persistem atualmente. Para explicar esse fenômeno, surgiram algumas teorias psicológicas, incluindo a teoria do sexismo ambivalente (Farias, 2023).

O sexismo pode ser definido como crenças relacionadas à avaliação cognitiva, afetiva e comportamental de indivíduos com base em seu sexo, associadas a estereótipos de gênero e caracterizadas por serem discriminatórias. As características socialmente atribuídas às mulheres incluem meiguice, sensibilidade, maternagem e ocupações relacionadas à assistência e educação. Em contrapartida, as perspectivas para os homens estão ligadas à agressividade, racionalidade e liderança, predominando em áreas que exigem lógica e força física (Santos & Santos, 2022)

A prática do sexismo é frequentemente perpetuada por homens, que, devido à cultura patriarcal, adotam atitudes de intolerância e desvalorização em relação às mulheres, que são socialmente mais aceitas e valorizadas. Essas atitudes se manifestam nas relações de trabalho e na comunicação, associando-se a ações de desmerecimento e segregação, o que impede que as mulheres tenham oportunidades igualitárias em seus ambientes laborais. Nesse contexto, o nível de insatisfação no trabalho é elevado, especialmente entre as mulheres, que enfrentam dificuldades para obter ascensão profissional e valorização devido a fatores sexistas. A percepção dos trabalhadores é influenciada por processos cognitivos implícitos, que veem as mulheres de acordo com crenças e estereótipos (Glick & Fiske, 1996).

Uma prática que afeta a cultura organizacional é o sexismo ambivalente, caracterizado por ações como a disseminação de preconceitos, a submissão, o constrangimento e a humilhação entre os colaboradores. Isso resulta em um aumento no nível de insatisfação no trabalho, especialmente entre as mulheres. O sexismo ambivalente é composto por três elementos: paternalismo, diferenciação de gênero e heterossexualidade. O paternalismo, por sua vez, se divide em dois componentes: sexismo hostil e sexismo benévolo (Formiga, Gouveia & Santos, 2002).

O sexismo hostil é associado ao paternalismo dominador, que parte da concepção patriarcal de que a mulher é inferior ao homem, sugerindo que ela não possui as habilidades necessárias para realizar seu trabalho e, portanto, depende da figura masculina para auxílio. Em contraste, o sexismo benévolo é representado pelo paternalismo protetor, que vê a mulher como um ser que precisa de proteção, amor e cuidado, promovendo a ideia de que os homens necessitam dessa figura feminina carente e afetuosa para se completarem. Embora essa prática possa parecer não preconceituosa, ela reforça estereótipos e perpetua a ideia de inferioridade e complementação das mulheres em relação aos homens (Formiga, Gouveia & Santos, 2002; Fernandes, 2017). Assim, reforçam-se as crenças relacionadas ao desempenho laboral em função do sexo biológico (Formiga et al., 2002; Fernandes, 2017)

As crenças são convicções afirmativas relacionadas a objetos, características e pessoas, manifestadas de forma subjetiva por indivíduos ou grupos. Essas crenças são formadas a partir de nossas experiências e podem influenciar nosso comportamento, pensamento e sentimentos. Assim, no processo de construção dessas ideias valorizadas pela sociedade, há um impacto significativo nas condutas sociais. As crenças sociais se desdobram em dois elementos principais que as explicam de maneira mais clara: as crenças essencialistas e as crenças construtivistas (Mahalingam & Rodriguez, 2003).

As crenças essencialistas fundamentam-se na ideia de que as diferenças entre homens e mulheres decorrem de sua natureza biológica, sustentando a crença de que o sexo masculino detém maior autoridade na pirâmide hierárquica. Em contraste, as crenças construtivistas reconhecem que

essas diferenças de gênero são consequências de construções sociais e culturais. Assim, as perspectivas sociais no ambiente de trabalho fomentam ações hostis e preconceituosas, perpetuando as disparidades de gênero com base em estereótipos e crenças culturais e sociais (Almeida, 2007).

MÉTODO

Delineamento

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de levantamento descritivo, correlacional *ex-post-facto* e de abordagem quantitativa.

Participantes

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 107 funcionários de uma Instituição de Ensino Superior, localizada no interior da Paraíba. Majoritariamente mulheres (72%), desempenhavam o cargo de secretária (55,2%), casados (45,8%), com média de idade de 36 anos.

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico (por exemplo, idade, sexo, ocupação, tempo de ocupação, classe social e nível de escolaridade) para caracterizar a amostra. Além disso, foi utilizado o Inventário de Sexismo Ambivalente, desenvolvido originalmente em inglês (Glick & Fiske, 1996) e adaptado para o Brasil por Formiga et al., (2002). Esse instrumento é composto por 22 itens que avaliam os estereótipos associados a cada gênero (masculino e feminino) em relação a duas dimensões do sexismo: Benévolo e Hostil. A escala de respostas é do tipo Likert de quatro pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 4 (Concordo totalmente). Também foi utilizada a Escala de Crenças Sociais, validada por Almeida (2007), que é uma medida bifatorial (Crenças Essencialistas e Construtivistas), composta por 20 itens. A escala de resposta dessa medida é do tipo Likert de cinco pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Procedimentos e Aspectos Éticos

A coleta de dados foi iniciada após a aceitação do projeto de pesquisa junto ao Comitê de Ética do UNIFIP, através do parecer 2.107.422 (CAAE: 68982217.7.0000.5181), a fim de cumprir os requisitos da Resolução 466/12 (Brasil, 2012). Solicitou-se a colaboração voluntária dos funcionários no sentido de responderem a dois breves questionários. Foi lhes dito que não havia respostas certas ou erradas, e que respondessem individualmente; a todos foi assegurado o anonimato das suas respostas, que foram tratadas em seu conjunto, a consolidação da participação se deu através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise de Dados

Para tabulação e análise dos dados, foi utilizado o *Software* Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS, versão 26), inicialmente, foram realizadas estatísticas descritivas (médias e desvios padrões). Assim como, posteriormente foi realizada estatística inferencial de correlação de *r* de Pearson.

RESULTADOS

Foi possível observar que o Sexismo Hostil se relacionou positivamente com as Crenças Construtivistas (r= 0,35; p < 0,001) e com as Crenças Essencialistas (r= 0,60; p < 0,001). Assim como, o Sexismo Benévolo se correlacionou com as duas crenças: construtivistas (r= 0,28; p < 0,001) e essencialistas (r= 0,68; p < 0,001). Ou seja, os fatores do Sexismo (Benévolo e Hostil) estão tanto relacionados a fatores das Crenças (Essencialistas e Construtivistas) de forma positiva, indicando que quanto mais sexistas as pessoas são, mas apresentam crenças essencialistas e construtivistas. No tópico subsequente serão discutidos os resultados.

DISCUSSÃO

O sexismo está presente em várias culturas onde a sociedade foi construída, correlacionando-se positivamente com fatores de crenças e ideologias, e apoiando-se nas influências sociais, familiares e escolares que reforçam as crenças relacionadas aos sexos e às diferenciações entre gêneros (Bentinho, 2024). Nesse contexto, o sexismo hostil relaciona-se fortemente com as crenças construtivistas e essencialistas, pois fundamenta-se na crença da inferioridade da mulher e na percepção do homem como um ser mais competente em comparação à figura feminina. Essas concepções servem para justificar o patriarcado e o poder masculino, reforçando a visão de que as mulheres devem ser vistas como inferiores, o que resulta em menos oportunidades para elas (Bentinho, 2024).

Por outro lado, o sexismo benévolo também se correlaciona positivamente com as crenças construtivistas e essencialistas, dado que as mulheres tendem a aceitar mais facilmente esse tipo de sexismo em comparação ao hostil. Isso ocorre devido à forma como os homens se comportam, mascarando seu preconceito. O comportamento dos homens caracterizado por ser mais cavalheiro, atencioso e gentil pode ocultar um certo teor de dominação masculina, que muitas vezes não é percebido de imediato. Como resultado, muitas mulheres não conseguem identificar as reais intenções por trás dessas ações, o que pode levar à discriminação em seu cotidiano (Bentinho, 2024).

REFERÊNCIAS

Bentinho, B. B. (2024). *Papéis de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes* (Master's thesis, Universidade de Évora).

Farias, S. K. D. S. (2023). *Desigualdade de gênero no ambiente de trabalho: percepções de estudantes do curso de Administração na Unidade Silvânia–UEG* (Dissertação de Mestrado). Universidade estadual de Goiás - Campus Silvânia, GO.

Fernandes, I. A. (2017). *Relação entre sexismo ambivalente e crenças sociais: um estudo no contexto organizacional* (Monografia). Faculdades Integradas de Patos, PB.

Santos, E. K. & Santos, E. C. (2022). A influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões. *Revista brasileira de orientação profissional*, *23*(1) 65-77.

Almeida, J. B. L. D. (2007). Crenças sociais acerca das diferenças entre homens e mulheres e suas relações com a percepção da violência do homem contra a mulher. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, PB

Bentinho, B. B. (2024). Papéis de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes. Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Portugal, UE.

Farias, S. K. D. S. (2023). Desigualdade de gênero no ambiente de trabalho: percepções de estudantes do curso de Administração na Unidade Silvânia–UEG. Dissertação de Monografia, Universidade estadual de Goiás - Campus Silvânia, GO, Brasil.

Fernandes, I. A. (2017). Relação entre sexismo ambivalente e crenças sociais: um estudo no contexto organizacional. Dissertação de Monografia, Faculdades Integradas de Patos, PB, Brasil.

Formiga, N. S., Gouveia, V. V., Santos, M. N. (2002). Inventário de Sexismo Ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 103-111.

Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). Inventário de Sexismo Ambivalente: Diferenciação entre Sexismo Hostil e Benévolo. *Revista de Personalidade e Psicologia Social*, 70, 491-512.

Mahalingam, R. & Rodriguez J. (2003). Essencialismo, Poder e Psicologia Cultural de Gênero. *Revista de Cognição e Cultura*, p.157-174.

Santos, E. K. & Santos, E. C. (2022). A influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões. *Revista brasileira de orientação profissional* [online], vol.23, n.1, pp.65-77, janeiro-junho.

IDEAÇÃO SUICIDA EM UNIVERSITÁRIOS E SÍNDROME DO IMPOSTOR: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Aysla Candeia Mendes - UNIFIP
Amanda de Oliveira Bezerra – UNIFIP
Ana Elisa Candeia Tavares da Silva – UNIFIP
Gustavo da Silva Rodrigues – UNIFIP
Alessandro Teixeira Rezende – UPE
Martina Gomes de Lacerda Guedes – UNIFIP

RESUMO: A Síndrome do Impostor (SI) é caracterizada por um processo de autossabotagem e distorção da autoimagem em relação às próprias conquistas e habilidades. Este estudo investigou a relação entre a SI e a ideação suicida. Participaram 453 estudantes, sendo 252 de pós-graduação e 201 de graduação, com idades entre 17 e 58 anos (M = 27,01; DP = 7,05). A amostra foi composta majoritariamente por mulheres (73,7%) e solteiras (62,3%). Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico, além da Escala Clance do Fenômeno do Impostor e da Escala Multiatitudinal de Tendência ao Suicídio. A SI mostrou correlação significativa com todas as dimensões da ideação suicida, sendo mais forte com a dimensão Repulsão pela Morte ($r = 0,44$; $p < 0,01$), seguida por Atração pela Morte ($r = 0,30$; $p < 0,01$) e Repulsão pela Vida ($r = 0,17$; $p < 0,01$), estabelecendo uma correlação negativa com o fator Atração pela Vida ($r = -0,23$; $p < 0,01$).

Palavras-chave: Síndrome do Impostor; Ideação Suicida; Correlação.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca que o suicídio é uma das principais causas de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil. Fatores como depressão, ansiedade, violência e questões socioeconômicas contribuem para essa realidade (OMS, 2021). Dessa forma, o suicídio é um grave problema de saúde pública que requer atenção e o desenvolvimento de estratégias de prevenção, como a promoção da saúde mental, o acesso a serviços de apoio e a conscientização sobre o tema (Ministério da Saúde, 2021).

Diversos fatores devem ser considerados no enfrentamento dessa demanda pelos órgãos públicos, como o preconceito em torno do tema, a precarização dos serviços (como as longas filas de espera por atendimento) e a motivação, que pode abranger desde aspectos internos até questões socioeconômicas. Em 1962, foi fundado o Centro de Valorização da Vida (CVV), uma associação civil filantrópica reconhecida como de Utilidade Pública Federal, que oferece serviços voltados à prevenção do suicídio. O CVV aponta que o Brasil ocupa o primeiro lugar na América Latina no ranking de suicídios entre universitários (CVV, 2021), ampliando a discussão para o ambiente educacional, considerado de risco. Um exemplo alarmante ocorreu em 2024, quando o Instituto Federal Sudeste Barbacena demitiu o professor Fabrício Alves por incitação ao suicídio. Segundo relatos de alunos, o professor afirmou que eles "não dariam em nada" e comparou a situação ao caso de Rafaela Drummond, uma escrivã da Polícia Civil que cometeu suicídio. Esses comentários potencialmente perigosos evidenciam que o suicídio não começa no ato, mas na ideação, e podem ter

contribuído para as tragédias na USP entre maio e junho de 2024, quando quatro universitários tiraram suas próprias vidas (Folha Noroeste, 2024).

De acordo com Bezerra (2018), a ideação suicida envolve pensamentos e comportamentos relacionados ao suicídio, que, dependendo da intensidade e motivação, podem culminar no ato. A compreensão nessa fase pode redirecionar esses pensamentos, prevenindo o suicídio. A teoria dos três passos, descrita por Klonsky e May (2015), correlaciona a dor e a desesperança como os principais motivadores e reforçadores da ideação suicida, associando-os a fatores internos e ambientais que aumentam a capacidade de cometer suicídio.

Segundo Klonsky et al. (2016), o primeiro passo está diretamente relacionado à dor e seu significado, pressupondo que quanto mais a vida de uma pessoa é marcada por dor (física, psicológica, fruto de adoecimento ou problemas de autoestima), maior é a sensação de punição em sua existência, reduzindo o desejo de viver. Contudo, esses fatores sozinhos não são suficientes para gerar ideação suicida. O segundo passo ocorre quando a dor se associa a uma ligação com uma pessoa, trabalho, interesse pessoal ou valor/crença. Nesse estágio, a ideação suicida é considerada moderada. Finalmente, o terceiro passo descreve a fase em que a ideação está consolidada e pode levar ao suicídio. Nessa última etapa, o indivíduo já tolera a dor, está desesperançoso e perdeu o medo da morte, vendo o fim da vida como uma solução para seu sofrimento emocional.

Dada a possibilidade de prevenção do suicídio já no primeiro estágio de ideação, é essencial que protocolos de saúde sejam estabelecidos para lidar com o adoecimento mental, considerando também outros construtos associados, como a Síndrome do Impostor (Bezerra, 2018). A Síndrome do Impostor (SI) refere-se a uma autopercepção distorcida em relação às próprias conquistas e habilidades, fazendo com que o indivíduo associe seu sucesso a fatores externos e tenha dificuldade em aceitar elogios ou reconhecimento pelas suas realizações. Essas características resultam em elevados níveis de ansiedade, estresse e extrema falta de autoconfiança (Clance & Imes, 1978).

Os primeiros estudos sobre a SI identificaram o fenômeno em um grupo de 150 mulheres bem-sucedidas, todas com PhD em diversas áreas, reconhecidas como alunas de destaque e profissionais respeitadas. Apesar disso, elas não sentiam que haviam alcançado o sucesso internamente; algumas atribuíram suas posições a erros no processo de seleção e relataram não serem tão inteligentes quanto as pessoas acreditavam, além de se sentirem "superestimadas" (Clance & Imes, 1978). Com o tempo, verificou-se que esse fenômeno não é exclusivo das mulheres, sendo também experienciado por homens entre 20 e 45 anos (Clance & Imes, 1978).

A SI leva à autossabotagem, manifestando-se por quatro tipos de comportamentos. O primeiro é a necessidade de trabalhar arduamente para mascarar a suposta incompetência. O segundo envolve ocultar as próprias ideias e seguir opiniões contrárias, por acreditar que suas convicções não são válidas. O terceiro comportamento é atribuir o sucesso à boa relação com superiores, usando de

fascínio e simpatia para progredir. O último comportamento é evitar o sucesso, temendo ser rejeitado ou desapontar as pessoas ao seu redor, buscando aceitação social (Clance & Imes, 1978).

Segundo Bezerra (2018), a Síndrome do Impostor (SI) desenvolve-se no início da vida acadêmica e se estende até a carreira profissional, afetando diversas áreas da vida do indivíduo e comprometendo sua saúde mental. Diante desse contexto, o presente estudo foi delineado com o objetivo de investigar a relação entre a Ideação Suicida e a Síndrome do Impostor.

MÉTODO

Delineamento

A Pesquisa descreve-se como sendo um estudo do tipo descritivo com abordagem quantitativa, do tipo correlacional *expo facto.*

Participantes

Participaram deste estudo 453 estudantes, sendo 252 estudantes de pós-graduação correspondendo a 55,6% da amostra e 201 estudantes de graduação o que corresponde a 44,4% da amostra. Os respondentes possuem média de idade de 27,01 anos (*DP= 7,05*), variando entre 17 e 58 anos, são majoritariamente do sexo feminino (73,7%) e solteiras (62,3%). Em relação ao nível de religiosidade, apresentaram média de 2,79 (*DP*=1,18) admitindo o ponto mediano da escala (3 Mais ou menos religioso; amplitude de 1 = Nada Religioso a 5 = Totalmente Religioso). Vale ressaltar que se tratou de uma amostra por conveniência, dessa forma, participaram do presente estudo sujeitos que se disponibilizaram de forma voluntária.

Instrumentos

Para a coleta de dados, os participantes responderam a questões sociodemográficas (sexo, idade, classe socioeconômica, entre outras) ao final do questionário online, além de dois instrumentos: a Escala Clance do Fenômeno do Impostor (Clance, 1985) e a Escala Multiatitudinal de Tendência ao Suicídio (Aquino, 2009). Ambos os instrumentos foram originalmente desenvolvidos em inglês e posteriormente adaptados e validados para o contexto brasileiro.

A Escala Clance do Fenômeno do Impostor, composta por 20 itens, avalia aspectos como o medo de avaliação, o receio de não conseguir repetir o sucesso e a sensação de ser menos competente que os outros. As respostas são dadas em uma escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Me descreve totalmente). A versão foi validada no Brasil por Bezerra et al. (2021).

A Escala Multiatitudinal de Tendência ao Suicídio (EMTS), desenvolvida por Orbach et al. (1991), contém 30 itens que avaliam quatro dimensões: Repulsão pela Morte, Repulsão pela Vida, Atração pela Vida e Atração pela Morte. A versão reduzida utilizada nesta pesquisa, com 20 itens, foi adaptada para o Brasil por Aquino (2009). As respostas também são baseadas em uma escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Procedimentos e Aspectos Éticos

Iniciou-se a coleta de dados após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética das Faculdades Integradas de Patos (CAAE: 88272218.6.0000.518). A coleta dos dados foi realizada de forma *online* (por meio de questionário desenvolvido pelo Google *docs* com o *link* para ter acesso ao questionário), os participantes foram recrutados através das redes sociais (*Instagram, Facebook, Whatsapp* e *E-mail*). Ambos os questionários possuíam instruções de todos os procedimentos envolvidos, objetivos da pesquisa, bem como foi ressaltada a importância do caráter voluntário e sigiloso dos dados, apenas para fins de pesquisa. Para afirmar a participação, os respondentes tiveram acesso ao *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, no qual os participantes marcaram a opção que significa concordância em participar da pesquisa no questionário *online* admitindo participar do estudo, de acordo com os procedimentos descritos e explicados anteriormente. Sendo assim, os participantes do estudo consentem a utilização das respostas fornecidas para fins da pesquisa e são esclarecidos de que podem recusar sua participação na pesquisa a qualquer momento sem ônus algum. Cumprindo com os princípios éticos exigidos em pesquisa com seres humanos, propostos pela Resolução nº 466/2012, expedida pelo Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Os sujeitos levaram em média cerca de 12 minutos para concluir sua participação ao estudo.

Análises de Dados

Para a tabulação e análises dos dados foi utilizado o *Software* Estatístico para Ciências Sociais (*SPSS,* versão 26), com o objetivo de obter as estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência), correlações de *r* de Pearson.

RESULTADOS

Relacionando os Fatores da Escala Multiatitudinal de Tendência ao Suicídio (Repulsão Pela Morte, Repulsão pela Vida, Atração pela Morte e Atração pela Vida) a Síndrome do Impostor, foram encontrados os resultados descritos a seguir. Os resultados apontaram que a Síndrome do Impostor relacionou de maneira estatisticamente significativa com todas as dimensões da Ideação Suicida. Com relação mais forte com a dimensão Repulsão pela Morte (r= 0,44; p<0,01), seguido por Atração pela Morte (r=0,3; p<0,01). e Repulsão pela Morte (r= 0,17; p<0,01) e negativa com o fator Atração pela Vida (r=-0,23; p<0,01).

DISCUSSÃO

De acordo com Araújo et al. (2024), a Síndrome do Impostor (SI) está frequentemente associada a sintomas de depressão, ansiedade e esgotamento emocional, especialmente em cursos de alta pressão e competitividade, como medicina (Carro & Nunes, 2021). A SI aumenta significativamente a vulnerabilidade psicológica dos estudantes, tornando a ideação suicida uma consequência altamente suscetível (Pacheco et al., 2017). Os resultados referentes à dimensão "Repulsão pela Morte" indicam que a falta de autocompaixão e a baixa autoestima são fatores-chave no desenvolvimento de intenso sofrimento emocional (Araújo et al., 2024).

O esgotamento e a convivência com esses fatores aumentam a "Atração pela Morte", um comportamento prevalente em cursos de alta exigência, devido ao desespero de lidar simultaneamente com a carga emocional e acadêmica (Carro & Nunes, 2021). A relação negativa com o fator "Atração pela Vida" reforça a ideia de que o sentimento de incompetência e a autossabotagem enfraquecem a esperança, o otimismo e o prazer pela vida (Pacheco et al., 2017). Isso sugere que os fatores protetivos e a capacidade de enfrentamento de situações estressantes estão comprometidos em indivíduos afetados pela SI.

REFERÊNCIAS

Araújo, L. da C., Vieira, K. F. L., & Coutinho, M. da P. de L.. (2010). Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. *Psico-usf, 15*(1), 47–57. https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000100006

Bezerra, T. C. G., Barbosa, L. H. G. D. M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., & Gouveia, V. V. (2021). Escala Clance do Fenômeno do Impostor: adaptação brasileira. *Psico-USF*, *26*, 333-343.

Brasil: uma revisão sistemática e meta-análise. *Revista Brasileira de Psiquiatria* , *39*(4), 369-378.

Carro, AC, & Nunes, RD (2021). Ideação suicida como fator associado à síndrome de burnout em estudantes de Medicina. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* , *70*(2), 91-98.

Centro de Valorização da Vida. (nd). *Suicídio entre universitários* . Centro de Valorização da Vida. https ://cvv .org .br /suicidio -entre -universitarios/

Clance, P., R., & Imes, S., (1978). The Imposter Phenomenon in High Achieving Women: Dynamics and Therapeutic Intervention. *Psychotherapy Theory, Research and Practice*, *15* (3), 1-8.

Dutra, E. (2012). Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *12*(3), 924-937.

Félix, T. A., Oliveira, E. N., Lopes, M. V. D. O., Parente, J. R. F., Dias, M. S. D. A., & Moreira, R. M. M. (2016). *Fatores de risco para tentativa de suicídio: produção de conhecimento no Brasil*. *Revista contexto e saúde, 16(*31), 174-175.

Folha Noroeste. (nd). *USP tem 4 suicídios em 2 meses e cria escritório de saúde mental para alunos* . https ://folhanoroeste .com .br /saude /usp -tem -4 -suicidios -em -2 -meses -e -cria -escritorio -de -saude -mental -para -alunos/

G1. (2024, 2 de janeiro). *Professor do instituto federal que foi detido por suspeita de induzir estudantes ao suicídio em MG é demitido* . https ://g1 .globo .com /mg /zona -da -mata /noticia /2024 /01 /02 /professor -de -instituto -federal -que -foi -detido -por -suspeita -de -induzir -estudantes - ao -suicidio -em -mg -e -demitido .ghtml

Klonsky, E. D., May, A. M., & Saffer, B. Y. (2016). Suicide, suicide attempts, and suicidal ideation. *Annual Review of Clinical Psychology*, *12*, 307-330.

Klonsky, E., D., & May, A., M. (2015). The Three-Step Theory (3ST): A New Theory of Suicide Rooted in the "Ideation-to-Action" Framework. *International Journal of Cognitive Therapy*, *8*(1), 114-129.

Organização Mundial da Saúde. (nd). *Sobre a OMS* . Organização Mundial da Saúde. https://www.who.int/pt/about

Pacheco, JPG, Giacomin, HT, Tam, WW, Ribeiro, TB, Arab, C., Bezerra, IM, & Nascimento, MI (2017). Problemas de saúde mental entre estudantes de medicina no Brasil: uma revisão sistemática e metanálise. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 39(4), 369-378.

Araújo, AV de, Fonseca, ACS, Garcia, IK da S., Amaro, BO, & Guimarães, W. da S. (2024). A Síndrome do Impostor em Estudantes de Graduação em Medicina. *III Sete Congresso Internacional de Medicina e Enfermagem* . https ://sevenpublicacoes .com .br /anais7 /artigo /view /5455

PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA E A RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ACADÊMICO: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Yasmin Vitória Siqueira Barbalho – UNIFIP
Anna Lívia Cunha Lima Vitorino – UNIFIP
Bianca Letícia Brandão de Sousa Farias – UNIFIP
Fábio de Freitas Soares Junior – UNIFIP
Maria Eduarda Azevedo de Lima – UNIFIP
Washington Allysson Dantas Silva – ABSL

RESUMO: Este estudo investiga a relação entre a prática de atividades físicas regulares e o desempenho acadêmico de universitários. Embora a literatura sugira que o exercício físico traz diversos benefícios para a saúde física e mental, os resultados da pesquisa com 90 participantes não confirmaram a hipótese de correlação positiva entre níveis de atividade física e o Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA). A análise revelou que o rendimento acadêmico não apresentou correlações significativas com as variáveis estudadas, como índice de massa corporal (IMC), bem-estar geral, satisfação com a vida e procrastinação acadêmica. No entanto, relações estatisticamente significativas foram observadas entre IMC e bem-estar geral ($r = -0,23$; $p < 0,05$) e entre satisfação com a vida e bem-estar geral ($r = 0,19$; $p < 0,05$). Esses achados sugerem que universitários com peso corporal adequado tendem a relatar maior satisfação com a vida e bem-estar. O estudo indica a necessidade de investigações futuras que considerem outros fatores, como qualidade do sono e carga de trabalho, e ressalta a importância de amostras maiores para conclusões mais robustas.

Palavras-chave: Atividade Física; Desempenho Acadêmico; Estudantes Universitários.

INTRODUÇÃO

Exercício físico é um subgrupo de atividade física que envolve planejamento e sistematização com o objetivo de manter ou melhorar a aptidão física (Strath, 2013). A diferença de atividade física e exercício físico é mais bem descrita pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF, 2002), sendo a atividade física resumida como todos os movimentos corporais, executados no contexto de diversas práticas, entre elas o exercício físico, jogos, lutas, danças, desportos, musculação, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais. Ainda de acordo com o CONFEF, o exercício físico trata-se de uma atividade programada com movimentos executados de forma planejada e com objetivos específicos.

A prática de exercícios físicos tem demonstrado auxiliar no tratamento das doenças crônico-degenerativas, além de ter um efeito neuroprotetor e preventivo no desenvolvimento de doenças neurodegenerativas (Coelho et. al., 2013). Desse modo, observa-se que o exercício físico é associado à melhoria das funções cognitivas (Colcombe & Kramer, 2003). Dado o crescido número de universitários que incorporam hábitos sedentários, em razão da necessidade de se dedicar muitas horas do dia aos estudos com consequente redução do tempo dedicado ao lazer ativo fisicamente (Calfas, Sallis, Lovato, & Campbell, 1994), sendo essa associação neuroprotetiva dos exercícios físicos com o aprimoramento cognitivo pode ser potencialmente benéfica para esse grupo populacional.

A prática de exercício físico por estudantes universitários pode ser um preditor significativo para o desenvolvimento sadio quando em sua adultez ou velhice. Há evidências de que a prática de exercício físico guarda relação positiva com benefícios associados à saúde individual em diferentes períodos etários. Posto isso, estas evidências têm sido reconhecidas por inúmeros estudos disponibilizados na literatura (Bauman, 2004). O estilo de vida tem sido considerado como relevante para a saúde e tem-se salientado a importância de fomentar padrões de comportamento individual mais favoráveis para prevenir doenças e promover a saúde. Em virtude disso, a grande maioria dos estudantes universitários apresentam escassez de tempo para conciliar os afazeres estudantis em conjunto com a prática da atividade física, não aderindo, assim, a um hábito de vida saudável, estando esse processo associado também à procrastinação (Pais & Cabral, 2003).

A procrastinação é frequentemente definida como um comportamento que implica o atraso no início ou término das tarefas (Costa, 2007). Nesse sentido, esse comportamento tende a ser mais estudado durante a vida estudantil, uma vez que cerca de 80% dos estudantes tendem a procrastinar e, desses, 50% têm algum tipo de prejuízo significativo, visto que as atividades costumam ser planejadas para serem realizadas com um prazo determinado e a não realização pode contribuir para um sentimento de culpa e de insatisfação, gerando ansiedade e estresse (Brito & Bakos, 2013). Para o desenvolvimento do bem-estar subjetivo, é fundamental o acesso a um senso de segurança, conforto e tranquilidade pessoal, o que implica na busca por um estado de satisfação plena do corpo e/ou do espírito. Nesse sentido, os benefícios da prática regular de atividade física, tanto em nível fisiológico quanto psicológico, têm sido cada vez mais reconhecidos como essenciais para alcançar esse estado (Biddle & Mutrie, 2001; Berger, Pargman, & Weinberg, 2002; Calmeiro & Matos, 2004; Dosil, 2004).

Considerando a associação entre bem-estar e atividade física, Cid, Silva e Alves (2007) apontam que atualmente existem amplas evidências científicas de que a prática regular de atividade física oferece benefícios inquestionáveis para a saúde física e psicológica. Esses benefícios, por sua vez, geram um impacto significativo no bem-estar geral do indivíduo em todas as idades. Diante disso, e à luz das evidências de que o ser humano contemporâneo utiliza cada vez menos suas potencialidades corporais, além do fato de que o baixo nível de atividade física é um fator determinante no desenvolvimento de doenças degenerativas, sustenta-se a hipótese da necessidade de promover mudanças no estilo de vida, incentivando a incorporação de atividades físicas regulares no cotidiano. Tal mudança contribuiria, assim, para um bem-estar físico e psicológico (Assumpção et al., 2002).

Levando em consideração o contexto universitário, levanta-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento: a prática de atividades físicas regulares pode contribuir para um melhor desempenho acadêmico? Dessa forma, o estudo tem como objetivo identificar, por meio de análise de dados utilizando o software IBM SPSS, se há uma relação entre a prática de atividades físicas e o

desempenho acadêmico de universitários. Com base nos resultados, discutiremos se realmente existe uma correlação entre essas variáveis, levando em consideração também a satisfação com a vida, o bem-estar geral e a procrastinação acadêmica. Esses fatores poderão ou não revelar uma correlação significativa, e assim contribuir para o avanço das pesquisas científicas nessa área da psicologia.

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo foi constituída por 90 pessoas, sendo 54 mulheres (50,9%) e 52 homens (49,1%), com idades entre 18 e 50 anos (M = 21,45; DP = 4,54), peso médio de 70,42kg (DP = 15,36) e altura média de 1,64m (DP = 3,06).

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. Os participantes responderam a um conjunto de perguntas, a exemplo de sexo, idade, estado civil, renda familiar e qual atividade física praticava, que foram utilizadas com o objetivo de caracterizar a amostra. Physical Activity Rating. É uma ferramenta de questionário para categorizar o nível de atividade física de uma pessoa. Ele é usado nas equações para o teste de condicionamento físico sem exercício. Sua pontuação PAR é um valor entre 0 e 7 (Wood, 2003). Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ). Avalia o tempo que as pessoas gastam praticando atividade física na última semana. Utiliza escalas de respostas que varia de 0 a 7, avaliando o tempo e a frequência com que realiza as atividades. Escala de Bem-Estar Psicológico. Escala que avalia o bem-estar psicológico a partir de 6 dimensões, sendo elas autoaceitação, relações positivas com outros, autonomia, domínio sobre o ambiente, propósito na vida e crescimento pessoal, podendo apresentar escores altos ou baixos. O processo de construção começou primeiramente, com cada dimensão possuindo 80 itens, sendo reduzidos a 32, e por fim, 20 itens, totalizando 120 questões. Há versões de 120, 84, 54 e 18 itens. As alternativas variam de discordo completamente para concordo completamente (Machado & Bandeira, 2012). Versão Brasileira de Tuckman Procrastination Scale (TPS). Consoante Couto, Fonseca, Silva, Medeiros e Carvalho (2020), a TPS foi elaborada por Tuckman (1991), sendo usada para avaliar a tendência geral de perder tempo e adiar a realização de tarefas. Escala de Satisfação com a Vida. A SWLS, consoante Silva, Ferrari, Melo e Cardoso (2018), foi proposta por Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985) para avaliar quão satisfeitas as pessoas estão com suas vidas. Este instrumento foi criado com o intuito de avaliar o componente cognitivo da satisfação com a vida, através de cinco itens, com opções de resposta variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo plenamente), sendo que, quanto mais próxima de 7 é a resposta do indivíduo mais elevados são os seus índices de satisfação com a vida. Coeficiente de Rendimento Acadêmico dos estudantes (CRA). É o índice que mede o desempenho acadêmico do estudante em cada período letivo. É a média ponderada das notas obtidas no período letivo, considerado como peso o número de créditos das respectivas disciplinas.

Procedimentos e Aspectos Éticos

Este estudo utilizou de um questionário construído pelo *Google Forms* para realizar a coleta de dados. Os participantes foram convidados a responderem através das redes sociais, especificamente do *WhatsApp*. Junto com o link do formulário foi apresentado o tema do estudo e seu objetivo para que os voluntários consigam entender o que está sendo trabalhado e ter interesse em participar. Ao abrir o link, foi apresentado o termo de confidencialidade e anonimato da resolução 510/16 do Conselho Nacional da Saúde e após foi documentado o consentimento do voluntário. Caso o participante consentisse, teria acesso aos instrumentos da pesquisa, caso contrário, o questionário seria encerrado e a resposta seria descartada.

Esta pesquisa seguiu todas as diretrizes éticas das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nesse sentido, foi solicitado aos participantes o consentimento para responder a pesquisa, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), informando o objetivo da pesquisa e o contato do pesquisador principal em caso de dúvida. Ainda, o sujeito foi informado sobre a confidencialidade e o anonimato da sua participação e das suas respostas.

Análise dos Dados

Os dados foram analisados no IBM SPPS, considerando a correlação r de Pearson e nível de significância entre as variáveis.

RESULTADOS

Os resultados constam apresentados na Tabela 1. De modo geral, os resultados demonstraram que a rendimento acadêmico (CRE) não se correlacionou de forma estatisticamente significativa com nenhuma das variáveis do estudo. Exclusivamente, foram observadas relações estatisticamente significativas entre o IMC e o bem-estar geral ($r = -0,23$; $p < 0,05$) e entre satisfação com a vida e bem-estar geral ($r = 0,19$; $p < 0,05$). Esses resultados evidenciam que quanto maior o IMC (Índice de Massa Corporal) dos participantes, menores eram os níveis do bem-estar geral, bem como quanto maior a satisfação com a vida, maior o bem-estar geral da amostra. Ademais, nenhuma variável predisse significativamente o rendimento acadêmico [F (10,79) = 0,96; p = 0,479; R^2 = 0,10].

Tabela 1

Matriz de Correlação Entre as Variáveis do Estudo

	CRE	**IMC**	**IPAQ**	**Bem-estar geral**	**Satisfação com a vida**	**Procrastinação acadêmica**
CRE	1					
IMC	0,026	1				
IPAQ	0,037	0,139	1			
Bem-estar geral	0,071	-0,232*	0,080	1		
Satisfação com a vida	-0,178	-0,011	0,063	0,197*	1	

Procrastinação acadêmica	0,189	-0,016	0,146	0,124	-0,026	1

Nota. **p* <0,05.

DISCUSSÃO

No presente estudo, buscou responder se a prática de atividades físicas regulares estaria relacionada como um melhor desempenho acadêmico. A hipótese era de que os escores de atividade física dos estudantes estariam positivamente relacionados os valores de seu CRA. Todavia, os resultados demonstraram a ausência desta relação. Especificamente, os achados revelaram que o rendimento acadêmico não apresentou correlação estatisticamente significativa com nenhuma das variáveis avaliadas (nível de atividade física, índice de massa corporal (IMC), tempo semanal gasto em atividade física (IPAQ), bem-estar geral, satisfação com a vida, procrastinação acadêmica e o coeficiente de rendimento acadêmico). Nesse sentido, a hipótese deste trabalho não foi confirmada. Ainda que a prática de atividade física, acarrete diversos benefícios nos aspectos sociais, físicos e psicológicos, como aponta a literatura, neste estudo essa variável não esteve relacionada ao aumento do rendimento acadêmico.

Diante do que foi apresentado, é importante dar significado à descoberta. Como exposta na análise, a prática de educação física não interfere de forma significativa no rendimento acadêmico, o que significa dizer que as notas dos universitários não apresentam uma baixa ou alta quando estão relacionadas a essa prática. Em contrapartida, as relações entre IMC em conjunto com o bem-estar geral e satisfação com a vida são estatisticamente significativas (p<0,05) e nos demonstram que universitários que possuem um peso corporal adequado, sem apresentar, por exemplo, um quadro de obesidade, são mais satisfeitos com a vida e garantem bem-estar.

Outrossim, é válido ressaltar um ponto surpreendente desta pesquisa. Tem sido dito que para além dos ganhos na saúde e no bem-estar corporal, os indivíduos que praticam atividade física beneficiam em vários outros domínios, nomeadamente o afetivo, social e cognitivo (Bailey, 2006), e apesar dessa afirmação, não foi comprovada, por meio da coleta de dados realizada com os universitários, uma influência direta nem tampouco uma correlação significativa entre a prática de atividade e a obtenção de um melhor rendimento acadêmico. No entanto, futuras pesquisas devem ser desenvolvidas de forma mais criteriosa para uma avaliação mais precisa acerca dessa relação.

Ademais, é necessário que sugestões sejam bem-vindas para contribuir positivamente para futuras pesquisas. Uma das sugestões para próximos trabalhos de pesquisadores envolvendo a problemática é a de levar em consideração outros fatores, tais como, a qualidade do sono, visto que muitos estudantes universitários dormem menos do que o necessário; se o participante da pesquisa possui alguma carga de trabalho ou não, visto que isso pode afetar de forma negativa; entre outros que podem gerar alguma influência na análise.

Em conclusão, esta pesquisa contou com a participação de 90 universitários, o que é uma amostra relativamente baixa a ser analisada, dito isso, é interessante que a realização de uma próxima pesquisa possa contar com uma amostra um pouco mais significativa para que se obtenha resultados mais conclusivos. Por fim, uma problemática abordada acerca da pesquisa foi o desgaste para responder o formulário, visto que muitos participantes enxergaram de forma negativa e avaliaram como cansativa, dificultando assim, a coleta de dados.

REFERÊNCIAS

Assumpção, et al. (2002). Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida: Notas introdutórias. *Revista Digital*, 8(53).

Bauman, A. E. (2004). Atualizando as evidências de que a atividade física é boa para a saúde: Uma revisão epidemiológica 2000-2003. *Jornal de ciência e medicina no esporte*, 7 (1), 6-19.

Bailey, R. (2006). Physical education and sport in schools: A review of benefits and outcomes. *Journal of School Health, 76*(8), 397-401.

Brito, F. S., & Bakos, D. D. G. S. (2013). Procrastinação e terapia cognitivo-comportamental: Uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 9(1), 34-41. https://doi.org/10.5935/1808-5687.20130006

Biddle, S., & Mutrie, N. (2001). *Psychology of physical activity: Determinants, well-being, and interventions*. London: Routledge.

Berger, B., Pargman, D., & Weinberg, R. (2002). *Foundations of exercise psychology*. Morgantown, WV: Fitness Information Technology

CONFEF. (2002). Resolução nº 046 de 2002. https://confef.org.br/confef/resolucoes/82

Costa, M. D. S. (2007). *Procrastinação, auto-regulação e gênero* (Tese de Mestrado). Universidade do Minho.

Couto, R. N., Fonseca, P. N., Silva, P. G. N., Medeiros, E. D., Carvalho, T. A. Versão Brasileira da Tuckman Procrastination Scale: Adaptação e evidências psicométricas. *Revista Interamericana de Psicologia*, 54(3).

Coelho, M. F. G., Gobbi, S., Andreatto, C. A. A., Corazza, D. I., Pedroso, R. V., & Santos Galduróz, R. F. (2013). O exercício físico modula os níveis periféricos do fator neurotrófico derivado do cérebro (BDNF): Uma revisão sistemática de estudos experimentais em idosos. *Arquivos de gerontologia e geriatria*, 56 (1), 10-15.

Colcombe, S., & Kramer, AF (2003). Efeitos do condicionamento físico na função cognitiva de idosos: Um estudo meta-analítico. *Ciência psicológica*, 14 (2), 125-130.

Calmeiro, L., & Matos, M. (2004). *Psicologia do exercício e da saúde*. (L. V. e. Contextos, Ed.).

Cid, L., Silva, C., & Alves, J. (2007). Atividade física e bem-estar psicológico: Perfil dos participantes no programa de exercício e saúde de Rio Maior. *Motricidade, 3*(2), 47-55.

Calvas, K. J., Sallis, J.F., Lovato, C.Y., & Campbell, J. (1994). Physical activity and its determinants before and after college graduation. *Medicine, Exercise, Nutrition and Health*, 3, 323-334.

Dosil, J. (2004). *Psicologia de la actividad física y del deporte* (Vol. 1). Madrid: José Manuel Cejudo.

Machado, W. L., & Bandeira, D. R. (2012). Bem-estar psicológico: Definição, avaliação e principais correlatos. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 587-595. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400013

Pais, M., & Cabral, V. (2003). *Estudo sobre comportamentos de risco*. Lisboa: Instituto Português da Juventude.

Silva, W. R., Ferrari, E. P., Vieira, M., Melo, G., & Cardoso, F. L. (2018). Propriedades psicométricas da escola de satisfação com a vida no contexto esportivo brasileiro. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 24(01). https://doi.org/10.1590/1517-869220182401172303

Strath, S. J., Kaminsky, L. A., Ainsworth, B. E., Ekelund, U., Freedson, P. S., Gary, R. A., & Swartz, A. M. (2013). Guide to the assessment of physical activity: Clinical and research applications: A scientific statement from the American Heart Association. *Circulation, 128*(20), 2259-2279.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

TRABALHOS COMPLETOS

PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO

COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Maria Vitória Montenegro Tabosa – UNIFIP
Gabriella de Sousa Fernandes – UNIFIP
Maria Izabela de Oliveira Farias – UNIFIP
Erlania Rodrigues Ferreira – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP

RESUMO: O estágio básico de psicologia e gestão aproxima o aluno à prática do psicólogo enquanto facilitador não apenas de processos mais também da comunicação entre empresa, gestão e colaboradores para criação de uma atmosfera de trabalho mais saudável e produtiva. Durante essas visitas, é essencial a escuta ativa, não penas com a gestora, mas, também com a equipe como um todo. É necessário que de forma ética e responsável, seja ouvido quais as dores, quais os objetivos e aspirações para que possa ser comparado se a empresa está, de fato, alinhada enquanto equipe. É primordial que seja estudado um plano de intervenção para melhoria das mesmas de forma a abarcar tudo aquilo que foi apresentado pelo time. Se trata de uma troca constante não apenas de devolutivas, mais de feedbacks importantes que servem para direcionar as partes como um todo buscando sempre uma perspectiva de equilíbrio entre ambas as partes. Essa prática é sobre poder desenvolver habilidades específicas e poder compreender as demandas existentes nesse ambiente e de alguma forma, contribuir para melhorá-las. Em resumo, o estágio em psicologia organizacional é importante pois proporciona uma experiência pratica para a formação, permitindo as aplicações dos conhecimentos teóricos em um contexto real.

Palavras-Chave: Estágio Básico; Psicologia Organizacional; Comunicação Organizacional.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado em Psicologia tem suma importância na formação acadêmica do estudante pois enriquece o lado profissional do estagiário, visto que podemos ir à campo e colocar em prática todas as teorias aprendidas em sala. A partir dessas vivencias, podemos experenciar os desafios para além da literatura vista, assim como a própria resolução desses casos, fazendo com que possemos alinhar as necessidades dos funcionários e os interesses da empresa através de um olhar sensível capaz de analisar o comportamento e o perfil das pessoas que integram o quadro de colaboradores. Neste sentido, os fenômenos organizacionais são considerados como processos psicossociais, que estruturam a vida dos indivíduos e o funcionamento das sociedades (Zanelli & Bastos, 2004). De modo semelhante, o trabalho é concebido enquanto elemento transformador não apenas da matéria, mas também da vida psíquica, social, cultural, política e econômica (Malvezzi, 2004).

Naquilo que tange o âmbito das práticas de estágio, é fundamental destacarmos e darmos ênfase no campo da psicologia e gestão, uma vez que, essa vertente traz consigo uma grande contribuição para as empresas contempladas com esse aparato, para que ela, enquanto corporação preocupada em estar buscando um ambiente para além das práticas profissionais, uma atmosfera operacional muito mais voltada ao bem-estar e qualidade de vida do trabalhador enquanto estando o mesmo, inserido enquanto equipe. Ao passo que, a empresa compreende que o seu principal ativo é sim esse mesmo

colaborador e se dispõe a cuidar deste que é o seu maior influenciador quando nos referimos a não apenas capital e resultados, mais ao conjunto como um todo, a organização consegue se antecipar, identificar e resolver conflitos estando intimamente estabelecida a relação entre empresa e psicologia.

No contexto empresarial, o psicólogo está responsável por ajustar e alinhar as necessidades do funcionário aos interesses da empresa para que com isso, se tenha como resultado, um clima organizacional adequado ao cenário necessário e de qualidade. Ele precisa, eventualmente, analisar o perfil de cada componente desta empresa. Com tudo, é necessário evidenciarmos a importância do estágio em gestão, uma vez que, se torna extremamente relevante oportunizar experiências que contribuem para a formação acadêmica enquanto futuros profissionais e para permitir aproximações com a prática unindo a teoria.

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre as vivencias do estágio de Psicologia Organizacional, assim como a importância dele. O estágio tem sua importância visto que através dele os alunos experienciam um dos possíveis campos de atuação em Psicologia.

Além disso, o estágio busca desenvolver no ambiente um clima organizacional onde seja possível alinhar empresa e colaboradores em um comum desenvolvimento profissional. Os objetivos são identificar as possíveis demandas da empresa e desenvolver intervenções com a finalidade de melhoria tanto da empresa quanto dos próprios funcionários.

MÉTODO

Caracterização da Instituição

O estágio de psicologia e gestão vem sendo desempenhado em uma Empresa de seguimento alimentício no Sertão Paraibano. Tendo porte considerado micro, a empresa conta com um ano de mercado levando em consideração apenas o tempo da atual gestão. Empresa de marca própria, única matriz tendo sido seu nome, uma homenagem ao avô do proprietário. A empresa conta com dois administradores, um sendo ligado ao marketing da empresa e o outro a gestão administrativa.

O local conta com uma equipe de quinze funcionários, sendo eles ocupantes dos cargos, quatro pizzaiolo, três operadores de caixa, três apoios e cinco na produção como um todo. O empreendimento conta com uma área particular bastante ampla e aconchegante onde pode essa ser reservada para eventos desejados. A visão do empreendimento é expandir, continuar crescendo enquanto corporação. Tem como valor a ética, o bom relacionamento enquanto gestão e equipe, proporcionar um ambiente de trabalho adequado e justo aos seus membros e com isso, trazer resultados benéficos como resultado final do trabalho em conjunto e valorizado da forma adequada. A empresa busca também pela satisfação da sua peça-chave, seu cliente. Tendo sempre uma ponte direta no “ouvir” entre gerência e consumidor final.

Participantes

Participou deste trabalho treze funcionários (contratados) incluindo dois gestores (contratantes).

Instrumentos e Materiais Utilizados

Os instrumentos utilizados no estágio, foram entrevistas com perguntas voltadas para a coleta de dados, para compreender a dinâmica interna da organização e os desafios enfrentados pelo gestor da empresa e também de seus colaboradores. Também utilizamos de questionários via google forms, para a coleta de dados de forma estruturada e padronizada. Também foram utilizadas folhas de ofício, canetas, e notebook para apresentação de slides.

Procedimentos e Desenvolvimento do Estágio

O início do estágio foi realizado com uma entrevista semiestruturada direcionada ao gestor, e posteriormente foram quatro encontros com a equipe de colaboradores para entrevistas semiestruturadas. Após a etapa da coleta de dados das entrevistas, foi direcionado a toda a equipe responder um questionário com perguntas padronizadas, auxiliando no desenvolvimento do diagnóstico da empresa e também de sua estrutura organizacional.

Após identificação das demandas, foi realizado um segundo encontro com gestor e gerente para o alinhamento e feedback. Também foi executado um segundo momento com a equipe de colaboradores para a realização da intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A demanda encontrada no local de estágio foi referente a comunicação no ambiente de trabalho que se encontrava fragilizada tanto por parte da gestão quanto da gerencia com equipe e da equipe para a própria equipe. Não havia uma comunicação assertiva por parte do gerente pra a equipe, a forma operacional do mesmo lidar correspondia ao esperado pela empresa enquanto gestão, porém havia um déficit na parte de visão e valores da gerencia e gestão que divergiam. Por vezes, a gerencia tomava atitudes em uma perspectiva de punição com os colaboradores e usava uma comunicação agressiva com sua equipe.

Ainda referente a comunicação, por parte do gestor acabava havendo um viés emotivo, o mesmo costumava basear suas ações em sua maioria, pelo lado emotivo e não racional ou profissional, advindo de uma visão humana de se relacionar profissionalmente com seus colaboradores mesmo que por vezes o mesmo tentasse por em pratica o lado racional para a tomada de decisões fundamentais no ambiente de trabalho. Ainda sobre comunicação, o gerente não havia sido apresentado de forma formal para a equipe, apenas foi lhe delegado o cargo por parte do gestor e com isso acarretava também falhas na comunicação quando os integrantes da equipe não se dirigiam ao mesmo para algumas demandas cabíveis a gerencia.

Além disso, a equipe também não tinha uma rotina traçada em relação a reuniões, pouco eram realizadas e por vezes haviam lacunas nas informações passadas para a equipe, o que válida a

importância da comunicação, entendendo que a mesma não é só sobre falar e expressar, mas também uma forma de usar como alinhamento no ambiente de trabalho em momentos de reuniões.

As intervenções correspondentes a cada ponto aqui mencionado foram as seguintes. Treinamento de liderança com o gestor e gerente onde foi abordada comunicação assertiva, delegação de tarefas e profissionalXemocional, proposta de reuniões mensais, alinhamento de demanda no geral, normas e regras. Reuniões mensais entre gestor, gerente e equipe para feedbacks, tanto positivo quanto de melhoria, uma integração para os novos funcionários, apresentação do gerente de forma oficial para toda a equipe.

Foi realizado também um momento de conversa com a equipe sobre comunicação e seus tipos e como elas contribuem ou atrapalham o ambiente organizacional com realização de uma dinâmica de encerramento, o modelo para feedback Start, Stop e continue, onde é dividido em três categorias: coisas que devem começar a fazer, coisas que devem parar de fazer e coisas que devem continuar fazendo parte dos seus processos no dia a dia do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, mostra-se que a liderança transformacional e a comunicação assertiva dentro do ambiente laboral são de extrema importância para o seu bom funcionamento. Os resultados obtidos demostram o impacto significativo que isso causa, além da eficácia do estabelecimento, contribuindo para o fortalecimento, comprometimento e motivação dos colaboradores, refletindo isso em um ambiente concreto e saudável para o desenvolvimento de seus trabalhos.

Sendo assim, isso conclui que este trabalho contribuiu de forma significativa para o avanço e conhecimento da prática da psicologia organizacional dentro das empresas. Bem como o aprendizado da experiência no estágio mostrando que há apenas benefícios para ambos os lados.

REFERÊNCIAS

Bastos, A. V. B., & Galvão-Martins, A. H. C.. (1990). O que pode fazer o psicólogo organizacional. Psicologia: Ciência E Profissão, 10(1), 10–18.

Gurka, D. P. Q., & Nogueira, M. S. (2016). Psicólogo organizacional: a evolução do saber e da prática dentro da organização. *TCC-Psicologia*.

TREINAMENTO DE LIDERANÇA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA E GESTÃO

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Gabriella Cavalcante de Araújo – UNIFIP
Rayssa Simões da Silva – UNIFIP
Erlania Rodrigues Ferreira – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP

RESUMO: O presente artigo relata a experiência de cinco estudantes de Psicologia em um estágio supervisionado com foco em Psicologia e Gestão. Durante o estágio, foi realizado intervenções para melhorar a Clínica Escola de Nutrição de uma instituição do sertão paraibano, utilizando os conhecimentos adquiridos da disciplina de psicologia organizacional e contando com orientação de uma professora e supervisão de campo. O objetivo das intervenções era investigar as potencialidades e vulnerabilidades do setor, analisado as demandas e participando ativamente na elaboração de intervenções. O artigo destaca a importância do Estágio Supervisionado em Psicologia e Gestão como uma estratégia relevante para aprimorar as habilidades dos estudantes na área de Psicologia Organizacional e do Trabalho, bem como para propor melhorias no ambiente organziacional, levando em consideração a importância da área para o desenvolvimento profissonal dos colaboradores,da gestão, da empresa e o mercado de trabalho, investigando as potencialidades e vulnerabilidades do setor, analisado as demandas e participando ativamente na elaboração de intervenções, além de entender a necessdiade de um bom treinamento de liderança, considerando a necessidade de melhorias constantes no ambiente empresarial.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Psicologia e Gestão; Clinica Escola de Nutrição.

INTRODUÇÃO

O surgimento e o desenvolvimento da Psicologia organizacional e do trabalho está ligada ao processo de industrialização que aconteceu no fim do século XIX e início do século XX, em países centrais do cenário ocidental o que combinou com a manifestação da psicologia como um amplo espaço científico e de aplicabilidade. A administração científica, que tinha como base uma melhoria das condições de trabalho almejando maior eficiência teve influência também no cenário nacional (Martins-Silva et al., 2015).

De forma geral, essas colaborações pioneiras levaram a mudanças no mundo do trabalho e modificou a POT, que passou a considerar a relação entre o homem, o trabalho e as Organizações. Essa progressão da POT implica na expansão do seu objetivo que antes era voltado para a seleção pessoal e uso de testes Psicológicos, e agora busca compreender sistemas mais complexos focados nesse contexto organizacional, como as relações interpessoais, os valores, crenças, atitudes entre outras competências que a psicologia abarca (Martins-Silva et al., 2015).

A POT ainda está em construção com ênfase na integralidade do ser humano nesse cenário organizacional e interpessoal. As solicitações por psicólogos especialistas em gestão estão crescendo, buscando profissionais para realizar o processo de seleção e orientação profissional, além da gestão de pessoas, mas também prestando auxílio e atuando como mediador nos conflitos que surgem no

ambiente de trabalho, promovendo saúde e boas condições de trabalho, possibilitando melhor desempenho e satisfação (Spector et al., 2010).

Diante disso, o presente artigo se justifica em relatar as atividades supervisionadas desenvolvidas na disciplina de estágio básico V em Psicologia e gestão, que faz parte do projeto pedagógico do curso. Tendo uma carga horária relativa de 60 horas, a fim de retratar a importância da atuação do psicólogo dentro das organizações, avaliando suas demandas e participando ativamente na elaboração de intervenções visando um ambiente de trabalho saudável e produtivo. A metodologia da pesquisa adotada neste trabalho configura-se como uma pesquisa de campo e participante onde os dados são coletados junto a população alvo, utilizando pesquisas bibliográficas e documentais de caráter qualitativo descritivo, visando apresentar a realidade estudada. Esse trabalho também vem contribuir para estudos já feitos e para os que estão sendo desenvolvidos na área, pois é um assunto relativamente recente com muitas questões a serem discutidas.

A psicologia, ao se estabelecer como ciência e profissão, evoluiu significativamente ao longo dos anos, separando-se da filosofia e conquistando espaço próprio na academia. Esse processo envolveu a formação de diversas abordagens que surgiram para explorar novos padrões de conhecimento e o comportamento humano em diferentes contextos. À medida que se consolidou, a psicologia passou a refletir sobre a individualidade e a experiência subjetiva do ser humano, o que, só foi possível por conta da normatização e padronização influenciadas por aspectos sociais, políticos e econômicos (Figueiredo et al., 1991).

Atualmente o Conselho Federal de Psicologia, através da resolução Nº 3/2022 reconhece como áreas de especialidades profissionais a Psicologia Escolar e Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Tráfego; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social; Neuropsicologia; Psicologia em Saúde; e Avaliação Psicológica (CFP, 2022).

A Psicologia Organizacional é caracterizada como um campo de atuação que cruza várias disciplinas para estudar os fenômenos que ocorrem dentro das organizações, com foco nas questões que afetam o bem-estar dos indivíduos. Para Schein (1982), as organizações são sistemas sociais complexos, o que demanda uma análise detalhada de como esses sistemas influenciam e são influenciados pelas interações e necessidades individuais (Schein et al., 1982).

Assim, cabe ao psicólogo organizacional, analisar e intervir nas interações que afetam indivíduos e grupos dentro das empresas, desenvolvendo estratégias que promovem o bem-estar e a qualidade de vida dos colaboradores. Esse profissional examina o comportamento dos funcionários, busca fortalecer as relações entre equipes e líderes, e melhora o clima organizacional. Assim, ele contribui não apenas para o desenvolvimento dos colaboradores, mas também para que a empresa alcance um ambiente saudável e colaborativo, beneficiando o crescimento organizacional e o bem-estar coletivo (Psicólogo

Organizacional: O Que é, O Que Faz e Profissão, 2021).

O estágio supervisionado em Psicologia visa desenvolver as habilidades e competências dos estudantes por meio da prática. Durante o estágio, os alunos formam expectativas e opiniões sobre seu desempenho, influenciadas pelo conhecimento teórico adquirido, relatos de outros profissionais e percepções comuns sobre a prática. Essas expectativas ajudam a moldar a experiência, oferecendo uma ponte entre o aprendizado teórico e as situações reais de trabalho (O estágio em psicologia na perspectiva do estagiário, n.d.). Embora ainda em formação, é esperando que os estudantes assumam uma postura e compromisso como psicólogos, logo é muito importante discutir questões como postura profissional e o código de ética da profissão para a realização das atividades além de retomar o conhecimento teórico aprendido na disciplina conectando a teoria com prática profissional (Martins-Silva et al., 2015).

MÉTODOS E MATERIAIS

Caracterização da Instituição

A organização surgiu em 1964, 1º de maio, no qual o sonho do fundador era trazer a educação para uma cidade no interior do Sertão Paraibano (ensino superior), começou-se com um curso de Ciências Econômicas, numa sala de uma escola, que posteriormente fundou o curso de Letras, História e Geografia. Na época o prefeito da cidade doou um estabelecimento para expandir mais os cursos da universidade e por fim, conseguiram o atual prédio onde a Instituição atual está. A empresa é composta por 520 colaboradores, que tem como propósito fazer com que esses trabalhadores exerça seu trabalho com prazer, além de que seu principal valor é sempre procurar o crescimento de todos e reconhecer o trabalho do outro. A empresa oferece uma ampla estrutura física, incluindo laboratório equipados com tecnologia de última geração, formando o corpo docente por mestres e doutores, garantindo uma excelente metodologia de ensino acadêmico, destacando a importância da missão da empresa que é formar bons profissionais, e ainda dar acessibilidade para um acompanhamento da pós depois da graduação.

Participantes

Neste estágio, colaboraram funcionários da Clínica Escola de Nutrição, sendo 7 preceptores (curso e clínica) e 2 recepcionistas, 2 coordenadoras do curso, 1 funcionária do RH e a vice-reitora da empresa.

Instrumentos e Materiais Utilizados

Para a coleta de dados, foram utilizados alguns roteiros de entrevistas semiestruturadas, previamente elaboradas segundo as instruções da orientadora e da supervisora de estágio afim de compreender melhor o setor e identificar as possíveis demandas. Nessas entrevistas, os participantes ficavam à vontade para expressar sua opinião, bem como se isentar de alguma resposta, caso não se sentisse confortável. Tais entrevistas objetivou conhecer sobre os aspectos físicos, históricos e institucionais, incluindo neste a os colaboradores atuantes na Clinica Escola de Nutrição atualmente e sua convivência

no ambiente de trabalho. Ademais, foram utilizados outros materiais como: caderneta de anotação, canetas esferográficas, celulares (para registros fotográficos), prancheta, notebook (slide para as intervenções), folhas de oficio, post-its, bombons (para lembrancinhas) e livreto de anotações que foram entregues durante as intervenções.

Procedimentos e Desenvolvimento do Estágio

A prática iniciou-se através de uma entrevista com a vice-reitora, onde foi possível entender o funcionamento da Instituição enquanto empresa, bem com as demandas e o funcionamento do recrutamento e seleção de funcionários. Neste dia, foi identificado que a empresa prioriza compreender as particularidades de cada colaborador, além de entender como fazer remanejamento, caso algum não desempenhe o papel necessário na função que se encontra.

No segundo momento, foi feito a entrevista com a colaboradora do RH, onde a mesma aprofundou um pouco mais sobre o recrutamento e seleção de novos funcionários para a empresa. No terceiro, quarto e quinto momento, as entrevistas foram realizadas com os funcionários da clínica de nutrição, que foi o setor selecionado para executar o estágio em psicologia e gestão.

Nessas entrevistas, foi possível perceber também que a comunicação foi um ponto positivo descrito por todos, porém, eles carecem de reuniões mensais ou trimestrais, para alinhar possíveis demandas que surgem dentro do ambiente de trabalho. Além disso, foi relatado sobre os prazos em relação a entrega das dietas dos pacientes, que tem que ser entregue no mesmo dia e isso as vezes deixa o estagiário e/ou preceptor muito sobrecarregado. Ademais, mencionaram questões a serem resolvidas para melhorar o ambiente e o atendimento na clínica, sedno estas: A necessidade de uma copa para promover a socialização da equipe, e a falta de Wi-Fi, pois causa desconforto para os colaboradores e clientes. Foi identificado ainda a necessidade de um programa para facilitar as demandas dos pacientes seria muito útil.

Por fim, foi repassado as demandas e buscado junto com a gestão, soluções que melhorem o ambiente de trabalho e o atendimento aos clientes. Para além disso, foi conversado a importância de realizar um treinamento de liderança com a gestão da Clínica Escola de Nutrição para agregar na otimização do setor. Com isso, desenvolveu-se as intervenções, que será discutido no seguinte tópico intitulado “Resultados e Discussões”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira intervenção realizada com as duas gestoras da clínica, a priori, a reunião iniciou- se organizacional, onde foi discutido os principais pontos observados durante as entrevistas e que foram citados acima. Posteriormente, foi feito o treinamento interno sobre liderança enfatizando os tipos de liderança, os aspectos relacionados a isso e técnicas que podem ser utilizadas nas organizações visando desenvolver habilidades e otimizar o tempo. Em seguida, foi esclarecido a importância do papel do líder nas organizações. Alguns autores destacam a liderança enquanto uma técnica de influenciar os

outros e moldar uma equipe através dos seus conceitos e dos seus exemplos, desenvolvendo habilidades, adaptando-se a mudanças, motivando seus colaboradores e conhecendo o perfil de cada um, possibilitando transformações no ambiente (Silva et al,2020).

Em um segundo momento, a intervenção foi realizada com todos os colaboradores que puderam estar presentes. Nesse momento, deu-se início a uma dinâmica quebra gelo, em seguida foi dedicado um breve momento para discutir sobre comunicação, ressaltando como as barreiras de comunicação podem ser superadas por meio de técnicas como a escuta ativa e empática como essenciais na construção de um clima favorável. Dentro de uma organização, a comunicação é fundamental nas relações, e no bom funcionamento no ambiente, no entanto, existem barreiras que altera o resultado dessa comunicação. Diante disso, se faz necessário a habilidade de identificar esses problemas em diversos contextos a fim de melhorar as relações interpessoais, e isso pode ocorrer, por exemplo, por meio da escuta que possibilita uma compreensão mais esclarecedora da situação, e trata-se de um incentivo essencial na superação dessas barreiras (Abreu e Bazoni, 2016).

Seguidamente houve duas dinâmicas, uma com post-its onde cada um deles descrevia uma coisa que queria iniciar a fazer, uma que queria parar e outra que gostaria de continuar fazendo, relacionando a organização. A segunda dinâmica era um círculo de feedback, e cada pessoa deveria oferecer um feedback positivo para a pessoa da sua direita. Ambas as dinâmicas promovem a habilidade da escuta ativa e o fortalecimento de vínculos entre os colaboradores. Investir nos relacionamentos interpessoais no trabalho pode ter ganhos significativos relacionados a produtividade, a melhoria do clima organizacional, e auxiliar no desenvolvimento de um bem estar geral dentro da organização através desse fortalecimento de vínculos (Eduardo et al., 2024) O feedback deve ser visto como uma estratégia voltada para o desenvolvimento das pessoas, promovendo tanto a aprendizagem quanto a capacidade de adaptação, ambas cruciais para o êxito das organizações no século XXI. Além de incentivar o comprometimento, o processo de feedback precisa desencadear diversas ações da empresa, com o objetivo de fornecer treinamento e apoio, permitindo que o colaborador continue buscando e alcançando suas metas, tanto profissionais quanto pessoais (Ulrich et al., 1998).

Nós dois momentos, os participantes foram solícitos e participaram das atividades com afinco. Finalizando as intervenções, eles nos deram uma devolutiva do resultado das nossas intervenções como algo muito positivo. Embora na empresa a comunicação tenha se mostrado efetiva e demostrassem uma boa abertura para mudanças e sugestões, o diagnóstico organizacional elaborado e discutido com as gestoras, se tornou uma ferramenta para respaldar a necessidade das mudanças solicitadas pelos colaboradores. Em relação as dinâmicas, os feedbacks também obtiveram um bom resultado e cumprindo com o propósito inicial de fortalecer ainda mais as relações na equipe.

Através da experiência do estágio supervisionado em Psicologia e Gestão, foi possível fazer uma ponte entre os conhecimentos teóricos estudados e a imersão na prática da psicologia organizacional e

do trabalho. Essa experiência contribui positivamente no crescimento pessoal e profissional, lapidando a nossa percepção desta área tão importante da psicologia. Desse modo, acreditamos ter alcançado a finalidade deste estudo, compreendendo a atuação do psicólogo organizacional, investigando as potencialidades e vulnerabilidades do setor, analisado as demandas e participando ativamente na elaboração de intervenções, além de entender a necessdiade de um bom treinamento de liderança, considerando a necessidade de melhorias constantes no ambiente empresarial.

REFERÊNCIAS

Abreu, T. M. B., & Bazoni, M. C. (2016). Como superar barreiras na comunicação nas organizações. *Dito Efeito - Revista de Comunicação da UTFPR, 7*(11), 74-94. https://doi.org/10.3895/rde.v7n11.4078

CFP publica resolução que altera condições para concessão e registro de psicóloga(o) especialista - CFP. (2022, April). CFP. https://site.cfp.org.br/cfp-publica-resolucao-que-altera-condicoes-para-concessao-e-registro-de-psicologao-especialista/

Eduardo. (2024, May 21). *Relacionamento Interpessoal no trabalho: O que é e como melhorá-lo*. Ludos Pro. https://www.ludospro.com.br/blog/relacionamento-interpessoal-no-trabalho-o-que-e-e-como-melhora-lo

Figueiredo, L. C. M. (1991). *Psicologia: uma introdução; uma visão histórica da psicologia como ciência.* São Paulo: Educ.

Martins-Silva, P. de O., Silva Junior, A. da, & Libardi, M. B. A. de O. (2015). Psicologia Organizacional e do Trabalho: Relato de Experiência em Estágio Supervisionado. *Psicologia: Ciência E Profissão*, *35*(4), 1327–1339. https://doi.org/10.1590/1982-3703000722014

O Estágio Em Psicologia Na Perspectiva Do Estagiário. (n.d.). https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/12817/1/O%20est%C3%A1gio%20em%20psicologia%20na%20perspectiva%20do%20estagi%C3%A1rio.pdf

Psicólogo Organizacional: O que é, O que faz e Profissão. (2021). Querobolsa.com.br; Quero Bolsa. https://querobolsa.com.br/carreiras-e-profissoes/psicologo-organizacional

Schein, E. H. (1982). *Psicologia organizacional.* Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil.

Silva, C. P. da, Paschoalotto, M. A. C., & Endo, G. Y. (2020). Liderança organizacional: uma revisão integrativa brasileira. *Revista Pensamento Contemporâneo Em Administração*, *14*(1), 146–159. https://doi.org/10.12712/rpca.v14i1.36370

Spector, P. E. (2010). *Psicologia nas organizações* (3. ed.). São Paulo: Saraiva.

Ulrich, D. (1998). *Os campeões de recursos humanos: inovando para obter os melhores resultados.* São Paulo: Futura.

MOTIVAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Thereza Christina Bezerra Garcia – UNIFIP
Fábio de Freitas Soares Junior – UNIFIP
Erlania Rodrigues Ferreira – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP
Débora Najda de Medeiros Viana – FIP CG

RESUMO: O Trabalho tem como finalidade mostrar na prática organizacional a aplicação de alguns conceitos e intervenções da psicologia, baseada na hierarquia das necessidades desenvolvidas por Abranham H. Maslow, em como a mesma pode contribuir para auxiliar nas estratégias de gestão de pessoas, bem como também o bem-estar, satisfação e motivação dos colaboradores. Neste contexto organizacional, houve um grande interesse em buscar algumas possibilidades para que o ambiente de trabalho fosse produtivo e organizado, utilizando da teoria de Maslow, uma alternativa científica para nortear nesse contexto. Através dessa teoria, foi possível perceber e incentivar na prática o entendimento das emoções nesse contexto organizacional e os relacionamentos interpessoais. Os gestores acolheram muito bem os pontos discutidos, ouvindo as demandas e o plano de ação apresentado, mostrando-se abertos e aptos para novas mudanças. Além disso, foi apresentado aos colaboradores o plano de ação aprovado pela gestão e possíveis mudanças futuras dentro da empresa. Com isso, pode-se levar em conta que a empresa em si (gestores/colaboradores) teve um bom manejo para com a situação trazendo o consentimento de que problemas com tais demandas não se repetirão.

Palavras-chave: Motivação; Bem-estar; Psicologia Organizacional.

INTRODUÇÃO

A Psicologia Organizacional e do Trabalho: A Psicologia Organizacional e do Trabalho é uma subárea da Psicologia que se dedica ao estudo do comportamento humano nas organizações e no contexto de trabalho. Os psicólogos organizacionais e do trabalho estão envolvidos em diversas atividades, como recrutamento e seleção de pessoal, treinamento e desenvolvimento, avaliação de desempenho, gestão de carreira, qualidade de vida no trabalho. Ele é capaz de avaliar candidatos a nível comportamental, considerando, entre outros fatores, suas características pessoais. Eles buscam compreender e melhorar o bem-estar dos indivíduos no ambiente de trabalho, promover relações saudáveis e eficazes entre os colaboradores e contribuir para o sucesso das organizações (Sanar, 2020).

Além disso, é uma área em constante crescimento e tem se mostrado fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento das organizações. Os psicólogos que atuam nessa subárea aplicam seus conhecimentos para melhorar o ambiente de trabalho, promover a satisfação e o engajamento dos colaboradores, desenvolver lideranças eficazes, gerenciar conflitos e contribuir para o sucesso e a produtividade das organizações (Sanar, 2020).

O presente trabalho teve como objetivo apresentar e analisar as atividades e experiências vivenciadas durante a prática em uma Autoescola no sertão paraibano. As atividades que estão sendo desenvolvidas no seguinte órgão, são voltadas as melhorias socioeducativas, proporcionando aos

colaboradores harmonia no ambiente de trabalho. Neste trabalho, serão descritas as principais atividades desempenhadas durante o estágio, as competências desenvolvidas, os desafios enfrentados e as lições aprendidas ao longo desse período, além disso, serão destacados os impactos dessa experiência na nossa formação e nas perspectivas futuras de carreira, no entanto, o mesmo servirá como uma síntese das lições aprendidas e das contribuições significativas que a psicologia pode fazer para empresas e ambiente de trabalho onde estão inseridas muitas pessoas.

O objetivo desse trabalho é explorar como a Gestão de Pessoas pode contribuir para um ambiente mais harmônico desde que os gestores possam entender e atender as necessidades básicas de seus colaboradores. Além disso, entender como a Gestão de Pessoas pode se tornar um grande diferencial entre as outras empresas, através de aplicações de intervenções psicológicas, bem como identificar as dificuldades da organização e propor planos de ação para melhor desenvolvê-la.

METODOLOGIA

Caracterização da Empresa

A empresa Autoescola foi fundada em 21/01/2008 não tendo filial em outras regiões. O atual gestor está em serviço desde 2018; contendo 16 colaboradores, sendo 10 instrutores. Seu horário de funcionamento é das 7às18h para funcionários de empresa, para os instrutores são de 14h-18h podendo se estender para alguns devido às aulas particulares. As aulas da empresa acontecem de forma online, de segunda à sexta, sendo as provas de forma presencial. A empresa possui estrutura organizando sendo ela; MISSÃO: Ser um espaço que ajuda outras pessoas prestando um serviço integro e de qualidade, possibilitando o cuidado e auxílio nas demandas subjetivas dos sujeitos. VISÃO: Tornar-se referência na região, em atendimento de qualidade e supervisão de profissionais e maiores prestações de serviço. VALORES: Responsabilidade social; Compromisso, Ética, Honestidade, Profissionalismo, Inovação, Determinação, Empatia e Criatividade. PROPÓSITO: Auxiliar as pessoas a obterem um melhor suporte e a melhor experiência e disponibilizando o melhor serviço de atendimento e maior apoio da região com mais facilidade e qualidade.

Participantes

A empresa conta atualmente com 16 colaboradores; sendo 2 gestores, 2 recepcionista e secretarias, 1 diretora de ensino e 11 instrutores.

Instrumentos e Materiais Utilizados

Durante a prática foram utilizados alguns instrumentos para coleta de dados e análise das organizações. Sendo estes: entrevistas individuais e questionários, que foram aplicados para coletar dados quantitativos sobre variáveis específicas, como clima organizacional, satisfação no trabalho, motivação, entre outros com o objetivo de que cada colaborador pudesse externalizar mais um pouco de como se sente e o que está falando dentro do ambiente de trabalho em que está inserido.

Procedimentos

De início foi feito a primeira visita e nela foi realizada uma entrevista com o gestor da empresa para nos mostrar um pouco como era o funcionamento da mesma e o que ele identificava como demanda. Ele apresentou pela visão dele, algumas questões que ele gostaria de melhorar na empresa.

No segundo momento, deu-se início as entrevistas com os colaboradores, a fim de saber quais eram as suas visões e funções no ambiente de laboral. No terceiro momento foi realizado a continuação das entrevistas com os outros colaboradores da empresa. Com o passar de todas as entrevistas, conseguimos identificar algumas questões importantes para serem desenvolvidas. Diante disso, foi observado e colocado em prática a devolutiva para o gestor com o intuito de apresentar as possíveis demandas encontradas no ambiente de trabalho e o que poderia ser feito para intervir, pensando em resoluções e desenvolvimento da empresa a longo prazo.

Foi feito também observações do comportamento e do ambiente Observação: A observação direta do ambiente de trabalho e das interações entre os funcionários pode fornecer informações valiosas sobre a cultura organizacional, dinâmicas de grupo e comportamentos individuais. De início, fomos coletando cada detalhe da empresa, comunicação entre os colaboradores e gestores. Observamos a comunicação de cada um, lugar de trabalho, a organização e estrutura do lugar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática de gestão foi realizada na Autoescola. Inicialmente, sendo realizada uma entrevista com o gestor da empresa, em seguida, apresentou-nos a infraestrutura da empresa e deixou-se totalmente aberto para que pudesse tirar dúvidas a respeito da empresa, com o intuito de conhecer e averiguar condutas e funcionamento. Posteriormente, foram mencionados alguns conflitos entre os colaboradores, consequência da falta de uma boa comunicação no ambiente de trabalho. A demanda mencionada pela gestão empresarial foi acolhida e registrada.

Diante disso, foram realizadas entrevistas com todos os colaboradores da empresa, buscando compreender e analisar as possíveis demandas, a fim de desenvolver um melhor desempenho na mesma. Ao analisar essas demandas, percebeu-se que o conflito não estava ocorrendo da forma que havia sido repassado. As principais queixas dos colaboradores para com a equipe gestora eram a falta de reconhecimento de suas atividades desenvolvidas, a falta de atenção em datas comemorativas e a ausência de respostas suficientes para suas dúvidas.

Outra queixa foi falta de um banheiro no local de treinamento, o que para as mulheres se torna constrangedor, pois precisam ir ao posto ou voltar para a autoescola para fazer o uso. Outra demanda colhida foi a aula extra acrescentada aos condutores, que citaram um atraso para a hora do almoço devido a essa aula. Isso faz com que eles não fiquem satisfeitos com o trabalho. Alguns também mencionaram que não indicariam a empresa para um amigo ou parente, pois não a consideram um lugar para crescer.

Foi pontuado também a falta de reuniões mensais e semanais com todos da empresa. Diante de todas as questões ouvidas e pontuadas por gestores e colaboradores e diante das demandas identificadas dentro da empresa foi possível associar com a teoria das necessidades Humanas, mais conhecida como Pirâmide de Maslow.

Seguindo a pirâmide de Maslow, observou-se associações, como: a fisiologia que está relacionada ao bem-estar e alimentação do funcionário na seguinte empresa. Ao colher as entrevistas, pôde-se observar que a queixa mais frequente se trata da ausência de um banheiro, no local das aulas práticas. Tendo em vista que a presença do cujo trará melhorias para os instrutores, os quais precisam descolar-se do local de trabalho para utilizá-lo, gerando as vezes desconforto para com o aluno, que de forma está perdendo alguns minutos de aula (Sólides, 2020).

Também está garantido na pirâmide, que é de suma importância tempo de descanso, e uma outra demanda foi sobre ter sido tirado 10 minutos que existiam entre uma aula e outra para que formasse uma 6ª aula, o que também atrapalha o horário de almoço dos instrutores.

Além dessas demandas, foi observado que também há no conceito de estima, segundo a pirâmide. Mediante as entrevistas, os colaboradores relataram que não há reconhecimento sob as atividades desenvolvidas. Diante disso, foi desenvolvido o diagnóstico organizacional, no qual foi apresentado através de slides para os gestores, tendo como base as demandas encontradas na empresa, a apresentação da pirâmide e associando as necessidades humanas da teoria com as dos colaboradores, bem como um plano de ação, onde apontam melhorias para que haja uma boa dinâmica dentro da empresa, trazendo facilidade na comunicação e reconhecimento entre gestores e colaboradores.

A finalidade foi de colaborar com a melhoria do ambiente laboral e reconhecer algumas das necessidades básicas de cada colaborador. Os gestores acolheram muito bem os pontos discutidos, ouvindo as demandas e o plano de ação apresentado, mostrando-se abertos e aptos para novas mudanças. Terminando a intervenção com os gestores, foi elaborado a segunda intervenção para com os colaboradores. Dessa vez, foi presentado a eles o plano de ação aprovado pela gestão e possíveis mudanças futuras dentro da empresa, que foi aprovado e comemorado por eles. Pós a apresentação, foi praticado a técnica de Mindfulness (respiração diafragmática, que cientificamente é considerada eficaz para o relaxamento, podendo ser desenvolvida em momento de estresse/tensão), para que eles pudessem aprender e praticar nos dias mais estressantes ou em momentos ansiosos (Hokumura, 2022). Com isso, pode-se levar em conta que a empresa em si (gestores/colaboradores) teve um bom manejo para com a situação, reconhecendo momentos em que deixaram a desejar, ambas partes, e trazendo o consentimento de que problemas com tais demandas não se repetirão.

REFERÊNCIAS

Sanar. (n.d.). *Psicologia: conheça as suas áreas de atuação | Colunista*. Sanar. https://blog.sanarsaude.com/portal/carreiras/artigos-noticias/colunista-psicologiaconheca-as-suas-areas-de-atuacao

Sólides. Pirâmide de Maslow: O que é e como aplicá-la no meio empresarial. Disponível em: <https://blog.solides.com.br/piramide-de-maslow/?utm_term=&utm_campaign=&utm_source=adwords&utm_medium=g&hsa_acc=5023217460&hsa_cam=12550667912&hsa_grp=129846598923&hsa_ad=681753373170&hsa_src=g&hsa_tgt=dsa-1466823538259&hsa_kw=&hsa_mt=&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gad_source=1&gbraid=0AAAADLx-3XKeallXs8CNKONZspmsUn5i&gclid=CjwKCAiApaarBhB7EiwAYiMwqpe8BgwakChr3Kc468nUbVIeYKQF2cKWBP7XOYXc91dV9JyGh4DZKRoC75IQAvD_BwE>.

Hokumura, L. (2022, November 9). *Leia sobre: 5 exemplos de dinâmicas quebra-gelo e como aplicá-las*. Tudo Sobre ESM, CSC, ITSM E Atendimento. https://deskmanager.com.br/blog/dinamicas-quebra-gelo/#:~:text=Ou%20seja%2C%20a%20din

dian

Fabrynny Escarião Gomes – UNIFIP
Ana Karoliny de Morais – UNIFIP
Ryan Lucas Silva Costa – UNIFIP
Yasmim Almeida de Sousa – UNIFIP
Erlania Rodrigues Ferreira – UNIIFP
Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP

RESUMO: O presente trabalho descreve a prática realizada em uma empresa no sertão paraibano direcionada para crianças; um Espaço Kids. O principal objetivo da prática foi promover melhorias no desenvolvimento e na comunicação interpessoal entre os colaboradores, como também entre os colaboradores e o gestor, de forma a criar um ambiente de trabalho mais colaborativo e eficiente. As atividades desenvolvidas incluíram observação do espaço, entrevistas com os colaboradores, delineamento de cargo e reuniões com o gestor para alinhamento de pontos positivos e pontos a serem melhorados, com o intuito de identificar possíveis barreiras no fluxo de comunicação e oportunidades de desenvolvimento de habilidades interpessoais. A partir das intervenções realizadas, foram observadas mudanças positivas no engajamento e na interação entre os colaboradores, contribuindo para um ambiente organizacional mais harmonioso e produtivo. Esta prática permitiu a aplicação prática de conceitos da psicologia organizacional, levando o diagnóstico organizacional como base para uma visão aprofundada dos desafios e potenciais da empresa, da gestão, bem como da equipe.

Palavras-chave: Comunicação; Relações Interpessoais; Diagnóstico Organizacional.

INTRODUÇÃO

Segundo Rothmann (2017), a Psicologia Organizacional é uma área que estuda o comportamento humano nas organizações, tendo foco na motivação, liderança, cultura organizacional e desenvolvimento dentro da empresa, buscando aplicar teorias e princípios para melhorar o desempenho e o bem-estar dos colaboradores na prática, com o objetivo de um bom desempenho organizacional, consequentemente, otimizando o sucesso das organizações. Em relação a Psicologia do Trabalho é uma área encarregada de analisar, descrever, recrutar e especificar cargos dentro das organizações, dando ênfase os processos de desenvolver o treinamento do colaborador e avaliar o desempenho da empresa (Rothmann, 2017).

De acordo com Chiavenato (2014), a junção das duas áreas da Psicologia focada nas organizações, o objetivo principal tornou-se a aplicação de conhecimentos psicológicos para melhorar as condições de vida do trabalhador, contribuindo assim, para a sua eficácia no ambiente de trabalho. A POT busca entender como os fatores ambientais, culturais e sociais afetam o desempenho no trabalho, desenvolvendo uma gama de técnicas e práticas para promover o bem-estar dos colaboradores sem alterar sua produtividade (Sonnentag & Fritz, 2007).

A introdução do psicólogo dentro do ambiente organizacional se dá através de práticas que enfatizam fatores sociais, históricos, culturais, políticos e ideológicos. A base da introdução desse profissional é o foco nos protagonistas que não são apenas os gestores, mas todo o corpo que compõe

a instituição, separando qualquer ligação de uma atuação clínica. Essa atuação é construída com base em aspectos psicoeducacionais e interdisciplinares. Trata-se de um trabalho planejado através de uma perspectiva preventiva e coletiva (Gaspar & Costa, 2011), conduzida em conjunto com as formas de execução dos profissionais e as adversidades e potencialidades construídas pelo contexto externo e interno (Antunes, 2008).

No estágio em psicologia organizacional, os estudantes juntamente com a supervisora, tem a oportunidade de vivenciar e aplicar na prática, as teorias psicológicas no ambiente de trabalho. Durante essa experiência, foi observado e irá ser desenvolvido com a equipe o manejo acerca de comunicação e gestão de conflitos, contribuindo para a promoção do bem-estar dos colaboradores e o fortalecimento da cultura organizacional.

O estágio em Psicologia Organizacional é uma experiência enriquecedora para desenvolver competências profissionais e compreender o funcionamento das dinâmicas dentro de uma empresa, não só contribuindo para o crescimento do estagiário, mas também para o desenvolvimento contínuo da empresa, focando nos pontos positivos, enquanto identifica áreas de melhoria, se tornando uma abordagem que beneficia a todos.

O objetivo deste trabalho foi proporcionar uma experiência única no campo da Psicologia Organizacional, colocando em prática os conhecimentos obtidos em sala de aula. Bem como analisar a dinâmica da equipe, identificando assim, como as interações entre funcionários podem influenciar o ambiente de trabalho; desenvolver atividades que visem atender as necessidades organizacionais, contando com a promoção de bem-estar dos funcionários e analisar a estrutura organizacional e desenvolver um diagnóstico organizacional, pontuando os pontos fortes e as possíveis áreas de melhoria da empresa.

METODOLOGIA

Caracterização da Instituição

O espaço Kids foi desenvolvido a partir da ideia do gestor, visando a necessidade de um ambiente seguro para que as crianças possam brincar enquanto os pais aproveitam as demais lojas do shopping. A empresa foi aberta recentemente, no dia 12 de setembro de 2024, em que o público são crianças de 3 à 12 anos, cujo são cuidadas pelas monitoras em um ambiente de lazer. Disponibiliza de brinquedos manuais e psicomotores, sem telas, proporcionando de forma lúdica a diversão e imaginação das crianças. A empresa conta com quatro cuidadoras, um elevador social, um banheiro com fraldário e acesso social, loja de brinquedos e diversas fantasias.

Participantes

No referente estágio a empresa conta diretamente os seguintes participantes: (1) Tutora acadêmica, (1) Supervisora, (7) Estagiários, (6) Colaboradoras (Sendo uma já desligada, mas que contribuiu para a entrevista antes de seu desligamento), e (1) Gestor.

Instrumentos e Materiais Utilizados

Um dos instrumentos de coleta de dados utilizados foi a entrevista semi-estruturada, que conforme Laville e Dionne (1999), esse recurso possui uma maior flexibilidade em relação à coleta, assim como também proporciona uma maior abertura ao entrevistado, tornando dessa forma as respostas mais verdadeiras e espontâneas, são feitas de forma verbal e em uma ordem, mas, o entrevistador pode acrescentar algo no momento da entrevista para esclarecer o contexto. Os materias utilizados foram cadernos de anotações e canetas.

Procedimentos e Desenvolvimento do Estágio

O estágio na empresa teve início com a realização de procedimentos estruturados desde o primeiro contato. No encontro inicial, foi feita uma entrevista detalhada com o gestor, onde foram abordadas dez perguntas para entender mais a fundo a missão, os objetivos da empresa e a forma como a gestão é conduzida. Durante a conversa, o gestor enfatizou a importância de oferecer um ambiente seguro e estimulante para as crianças, destacando como isso contribui para a tranquilidade e lazer dos pais enquanto realizam outras atividades no shopping. Além disso, ele demonstrou uma postura receptiva, reforçando sua abertura para novas ideias e seu interesse nas melhorias que pudessem ser propostas, com o intuito de aprimorar a qualidade dos serviços oferecidos.

Esse diálogo inicial estabeleceu uma base sólida para a compreensão das necessidades e objetivos da empresa, permitindo que nós estagiários avançassem com um planejamento estratégico voltado ao desenvolvimento organizacional e bem-estar da equipe. Após a entrevista com o gestor, foi realizado entrevistas com os colaboradores para entender melhor o dia a dia de trabalho, os desafios enfrentados e as percepções sobre o ambiente de trabalho. Durante essas entrevistas, observou-se que algumas colaboradoras mencionaram a dificuldade de comunicação entre elas. Algumas também relataram a necessidade de treinamento para lidar melhor com as demandas emocionais das crianças e dos pais e a dificuldade na rotatividade de funções.

Com essas informações coletadas, foi debatido em equipe sobre como poderíamos contribuir para o desenvolvimento da organização, utilizando princípios da psicologia organizacional e do trabalho. Foi decidido propor intervenções focadas na melhoria da comunicação interna e no fortalecimento das relações interpessoais da equipe, como também propostas de como melhorar a rotatividade de funções. Essas intervenções incluíram: Aprimoramento da comunicação interna: Proposta de reuniões periódicas entre a equipe e a gestão para alinhar expectativas, compartilhar feedbacks e sugestões; Fluxo de caixa: Implementar um sistema de revezamento entre as funcionárias, de forma mais otimizada. Descrever as atividades: Criar um mapeamento/sistema sobre as atividades diárias que cada funcionária deve realizar, promovendo mais organização nas tarefas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diagnóstico organizacional tem como principal função organizar e analisar precisamente os pontos fortes e as falhas, com o objetivo de alcançar um melhor desempenho para a empresa (Gomes et al.,2007). Com isso, durante a análise organizacional, observou-se que a falta de comunicação assertiva entre funcionário-funcionário tem prejudicado a construção de relações interpessoais, que interferem no ambiente de trabalho, impossibilitando que a estrutura organizacional seja construída. Por isso, montando assim um projeto de intervenções a partir da comunicação assertiva e a construção de relações interpessoais, como pontos a serem melhorados.

Segundo Gelis Filho e Blikstein (2013), a comunicação assertiva atua como uma ponte para estabelecer relações mais equilibrada e efetiva no ambiente de trabalho, contribuindo para a formação de relações interpessoais. De acordo com o autor, existem tipos de comunicações que podem ser utilizadas no contexto organizacional, dentre elas, está o estilo de comunicação respeitoso-assertivo em que o indivíduo consegue verbalizar suas opiniões de forma mais clara, objetiva e respeitosa sem interferir ou intimidar o outro, evitando assim, conflitos desnecessários no trabalho.

A intervenção focada na comunicação e nas relações interpessoais manifestou a necessidade de implementar feedbacks entre funcionário-gestor e funcionário-funcionário, modelar a estrutura organizacional e as normas e regras da empresa, incluindo assim, uma maior probabilidade de construir um ambiente de trabalho mais motivador, efetivo e que contribuia para a realização profissional dos colaboradores.

Tendo em vista os pontos a serem melhorados e dos resultados obtidos nas entrevistas semiestruturadas com os funcionários, propormos a realização de reuniões periódicas com o intuito de receber e dar feedbacks, colocar em evidência para os funcionários as normas e regras impostas pela empresa, rotatividade em determinadas atividades, que contribuiu para a criação de um clima organizacional mais claro, objetivo, produtivo e motivador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou, investigou e observou os principais motivos que influenciam o clima organizacional na empresa, dando ênfase no desenvolvimento de uma comunicação mais assertiva e na construção de relações interpessoais, promovendo um ambiente mais colaborativo e aberto. Através da observação e intervenção, foi possível identificar a importância do papel do psicólogo organizacional como um facilitador para o desenvolvimento de um ambiente mais motivador e colaborativo. As ações implementadas demonstraram impacto positivo no engajamento dos funcionários e no fortalecimento dos vínculos interpessoais, criando condições favoráveis para a integração das equipes e aumentando a eficiência no atendimento. Este estágio permitiu uma experiência prática valiosa, pois evidenciou o papel da Psicologia Organizacional na promoção de uma cultura de comunicação eficaz e de um ambiente de trabalho saudável. Conclui-se que o estágio

contribuiu não apenas para o crescimento profissional dos estagiários, como também para o desenvolvimento contínuo da empresa, ao promover melhorias no relacionamento interno e proporcionar aos colaboradores ferramentas para o aprimoramento da comunicação e da cooperação no ambiente de trabalho. Ademais, destaca-se o impacto das atividades realizadas, tanto para o desenvolvimento profissional quanto para a empresa, alinhando-se aos objetivos iniciais do estágio.

REFERÊNCIAS

Antunes, M. A. M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicologia escolar e educacional*, *12*, 469-475.

Chiavenato, I. (2014). *Gestão de pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Gaspar, F. D. R., & Costa, T. A. (2011). Afetividade e atuação do psicólogo escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, *15*, 121-129.

Gelis Filho, A., & Blikstein, I. (2013). Comunicação assertiva e o relacionamento nas empresas. *GV-EXECUTIVO*, *12*(2), 28-31.

Gomes, E. L., Dias, E. J., Amaral, G. D. G., Corregozinho, M. F., & Rodrigues, P. (2007). Diagnóstico organizacional. *Belo Horizonte*.

Laville, C., Dionne, J. (1999). A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Artmed.

Rothmann, I. (2017). *Fundamentos de psicologia organizacional e do trabalho*. Elsevier Brasil.

Sonnentag, S., & Fritz, C. (2007). The Recovery Experience Questionnaire: development and validation of a measure for assessing recuperation and unwinding from work. *Journal of occupational health psychology*, *12*(3), 204.

A IMPORTÂNCIA DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL EM UMA MICROEMPRESA NO SERTÃO PARAIBANO

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Maria Eduarda Azevedo de Lima – UNIFIP
Erlania Rodrigues Ferreira – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP
Larisse Helena Gomes de Macedo Barbosa – UNIFIP

RESUMO: O presente estudo se refere ao relato de experiência de estágio supervisionado em Psicologia. Como projeto "A importância da Estrutura Organizacional em uma Microempresa do Sertão Paraibano". O estágio buscou destacar a importância da Estrutura Organizacional, facilitando a implementação dessa estrutura na empresa, a fim de melhorar sua funcionalidade e cultura organizacional. A prática envolveu cinco estudantes do 7° semestre, uma professora orientadora, uma professora supervisora, três gestoras e quatro colaboradores da microempresa. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e técnicas de dinâmicas de grupo. As entrevistas visaram identificar as demandas organizacionais, enquanto as dinâmicas promoveram a interação entre os colaboradores. Observou-se a necessidade de estruturar a organização, dado que a clínica apresentava dificuldades em estabelecer fluxos e processos claros. Foi desenvolvido um modelo organizacional, alinhado com os objetivos e a cultura da empresa, incluindo a definição de Missão, Visão e Valores. A apresentação dessas mudanças proporcionou uma compreensão mais ampla do papel de cada colaborador e das metas empresariais. O estudo demonstrou a relevância de uma estrutura organizacional bem definida para o funcionamento eficaz da empresa, além de reforçar a importância da adaptação contínua da estrutura para acompanhar o crescimento e as mudanças no mercado.

Palavras-cahave: Psicologia Organizacional; Estágio Básico em Psicologia e Gestão; Estutura Organizacional.

INTRODUÇÃO

A realização do estágio supervisionado é um momento fundamental na formação acadêmica e profissional, proporcionando ao estudante a oportunidade de ter contato direto com o ambiente de trabalho e aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo de sua educação (Guaragni & Chaves, 2017). No estudo "A importância da Estrututa Organizacional em uma Microempresa do Sertão Paraibano", discute-se como essa vivência permite ao estagiário enfrentar os desafios e dinâmicas do contexto organizacional, aprimorando suas habilidades técnicas e desenvolvendo competências interpessoais.

Segundo Martins-Silva, Silva e Libardi (2015) o estágio supervisionado transcende a simples experiência prática, pois possibilita ao aluno refletir sobre as situações enfrentadas, realizar análises críticas e sugerir soluções práticas para os problemas encontrados no ambiente laboral. Os autores do relato de experiência enfatizam a importância da supervisão nesse processo, uma vez que proporciona ao estudante orientação e feedback, facilitando a transição do conhecimento teórico para a prática.
Outro aspecto importante é a integração do estagiário às equipes e culturas organizacionais, o que contribui para uma melhor compreensão da dinâmica das relações de trabalho e a importância da comunicação eficaz, da cooperação entre os membros e da gestão de conflitos. Ao final do estágio,

espera-se que o aluno tenha uma visão mais ampla e prática de sua área de atuação, além de estar mais preparado para enfrentar desafios e contribuir de maneira significativa nas organizações (Pedroso et al., 2023). A demanda identificada no presente estágio foi a necessidade de desenvolver a Estrutura Organizacional na empresa.

A estrutura organizacional é crucial para assegurar o funcionamento eficiente de uma empresa, independentemente de seu tamanho ou setor. De acordo com Pereira (2015), essa estrutura define com clareza funções, responsabilidades, hierarquias e canais de comunicação dentro da empresa. Essa definição interna é essencial para a realização eficiente das atividades e para o alcance coordenado dos objetivos empresariais.

Ademais, uma estrutura organizacional bem estabelecida facilita a tomada de decisões, melhora a coordenação entre setores e promove uma comunicação clara e objetiva (Pereira, 2015). Com funções e responsabilidades bem definidas, cada colaborador sabe o que é esperado dele e a quem deve se reportar, o que evita a duplicação de tarefas e a confusão nos processos internos. O autor também aponta que a estrutura organizacional deve estar alinhada com os objetivos estratégicos e o contexto de atuação da empresa. Organizações que operam em mercados dinâmicos tendem a se beneficiar de estruturas mais flexíveis e descentralizadas, permitindo respostas mais ágeis às mudanças. Por outro lado, aquelas em ambientes mais estáveis podem optar por estruturas mais formais e centralizadas. O essencial é que a estrutura se adapte à realidade de cada organização, garantindo sua competitividade e capacidade de se ajustar às transformações do mercado.

Portanto, conforme Pereira (2015), a estrutura organizacional é um fator fundamental para o sucesso de uma empresa, sendo responsável não apenas pela organização interna, mas também essencial para que a empresa inove, cresça e responda às demandas do mercado. Além disso, com uma estrutura organizacional bem definida, a empresa apresenta mais clareza nas atribuições, responsabilidades, funções, define um fluxo de comunicação mais eficiente e assim sendo, as tomadas de decisões são mais fáceis e assertivas (Chiavenato, 2000).

Existe uma importante tríade que vai auxiliar na estruturação organizacional e posicionamento estratégico da empresa. Essa tríade é formada por Missão, Visão e Valores, estes, são elementos fundamentais para o direcionamento estratégico de uma organização, seno esta tríade o alicerce para o desenvolvimento da cultura organizacional (Drucker, 1999). A missão, pode ser definida como a razão pela qual a empresa existe. Enquanto a Visão, destaca onde a empresa deseja chegar, ou seja, são os objetivos a longo prazo, além de servir como guia inspirador e estratégico. Por fim, os Valores representam os princípios e crenças que norteiam o comportamento e as decisões da empresa, ou seja, define a personalidade e aspectos subjetivos de uma organização (Ponte, 2022).

O presente estudo, se refere ao relato de experiência de estágio supervisionado em Psicologia Organizacional e do Trabalho, considerando esse contexto, o objetivo do presente estudo, foi

propiciar a integração da teoria com a prática, acerca da atuação do psicólogo no contexto organizacional, conhecendo o papel e importância do profissional de psicologia nesse âmbito, assim como, realizar o processo de implementação e desenvolvimento da estrutura organizacional da microempresa.

MÉTODO

Participantes

Participaram desta prática cinco estudantes do 7º semestre de um curso de Psicologia do interior do sertão paraibano, uma professora orientadora, uma professora supervisora de estágio, três gestoras da empresa e quatro colaboradores.

Instrumentos e Materiais Utilizados

Durante a prática foi utilizado a entrevista semiestruturada que parte de um modelo ao qual o entrevistador faz uso de um roteiro, com perguntas preestabelecidas que servirão de guia para alcançar as respostas esperadas, ela difere da estruturada justamente por possuir maior flexibilidade durante a entrevista podendo acrescentar ou diminuir algo que não está no roteiro e também permitindo que o entrevistado fale abertamente suas respostas, tornando-as assim mais autênticas (Castro e Oliveira, 2022). Também, foi utilizado equipamentos de escrita para anotações decorrentes da entrevista como papel A4, canetas, lápis grafite e utensílios de suporte como pranchetas, pasta e cadernos. Além de técnicas de dinâmicas de grupo, que pode ser definida como um conjunto de aatividades estruturadas que visam promover a interação e a colaboração entre os membros de um grupo, facilitando a comunicação, a resolução de conflitos, a tomada de decisões e o desenvolvimento de habilidades interpessoais, neste sentido, de acordo com Lewin (1947), as técnicas de dinâmica de grupo influenciam o comportamento em grupo e os processos de tomadas de decisão.

Procedimentos e Desenvolvimento do Estágio

Foram realizados encontros na clínica psicológica para conhecer o ambiente, bem como o funcionamento e os colaboradores, afim de contribuir positivamente no desenvolvimento da empresa. Os encontros aconteceram semanalmente em horários e dias flexíveis, de acordo com a disponibilidade das gestoras e colaboradores. Após a coleta dos dados, foi identificado a necessidade de organização e desenvolvimento da estrututa organizacional da empresa. A partir disso, iniciou-se a estruturação, após definida, foi realizada a devolutiva para as gestoras e por fim, a apresentação para os colaboradores. Tais dados, serão descritos e discutidos no tópico subsequente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialemnte, conforme citado anteriormente, foi possível identificar algumas demandas na clínica, dentre elas, dificuldade de estabelecer fluxos e processos, isso por não ter uma Cultura e Estrutura Organizacional bem definidas. De acordo com Robinson (2019), a Cultura Organizacional

se refere a um conjunto de valores, normas, crenças e comportamentos que influenciam o funcionamento e a atitude dos colabores de uma empresa, quando bem estabelecida, tem um papel crucial na identidade corporativa e posicionamento estratégico de uma organização. Neste sentido, percebe-se que a falta de fluxo e processos organizacionais bem estabelecidos se dão em virtude da ausência de uma cultura organizacional clara.

Diante disso, foi necessário dar ênfase na Estrutura Organizacional da clínica para contribuir com a funcionalidade do ambiente e dos colaboradores. Com isso, foi feito a elaboração de entrevistas e questionários, para uma entrevista com cada colaborador da empresa, em seguida foram disponibilizadas perguntas relacionadas às suas funções. Após este questionário respondido, foi analisado com os demais integrantes deste grupo de estagiários para possíveis intervenções a serem realizadas na clínica psicológica.

A literatura aponta que o desenvolvimento da estrutura organizacional é crucial para o sucesso e a eficácia de uma empresa, auxiliando em processos mais assertivos (Mintzberg, 1993); Drucker, 1999; Robinson & Judge, 2019). Neste sentido, percebe-se que além da experiência com a prática proporcionada aos estagiários, a definição de uma boa estrutura organizacional, passou a ser a base para organização das demandas diárias e crescimento organizacional, com mais clareza acerca das responsabilidades dos colaboradores, melhor comunicação, tomadas de decisões mais assertivas e desenvolvimento de uma cultura organizacional mais eficaz (Kotter, 2012; APA, 2013).

Após a estrutura organizacional ter sido aprovada pela gestão, a equipe de estagiários socializou com a equipe, a seguir será descrita como se deu a intervenção. Foi realizada uma apresentação através de slides sobre Missão, Visão, Valores, Normas e Regras Organizacionais, em seguida, foi realizada a Técnica de Dinâmica de Grupo (*Start*, *Stop* e *Continue*), para que os colaboradores destacassem comportamentos, práticas e atitudes que deveriam iniciar, parar e continuar fazendo, para atender a estrutura organizacional da empresa. Essa técnica proporcionou interação e aproximação dos colaboradores e gestores com a nova realidade da empresa, para iniciar a disseminação da nova cultura a longo prazo.

A partir da análise inicial sobre a importância da Estrutura Organizacional para o bom funcionamento da clínica, pode-se discutir os impactos dessa implementação no ambiente de trabalho, na produtividade e no engajamento dos colaboradores. Uma estrutura organizacional clara não apenas define papéis e responsabilidades, mas também facilita a comunicação, melhora o fluxo de trabalho e proporciona uma visão mais ampla das metas da instituição, o que impacta diretamente na eficiência operacional.

A ausência de uma Estrutura Organizacional bem definida pode resultar em confusão sobre as responsabilidades de cada colaborador, sobre a hierarquia, bem como acerca da forma como os departamentos interagem entre si. Isso pode gerar conflitos de interesses, quebra de hierarquia,

retrabalho e perda de tempo na execução de tarefas. Ao adotar uma estrutura formal, a clínica ganha clareza nos processos, o que contribui para um ambiente de trabalho mais harmonioso e produtivo, além de possibilitar um acompanhamento mais eficiente do desempenho dos colaboradores.

Além disso, a apresentação de conceitos como Visão, Missão, Valores e Propósitos realizada pela equipe de estágio fortalece o alinhamento entre os colaboradores e a gestão. Quando todos os envolvidos entendem os objetivos e os valores que guiam a empresa, há uma maior coesão e comprometimento em atingir as metas organizacionais. A Visão define onde a empresa quer chegar; a Missão explica o porquê de sua existência e os serviços oferecidos; os Valores guiam a conduta e as decisões dentro da empresa.

A apresentação da nova Estrutura Organizacional para gestores e colaboradores foi um passo crucial para consolidar as mudanças propostas. Isso demonstra a importância da transparência e da inclusão de todos os níveis hierárquicos no processo de mudança organizacional. A introdução gradual dessas mudanças por meio de questionários e entrevistas também permitiu que os colaboradores se sentissem ouvidos e participativos, o que pode ter um efeito positivo na aceitação e adaptação à nova estrutura (Hofstede & Hofstede, 2005).

Conforme discutido por Rothmann e Cooper (2017), a estrutura organizacional está diretamente ligada à cultura da empresa e reflete como ela se posiciona tanto internamente quanto externamente. Ao redefinir sua estrutura, a clínica não só organiza seus processos internos, mas também envia uma mensagem clara ao mercado e aos seus clientes sobre sua seriedade e compromisso com a qualidade do serviço. Isso pode abrir novas oportunidades de crescimento e consolidação da clínica no setor de psicologia.

Com isso, vale destacar que uma estrutura organizacional eficiente é flexível e adaptável às mudanças no mercado e nas necessidades internas da empresa. A clínica deverá revisar e ajustar essa estrutura periodicamente, garantindo que ela continue a servir aos seus propósitos estratégicos e operacionais. A cultura organizacional, ao ser reforçada por uma estrutura bem delineada, gera um ambiente de trabalho mais saudável, colaborativo e voltado ao sucesso tanto da empresa quanto de seus colaboradores (Edgar & Verweij, 2020).

REFERÊNCIAS

American Psychological Association. (2013). *Guidelines for the undergraduate psychology major*. https://www.apa.org/ed/precollege/undergrad-guidelines.pdf

Castro, E., & de Oliveira, U. T. V. (2022). A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. Entretextos, 22(3), 25-45.

Chiavenato, I. (2000). *Introdução à teoria geral da administração* (6ª ed.). Campus.

Cunha, K. L., & Gondim, S. M. G. (2009). Psicologia organizacional e do trabalho: Relato de

experiência em estágio supervisionado. Psicologia: Teoria e Prática, 11(2), 129-142. https://doi.org/10.5935/1678-5177.20090015

Drucker, P. F. (1999). *Desafios gerenciais para o século XXI*. Pioneira.

Edgar, H., & Verweij, G. (2020). *Building a positive organizational culture: A strategic approach*. Springer.

Guaragni, C., & Chaves, A. G. C. R. (2017). Estágio supervisionado: uma pesquisa com estudantes de psicologia. *Revista Destaques Acadêmicos*, *9*(3).

Hofstede, G., & Hofstede, G. J. (2005). *Cultures and organizations: Software of the mind* (2nd ed.). McGraw-Hill.

Kotter, J. P. (2012). *Leading change*. Harvard Business Review Press.

Lewin, K. (1947). Group decision and social change. In T. M. Newcomb & E. L. Hartley (Eds.), *Readings in social psychology* (pp. 196-220). Holt, Rinehart and Winston.

Martins-Silva, P. D. O., Silva, A. D., & Libardi, M. B. A. D. O. (2015). Psicologia organizacional e do trabalho: Relato de experiência em estágio supervisionado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *35*(4), 1327-1339;

Mintzberg, H. (1993). *Structure in fives: Designing effective organizations*. Prentice Hall.

Pereira, E. L. O. (2015). Estrutura organizacional. In H. F. Santos & M. C. M. Antunes (Eds.), Gestão empresarial: Teoria e prática (pp. 75-98).

Ponte, M. R. M. (2022). *A influência da cultura organizacional na prática dos valores de uma organização do ramo de eletroportáteis* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Ceará.

Robinson, S. P., & Judge, T. A. (2019). *Organizational behavior* (18th ed.). Pearson.

Rothmann, Ian. Cooper, Cary L. (2017), Fundamentos da psicologia Organizacional e do trabalho. Rio de Janeiro: ELSEVIER.

Silva Pedroso, N., dos Santos, D. R. L., Francisconi, M. J. P., Schnaider, L. L. B. C., da Silva, D., & Machado, R. M. (2023). Cultura Organizacional: Origem, Manutenção E Influências. Relato De Um Estágio Em Psicologia Organizacional. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, *9*(8), 819-831.

ADOECIMENTO PSÍQUICO ENTRE INFLUENCIADORES DIGITAIS COMO CONSEQUÊNCIA DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO IMATERIAL

Fernanda de Souza Pereira – UFPB
Josefa Wanilla da Costa Medeiros – UFPB
Maria Edisandy Bezerra dos Santos – UNIFIP

RESUMO: O surgimento das novas tecnologias transformou as relações de trabalho com o advento da das redes sociais. Os influenciadores digitais passaram a ganhar notoriedade e a monetizar suas produções de conteúdo. No entanto, essa modalidade se constitui enquanto trabalho imaterial e se caracteriza pela alta flexibilidade, podendo impactar negativamente a saúde mental desses trabalhadores. O presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão de literatura a respeito do adoecimento psíquico entre influenciadores digitais como consequência da precarização do trabalho imaterial. A revisão bibliográfica é de caráter exploratório, reunindo achados acadêmicos de autores clássicos e contemporâneos como Léontiev, Schwartz e Bauman, para embasar a discussão sobre a precarização das relações do trabalho imaterial e suas implicações. Os influenciadores digitais enfrentam uma fusão entre vida pessoal e profissional, além da constante necessidade de criação de conteúdo, o que leva à sobrecarga mental. A pressão por engajamento, a autocobrança e a exposição a críticas geram desgaste psicológico. A falta de segurança trabalhista e a precarização digital agravam essas condições. A mercantilização da própria imagem traça uma linha tênue entre até que ponto se pode ascender na internet e até que ponto a mesma é capaz de "afundá-lo".

Palavras-chave: Trabalho Imaterial; Plataformização; Precarização do trabalho.

INTRODUÇÃO

A partir do surgimento de novas tecnologias o cenário da comunicação passou por mudanças intensas, incluindo as concepções de trabalho. Com o surgimento da internet a conexão em rede passou a facilitar a comunicação em escala global. Diante disso, surgem as redes sociais como formas de facilitar cada vez mais o que já era promissor. Logo, não demorou muito para que fossem adotadas como meios de intermediar as novas dinâmicas de trabalho (Figaro, 2011; Cortesia, 2021).

Agora as pessoas passam a se comunicar com outras de interesses em comum a partir da produção de conteúdo digital. Com isso, pessoas anônimas com muito em comum com o público geral passam a ganhar credibilidade com seus discursos e publicações adquirindo seguidores nas redes e o reconhecimento das marcas que passam a rentabilizar esse tipo de trabalho imateral (Araújo et al., 2019; Ota & Marback, 2022).

Apesar da alta flexibilidade do trabalho digital e sua desvinculação do trabaho fixo, os produtores de conteúdo ganham por produção, encontram-se constantemente na instabilidade e insegurança com a possibilidade de não dar conta das demandas do trabalho criativo. Vida e trabalho se fundem de modo que os horários de produtividade não têm mais limite e o ritmo acelerado da internet exige atualização frequente do que é postado (Maia, 2017; Antunes, 2018; Costa et al., 2021).

Por isso, os então nomeados influenciadores digitais passam por um período crítico no que diz respeito à saúde mental em decorrência de suas condições de trabalho. Agora que também constituem uma categoria profissional, vivenciam novas formas de exploração do trabalho a partir da

plataformização do trabalho e da fragilidade dos vínculos trabalhistas entre estes e as empresas contratantes (Maia, 2017; Karhawi & Prazeres, 2022).

Deste modo, o presente trabalho se constitui enquanto uma revisão bibliográfica de cunho exploratório a respeito do adoecimento psíquico entre influenciadores digitais como consequência da precarização do trabalho imaterial. A traz inicialmente conceituações de trabalho e como isso tem mudado com o advento e o avanço das tecnologias de comunicação. Posteriormente, é discutida a relação das plataformas de mídia digital como mediadoras da relação entre o público e as marcas a partir do trabalho dos influenciadores digitais como determinantes da qualidade da mesma. Por fim, discutiu-se como as exigências do trabalho criativo refletem uma categoria que adoece e que muitas vezes sofre com a falta de seguridade.

MÉTODO

O presente estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica de caráter teórico-exploratório. O mesmo foi desenvolvido a partir da literatura recente sobre o tema em questão com foco nos conceitos de trabalho imaterial, plataformização, precarização das relações laborais e adoecimento psíquico.

Os critérios de inclusão basearam-se na relevância e atualidade do tema incluindo materiais como artigos acadêmicos que contextualizam sobre a temática recente. Além disso, acerca dos livros e capítulos de livros, foram incluídos na discussão autores como Aleksei Léontiev, Yves Schwartz, e Zygmunt Bauman que abordam teorias clássicas e contemporâneas sobre o trabalho. Para a busca dos materiais foram empregados e combinados descritores como: "trabalho imaterial," "influenciadores digitais," "precarização do trabalho," "adoecimento psíquico," "plataformização," e "produtividade tóxica."

A análise dos dados foi feita a partir de uma análise crítica sobre a precarização do trabalho imaterial digital. A discussão foi dividida em eixos temáticos sobre os fatores que contribuem para o adoecimento psíquico dos trabalhadores digitais: a) a mudança das concepções tradicionais do trabalho; b) as novas configurações de trabalho no cenário digital; e por fim, c) a produtividade tóxica e o adoecimento psíquico proveniente desta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mudanças de concepção sobre o trabalho

A conceituação do trabalho perpassa por diversas perspectivas históricas, culturais, contextuais e semânticas. Na concepção de Aleksei Léontiev, por exemplo, o trabalho é entendido como emergente à condição humana. Ele traz uma compreensão para a perspectiva cultural do ser humano, para Léontiev (1976), trata-se de uma atividade característica e particular atribuída à capacidade humana de criar, planejar e aprender.

Por sua vez, Yves Schwartz – com sua ênfase também na dimensão cultural – traz a ideia da transcendência criativa onde o trabalho envolve a experiência pessoal e de gerações passadas e uma

aquisição histórica de técnicas. O filósofo francês reconhecido como pai da abordagem ergológica enfatiza o trabalho em sua execução a partir de um conjunto de fatores a serem geridos e da necessidade de administrar o homem em atividade. Este por sua vez se revela como sujeito particular e social na expressão de suas capacidades (Schwartz, 2000).

Roseli Figaro (2011) também reconhece a importância de gerir no que diz respeito ao trabalho. Ela também traz a tona a ideia de movimento, transformação e relação, nesse sentido, o homem faz do trabalho um meio de fazer por si e um meio de construir relações com os outros. O trabalho consolida a relação homem-natureza e transcende a definição de uma mera troca remunerada.

Considerando tais conceitos percebemos a familiaridade da ideia do trabalho como um objeto social. Independo da perspectiva teórica, o trabalho engloba em sua essência a comunicação que por sua vez é essencial à sobrevivência em sociedade para que haja cooperação. É por meio dela que as forças produtivas estão sempre em movimento, a partir da relação com o outro que se constroem as experiências e são repassados os conceitos e a mediação dos signos (Figaro, 2011; Cortesia, 2021).

Cada vez mais o mundo está organizado em redes de comunicação e o sistema capitalista incorpora mudanças sociais com centralidade na tecnologia. A tecnologia trouxe consigo muitas mudanças na vida em sociedade e uma das esferas que sofre com essas mudanças é o cenário trabalhista. Além disso, com o advento das novas tecnologias de informação surgem novas formas de trabalho que ocupam espaços que transcendem cargos tradicionais e assim surgem novas relações sociais e de trabalho (Cortesia, 2021).

A internet e as novas configurações no cenário do trabalho

Mudanças significativas ocorreram com a consolidação de um sistema de mercado mais tecnológico ocorrida no século XX. A tecnologia se moveu e afetou desde as relações sociais, o contexto político, as relações mercadológicas, a indústria automobilística, o avanço científico e até os ambientes domésticos. Diante disso, a chegada dos processadores contínuos nos lares se intensificou ainda mais a partir do modelo computacional em rede denominado internet. O sistema em rede proporcionou rápida circulação de informações e ocasionando uma reestruturação produtiva. Portanto, a rede mundial de computadores possibilitou aos seus usuários estabelecer relações e realizar trabalhos de qualquer lugar do mundo (Maia, 2017).

Algumas décadas mais tarde, na década de 90, foram criadas as redes sociais. Estas possibilitaram a conexão em tempo real, graças à internet, a partir dos seus recursos de texto, imagem, áudio e vídeo contribuindo para a flexibilização das relações sociais e, mais posteriormente, as relações de trabalho. Nesse contexto, a interação parte do compartilhamento da vida do sujeito com os demais membros da sua rede de amigos que com o passar dos anos ganha novas configurações (Maia, 2017).

O blog, por exemplo, possibilitava a interação a partir do compartilhamento de textos opinativos, resenhas críticas de produtos e materiais consumidos pelo referido autor. Com sua popularização, o(a)s então nomeado(a)s "blogueiro(a)s" começaram a manter uma rotina de postagens com um perfil específico de conteúdo e aos poucos ganhando um público cada vez mais fiel. Consequentemente, o blog passou a ser uma ferramenta de incitação ao consumo devido a credibilidade do(a) blogueiro(a) para com o seu público (Araújo et al., 2019).

Ao longo das décadas, a função de *blogger,* antes restrita à produção de textos, se estendeu para outras plataformas de conteúdo audiovisual como o Youtube e o Instagram dando maior complexidade a esse tipo de produção e o(a)s antes nomeado(a)s blogueiro(a)s passam a se chamar influenciadores digitais (Araújo et al., 2019). Desde então, tais plataformas e os influenciadores passaram a ganhar notoriedade pelas marcas possibilitando a monetização dos vídeos e *posts* de maior popularidade endossando o reconhecimento da produção digital como uma atividade de trabalho (Hertzog, 2019).

As plataformas de mídia digital agora funcionam como espaços tecnológicos de trabalho com grande praticidade, versatilidade e conforto, altamente convidativos para novos criadores em potencial. Apesar de essas condições serem o seu diferencial, as plataformas passam a apresentar diretrizes e regras de funcionamento próprias. Além disso, a flexibilidade ao trabalhar passa a ser confundida com disponibilidade em tempo integral por parte do criador de conteúdo para atender às demandas (Costa et al., 2021).

Produtividade tóxica e o adoecimento psíquico

A praticidade de trabalhar de qualquer lugar sem a necessidade de sair de casa é tentadora. No entanto, as marcas prezam pelo alcance que a publicidade terá e para isso é preciso que o criador de conteúdo tenha um público engajado e fiel às suas produções de conteúdo. Uma das principais formas de estabelecer vínculo com o público é através do compartilhamento da sua realidade, da vida pessoal, da rotina diária, como meio de criar identificação entre os dois lados (Ota & Marback, 2022).

Portanto, a credibilidade do(a) influenciador(a) digital gera confiança naqueles que o acompanham, isso ocasiona um senso de urgência em querer compartilhar sua vida em tempo integral. Além da falta de limite entre o pessoal e o profissional, a alta flexibilidade perpassa também os horários de trabalho. Diferente de um trabalhador formal com suas oito horas de jornada de trabalho diário, devido ao recebimento de demandas a qualquer hora do dia, os criadores de conteúdos se veem numa realidade em que dificilmente haverá esse controle de horas (Costa et al., 2021).

Para Bauman (2001), a modernidade líquida, que também engloba as novas formas de trabalho, mostra um sujeito contemporâneo que se autodeclara uma "mercadoria vendável". Dessa forma, inevitavelmente há uma necessidade de busca pela aceitação daquele público que passa a participar ativamente realizando críticas, elogios e exigências acerca daquele conteúdo fruto do seu

entretenimento. No entanto, o entretenimento que se tornou a própria vida do sujeito passa a ter uma linha tênue entre trabalho e vida particular. Nesse contexto, o influenciador deixa de vender sua força de trabalho e passa a vender a sua própria subjetividade (Karhawi & Prazeres, 2022).

Ainda, por conseguinte, estar produzindo algo o torna alvo de críticas e o torna suscetível a elas. Diante desse contexto, é comum que determinados perfis e contas de influenciadores sejam alvejados com comentários, muitas vezes maldosos, dos *haters*. O termo, que significa "odiador" em sua tradução literal, é usado para conceituar pessoas que fazem comentários de ódio ou críticas infundadas sem o menor senso de responsabilidade com quem os recebe. O contato frequente com mensagens negativas nas quais muitas vezes o alvo da crítica é a própria personalidade do criador de conteúdo é mais um fator de vulnerabilidade para essa categoria profissional (Silva et al., 2022).

Nesse cenário, a incerteza é outro elemento determinante para a autocobrança entre criadores de conteúdo. Trata-se de um trabalho informal e que lucra de acordo com o número de trabalhos, o tamanho do cachê e o alcance da publicidade. Portanto, lida-se constantemente com a instabilidade que diferencia esse trabalho ainda mais dos trabalhos tradicionais que representam o acesso à estabilidade financeira, à previdência social ou a seguros trabalhistas (Maia, 2017, Costa et al., 2021).

A alta dinamicidade das redes sociais exige um ritmo acelerado de produção e atualização para agradar o público que consome e consequentemente as marcas. Também, a produção de conteúdo digital depende essencialmente da criatividade do criador de conteúdo para que, além da manutenção do seu público-alvo também haja a captação de público novo, já que a monetização é baseada em números. Ocasionalmente, esse ritmo pode não ser alcançado levando ao desgaste mental a partir de uma autoexploração do trabalho com base na ideia de que "só depende de mim" (Ota & Marback, 2022).

A comparação com outros produtores de conteúdo, a pressão por parte das marcas, as exigências dos seguidores, criam o cenário perfeito para o esgotamento mental entre os influenciadores digitais. Assim, a saúde mental é colocada em risco desencadeando até mesmo a Síndrome de *Burnout*. Essa condição desenvolvida tipicamente entre trabalhadores em contextos laborais adoecedores atinge os mais diversos perfis profissionais e, não diferentemente, a categoria d(a)os blogueiro(a)s (Ota & Marback, 2022).

A Síndrome de *Burnout* denominada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença ocupacional resultante de estresse crônico é caracterizada principalmente pela redução da produtividade, a perda de prazer pela atividade de trabalho executada e a sensação de esgotamento/exaustão mental. O reconhecimento desta condição de saúde como fruto das relações de trabalho foi um importante avanço para a responsabilização de corporações para com seus colaboradores, no entanto, a medida não ampara categorias como o trabalho digital (Karhawi & Prazeres, 2022).

As sutis violências digitais sofridas pelos criadores de conteúdo colocam em questão: quem está por trás dessas relações de trabalho se não há uma formalização do mesmo? Karhawi e Prazeres (2022) trazem a ideia de plataformização do trabalho. Nesse sentindo, há uma dispersão do trabalho digital, mas uma centralização do controle, atrelado à falta de formalização dos vínculos de trabalho onde as grandes empresas associadas às plataformas de mídia se camuflam por trás de uma ideia de que são meras "pontes" entre os consumidores e os produtores.

A responsabilidade é atribuída ao produtor de conteúdo que decide ou não se realiza determinados trabalhos para determinadas marcas, no entanto, se encontra subordinado a alguém maior que exerce esse controle sob pena da descartabilidade do serviço. Muitos autores falam sobre a precarização estrutural do trabalho, sendo está a mais nova forma de precarização do trabalho na era da informação (Antunes, 2018).

O trabalho imaterial vem sendo cada vez mais mercantilizado o que poderia se encaixar no que alguns teóricos europeus chamariam de trabalho criativo. A expectativa é de que este estaria em cenário crescente a partir da década de 90 e que tomaria cada vez mais o lugar do trabalho árduo. No entanto, o que se observa é o adoecimento crescente entre trabalhadores cujas áreas de trabalho envolvem os mais desenvolvidos tipos de tecnologia. Esta por sua vez aumentou a exploração do trabalho e os mecanismos de controle que caracterizaria o neotaylorismo: a junção dos recursos tecnológicos do século XXI com as condições trabalhistas do século XIX (Antunes & Braga, 2009).

Segundo Antunes (2018), o trabalho imaterial foi mercantilizado e hoje apresenta uma crescente demanda, no entanto, é difícil atribuir o seu valor. A realidade é que muitas vezes quem acaba atribuindo-o são as empresas que pagam pelo serviço. Nesse contexto, o trabalho criativo exige um esforço constante do produtor que adoece por não conseguir dar conta do serviço – o qual passa a ser seu principal meio de sobrevivência. Assim, Ota e Marback (2022) ressaltam a importância do reconhecimento e valorização do próprio trabalho e o estabelecimento de limites entre o pessoal e o profissional como importantes meios de prevenir o esgotamento profissional.

Nesse cenário, a liquidez da vida contemporânea ameaça a sanidade das novas gerações considerando o confronto frequente com a incerteza do amanhã. Diferente das gerações passadas que tinham como objetivo de vida principal a busca da estabilidade por meio do trabalho, especialmente os que garantissem seguridade social e salários fixos, hoje a realidade é bem diferente.

A aceleração do estilo de vida de um modo geral se insere no mundo do trabalho e afeta, por consequência, a saúde das pessoas que se tornam reféns dela. Por trás da facilidade há um preço a ser pago sob a condição de se manter produtivo no trabalho de criação para captar mais público e conquistar as métricas estabelecidas. No entanto, o que fazer quando se esgota a fonte da criatividade?

A precarização estrutural do trabalho é uma realidade presente e ocorre entre diversos tipos de ocupações. Não diferentemente, o trabalho imaterial sofre com essa circunstância e sua principal

penalidade é a certeza da descartabilidade. O medo da perda, do inalcançável, da rejeição do público e de não ser mais considerado relevante no futuro torna-se cada vez mais comum no contexto do trabalho digital entre influenciadores digitais. A mercantilização da própria imagem traça uma linha tênue entre até que ponto se pode ascender na internet e até que ponto a mesma é capaz de "afundá-lo".

REFERÊNCIAS

Antunes, R., Braga, R. (2009). *Infoproletários: a degradação real do trabalho virtual*. Boitempo Editorial, 1.

Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo Editoral, 1.

Araújo, R. A., Lima, T. C. B., Paiva, L. E. B., & Ferraz, S. F. S. (2019). Glamour ou trabalho árduo: socialização profissional das blogueiras. *Revista de Administração FACES Journal, 18*(2), 114-134.

Cortesia, T. C. *Profissão: YouTuber? A emergência e profissionalização de formas contemporâneas de trabalho nascidas no ambiente digital* (Monografia). 181f. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/04b17a2f-2820-4a74-8f34-c9adf62cc473/tc4543-thais-cortesia-profissao.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2023.

Costa, R. M., Barba, M. L., Pinto, L. L. B., Bussardes, L. D. P. B., Negraes, F. C., Andrade, T. P. C., ... & Gonçalves, G. A. (2021). Paradoxo do mundo digital: desafios para pensar a saúde mental dos influenciadores digitais. *Brazilian Journal of Health Review*, *4*(2), 5811-5830.

Figaro, R. (2011). A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores. *Trab. Educ. Saúde, 9*(1), 285-297.

Hertzog, L. *Dá um like, se inscreve no canal e compartilha o vídeo: um estudo sociológico sobre o trabalho e as novas tecnologias digitais no YouTube Brasil* (Tese). 339f. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/197554/001097400.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 ago. 2023.

Karhawi, I., & Prazeres, M. (2022). Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, *16*(4), 800-819.

Léontiev, A. (1976). *Le développement du psychisme*. Editions Sociales, 3.

Maia, M. B. R. (2017). Que geração é essa: Novas ocupações que surgem com a ascensão da internet. *CES Revista, 31*(2), 55-78.

Ota, T. N., Marback, H. F. (Agosto, 2022). Esgotamento mental em criadores de conteúdo digital. In: XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador.

Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou le métier de Philosophe*. Octarès, 1.

Silva, M. L. G., Oliveira, M. S., Cury, L. V. (2022). A falta de responsabilidade sobre o *hate* na internet e sua ligação com os crimes cibernéticos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 8*(10), 974-983.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

TRABALHOS COMPLETOS

PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL

COTIDIANO ESTUDANTIL EM TEMPO INTEGRAL: ESGOTAMENTO PRÉ-PROFISSIONAL EM ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

Amanda Dias de Araújo – UNIFIP
Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Ana Elisa Candeia Tavares da Silva – UNIFIP
Micaelly Moreira Ferreira – UNIFIP

RESUMO: Este trabalho aborda a Síndrome de Burnout pré-profissional em alunos que cursam o Ensino Médio em tempo integral, tendo como objetivo identificar fatores que possam contribuir para o surgimento da Síndrome entre os jovens. A pesquisa foi realizada com 97 alunos do Instituto Federal da Paraíba, Campus Patos. A coleta das informações analisadas foi adquirida a partir de questionários que versavam sobre o perfil do alunado, as suas condições e sensações a respeito do cotidiano de estudo em tempo integral e, por fim, um diagnóstico preliminar de Burnout estudantil. De acordo com os dados obtidos, apesar de apresentarem relações interpessoais e condições de infraestrutura escolar regulares, com boas condições de alimentação durante o período de atividades em tempo integral e uma boa relação entre colegas e com os professores, também se viu o cansaço diante de ter que sair muito cedo de casa, ter muitas aulas e atividades, ter pouco tempo para descanso e ter muita exigência dos conteúdos para aprender. Diante disso, o risco de acometimento com a Síndrome de Burnout pré-profissional foi evidenciado no Instituto, com 86,5% de estudantes com risco moderado ou alto de desenvolver este problema. Por isso, é de extrema necessidade que realizem mais pesquisas sobre o surgimento da Síndrome e que sejam elaboradas políticas institucionais que busquem minimizar fatores que influenciam para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout pré-profissional.

Palavras-chave: Síndrome de Burnout; Discentes; Educação em tempo integral.

INTRODUÇÃO

É sabido que condições de saúde são imprescindíveis para uma vida plena e para a realização positiva do trabalho. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como sendo "o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade", adotando uma visão biopsicossocial do ser humano (Limongi-França, 2008). Remetendo a atenção para o espaço escolar e o cotidiano dos alunos, este estado de bem-estar é um dos elementos condicionantes para a dedicação e o compromisso com os estudos, de modo que se constata a influência da saúde nos processos de educação.

O contrário também procede. As condições de realização dos processos de aprendizagem também podem comprometer a saúde dos alunos; podem ser fonte de bem-estar ou provocar desordem no equilíbrio biopsicossocial do indivíduo. A formação profissional tende a ser vista como um momento de grandes vulnerabilidades e desafios aos jovens, sendo fonte de estresse e exaustão física e emocional (Juncá, 2012).

Ao observar as mudanças que estão ocorrendo no âmbito educacional no sentido de incentivar a adoção do currículo em tempo integral, com o curso de 1400 horas anuais no Ensino Médio (Brasil, 2017), tem-se uma média de sete horas diárias de atividades acadêmicas, o que implica no aumento de exigências físicas, mentais e temporais, demandando esforços e provocando realizações e ou

frustrações nos alunos. Essa realidade atinge os Institutos Federais, que, apesar de já dispor de carga horária elevada, estão passando pela experiência de redução do tempo de execução dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio de quatro para três anos, encaixando-se, portanto, nesta carga horária diária/anual prevista na legislação.

A capacidade de atendimento a essas exigências diárias pode impactar positiva ou negativamente no vigor, no ânimo e no envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, e é uma questão multidimensional, já que entrelaça a responsabilidade individual, o ambiente social, o apoio institucional e o contexto familiar. Quando se registra falta de capacidade por parte dos sujeitos para fazer face às exigências que lhe são colocadas, surge o mal-estar: as exigências excedem os recursos dos indivíduos, que tentam corresponder a essas exigências, aumentando o esforço, e então podem aparecer os sintomas (Jesus, 2004)

Nesse sentido, importa conhecer as condições de realização dos processos de aprendizagem na educação em tempo integral, pois a satisfação ou insatisfação gerada no exercício dessas atividades desempenha uma influência sobre os indivíduos, impactando em sua saúde, comportamento e desempenho. Esses fatores são imprescindíveis para o sucesso de uma proposta de educação de qualidade, principalmente na área da formação profissional, que exige dos alunos o exercício intelectual, físico e corporal fundamental para uma carreira produtiva e promissora, com criatividade e rendimento.

Como dito, as exigências na educação em tempo integral se elevam e a capacidade de atendimento a essas exigências traz uma preocupação. Estamos diante, atualmente, de cenários de suicídio de jovens, para além de casos inúmeros de depressão, estresse, ansiedade, angústia, ataques de pânico, entre outros transtornos de sofrimento psíquico (Jesus, 2004).

Diversos estudos apontam para a possibilidade de adoecimento em espaços e processos de educação (Mosquera & Stobãus, 1996; Vasquez & Menezes, 2000; Leite, 2017), e faz se importante investigar uma realidade de aguçamento das exigências nesses espaços e processos, como é o caso das experiências de educação em tempo integral, analisando, portanto, as condições e as formas de organização em que se desenvolvem essas atividades acadêmicas e os impactos para a saúde dos alunos.

Nesse sentido, considera-se importante investigar o tema, reunindo informações que possam contribuir no aprofundamento desta temática, possibilitando um olhar mais real e uma perspectiva de melhora nas condições de estudo e na saúde dos alunos para que atinjam melhores resultados no processo de aprendizagem. Não há como negar que o sucesso e o desempenho na educação estão diretamente ligados ao bem-estar desses sujeitos.

De tal modo, importa investigar a relação entre as condições de realização dos estudos discentes em tempo integral e suas implicações para a saúde desses sujeitos. Questiona-se, portanto:

quais fatores referentes às condições de realização de estudo de alunos de cursos técnicos de Ensino Médio em tempo integral estão relacionados à saúde física, mental e social desses sujeitos?

Nesse sentido, este estudo tem como principal objetivo analisar a relação entre ambiente educacional e saúde, abordando condições de realização dos estudos de alunos de cursos técnicos de Ensino Médio em tempo integral. E tem como objetivos específicos: discutir sobre educação em tempo integral e sua relação com a Síndrome de Burnout pré-profissional; descrever as condições e organização do trabalho educativo de alunos no processo de aprendizagem na educação integral, identificando o nível de satisfação desses sujeitos; e explorar a presença da Síndrome de Burnout entre alunos da educação integral.

MÉTODO

Delineamento

A proposta metodológica desta pesquisa seguiu a tendência metodológica da triangulação, a qual articula diversos métodos qualitativos e quantitativos, que operam simultaneamente ou um após o outro, desempenhando papéis complementares e de igual relevância para obter um quadro mais completo na análise do problema (Flick, 2009).

Participantes

Participaram da pesquisa 97 alunos de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio que estudam em tempo integral, sendo 10 do Curso Técnico em Eletrotécnica, 14 do Curso Técnico em Informática, 17 do Curso Técnico em Edificações e 38 do Curso Técnico em Segurança no Trabalho. Foram inseridos na pesquisa estudantes dos segundos e terceiros anos, uma vez que tinham experiência de pelo menos um ano na rotina de estudos em tempo integral, majoritariamente eram do sexo feminino (72,2%).

Instrumentos

Foi utilizado um questionário sociográficos, para caracterizar a amostra. Bem como, o questionário de identificação de *Burnout* pré-profissional, foi analisado segundo protocolo próprio. O critério exaustão emocional foi avaliado por 09 itens, a despersonalização em 05 questões e a realização profissional por 08 itens, totalizando 22 itens que indicam a frequência das respostas com uma escala do tipo Likert, variando a pontuação de zero a seis: (0) nunca, (1) uma vez ao ano ou menos, (2) uma vez ao mês ou menos, (3) algumas vezes no mês, (4) uma vez por semana, (5) algumas vezes por semana e (6) todos os dias (Benevides-Pereira, 2010). Cada um dos componentes do MBI foi analisado separadamente como uma variável contínua. Segundo Vasques-Menezes (2005), na exaustão emocional, a somatória de 27 ou mais pontos indica um grau alto; de 17 a 26 pontos, considera-se grau médio; e, com menos de 17 pontos, considera-se grau baixo. Na despersonalização, a somatória de 13 ou mais pontos indica um grau alto; de 7 a 12 pontos grau médio; e menos de 07 pontos indica um grau baixo. Na realização profissional, a somatória de 39 ou mais pontos indica um

grau alto; de 30 a 38 pontos, considera-se grau médio; e menos de 30 pontos indica um grau baixo. A classificação para o diagnóstico da Síndrome indica que há risco quando os indivíduos apresentam alta exaustão emocional, alta despersonalização e baixa realização profissional (Maslach, 1986). Os participantes foram classificados como elevado risco quando apresentaram pelo menos duas dimensões alteradas, moderado risco quando apenas uma dimensão mostrou-se alterada e baixo risco quando nenhuma das três dimensões estava alterada (Silva, 2012).

Procedimentos e Aspectos Éticos

A coleta de dados se realizou por meio de aplicação individual e aconteceu no Instituto Federal da Paraíba, Campus de Patos, contando com a participação mediante consentimento livre e esclarecido. No caso dos estudantes menores de idade, o consentimento foi solicitado aos pais ou responsáveis por meio de formulário específico. A aplicação foi precedida de explicação acerca da pesquisa, assegurando os esclarecimentos necessários para o adequado consentimento e para possíveis dúvidas referentes à linguagem utilizada no questionário. Os participantes foram informados quanto ao objetivo do estudo, bem como foi prometido o sigilo das informações prestadas no ato da pesquisa. Incluíram-se na pesquisa alunos em regime de educação em tempo integral dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio com duração de três anos. Foram excluídos da população da pesquisa os alunos ausentes no momento da pesquisa e os alunos que estavam no primeiro ano de estudo em tempo integral. Por fim, este trabalho foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa do IFPB e teve consentimento legal para a realização da pesquisa à luz dos princípios éticos, conforme descrito na Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2013) registrado no CAAE n° 91699618.9.0000.5185.

Análise de Dados

Na fase de análise, os dados coletados foram submetidos à estatística descritiva simples, com o intuito de investigar as informações coletadas e demonstrá-las por meio de gráficos e tabelas, a fim de facilitar sua compreensão e posteriormente analisar de acordo com a literatura pertinente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No tocante à informação preliminar de problema de saúde, 19,6% disseram ter algum tipo de acometimento, dentre estes, destacam-se: depressão, bipolaridade, bronquite, sinusite, asma, escoliose, ansiedade, artrite, baixa visão, insuficiência respiratória e gastrite. A partir da coleta de dados realizada com os estudantes, verificou-se que 16,6% são residentes em áreas rurais. Muitos são utilitários de ônibus disponibilizados por programas sociais das prefeituras para transporte de estudantes de outros municípios para a escola. O deslocamento de casa para o IFPB dura entre uma e duas horas para 45,4% destes estudantes.

Quanto à renda familiar, 67% recebem até um salário-mínimo por mês. No que diz respeito à alimentação antes de sair de casa, 40,2% informaram que nem sempre se alimentam para ir à escola.

Sobre acesso a computador e internet em casa, 68% assinalaram que têm computador em casa e 95,9% que têm acesso à internet.

Por passarem muito tempo na instituição, há o envolvimento em atividades complementares no Campus, tendo uma margem maior na participação em atividades extraclasses, de modo que a maioria deles participavam de Pesquisa (69,2%), Monitorias (30,8%), Núcleo de Aprendizagem (30,8%), Esporte (28,2%), Grupos de Estudos (25,6%), Extensão (20,5%) e Estágio (12,8%). Quanto às relações interpessoais, os alunos avaliaram a relação com os colegas e com os professores da escola e constatou-se que as situações destacadas são positivas, de modo que a maioria dos alunos informaram ter boa relação com os colegas (50,5%) e em relação ao relacionamento entre os discentes e professores (58,8%), destacou uma boa relação. De acordo com o questionário aplicado, no que se refere ao apoio na escola quando se sentiam tristes, preocupados ou cansados, 52,6% dos alunos disseram nem sempre se sentirem apoiados.

Os alunos participantes da pesquisa (56,6%) nem sempre tinham horário de descanso nos dias em que estavam no IFPB em período integral. Destes, 90,7% disseram se sentir cansados nos dias de período integral de atividades no IFPB, pois saem muito cedo de casa (46,4%), têm muitas aulas (53,6%), têm pouco tempo para descanso (59,8%), têm muitas atividades (39,2%), os conteúdos exigem muito para aprender (40,2%). Apesar do cansaço evidenciado pelos alunos, positivamente foi avaliado o desempenho por eles próprios no processo de aprendizagem em tempo integral. O instrumento de pesquisa também continha uma escala de avaliação das condições e organização do trabalho educativo em tempo integral. Como resultado, 53,6% dos alunos consideraram satisfatório ou muito satisfatório o apoio psicológico na escola. Os aspectos avaliados como insatisfatórios ou muito insatisfatórios foram: lugares para descanso na escola (76,3%); descanso após o almoço (73,1%); horário que sai de casa para a escola (69,1%); e horário que chega da escola (56,7%). No tocante à identificação preliminar de Burnout pré-profissional, 51,5% dos estudantes apresentaram risco elevado para o desenvolvimento da Síndrome.

Os alunos que apresentaram baixo risco (nenhuma dimensão alterada) eram assim caracterizados: 100% moradores de área urbana e com acesso à internet em casa, 92% não apresentavam problemas de saúde, 85% se sentiam cansados nos dias em que estavam no IFPB em período integral, 69% mulheres, com computador em casa e avaliavam seu desempenho enquanto estudante como bom, 62% tinham renda familiar de até um salário mínimo, avaliavam a relação com os colegas de classe e com os professores como boa e nem sempre tinham horários de descanso nos dias em que estavam no IFPB em período integral, 54% levavam menos de uma hora no deslocamento de casa para a escola, se alimentavam nos dias em que estavam no IFPB em período integral acessando o restaurante estudantil e não participavam de atividades extras na escola, 46% nem sempre se sentiam apoiados na escola quando estavam tristes, preocupados ou cansados.

Já os participantes que apresentaram risco elevado (pelo menos duas dimensões alteradas) para o desenvolvimento de *Burnout* assim se caracterizavam: 94% com acesso à internet em casa, 90% se sentiam cansados nos dias em que estavam no IFPB em período integral, 86% moradores de área urbana, 76% mulheres e com computador em casa, 72% não apresentavam problemas de saúde, 68% nem sempre se sentiam apoiados na escola quando estavam tristes, preocupados ou cansados, 66% avaliavam a relação com os professores como boa, 56% tinham renda familiar de até um salário-mínimo, 54% levavam menos de uma hora no deslocamento de casa para a escola, 52% se alimentavam nos dias em que estavam no IFPB em período integral acessando o restaurante estudantil, avaliavam a relação com os colegas de classe como boa e nem sempre tinham horários de descanso nos dias em que estavam no IFPB em período integral, 50% participavam de atividades extras na escola (Carlotto, 2010).

Desta caracterização dos alunos situados nas extremidades do diagnóstico de baixo e alto risco de comprometimento por *Burnout* pré-profissional, destaca-se o sentimento de ausência de apoio na escola quando os alunos se sentem tristes, preocupados ou cansados como um ponto negativo que orienta o olhar para um elemento que favorece o desencadeamento da Síndrome (Câmara & Carlloto, 2024). Quando os alunos recebem algum apoio nesses momentos, identificam nos amigos, majoritariamente, os apoiadores e alguns fazem menção ao apoio recebido por professores. Mas nenhum identifica o setor de Psicologia ou de Assistência Social como fontes desse suporte. Essa constatação contradiz a característica desses setores na instituição, pois o apoio estudantil deveria ser o cerne de suas ações. Portanto, em um ambiente de estudo em tempo integral, que exige muito dos alunos nos quesitos físico e mental e onde, muitas vezes, vivenciam histórias de amor e dor em relação ao seu desempenho como alunos e nas relações interpessoais, a Síndrome de *Burnout* pré-profissional é um grave problema de saúde possível de acometer os alunos, prejudicando seu bem-estar e seu desenvolvimento educacional (Lopes, 2024).

De forma geral, foi verificado por meio desta pesquisa com os alunos que estudam em tempo integral que o cotidiano de estudo apresenta relações interpessoais e condições de infraestrutura escolar regulares, apresentando ao mesmo tempo pontos positivos e negativos. Vislumbraram-se boas condições de alimentação durante o período de atividades em tempo integral e uma boa relação entre colegas e com os professores, mas também se viu o cansaço diante de ter que sair muito cedo de casa, ter muitas aulas e atividades, ter pouco tempo para descanso e ter muita exigência dos conteúdos para aprender. Diante disso, o risco de acometimento com a Síndrome de *Burnout* pré-profissional foi evidenciado no Instituto, com 86,5% de estudantes com risco moderado ou alto de desenvolver este problema. Este resultado chama a atenção para a necessidade de intervenções por meio dos gestores da instituição.

Tal investigação sinalizou aspectos frágeis dos alunos, de modo a alertar gestores locais e ou institucionais sobre os pontos de atenção a serem considerados em encaminhamentos e execuções de propostas pedagógicas e ou políticas, na perspectiva de avanço de soluções para melhoria das condições de realização do trabalho discente em nível de unidade escolar e ou de sistema de ensino. No que se refere a propostas de educação em tempo integral, pode-se sugerir, inicialmente, políticas escolares de melhoria contínua das condições físicas e de organização educacional como atenção a horários e locais adequados para descanso, estrutura para refeições e para aulas práticas, dosagem de aulas e atividades extraclasse, momentos de estudos e planejamento, calendários e propostas avaliativas etc.

E no que diz respeito à atenção com os alunos, é necessário um melhor planejamento das ações de Psicologia e Assistência Social na instituição e um maior e acompanhamento desses setores por parte da gestão, de modo que os alunos, quando necessitarem, possam enxergar e encontrar nesses setores, o apoio para os momentos difíceis, reduzindo assim as sensações de insegurança e solidão que podem elevar frustrações e negatividades nos jovens. As relações interpessoais no espaço de constante convívio como é a escola de tempo integral são primordiais para minimizar as sensações de frustração e estresse, trazendo mais acolhimento e integração pessoal entre os alunos para enfrentarem as situações advindas das demandas de estudo e de suas vidas em construção. No ponto de vista conclusivo, a Síndrome de *Burnout* pré-profissional exige estudos e divulgação para que as instituições conheçam e busquem medidas de prevenção, evitando que seja afetada a vida dos alunos.

Referências

Benevides-Pereira, A. M. T. (2010). Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador (4th ed.). Casa do Psicólogo.

Brasil. (2017, fevereiro 16). Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho de 2007, que regulamenta

Câmara, S. G., & Carlotto, M. S. (2024). Estressores acadêmicos como preditores da síndrome de burnout em estudantes. *Revista Brasileira de Educação*, *29*, e290020.

Carlotto, M. S. (2007). Preditores da Síndrome de Burnout em professores. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), 11(1), 101-110.

Carlotto, M. S. (2010). Síndrome de Burnout: diferenças segundo níveis de ensino. *Psico*, *41*(4).

Carlotto, M. S., & Câmara, S. G. (2008). Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. Psico, 39(2), 152-158.

Codo, W., & Vasquez-Menezes, I. (2000). Trabalho docente e sofrimento: Burnout em professores. In J. C. Azevedo et al. (Orgs.), Utopia e democracia na educação cidadã (pp. [páginas do capítulo]). UFRGS/Secretaria Municipal de Educação.

Correia, D. M. N., Diniz, M. L., & Leite, M. I. C. (2017). Estresse em docentes do ensino fundamental no município de Boa Ventura – PB. *Revista Brasileira de Saúde e Segurança no Trabalho*, 1(1), 32-37.

Ferenhof, I. A. e Ferenhof, E. A. Burnout em professores. Eccos, Vila Maria, n. 1, p. 131-151, 2002.

Ferraz, M. F., & Pereira, A. S. (2002). A dinâmica da personalidade e o homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 3(2), 149-164.

Flick, U. (2009). Introdução à pesquisa qualitativa. Artmed.

Fundeb, a CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei n. 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei n. 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, 17 de fevereiro de 2017.

Garcia, L. P., & Benevides-Pereira, A. M. T. (2003). Investigando o burnout em professores universitários. Revista Eletrônica InterAção Psy, 1(1), 76-89.

Gasparini, M. S., Barreto, M. S., & Assunção, A. A. (2005). O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Saúde, 31(2), 189-199.

Jesus, S. (2001). Pistas para o bem-estar dos professores. Educação, 24(43), 123-132.

Jesus, S. N. (2004). Psicologia da educação. Quarteto.

Juncá, D. C. M. (2012). Entre brasas e cinzas? Notas introdutórias sobre a saúde no cenário universitário. Vértices, 14(Especial 1), 199-218.

Limongi-França, A. C. (2008). Psicologia do trabalho: Psicossomática, valores e práticas organizacionais. Saraiva.

Lopes, H. P. (2024). Síndrome de burnout e educação: prevalências e fatores associados em estudantes do ensino médio da rede pública estadual de Mato Grosso.

Maslach, C., & Jackson, S. E. (1986). Maslach burnout inventory. Consulting Psychologist Press

Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. (2013, junho 13). Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União.

Mosquera, J. J. M., & Stobäus, C. D. (1996). O mal-estar na docência: Causas e consequências. Educação, 19(31), 139-146

Nakamura, A. P. (2006). Síndrome de Burnout em estudantes universitários da área da saúde. Psico, 37(1), 57-62.

Silva, S. P. C. S. (2012). A síndrome de burnout em profissionais da rede de atenção primária em saúde de Aracaju (Dissertação de mestrado). Universidade Tiradentes

Vasques-Menezes, I. (2005). A contribuição da psicologia clínica na compreensão do burnout – um estudo com professores (Tese de doutorado). Universidade de Brasília.

ENTRE O TRABALHO E O ESTUDO: UMA ANÁLISE NARRATIVA DE ESTUDANTES DA EJA

Marlon Johnny Ribeiro da Silva – UNIFIP
Manoel Barbosa de Lira Neto – UNIFIP
Maria Eduarda Rodrigues Dantas – UNIFIP
Yanne Souza Soares – UNIFIP
Larissa Raposo Diniz – UNIFIP

RESUMO: O presente trabalho se caracteriza como um estudo narrativo que objetiva compreender a relação entre o trabalho e o estudo na vida de estudantes do contexto da Educação de Jovens e Adultos e como eles interagem para o surgimento de vulnerabilidades e potencialidades específicas desta realidade. Foi realizado então entrevistas semiestruturadas com esses estudantes, que foram transcritas, separadas e categorizadas, para serem, por fim, analisadas procurando similaridades entre os relatos e procurando entender o perfil de cada entrevistado. Foram entrevistados seis indivíduos de uma escola municipal que oferece a modalidade EJA, de ambos os sexos, com idades entre 44 e 71 anos. Por fim, teve como resultado o entendimento do trabalho como principal causa da interrupção da continuidade da educação formal e, ainda, a busca por aprimoramento profissional como principal razão da entrada na EJA, proporcionou também informação sobre a fadiga como principal dificuldade enfrentada e a capacidade de associação de conhecimentos do trabalho e do estudo formal como principal potencialidade advinda desta interação.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Trabalho; Vulnerabilidades.

Introdução

A partir de uma análise histórica do surgimento das primeiras instituições de ensino no nosso país podemos perceber um claro descaso do poder público em relação a necessidade do acesso às salas de aula por parte das camadas mais baixas na pirâmide social (Shiroma & Lima, 2011). Alterando nosso foco para um quadro mais recente como da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), apesar de grandes avanços no cenário da construção de novas políticas públicas educacionais, podemos observar a clara predominância dos interesses do ensino privado sobre a ideia do estabelecimento de uma educação que alcançasse todas as esferas sociais (Jung & Fossatti, 2018).

Embora que nos dias de hoje se trate de um direito garantido a todos em constituição, a realidade percebida evidencia muitos casos em que o direito à educação não passa de uma formalidade, imaginosa. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, 5,8% das pessoas com 15 anos ou mais em relação a idade, correspondente a 9,6 milhões de pessoas, eram analfabetas no Brasil (IBGE, 2022).

Partindo para o cerne desta pesquisa, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi determinada a partir da sanção da lei 9394 (1996), que estabelece a EJA como uma modalidade de ensino a parte, estando sob a responsabilidade do Poder Público e destinada a estes alunos que não tiveram condições de dar continuidade a seu estudo, para a conclusão do ciclo de Educação Básica.

Dentro desse contexto da EJA, a evasão escolar é um grande obstáculo encontrado - cabe aqui enfatizar que este é fruto do cenário extremamente desigual do nosso país. Freire e Carneiro (2016), traçando possíveis explicações para este problema argumentam que os motivos da evasão escolar pelos alunos da EJA são diversos, como a impossibilidade de conciliar trabalho e estudo, questões familiares, dificuldade de acesso à escola, entre outros. Entretanto, na sociedade capitalista em que vivemos uma das principais causas da evasão é o trabalho (p. 2).

O público da EJA como entendemos, em sua maioria trabalhadores, a partir do avanço das técnicas se vê cercado e necessitado de se capacitarem cada vez mais para a possibilidade de encontro a novos trabalhos, estes que em sua grande parte têm como exigência um nível de ensino - pelo menos - fundamental completo. Desta maneira compreende-se que a esta população existe uma dinâmica específica entre trabalho e estudo a ser analisada.

A relação de como o trabalho serve em um mesmo instante como impedimento para muitos jovens e adultos terem acesso a seu direito à educação pode servir como pontapé inicial para este mesmo público adentrar as salas de aula da EJA foi a grande razão provocadora da realização desta pesquisa. Ademais, urge a necessidade de dar evidência a este tema e a contribuição, a nível científico, com este espaço de enorme importância.

Esta pesquisa tem como objetivo geral a investigação de como o trabalho e o estudo interatuam na vida de estudantes da EJA. Por objetivos específicos temos: a) entender como o trabalho pode se consolidar como uma das principais motivações tanto para a evasão escolar, quanto para o aumento da busca pelo Ensino de Jovens e Adultos; b) Compreender quais são as dificuldades e potencialidades advindas da interação entre trabalho e estudo na vida de estudantes dessa modalidade.

Levando em consideração as oportunidades que podem ser aproveitadas por estudantes da EJA, como realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a possibilidade de admissão em cursos superiores - além de obter uma melhor qualificação profissional - levanta-se a hipótese de que um dos principais motivos para que as pessoas procurem essa modalidade é uma tentativa de melhor inserção no mercado de trabalho.

Ainda nessa linha, existe a hipótese de que a atividade laboral contribui para o surgimento de vulnerabilidades, que podem tornar o percurso educacional desses estudantes mais difícil. Em contrapartida, essas atividades também podem contribuir para o desenvolvimento de potencialidades que podem ser exploradas no cenário educacional.

MÉTODO

Delineamento e Hipóteses

A pesquisa é de caráter narrativo, tendo por objeto de estudo a própria história de vida dos participantes (Gil, 2022). Busca compreender as seguintes hipóteses: a) muitas pessoas optam por ingressar no Ensino de Jovens e Adultos para conseguir uma melhor qualificação para o mercado de

trabalho; b) a atividade laboral contribui para o desenvolvimento de potencialidades importantes para o cenário educacional; e c) a atividade laboral contribui para o desenvolvimento de vulnerabilidades no cenário educacional.

Participantes

Foram alcançados seis participantes, de ambos os sexos, correspondendo a três homens e três mulheres de diferentes turmas na Educação de Jovens e Adultos de uma instituição municipal de uma cidade do sertão paraibano que oferece esta modalidade de ensino, as idades que variaram entre 44 e 71 anos.

Instrumentos

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, realizada pelos alunos responsáveis pela elaboração da pesquisa, as perguntas objetivavam buscar entender os pormenores da relação entre o trabalho e o estudo na vida de estudantes da modalidade EJA, a modelo de "existe alguma habilidade ou conhecimento que você tenha adquirido no trabalho e usado na sala de aula?" e "o que você faz para conciliar trabalho e estudo?". Utilizou-se do espaço da instituição para realização das entrevistas.

Procedimentos e Aspectos Éticos

Através de uma visita a instituição, se deu uma reunião com o diretor, visando alinhar as informações sobre o objetivo da pesquisa e quais seriam os meios utilizados para a realização da mesma. Os participantes foram alunos voluntários, que se dispuseram a participar da entrevista após receberem uma explicação detalhada sobre todo o procedimento e qual seria a sua aplicabilidade. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio após a autorização dos participantes e em um segundo momento foram transcritas para facilitar a análise.

Foi elaborado um termo de consentimento, no qual foi solicitada a assinatura dos participantes, com o objetivo de garantir a permissão necessária para que a entrevista fosse feita, registrada e analisada, explicitando como os dados coletados seriam utilizados no estudo, garantindo o direito à informação que consta na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. O termo também garante o mantimento do sigilo, resguardando quaisquer dados pessoais dos participantes, garantindo o direito que consta na resolução 580/18. Por fim, garante que os participantes consigam fazer as suas escolhas com autonomia e sejam tratados com dignidade, como consta na resolução 466/12. Para que se mantivesse o anonimato dos participantes, os pesquisadores optaram por os representarem na análise das entrevistas e no corpo do estudo a partir de nomes fictícios.

Análise de Dados

As respostas coletadas através da entrevista foram transcritas e analisadas cuidadosamente pelos elaboradores do estudo, procurando entender o perfil de cada participante e observar como se dá a relação destes com os estudos e com o trabalho. Os dados foram analisados a partir da análise de

conteúdo, seguindo os procedimentos de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Bardin, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à interrupção da educação formal, fica marcante como a necessidade do trabalho interferiu na vida dos entrevistados. Em grande parte dos relatos essa necessidade se fez extremamente presente e, em todos os casos escutados, esse trabalho se apresenta como de natureza informal e muito cedo na vida desses estudantes da EJA devido ao processo de precarização do trabalho estimulado pelo avanço da globalização, resultando em fragilidade e insegurança constantes, o que força os trabalhadores a se submeterem às exigências do mercado (Ferreira & Pereira, 2018).

Essa necessidade do trabalho é explicada por fatores econômicos dos entrevistados, como no caso de Gilberto, 61 anos, que afirma "parei para trabalhar, porque eu trabalhava para poder sobreviver, né?". Chico, 71 anos, também relata que ajudava seu pai na agricultura por se tratar de um indivíduo de menor condição financeira, além disso, Chico acrescenta que a dificuldade de acesso a escolas próximo à região rural onde residia.

No relato de Rita, 48 anos, podemos analisar alguns pontos. Rita compartilha com Chico a necessidade do trabalho estando inserida dentro de um contexto rural, mas o que separa esses dois relatos é a ênfase no trabalho doméstico, do qual é a principal atividade cobrada às mulheres, mesmo muito novas. Mais para frente em seu relato, Rita nos informa que tomou a decisão de se mudar, motivada pelo convite de um emprego e, então, surge a oportunidade de adentrar dentro das quatro paredes de uma escola, até que engravidou e então teve que interromper novamente seus estudos.

A partir das narrativas dos entrevistados obtidos pôde-se observar a existência de uma divergência, marcada pelo sexo do participante, para as razões da interrupção do estudo na educação básica. Enquanto entre os homens predominou a evasão escolar motivada pela necessidade de se entrar na atividade do mundo do trabalho. As mulheres ouvidas relataram que a principal causa de terem abandonado o estudo foi terem engravidado e, por isso, terem que assumir a responsabilidade sobre a criação da criança. Bethânia, 44 anos, descreve essa necessidade muito bem quando afirmou que: Filho é a principal causa que você não pode estudar, porque você abre mão do seu filho para vir para o estudo. Ou você estuda ou você abre mão do filho. E uma mãe que cuida, que se dedica, que ela é só, ela não pode abrir mão do seu filho. Ela tem que esperar o tempo que ela vai ter para ela (Bethânia).

Um outro trecho que chama muita atenção é acontece na entrevista com Caetano, 65 anos, que ao se descrever enquanto uma criança impulsiva e que gostava muito de brincar e ao ser entendido pelo pai como que "não estava prosperando" na educação formal teve seus livros didáticos queimados e obrigado a trabalhar, como afirma ele: Era muito moleque ruim, impulsivo. Ruim não, impulsivo. E aí ele resolveu dizer 'não, estudar você não vai mais não, você vai agora é trabalhar'. Queimou os

livros, queimou caderno, queimou os livros que eram simplesmente aquelas coisinhas... simples, queimou o livro e aí ali é só trabalho (Caetano).

O movimento de procura e de entrada dos entrevistados ao cenário da Educação de Jovens e Adultos se caracteriza em sua maior parte por se encontrarem em momentos em que eles mesmos se consideram com mais tempo disponível ou, como Chico diz: “Acabou minha luta maior, né? Eu vivia trabalhando em curral, em luta de gado, não tinha tempo pra nada. Aí saí, me aposentei, vim pra rua, aí fiquei trabalhando aqui na rua, arranjei a escola e fiquei estudando (Chico).

Os homens entrevistados, por mais que ainda desempenhem atividade laboral, são todos aposentados e retornam às salas de aulas agora por terem a urgência da priorização do trabalho reduzida. Já no caso das mulheres participantes da pesquisa, se observou que Gal, 48 anos, e Rita entraram na EJA ao terem suas responsabilidades enquanto mães reduzidas, com seus filhos já mais crescidos, como pode ser notado pelo relato de Rita que diz “Minha prioridade no momento era meu filho, pari e cuidei dele né? Aí pronto, tive ele, cuidei, hoje ele tem 22 anos, aí estuda já também, faz faculdade, aí surgiu essa vontade de retomar os estudos”.

Em relação ao objetivo dos entrevistados de ingresso na EJA pôde ser observado predominantemente estar relacionado a procura por qualificação profissional e superar as limitações que a ausência de um ensino formal impõe, como é o caso de Gilberto que afirma ter perdido um emprego por não ser alfabetizado e agora pretende adentrar o espaço da Faculdade e se formar em Direito.

Tendo visto o sonho de Gilberto, a EJA, assume um papel que Machado & Pauludo (2014) consideram que, articulada com a relação trabalho e educação, permite que os seus alunos, em sua maioria trabalhadores, desenvolvam habilidades e conhecimentos diretamente relacionados às atividades laborais, contribuindo para a sua qualificação e valorização no mercado de trabalho. Das vulnerabilidades observadas com a análise das entrevistas podemos destacar a rotina dos alunos da EJA que pode ser muito exaustiva, com diversas obrigações no trabalho e, principalmente nas mulheres, domésticas. Bethânia, por exemplo, relata o cansaço a ser superado para poder estar indo diariamente para a escola: Quando eu chego em casa, o corpo está pedindo para descansar. O corpo pede para descansar, mas a sua mente diz que não pode. Só pode descansar depois que vir para a aula. Aí pronto, é o que motiva a gente a força de vontade, de terminar e seguir em frente (Bethânia).

Outra dificuldade mencionada por ela são a falta de apoio da família para motivá-la a ir para escola, com o filho que às vezes insiste que a mãe falte a aula para ficar com ele. A alternativa que ela encontrou para ir para a escola foi deixar seu filho sozinho em casa, já que a partir de seu relato, o marido se mostra ausente das responsabilidades paternas.

O fator fadiga associado às dificuldades comuns de toda sala de aula com o conteúdo é percebido por Bethânia que afirma: “Pronto, quando a gente está sobrecarregada, que está cansada,

exausta, a mente da gente fica fechada. Na matemática, a minha mente se fecha. Eu não consigo fazer as tarefas, não consigo alcançar. A meta que é para alcançar.".

Novamente em relação a rotina cansativa dos entrevistados, isso apresenta danos ao desenvolvimento acadêmico, com a maioria deles relatando a ausência de tempo para estudar fora da escola, tendo pelo tempo em sala de aula como único período do dia para disponibilizar tempo para essa atividade.

Apesar dessas adversidades, todos os participantes da pesquisa alegaram não considerar que o trabalho atrapalhe o estudo. Além disso, eles afirmam que são capazes de separar trabalho e estudo. A partir disso, Chico afirma: "Cansaço a gente tem né, porque a gente trabalha o dia todinho e chega cansado, mas eu tenho prazer de vir pra escola.".

Ao estarem diariamente superando suas dificuldades, fica bem claro a partir de seus relatos a interação do trabalho e do estudo e como ambos podem contribuir mutuamente para o desenvolvimento, também, de potencialidades que podem ser aproveitadas. Fica claro como no caso dos entrevistados trabalhos que lidam com o público, no âmbito do comércio, por exemplo, contribuíram para o desenvolvimento de habilidades sociais, que eles consideram úteis na escola. Apesar de que nesse quesito percebe-se que os indivíduos tiveram uma dificuldade inicial para sugerirem habilidades provenientes do trabalho úteis em sala de aula.

Em contrapartida, os alunos tiveram maior facilidade para citarem como o estudo contribui para o dia a dia deles, percebendo contribuições como na realização de operações matemáticas e na iniciação ao mundo da leitura e escrita. Chico deixa isso claro quando relata que: Porque antigamente quando eu trabalhava, eu trabalhava brutal, não sabia de nada. E hoje quando eu vou pra um serviço eu já entendo melhor o que é pra fazer, o que indica aquele trabalho, se tá mais fácil pra eu fazer (Chico).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo e das análises realizadas pode-se considerar as hipóteses iniciais de que a qualificação profissional se caracteriza como uma das principais motivações que levam os indivíduos a procurar a EJA e que a interação entre o trabalho e o estudo podem contribuir para o surgimento de vulnerabilidades e potencialidades que merecem atenção por parte de pesquisadores e indivíduos interessados na Educação de Jovens e Adultos.

O ambiente estudado se particulariza pela presença de indivíduos de idade já mais avançada em comparação com outros contextos educacionais, que não tiveram acesso a educação formal durante a fase da vida prevista e lutam diariamente no enfrentamento das suas dificuldades internas e contextuais. É um ambiente com muitas características próprias e muito rico, portanto, um ambiente muito propício para o desenvolvimento de pesquisas que busquem cada vez mais adentrar as

profundidades de cada contexto. Por isto, o presente trabalho é de grande relevância para o cenário acadêmico, abrindo espaço para a promoção do debate sobre um espaço pouco explorado.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2016). Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70.

Ferreira, D. F., Pereira, V. A. (2018). A Relação Trabalho e Educação e suas Implicações na Educação de Jovens e Adultos. RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade, 4. https://doi.org/10.23899/relacult.v4i0.819

Freire, P. C. M., & Carneiro, M. E. F. (2016). REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONTRADIÇÕES E POSSIBILIDADES. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, 1(10), 34–43. https://doi.org/10.15628/rbept.2016.3469

Gil, A. C. (2022). Como Elaborar Projetos de Pesquisa (7th ed.). Grupo GEN. https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9786559771653

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). Censo Demográfico 2022: Alfabetização: Resultados do universo. Brasília, DF: IBGE.

Jung, H. S., & Fossatti, P. (2018). DUAS DÉCADAS DE LDB 9394/96: GÊNESE, (DES)CAMINHOS, INFLUÊNCIA INTERNACIONAL E LEGADO. Teoria E Prática Da Educação, 21(3), 53-65. https://doi.org/10.4025/tpe.v21i3.45213

Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (1996). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Recuperado em 13 de março de 2024, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

Machado, R., & Paludo, C. (2014). *Educação De Jovens E Adultos (EJA) E A Relação Trabalho/Educação No Trabalho De Educação Popular Rita de Cássia Fraga Machado Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Brasil*.

Shiroma, E. O., & Lima Filho, D. L.. (2011). Trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica e no PROEJA. Educação & Sociedade, 32(116), 725–743. https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000300007

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

TRABALHOS COMPLETOS

NEUROPSICOLOGIA E NEURODESENVOLVIMENTO

NEURODIVERSIDADE E CIÊNCIA TRANSLACIONAL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Maria Edisandy Bezerra dos Santos – UNIFIP
Fernanda de Souza Pereira – UFPB
Josefa Wanilla da Costa Medeiros – UFPB
Giovani Amado Rivera – UNIFIP

RESUMO: A neurodiversidade propõe uma abordagem que reconhece e valoriza as diferentes formas de desenvolvimento neurológico, desafiando as visões tradicionais que tratam essas variações como patologias ou disfunções. O objetivo foi explorar a relação entre os conceitos de neurodiversidade e ciência translacional, abordando como as perspectivas sobre as diferentes formas de neurodesenvolvimento podem ser integradas nas práticas de pesquisa translacional. A metodologia envolveu uma análise de artigos publicados entre 2021 e 2024, em inglês, por meio de bases como Google Acadêmico, Scielo e PubMed, utilizando os termos "neurodiversidade" e "ciência translacional". Quatro artigos foram selecionados, os quais evidenciam a importância de integrar a neurodiversidade à pesquisa translacional, reconhecendo características cognitivas adaptativas e propondo novos modelos que valorizam a pluralidade neurológica. Como conclusão, destaca-se que a inclusão de abordagens colaborativas e o reconhecimento das competências únicas dos indivíduos neurodivergentes podem transformar as práticas de pesquisa, gerando impacto positivo tanto na teoria quanto na aplicação clínica.

Palavras-chave: Neurodiversidade; Ciência Translacional; Inclusão.

INTRODUÇÃO

A concepção de neurodiversidade surgiu em 1998, quando a socióloga australiana Judy Singer, que também faz parte do espectro autista, juntamente com o jornalista Harvey Blume, popularizou o termo. Este conceito se refere às diversas variações das estruturas neurológicas dos seres humanos, englobando aspectos sociais, comportamentais e cognitivos, como habilidades de aprendizagem, atenção, humor, entre outros (Bolourian et al., 2018). Em vez de considerar essas diferenças como patologias ou disfunções, a neurodiversidade propõe um olhar que valoriza a pluralidade das formas de ser, desafiando os modelos clínicos e médicos tradicionais. Essa abordagem se torna fundamental no contexto contemporâneo, pois oferece um novo paradigma de compreensão das diferenças, essencial para a construção mais preparada e receptiva à diversidade humana.

Dentro desse movimento, as pessoas que se identificam com esses diagnósticos são frequentemente denominadas "neurodivergentes", um termo que reflete a ideia de que suas formas de funcionamento mental são diferentes daquelas tidas como predominantes na sociedade. Ser neurodivergente significa ter uma organização neurocognitiva que não segue os padrões amplamente aceitos, o que implica uma diversidade de formas de viver e perceber o mundo, desafiando a norma social (Walker, 2021; Walker & Raymaker, 2021).

Destarte, o movimento pela neurodiversidade, como um ativismo emergente nas últimas duas décadas, questiona a ideia de um modelo cerebral desejável ou correto para a espécie humana, propondo a normalização de todas as diferenças cerebrais (Cardoso & Abreu, 2021). Ele promove um paradigma que desafia a visão tradicional de uma "norma" neuronal, refletindo uma mudança

ideológica que questiona as fronteiras entre as minorias neurológicas e a maioria neuronormativa, conforme o conceito de "diferença dentro da diferença" proposto por Chapman (2020).

Segundo Abreu (2022), o termo "neurodiversidade" apresenta uma ambiguidade, referindo-se tanto a características individuais quanto a um movimento político. Baseando-se na obra de Singer (2017), Abreu lista quatro objetivos centrais desse movimento: a mudança do discurso estigmatizante em relação às neuro-minorias, a valorização dos aspectos positivos das neurodivergências em oposição à visão deficitária, a luta pela inclusão social das pessoas neurodivergentes, e a demonstração de que a inclusão traz benefícios para toda a sociedade. Esse movimento aproxima-se da luta por representatividade das pessoas com deficiência, uma categoria na qual algumas neurodivergências estão classificadas, e busca entender a diversidade dentro da própria neurodiversidade.

O conceito de "pesquisa translacional" surgiu na década de 1960, inicialmente relacionado à área de Oncologia. O Instituto Nacional de Câncer dos EUA define pesquisa translacional como o processo de transformar descobertas científicas em aplicações clínicas com o objetivo de reduzir a incidência, morbidade e mortalidade de doenças (Wendler et al., 2013). A abordagem moderna da pesquisa translacional ganhou destaque em 2002, quando um editorial no *Journal of the American Medical Association* (JAMA) enfatizou a necessidade de traduzir os novos conhecimentos adquiridos na pesquisa básica em estratégias de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças (Fontanarosa, 2002).

A pesquisa translacional, segundo o Instituto de Medicina dos EUA, envolve a aplicação de descobertas de laboratório e estudos pré-clínicos para testes clínicos em humanos, enquanto a segunda se concentra na tradução dessas pesquisas para melhorar a adoção de práticas de saúde na comunidade (Sung, 2003). Uma abordagem mais abrangente propõe uma integração entre pesquisa básica, clínica e estudos populacionais, com o objetivo de melhorar a saúde da população a longo prazo (Brasil, 2020).

Nessa perspectiva mais ampla, a pesquisa translacional envolve um movimento dinâmico e interativo que abrange diferentes dimensões, incluindo as necessidades de saúde, os métodos de pesquisa, os envolvidos nas investigações e os pontos de interseção entre esses elementos. O objetivo é usar as evidências para superar lacunas de conhecimento e promover mudanças no cuidado à saúde de forma ética, responsável e eficaz.

Este trabalho justifica-se pela dificuldade de acesso às evidências por parte dos serviços e dos potenciais usuários do conhecimento como a exemplo indivíduos neurodivergentes, a restrição do conhecimento à academia e a falta de recursos e investimentos também contribuem para essas limitações. Outro desafio importante é a desvalorização histórica das pesquisas qualitativas, que

muitas vezes são essenciais para uma compreensão mais ampla dos fenômenos, especialmente nas áreas de saúde e neurodiversidade.

Diante desse panorama, o objetivo deste estudo é explorar a relação entre os conceitos de neurodiversidade e ciência translacional, abordando como as perspectivas sobre as diferentes formas de neurodesenvolvimento podem ser integradas nas práticas de pesquisa translacional. Esse estudo busca contribuir para a superação das barreiras existentes, ampliando a compreensão sobre as interações entre esses campos e propondo formas de aplicar esses conhecimentos de maneira mais inclusiva e eficaz nas práticas clínicas e sociais.

MÉTODO

O presente trabalho consiste em uma revisão narrativa de literatura, com o objetivo principal de descrever e discutir as principais publicações sobre o tema da neurodiversidade e sua relação com a ciência translacional, abordando como o tema se desenvolve a partir de diferentes pontos de vista teóricos. A coleta de material foi realizada de forma sistemática ao longo do mês de outubro de 2024, com foco em publicações em língua inglesa de estudos publicados entre os anos de 2021 a 2024.

As fontes de pesquisa utilizadas foram as bases de dados Google Acadêmico, Scielo e PubMed. Os termos de busca utilizados foram: "neurodiversidade" PLUS "ciência translacional". Após uma análise criteriosa, foram selecionados e incluídos 4 artigos científicos de periódicos internacionais para revisão. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de interpretação livre, um método utilizado para extrair significados e padrões a partir das fontes documentais (Bardin, 2016; Minayo, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como anteriormente exposto, este estudo teve como objetivo realizar uma revisão parcial (narrativa) de literatura brasileira sobre a neurodiversidade e a ciência translacional. Nessa revisão foram incluídos quatro artigos que são descritos no Quadro 1.

Quadro 1

Artigos incluídos na revisão narrativa

Ano	Título	Autoria	Revista	Objetivo
2022	Annual Research Review: Shifting from ‘normal science’ to neurodiversity in autism science	Elizabeth Pellicano Jacquiline den Houting	Journal of Child Psychology and Psychiatry	Examinar como o conceito de neurodiversidade pode ser integrado ao estudo do autismo.
2021	Ethical dimensions of translational developmental	Arianna Manzini Emily J.H. Jones Tony Charman	Journal of Child Psychology	Explorar os avanços na identificação de marcadores precoces para o

	neuroscience research in autism	Mayada Elsabbagh Mark H. Johnson Ilina Singh	and Psychiatry	autismo e suas aplicações clínicas.
2023	Cognitive biases as an adaptive strategy in autism and schizophrenia spectrum: the compensation perspective on neurodiversity	Marcin Rządeczka Maciej Wodziński Marcin Moskalewicz	Frontiers in Psychiatry	Entender como os vieses cognitivos podem ser vistos como estratégias adaptativas para indivíduos no espectro autista e da esquizofrenia.
2023	Editorial: Paradigm 'flipping' to reinvigoratetranslational science: Outlining aneurodevelopmental science framework from a'neurodiversity' perspective	Edmund J. S. Sonuga-Barke	Journal of Child Psychology and Psychiatry	Apresentar uma nova perspectiva sobre a ciência translacional no contexto de condições neurodesenvolvimenta, como autismo e TDAH

Fonte: Dados da Pesquisa

O estudo de Pellicano e den Houting (2022), adotou uma metodologia de revisão da literatura, revisando pesquisas anteriores sobre o autismo para analisar como as abordagens tradicionais, focadas em déficits, marginalizam a diversidade neurológica. A análise crítica incluiu uma avaliação das práticas de pesquisa existentes, destacando como elas podem restringir a compreensão das experiências autistas ao focar excessivamente nos déficits e ignorar o contexto mais amplo do indivíduo.

Os resultados sugerem a necessidade de adotar o modelo de neurodiversidade como um paradigma alternativo propondo uma visão alternativa do autismo, focando não nos "déficits", mas na valorização das pessoas autistas como indivíduos únicos. A inclusão de pesquisadores autistas nas colaborações científicas ainda é rara, sendo necessário adotar modelos de co-design participativo. Além disso, a ciência do autismo deve ser direcionada para as prioridades da comunidade autista, garantindo que os avanços científicos resultem em mudanças práticas nos desafios do cotidiano enfrentados pelas pessoas autistas. Esse modelo reconhece as variações neurológicas como parte da diversidade humana, superando as limitações das abordagens tradicionais e ampliando as perspectivas da pesquisa sobre o autismo.

O manuscrito de Manzini et al., (2021), em princípio consistiu em uma revisão abrangente da literatura existente sobre neurociência do desenvolvimento e autismo, com foco nas questões éticas envolvidas. A pesquisa analisou casos específicos de estudos sobre neurodesenvolvimento, considerando os dilemas éticos enfrentados, especialmente em relação à identificação de marcadores

neurodesenvolvimentais para o autismo. Embora grande parte das análises éticas anteriores tenha se concentrado em marcadores genômicos, este estudo destacou a importância das considerações éticas também nas intervenções psicossociais, que impactam não apenas as crianças, mas também os pais, outros membros da família e a sociedade em geral.

A metodologia consistiu em uma análise detalhada das questões emergentes de novas pesquisas, focando principalmente em três áreas centrais: 1) novos modelos para compreender o autismo, 2) os riscos e benefícios da identificação precoce e intervenções, e 3) como comunicar as preocupações iniciais sobre o diagnóstico para as famílias. Os pesquisadores propuseram a criação de um diálogo contínuo entre cientistas e especialistas em ética para facilitar a implementação de intervenções psicossociais, buscando promover o florescimento das crianças autistas e das famílias.

Na pesquisa de Rządeczka et al., (2023) a metodologia envolveu a revisão de modelos clínicos e cognitivos, com destaque para o modelo diamétrico, que vê o autismo e a esquizofrenia como extremos cognitivos com características contrastantes. O autismo é associado ao pensamento sistematizado e estruturado, enquanto a esquizofrenia está ligada à cognição social fluida e ao pensamento desorganizado. O estudo também analisou fatores genéticos que influenciam essas condições, observando como certas variações genéticas podem diminuir o risco de uma condição, enquanto aumentam o risco da outra.

Os resultados principais do estudo sugerem que certos vieses cognitivos presentes no autismo e na esquizofrenia não são apenas disfunções, mas podem representar estratégias adaptativas. Indivíduos com autismo, por exemplo, podem desenvolver habilidades cognitivas específicas, como as habilidades visuoespaciais, como uma forma de compensação pelas dificuldades nas interações sociais. O estudo também destaca a persistência do autismo, apesar de suas desvantagens reprodutivas, sugerindo que essa condição pode trazer vantagens em contextos que exigem precisão e sistematização. Além disso, o estudo argumenta que uma perspectiva evolutiva é crucial para entender condições psiquiátricas, como o autismo, que muitas vezes se originam de antecedentes complexos e multifacetados.

A partir dessa perspectiva, traços que inicialmente poderiam ser vistos como desadaptativos, como a ansiedade ou a depressão leve, podem ser entendidos como mecanismos evolutivos de proteção. Por exemplo, a ansiedade moderada poderia ter servido para ajudar os seres humanos a detectar e evitar ameaças em um ambiente ancestral, enquanto a depressão poderia ter minimizado conflitos sociais, promovido a conservação de recursos ou incentivado a reflexão em tempos de crise. Esse olhar evolutivo pode abrir caminho para modelos computacionais mais eficazes na compreensão das condições psiquiátricas, oferecendo uma visão mais holística sobre como esses traços persistem no conjunto genético da humanidade, apesar dos custos aparentes para a reprodução.

Ademais, Sonuga-Barke (2023) elucidou em uma revisão crítica da literatura existente sobre ciência translacional e neurodesenvolvimento, identificando lacunas e limitações nas abordagens tradicionais. O estudo envolveu a análise de diferentes paradigmas científicos, comparando o modelo tradicional focado em déficits com um modelo que valoriza a neurodiversidade.

O estudo destaca também a importância de uma "mudança de paradigma" na ciência translacional, movendo-se de uma visão de desordem para uma perspectiva de neurodiversidade. Essa mudança não apenas altera o foco da pesquisa, mas também a forma como ela é conduzida. Os autores defendem a inclusão plena de indivíduos neurodivergentes como co-investigadores, em vez de conselheiros externos. Esse modelo é exemplificado pelo estudo RE-STAR, que investiga a depressão em jovens autistas e com TDAH (Sonuga-Barke et al., 2023). Nele, um Painel de Pesquisadores Jovens (Y-RP) formado por jovens neurodivergentes tem um papel central, contribuindo em diversas fases do processo de pesquisa, desde a geração de hipóteses até a divulgação dos resultados.

Os principais resultados sugerem que a inclusão de cientistas neurodivergentes pode enriquecer significativamente o processo de pesquisa. A neuroafinidade, derivada das experiências compartilhadas, poderia melhorar tanto as teorias quanto os métodos, além de tornar as intervenções mais aplicáveis e eficazes. Além disso, os atributos intelectuais e motivacionais dos neurodivergentes, como criatividade, pensamento sistemático, e atenção aos detalhes, são vistos como valiosos para o avanço científico. O estudo propõe a necessidade de mais pesquisas para explorar como essas contribuições podem ser mais bem aproveitadas.

O objetivo inicial deste estudo foi explorar a relação entre os conceitos de neurodiversidade e ciência translacional, visando compreender como diferentes perspectivas sobre o neurodesenvolvimento podem ser integradas nas práticas de pesquisa translacional. Através da análise de diversos estudos, foi possível destacar pontos-chave que comprovam a importância de uma abordagem mais inclusiva e abrangente, que valorize as experiências das pessoas neurodivergentes. O estudo de modelos como o *RE-STAR* evidenciou como a inclusão de indivíduos neurodivergentes, não apenas como participantes, mas como co-investigadores ativos, pode enriquecer o processo de pesquisa. A partir de suas experiências compartilhadas, esses indivíduos podem oferecer novas perspectivas que aprimoram tanto os métodos quanto as intervenções, tornando-os mais aplicáveis e eficazes.

A mudança de paradigma de uma visão de desordem para uma de neurodiversidade, como sugerido pelos artigos, implica em um avanço significativo no campo, promovendo um entendimento mais holístico e colaborativo. Portanto, é necessário que futuros estudos, especialmente revisões narrativas, embasem e apoiem as práticas de pesquisa translacional, levando em consideração a contribuição vital das diversas formas de neurodesenvolvimento para o avanço da ciência. A inclusão de abordagens colaborativas e o reconhecimento das habilidades únicas dos indivíduos

neurodivergentes podem transformar profundamente as práticas de pesquisa e suas aplicações clínicas.

REFERÊNCIAS

Abreu, T. (2022). *O que é neurodiversidade?*. Cânone Editorial.

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (5ª ed.). Lisboa: Edições 70.

Bolourian, Y., Zeedyk, S. M., & Blacher, J. (2018). Autism and the university experience: Narratives from students with neurodevelopmental disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48, 3330-3343. https://doi.org/10.1007/s10803-018-3599-5

Cardoso, C., & Abreu, T. (2021). *Introvertendo 172: Anti-neurodiversidade.* Disponível em: https://www.introvertendo.com.br/podcast/introvertendo-172-anti-neurodiversidade/.

Chapman, R. (2020). Neurodiversity, disability, wellbeing. In H. B. Rosqvist, N. Chown, & A. Stenning (Eds.), *Neurodiversity studies: A new critical paradigm* (pp. 13-30). Routledge.

Fontanarosa, P. B., & De Angelis, C. D. (2002). Basic science and translational research in JAMA. *JAMA*, 287(13), 1728. https://doi.org/10.1001/jama.287.13.1728

Manzini, A., Jones, E. J. H., Charman, T., Elsabbagh, M., Johnson, M. H., & Singh, I. (2021). Ethical dimensions of translational developmental neuroscience research in autism. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 62(12), 1363-1373. https://doi.org/10.1111/jcpp.13494

Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). São Paulo: Hucitec.

Pellicano, E., & den Houting, J. (2022). Annual research review: Shifting from 'normal science' to neurodiversity in autism science. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 63(4), 381-396. https://doi.org/10.1111/jcpp.13534

Rządeczka, M., Wodziński, M., & Moskalewicz, M. (2023). Cognitive biases as an adaptive strategy in autism and schizophrenia spectrum: The compensation perspective on neurodiversity. *Frontiers in Psychiatry*, 14, 1291854. https://doi.org/10.3389/fpsyt.2023.1291854

Singer, J. (2017). *Neurodiversity: The birth of an idea* (2ª ed., rev.) [eBook Kindle]. Author.

Sonuga-Barke, E. J. S. (2023). Paradigm 'flipping' to reinvigorate translational science: Outlining a neurodevelopmental science framework from a 'neurodiversity' perspective. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 64(9), 1405-1408. https://doi.org/10.1111/jcpp.13886

Sonuga-Barke, E. J. S., Chandler, S., Lukito, S., Kakoulidou, M., Moore, G., Cooper, N., ... & Pavlopoulou, G. (2023). How can we move beyond current patient and public involvement models to enrich translational science? A framework for integrating autistic people and those with ADHD into research practice. *British Journal of Psychiatry*, 1-10.

Walker, N. (2021). *Neuroqueer heresies: Notes on the neurodiversity paradigm, autistic empowerment, and postnormal possibilities*. Autonomous Press.

Walker, N., & Raymaker, D. M. (2020). Toward a neuroqueer future: An interview with Nick Walker. *Autism in Adulthood*, 3(1), 5-10. https://doi.org/10.1089/aut.2020.0005

Wendler, M. C., Kirkbride, G., Wade, K., & Ferrell, L. (2013). Translational research: A concept analysis. *Research Theory in Nursing Practice*, 27(3), 214-232. https://doi.org/10.1891/1541-6577.27.3.214

Sung, N. S., Crowley, W. F., Genel, M., Salber, P., Sandy, L., Sherwood, L. M., ... & Treadwell, M. (2003). Central challenges facing the national clinical research enterprise. *JAMA*, 289(10), 1278-1287. https://doi.org/10.1001/jama.289.10.1278

ESTRATÉGIAS DE ENSINO DA NEUROANATOMIA NO CURSO DE PSICOLOGIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Wivian Diniz, UNIFIP – UNIFIP
Ana Clara Silva Fernandes – UNIFIP
Ana Elisa Candeia Tavares Da Silva – UNIFIP
Suzana Cinthia Silva Oliveira de Albuquerque – UNIFIP

RESUMO: Este estudo apresenta uma revisão integrativa da literatura sobre as estratégias de ensino da neuroanatomia no curso de Psicologia, visando analisar os métodos utilizados e seus impactos no desempenho acadêmico. A revisão inclui estudos em português, acessados em bases de dados como Google Acadêmico, Portal Capes, EBSCO e SciELO, e exclui publicações que abordam neuroanatomia para fenômenos psicológicos ou com foco em animais. Constatou-se que o ensino de neuroanatomia é especialmente desafiador, demandando abordagens inovadoras que incentivem a participação ativa dos estudantes, promovendo aprendizado significativo. Entre as estratégias mais eficazes estão o uso de modelos anatômicos de baixo custo, a aplicação de inteligência artificial e a adoção de teorias de aprendizagem, como a Análise do Comportamento, que facilitam a compreensão e o engajamento dos alunos. A revisão revelou ainda uma carência de estudos específicos para o ensino de neuroanatomia na Psicologia, com a maioria das pesquisas concentradas em outros cursos da área da saúde. Sugere-se, para futuras pesquisas, o desenvolvimento de metodologias adaptadas ao contexto da Psicologia, incluindo o uso de simulações e estudos de caso, visando uma abordagem mais contextualizada e prática.

Palavras-chave: Estratégias de Ensino; Didática; Neuroanatomia.

INTRODUÇÃO

A neuroanatomia é a disciplina responsável pelo estudo do sistema nervoso em um parâmetro macroscópico e microscópico. As competências advindas deste estudo envolvem essencialmente a identificação de peças anatômicas cerebrais, o que contribui para que os discentes compreendam de forma mais íntima as estruturas abordadas durante as aulas teóricas, bem como suas respectivas funções, sendo esses domínios essenciais para a atuação de qualquer profissional na área da saúde (Carvalho, 2017)

As aulas de neuroanatomia são geralmente estruturadas em dois momentos: a fundamentação teórica, abordada em formato de aulas expositivas e a parte prática, na qual são manuseadas as peças anatômicas em laboratório, permitindo a fixação de nomenclaturas das diversas estruturas bem como a visualização de cada parte (Salbego et al., 2015). Estudos apontam que o momento expositivo, no qual o aluno é o protagonista ativo, é o maior aliado no processo ensino-aprendizagem, garantindo um melhor desempenho na disciplina (Braz, 2009). Nesse contexto, o uso de desenhos anatômicos, softwares didáticos, confecção de estruturas a mão, casos clínicos, aulas interativas, simulação virtual entre outros, são exemplos de metodologias criativas e interativas, que permitem ao aluno uma experiência mais ativa na disciplina (Damázio et al., 2016).

Para a psicologia essa matéria é essencial, pois se faz necessário entender o que o cérebro é, o que ele faz e como são denominadas suas estruturas, localizações, funções e como ocorrem às

conexões. Assim, compreender a estrutura básica do cérebro é o princípio fundamental para assimilar suas funções psicológicas e entender as estruturas de neurotransmissores e receptores específicos. Essa compreensão possibilitará a avaliação de distúrbios psíquicos e de transtornos, e assim pode-se diferenciar o normal do patológico.

Essa matéria alicerça alguns conteúdos da graduação de psicologia, assumindo um caráter multidisciplinar para o curso, fazendo-se necessário para a compreensão dos demais componentes curriculares como psicofarmacologia e psicopatologias, pois se faz entender as redes de neurônios que consolidam conexões sinápticas envolvidas nas emoções, motivações, recompensas, entre outros (Cabello & Siniscalchi, 2009).

A neuroanatomia é uma disciplina complexa, tendo em vista o vasto número de conceito e estruturas a serem aprendidos pelos discentes. A monitoria acadêmica surge nesse cenário como um facilitador no processo de ensino aprendizagem desses alunos, buscando compreender as dificuldades no percurso para aquisição dos novos conhecimentos, auxiliar no desenvolvimento de atividades propostas pelo docente, proporcionar um aprofundamento teórico visando sanar possíveis dúvidas, entre outras atividades, estando sempre em consonância com o professor responsável pela disciplina, visando potencializar o rendimento da turma, cooperando para uma relação professor-aluno-instituição positiva, bem como contribuindo para que o aluno monitor desenvolva novas habilidades que possam beneficiar tanto seu desempenho acadêmico como sua formação profissional (Natário & Santos, 2010).

Diante deste cenário, levantou-se o questionamento: *Quais são as estratégias de ensino utilizadas para ministrar a disciplina de neuroanatomia no curso de Psicologia?* Sabemos que a utilização de peças anatômicas, sejam elas sintéticas ou cadavéricas, auxiliam na compreensão do assunto. Além disso, é importante que o professor, enquanto facilitador do processo de ensino e aprendizagem, utilize de outras estratégias didáticas para favorecer este conhecimento e encorajar os alunos para participação ativa no processo.

O objetivo principal do estudo é analisar as estratégias de ensino para o estudo da neuroanatomia no curso de Psicologia. Para isto, é importante refletir sobre as dificuldades e desafios encontrados para ministrar a disciplina, elencar as principais estratégias de ensino utilizadas e seus principais resultados no desempenho acadêmico.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura seguindo os passos propostos por *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA).

Para seleção dos estudos foi utilizado como bases de dados o Google Acadêmico, Portal Capes, EBSCO e SciELO. Não foi estabelecido um período de busca específico, sendo os estudos incluídos aqueles em português e que apresentam os métodos de ensino para disciplina de

neuroanatomia no curso de psicologia. Os critérios de exclusão adotados foram: estudos que falam sobre neuroanatomia para descrição de eventos e fenômenos psicológicos, ensino de neuroanatomia em animais e em outros idiomas. Para pesquisa nas bases de dados foi utilizado como estratégia de busca: “ensino de neuroanatomia”, “neuroanatomia”, “estratégias de ensino” e “metodologias ativas”.

Tabela 1.

Resultados da Busca nos Bancos de Dados

Banco de dados	**Estratégia de busca**	**Resultados**
Google Acadêmico	“ensino da neuroanatomia”	58*
	“neuroanatomia” AND “estratégias de ensino”	312*
	“neuroanatomia” AND “metodologias ativas”	262*
Portal Capes	“ensino da neuroanatomia”	05
	“neuroanatomia” AND “estratégias de ensino”	05
	“neuroanatomia” AND “metodologias ativas”	03
EBSCO	“ensino da neuroanatomia”	01
	“neuroanatomia” AND “estratégias de ensino”	01
	“neuroanatomia” AND “metodologias ativas”	0
SciELO	“ensino da neuroanatomia”	0
	“neuroanatomia” AND “estratégias de ensino”	0
	“neuroanatomia” AND “metodologias ativas”	0
	Total	**647 estudos**

Nota. *No google acadêmico esses números podem variar

Após exclusão dos duplicados e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 07 estudos que respondem à pergunta de pesquisa (Figura 1).

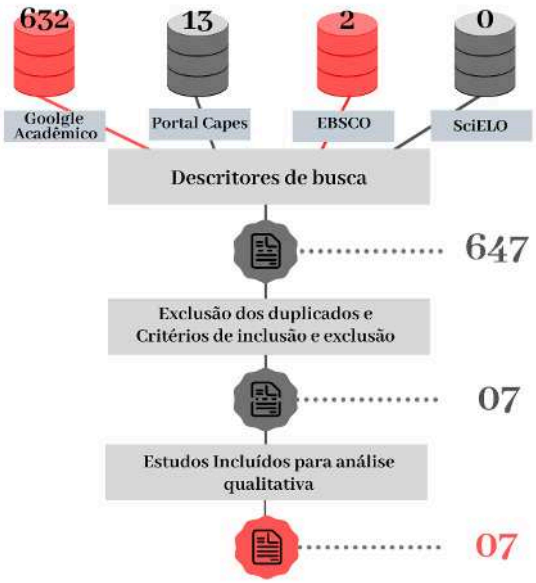


Imagem 1. Fluxograma da Seleção dos Estudos

RESULTADOS

Os estudos selecionados para pesquisa foram categorizados conforme os participantes do estudo, métodos de ensino e resultados. Conforme apresentado na tabela abaixo:

Quadro 1.

Caracterização dos Estudos

Autor (Ano)	**Participantes do Estudo**	**Métodos de ensino**	**Resultados**
Côrtes et al. (2015)	Acadêmicos- Não especifica o curso	Metodologia ativa: Uso de Biscuit para construção de modelos anatômicos	Maior motivação, criatividade e aprendizagem
Carvalho et al. (2018)	Estudantes de Psicologia	Metodologia ativa: Intervenção e produção de cartilha	Maior interação, Autonomia, Maior experiência profissional
Magalhães et al. (2019)	Estudantes de Psicologia	Ensino programado com reforçamento positivo, instruções e feedback imediato com uso de um jogo de tabuleiro (NeuroQuiz)	Em fase de desenvolvimento para confirmação das hipóteses
Marins et al. (2021)	Estudantes de Psicologia, fonoaudiologia e fisioterapia	Metodologia ativa: Construção de modelos anatômicos em EVA	Maior interação e absorção do conteúdo
Nascimento e Vidsiunas (2023)	Estudantes de Psicologia	Aprendizagem por meios de imagens: Utilização de inteligência artificial (Atração visual)	Maior retenção e compreensão das informações através do envolvimento cognitivo e afetivo

Ruiz et al. (2023)	Estudantes de Psicologia	Metodologias ativas: Design thinking; História em quadrinhos; Infográfico	Engajamento, criatividade e humanização
Mali e Cortez (2024)	Estudantes de Psicologia, enfermagem, fisioterapia, biotecnologia ou ciências biológicas	Ensino Baseado em Equivalência: Paradigma de equivalência de estímulos	Eficiente e eficaz para a formação e manutenção de classes de equivalência.

Como se pode observar, foram encontrados 7 estudos no qual 6 eram artigos (85,7%) e (1) uma dissertação (14,3%). A maioria (28,57%) dos estudos foram realizados em 2023 e todos utilizam metodologias ativas com técnicas variadas como: uso de Biscuit para construção de modelos anatômicos; Design thinking; História em quadrinhos; Infográfico; Uso de inteligência artificial e entre outros.

Com base no exposto, é necessário mencionar que a quantidade de artigos selecionados para o trabalho foi minoritário, pois existe maior quantidade de publicações em outras áreas da saúde (medicina, fisioterapia, enfermagem) do que em psicologia.

DISCUSSÃO

Compreendendo que a disciplina de Neuroanatomia é uma unidade complexa que demanda a compreensão de conceitos abstratos e complexos, destaca-se a necessidade de encontrar metodologias que otimizem o aprendizado dos estudantes (Nascimento & Vidsiunas, 2023), diante disso, os resultados apresentados, mostram que as metodologias ativas de ensino tendem a proporcionar uma aprendizagem mais profunda e significativa, oportunizando e incentivando a participação dos alunos por meio de atividades práticas ou até discussões em grupos (Ruiz et al., 2023) corroborando com os achados no estudo de Marins et al. (2021) que mostram a importância da criação de metodologias ativas para facilitar o aprendizado, otimizando o tempo dos estudantes.

Ademais, Cortês et al. (2015), também reforçam a importância de inovações nos métodos de ensino da neuroanatomia, destacando que, apesar dos cadáveres serem uma das estratégias de ensino a serem consideradas, apresentam alguns problemas, tais como conservação, quantidade, degradação das peças devido à manipulação, como também o alto custo na utilização de modelos sintéticos, os quais muitas vezes são limitados para o estudo de estruturas internas e específicas, portanto, apresentam a metodologia de construção de modelos anatômicos, no qual tornaram os discentes atores no seu processo de aprendizagem, utilizando de métodos de baixo custo e da ludicidade como meios que puderam proporcionar aos alunos maior motivação e facilitando, assim, o processo de consolidação da memorização e associação das estruturas e suas respectivas funções.

Compartilhando da mesma ideia, Marins et al. (2021), em seu estudo, utilizaram como estratégia o uso de modelos anatômicos em EVA, sendo este de fácil manuseio e baixo custo. O modelo foi produzido e aprovado pelos estudantes da pesquisa, reforçando a construção de materiais didáticos alternativos que facilitem uma maior interação e assimilação dos conteúdos por parte dos alunos.

Ruiz et al. (2023) enfatizam que a perda da motivação, a desconexão, a falta de concentração e a ausência de autonomia por parte do aluno se caracterizam como um empecilho para o engajamento. Para mudar este cenário, Nascimento e Vidsiunas (2023) apontam que é essencial se adaptar ao contexto em que os alunos estão imersos, tendo em vista a era digital presente, faz-se necessário que os métodos de ensino se coadunem com essa realidade. Com o uso da inteligência artificial é possível elevar a maneira de aprendizagem e interação dos alunos, indo além do simples uso da tecnologia, e expandir as barreiras que se limitavam à mente humana. Além da ampliação da capacidade de personalização, adaptação e interatividade dos participantes. Para isto propuseram em seu trabalho a personificação dos lobos encefálicos em 3D para apresentação do conteúdo de uma forma mais rica e levando em consideração a experiência emocional para consolidação da memória (Nascimento & Vidsiunas, 2023).

Além destas práticas que envolvem criação de modelos anatômicos, histórias e outros recursos. Mali e Cortez (2024), trazem o Ensino Baseado em Equivalência (EBI- *Equivalence Based Instruction*). Tal abordagem tem mostrado grande potencial para a instrução em diferentes contextos sociais e educacionais, incluindo para o ensino de neuroanatomia. Essa metodologia utiliza princípios da Análise do Comportamento para ensinar discriminações condicionais que ajudam os alunos a relacionarem estímulos diversos e, assim, adquirir novos conhecimentos sem a necessidade de ensino direto de todas as relações. Os estudantes universitários foram submetidos a uma tarefa de emparelhamento com o modelo, com um arranjo de treino simples-para-o-complexo para estabelecimento de quatro classes de equivalência (amígdala, corpo mamilar, hipocampo e córtex cingulado), com quatro membros cada: **Estímulo A**- nome escrito da estrutura do cérebro; **Estímulo B**- imagem da estrutura do cérebro; **Estímulo C**- descrição da função da estrutura e; **Estímulo D**- descrição do que um dano na estrutura pode provocar. O emparelhamento com o modelo de atraso se mostrou eficiente para manutenção de equivalência, sendo este protocolo o mais adequado a ser utilizado em contexto acadêmico.

O estudo de Magalhães et al. (2019) também se utiliza do conhecimento teórico da Análise do Comportamento para construção de um ensino programado. Inicialmente foi feito uma entrevista (anamnese) sobre dados pessoais e estudos. Em conjunto também foi identificado as preferências do participante. Posteriormente, seguiram-se as fases de pré-teste, fase de treinamento (quatro módulos

com o tabuleiro NeuroQuiz) e pós-teste. Este estudo ainda estava em fase de desenvolvimento, não sendo possível apresentar os resultados do trabalho.

Em adição a estas metodologias, os alunos do curso de psicologia sempre questionam-se onde irão utilizar na sua prática psicológica os conhecimentos de neuroanatomia. Para isto, Carvalho et al. (2018), relatam a implementação de intervenções sobre as emoções a partir de conhecimentos adquiridos nas disciplinas: fenômenos e processos psicológicos básicos, antropologia filosófica, neuroanatomia e dos princípios de educação em saúde. Esta atividade interdisciplinar permitiu o desenvolvimento da autonomia dos estudantes colocando-os como membros ativos na construção do conhecimento. Sendo utilizados metodologias ativas de aprendizagem e construção de uma cartilha.

Com base no exposto, fica claro a importância de considerar a natureza dessas disciplinas. Estas não se limitam apenas ao conhecimento teórico, mas também ao prático, logo as metodologias ativas ajudam o aluno a desenvolver habilidades práticas e técnicas fundamentais para a atuação desse profissional no futuro, especialmente na área da saúde, pois é fundamental para as habilidades de resolução de problemas em tempo real (Maas et al., 2019; Kim et al., 2023; Azevedo et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado, compreende-se que as disciplinas de neuroanatomia são complexas e por isso exigem metodologias que otimizem e promovam um aprendizado significativo para o aluno e que o incentive a participar de forma ativa nas atividades práticas. Deixando claro a necessidade de inovar em metodologias que otimizem o aprendizado do aluno, como a construção de modelos anatômicos de baixo custo e o uso de IA (Inteligência Artificial) que se mostraram muito eficazes, além de utilizar de teorias de aprendizagem, como a Análise do Comportamento, para implementação de abordagens de ensino mais estruturadas.

Diante desses aspectos, esses autores elaboraram estratégias que envolvessem o conteúdo de forma dinâmica, visual e prática, possibilitando a compreensão de conceitos complexos de forma mais clara e acessível, onde além do componente cognitivo, é envolvido também pela afetividade, fortalecendo o engajamento dos alunos e facilitando a retenção do conhecimento a longo prazo.

Contudo, ao longo deste trabalho, identificou-se como limitação a escassez de estudos voltados especificamente para a aplicação de metodologias ativas na área da psicologia. Grande parte das pesquisas encontradas focam em outros cursos da saúde, como medicina, enfermagem e fisioterapia. Apesar dessa lacuna, foi possível agregar conhecimentos de outras áreas para enriquecer a discussão sobre o ensino da matéria em psicologia.

Para futuras pesquisas, sugere-se o desenvolvimento de estudos específicos que adaptem essas metodologias às particularidades do curso de psicologia, investigando quais estratégias são mais eficazes para o aprendizado das diversas disciplinas do referido curso. Como, por exemplo, estudos

que explorem o uso de simulações, casos clínicos e tecnologias interativas voltadas ao ensino de psicologia, contribuindo para um ensino mais contextualizado e aplicado.

REFERÊNCIAS

Azevedo, R., Marques, C. A., & Oliveira, P. (2021). The role of active learning strategies in clinical education: Bridging the gap between theory and practice. *Journal of Medical Education and Curricular Development*, 8, 238212052110123.

Braz, P. R. P. (2009). Método didático aplicado ao ensino de anatomia humana. *Anuário da Produção Acadêmica Docente, 3*(4), 303-310.

Cabello, C. A. S., & Siniscalchi, M. H. (2009). A contribuição e socialização dos conhecimentos da neuroanatomia no contexto da sala de aula, no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Ibero-americana de Educação, 51*/1.

Carvalho, C. A. R. (2017). Utilização de metodologia ativa de ensino nas aulas práticas de anatomia. *Revista de Graduação USP, 2*(3).

Carvalho, J. M., Pimentel, N. S., Oliveira, T. R., & Chaves, P. J. (2018). Estudo das emoções: uma experiência de metodologia ativa da aprendizagem. *Educação E Saúde: Fundamentos E Desafios*, *1*(2), 87–95.

Côrtes, M. A, Valentim, F. C. V, Jacob, R. S. G., Campos, L. A. S. (2015). O uso do biscuit como instrumento para pratica no ensino da neuroanatomia.I Congresso de inovação e metodologias de ensino, Belo Horizonte- Minas Gerais.

Damázio, L. C. M., et al. (2016). Vídeo-aulas no ensino de anatomia humana. *Experiência, 2*(2), 4-14.

Kim, S. Y., Lee, J. H., & Park, E. S. (2023). Enhancing clinical reasoning and problem-solving skills in medical education through active learning strategies. *Medical Teacher*, *45*(2), 123-130.

Maas, M., Goudreau, J., & Pepin, J. (2019). A narrative review of active learning in nursing and health professions education: The importance of integrating theory and practice. *Journal of Nursing Education and Practice, 9*(5), 26-33.

Magalhães, A. V, Moreno, A. M, Prates, J. F, Santos, J. S (2019). Neuroquiz: jogo de tabuleiro e estratégias de ensino programado no ensino de neuroanatomia. Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, Vol. 7, No 7.

Mali, G. L. (2024). *Protocolos de Ensino Baseado em Equivalência em Estudantes Universitários: Efeitos da Estrutura e do Tipo de Treino*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos). Repositório Institucional UFSCar

Marins, M., Silva, M. G., Ferreira, D. K., Santos, D. B., & Paes-Branco, D. (2021). Produção e avaliação de material didático alternativo para o ensino de Neuroanatomia. *Revista Sustinere*, *9*(1), 145–159.

Nascimento, S. R. R., & Vidsiunas, A. K. (2023). /Imagine Prompt: Aplicação de imagens geradas por inteligência artificial na disciplina de Neuroanatomia. *Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, *7*, 547-555.

Natário, E. G., & Santos, A. A. A. (2010). Programa de monitores para o ensino superior. *Estudos de Psicologia (Campinas), 27*(3), 355-364. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300007

Ruiz, C. R., Xylaras, B. D. P., & Nascimento, S. R. R. (2023). Ferramentas criativas para o ensino da neuroanatomia e neurofisiologia: Uma experiência no curso de psicologia. *Revista on Line De Política E Gestão Educacional*, *27*, e023055.

Salbego, C., Oliveira, E. M. D., Silva, M. A. R., & Bugança, P. R. (2015). Percepções acadêmicas sobre o ensino e a aprendizagem em anatomia humana. *Revista Brasileira de Educação Médica, 39*(1), 23-31.

O IMPACTO NO DESEMPENHO OCUPACIONAL DE CUIDADORES DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Ana Carla Bezerra de Lima – UNIFIP
Adriana Brasilino da Silva – UNIFIP
Brunno Alves de Lucena – UNIFIP

RESUMO: O cuidado a crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) implica modificação do cotidiano, os sintomas do transtorno desencadeiam elevados níveis de estresse naqueles que prestam o cuidado. Essa pesquisa objetivou analisar as áreas de desempenho ocupacional de cuidadores de crianças diagnosticadas com TEA. Trata-se de um estudo qualitativo do tipo descritivo e exploratório. A coleta de dados deu-se por meio de entrevista semiestruturada. A análise dos discursos foram realizados por intermédio do software Interface de R pour Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionneires (IRAMUTEQ). A partir da categorização pelo IRAMUTEQ, procedeu-se a interpretação por meio da análise de conteúdo, de acordo com Bardin, a fim de se extrair conteúdos relevantes para discussão. Da análise lexical por CDH do IRAMUTEQ foram desveladas quatro classes de palavras com os seguintes temas: 1: As mudanças nas áreas de desempenho ocupacional, 2: Dependência e necessidades da criança, 3: Impactos do cuidado para o contexto familiar e pôr fim a 4: Rede de apoio aos cuidadores. Foi possível compreender a interferência e os impactos dos fatores que favorecem o desencadeamento de prejuízo no desempenho ocupacional daqueles que prestam cuidados a criança com TEA e compreender a possibilidade de ameaça para sua saúde.
Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Esgotamento do Cuidador; Desempenho Ocupacional.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) designa um transtorno global de desenvolvimento de etiologia indefinida, caracterizado por comprometimentos na comunicação e interação sociais e repertórios restritos e repetitivos de comportamento, atividades ou interesses, apresentando-se em diferentes níveis de comprometimento e diversificadas manifestações durante a vida do sujeito (Givigi et al., 2021; Santos Lemes, 2020).

A presença da criança com TEA implica modificação do cotidiano dos cuidadores. Os sintomas do transtorno desencadeiam elevados níveis de estresse nos membros desta família. As relações sociais das famílias com crianças autistas ficam embaraçosas e se reduzem, podendo até haver rupturas em seus vínculos sociais. (Rossi; Dreux, 2009).

Assim, o diagnóstico de autismo favorece o desencadeamento de alterações na vida familiar em decorrência às necessidades de acompanhamento da criança para seu desenvolvimento. O diagnóstico de uma doença de condição crônica no âmbito familiar, especialmente quando se trata de crianças, se constitui com um evento que gera impacto, podendo repercutir na mudança da rotina diária, na readaptação de papéis e ocasionando diferentes efeitos no âmbito ocupacional, financeiro e das relações familiares (Ebert et al., 2013).

Vários fatores de impacto intensificam os níveis de estresse dos cuidadores de crianças com TEA, como a severidade dos casos, a dificuldade de acesso aos serviços especializados de que necessitam bem como os fatores econômicos e culturais. (Rossi; Dreux, 2009). Frente a necessidade de se investir tempo nos cuidados às crianças com TEA, observa-se mudanças no desempenho ocupacional de pais/cuidadores, principalmente nas atividades de vida diária, por esta razão, surgem doenças e impactos sociais como: a depressão, tensão, desgastes nos relacionamentos afetivos, quebra da perspectiva de vida futura, transformações na rotina diária, interrupções nas tarefas do cotidiano e dificuldades financeiras (Santos & Santos, 2015).

Diante desse desfecho, esta condição pode acarretar a sobrecarga de cuidadores que se caracteriza como uma perturbação resultante do lidar com a dependência física e a incapacidade mental do indivíduo alvo da atenção e dos cuidados. Além disso, ao assumir a responsabilidade de cuidador ou responsável pelo bem-estar e prestação de cuidados a um familiar dependente, o indivíduo fica sujeito à tensão e a agentes estressores, mas também a ganhos, tais como sentir satisfação e bem-estar pelo que pode proporcionar a seu familiar (Ferreira, 2022).

Com base no Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional e Engajamento (COPM-E), o desempenho ocupacional é compreendida como a capacidade da pessoa em realizar suas ocupações e concretizar os papéis ocupacionais próprios do seu cotidiano, sendo resultante da interação entre a pessoa, o ambiente e a ocupação (Polatajko et al., 2013). Assim, a ocupação se constitui como uma necessidade básica humana que atribui sentido à vida, sendo definida como todas as ações que as pessoas fazem, incluindo o cuidar de si (autocuidado), aproveitar a vida (lazer) e contribuir para o tecido social e econômico (produtividade) (Polatajko et al., 2013).

Mediante o diagnóstico de TEA, os cuidadores têm suas rotinas e vidas mudadas, inclusive suas atividades de vida diárias (AVD's), pois necessitam investir mais tempo para os cuidados com as crianças autistas, consequentemente as modificações de hábitos e na rotina acarretam uma baixa qualidade no seu desempenho ocupacional (Carvalho - Filha et al., 2018). Frente a essa situação, entende-se que não somente a criança deve ser acompanhada, mas também os cuidadores, que nesse momento inicial precisam de suporte especializado tanto quanto a criança com TEA. Assim o apoio psicológico se constitui como um importante aliado dos cuidadores frente ao diagnóstico do TEA, a fim de que os aspectos psíquicos, sociais e financeiros dos mesmos não se consolidem como um obstáculo na prestação do cuidado para as crianças com autismo (Barros et al., 2022).

É sabido que os níveis de sobrecarga sentida pelo cuidador consequentemente afetarão a qualidade de vida das crianças com autismo. Por isso a importância de novas técnicas e suporte para a família que por vezes vivenciam a insegurança relacionada ao desconhecimento sobre o TEA e os tratamentos disponíveis; a dificuldade de lidar com o comportamento da criança; a necessidade de

tomar decisões sobre tratamentos que não conhecem e, em alguns casos, têm dificuldade de acesso a recursos, suporte e informações (Weissheimer, 2020).

Diante do exposto, os problemas que norteiam este estudo traduzem-se nas seguintes questões: Qual avaliação que os cuidadores fazem sobre seu desempenho ocupacional em termos de grau de desempenho e satisfação com suas ocupações? O cuidado de crianças com transtorno do espectro autista pode acarretar algum prejuízo no desempenho ocupacional?

Este estudo parte do pressuposto que o processo de cuidado de crianças diagnosticadas com TEA favorece o desencadeamento de prejuízo no desempenho ocupacional de seus cuidadores. Acredita-se que a realização deste estudo se justifica por permitir o conhecimento dos fatores que favorecem o desencadeamento de prejuízo no desempenho ocupacional daqueles que prestam cuidados a criança com TEA e compreender a possibilidade de ameaça para a saúde do cuidador. Uma vez que a falta de reconhecimento, a omissão ou a má gestão de tais fatores mantêm o cuidador em exposição contínua, agravando a sua condição de saúde e interferindo no processo de cuidado. Objetivou-se com esse estudo analisar as áreas de desempenho ocupacional (trabalho; descanso e sono; lazer e participação social) de cuidadores de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista.

MÉTODO

Delineamento e Hipótese

A escolha do método qualitativo deu-se pela perspectiva de compreender significados e práticas, motivos, percepções, crenças, valores, hábitos e atitudes, permitindo um aprofundamento das relações humanas, dentro de uma rede complexa, não perceptível e não passível de captações pela estatística, uma vez que, conforme Minayo (2010), são “capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e as estruturas sociais” tomadas como construções humanas, a fim de compreende-las.

Este estudo tem caráter descritivo e exploratório. Descritivo, pois visa identificar possíveis relações ou associações entre variáveis, determinando a natureza dessas relações As pesquisas descritivas propõem investigar “o que é”, ou seja, descobrir as características de determinada população ou fenômeno como tal e classificara relação entre variáveis do tema estudado (Marconi e Lakatos, 2010).

Já a pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (Marconi e Lakatos, 2010), e que proporcionam maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. As pesquisas descritivas, atreladas às pesquisas exploratórias, possibilitam uma maior aproximação com a realidade das experiências vividas pelos sujeitos por envolver entrevista com pessoas que tiveram experiências

práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão do leitor (Gil, 2010).

Participantes

A amostra do estudo foi composta por 20 cuidadores de crianças diagnosticadas com TEA e que são assistidas pela Equipe Multiprofissional de Atenção Especializada em Saúde Mental (AMENT) do município de Coremas, Paraíba.

Para composição da amostra foi utilizada a estratégia de amostragem não- probabilística SnowBall. O número de participantes obedeceu ao critério de saturação teórica, como descritos por Denzin e Lincoln (1994) apud Fontanella, Ricas e Turato (2008), que prevê a suspensão da inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na percepção do pesquisador, uma certa redundância ou repetição.

Instrumentos

Os dados investigados nesse estudo, foram obtidos através de uma entrevista semiestruturada que objetivou identificar a percepção dos cuidadores sobre os prejuízos nas áreas de desempenho ocupacional (trabalho; descanso e sono; lazer e participação social), bem como as estratégias defensivas utilizadas pelos mesmos.

Foram utilizados dois instrumentos para realização das buscas dos dados. Tratou- se de um roteiro que possibilitou a realização de entrevista semiestruturada com perguntas abertas, construído de forma autoral e baseado em revisão da literatura, contendo 5 questões que abordam aspectos relacionados os prejuízos nas áreas de desempenho ocupacional (trabalho; descanso e sono; lazer e participação social).

Procedimentos e Aspectos Éticos

O processo de coleta de dados procedeu com o contato prévio com a secretária municipal de saúde e a coordenadora do AMENT para apresentação da proposta de pesquisa, e explanação sobre a importância e sua contribuição para o conhecimento dos fatores que favorecem o desencadeamento de prejuízo no desempenho ocupacional daqueles que prestam cuidados a criança com TEA, por meio da carta de anuência.

O convite aos participantes foi realizado de forma presencial, após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com o parecer número 6.127.042 e CAAE 70183123.5.0000.5181, em cumprimento à Resolução 466/2012, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos.

Após o aceite do cuidador, prosseguiu-se com o planejamento para a realização da entrevista, para a coleta de dados, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além do Termo de autorização para gravação de voz. A entrevista foi realizada de forma presencial, em que os cuidadores responderão as perguntas verbalmente, com uma estimativa de tempo de 10 a 15 minutos para realização da mesma.

Todo o material gravado e de texto foram arquivados em pendrives e em armazenamentos do tipo nuvem, por meio do navegador Google Drive, para evitar perdas ou danos às mídias.

Análise de Dados

Os dados referentes às questões subjetivas coletados com as entrevistas foram analisados com apoio do *software* Interface de R *pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), disponível na internet, atrelado ao software R, e que possibilita diversas análises com bases em conjuntos de textos chamados de corpus textual. Para o desenvolvimento deste estudo, foram utilizadas as análises de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e a nuvem de palavras, que são feitas dentro do IRAMUTEQ. No método de nuvem de palavra, as palavras são agrupadas e organizadas graficamente de acordo com a sua frequência, o que possibilita facilmente a sua identificação. É uma análise lexical mais simples, porém, graficamente, possui sua relevância por possibilitar de forma rápida a identificação das palavras chaves de um *corpus* (Camargo; Justo, 2013). A partir da CHD, as categorias foram interpretadas através da técnica de análise de conteúdo, percorrendo as etapas apontadas por Bardin (Bardin, 2011), a fim de se extrair os conteúdos relevantes para discussão com base na literatura. A análise se deu em três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

RESULTADOS

Para a análise do *corpus* textual por meio da técnica de Nuvem de Palavra, foi possível agrupar as palavras e as organizar graficamente em função da sua frequência. A palavra "Mudança" obteve maior frequência no corpus (138 repetições), seguida das palavras "dificuldade" (115 repetições) e "cansativo" (103 repetições) conforme observado na figura 1.

Já na CHD seccionou o *corpus* textual em 4 classes, o primeiro subcorpus (1ª partição) corresponde a CLASSE 1, com 33,3 % de segmentos de texto. A 2ª partição corresponde a CLASSE 2, com 25,6 % de segmentos de texto. A partição anterior (3ª partição) corresponde a CLASSE 3 com 22,1% e a partição posterior (4ª partição) a CLASSE 4 com 19,0%. Essas classes estão identificadas no *corpus* total em análise, conforme pode ser observado abaixo (Figura 2).

DISCUSSÃO

Na figura 1, observa-se predominância nos discursos dos participantes do vocábulo "mudança" seguida de "mudar", que apontam para a transformação da dinâmica familiar de autistas, requerendo dos mesmos o desafio de ajustar seus planos e expectativas futuras às limitações, necessitando adaptar-se e realizar constantes mudanças na sua rotina de vida para atender as necessidades da criança (Ebertb, Lorenzinic & Silva, 2015).

Figura 1: Nuvem de palavras



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Nessa análise também se destacam os vocábulos como “cansativo”, “dificuldades”, “ajuda” que combinados reforçam que as principais implicações na saúde mental dos cuidadores. Pesquisas realizadas por Borba et al., (2011) e Borba, Schwart & Kantorski (2008) constataram que famílias que convivem com o transtorno mental apresentam uma realidade permeada por sofrimento, frustrações, sentimentos de desespero, ansiedade e preocupação, implicando em conflitos e tensões.

Outro vocábulo que se evidenciam são “ajuda”, “profissionais_da_saúde”, “Prefeitura”, que segundo Rocha et al (2019) se constitui de uma interligação entre elementos sociais (família, serviços de saúde, instituições) que o indivíduo possui para enfrentar algum agravo, possibilitando o doente a ter condições melhores de vida. Se evidencia também a constituição dessa rede de apoio, conformada por profissionais da saúde, ações oportunizadas pela prefeitura do Município, bem como o suporte que os cuidadores recebem por parte dos familiares.

A partir da utilização da Classificação Hierárquica descendente (CHD) ou o método de Reinert, o conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes, que mostram quais palavras estão presentes no *corpus* do texto, enquanto a percentagem indica a sua abrangência (figura 2).

Figura 2 – Dendrograma do corpus textual “o impacto no desempenho ocupacional de cuidadores de crianças diagnosticadas com TEA. Coremas, Paraíba, 2023.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Assim, as classes e suas respectivas denominações serão apresentadas e desenvolvidas no texto de acordo o seu grau de significância, as quais representam a categorização das entrevistas e discutidos a partir do diálogo com a literatura científica. A classe 1, denominada de “as mudanças nas áreas de desempenho ocupacional”, evidenciou os prejuízos com relação a carga horária de trabalho, além dos prejuízos em sua rotina e no desempenho ocupacional. No que diz respeito as mudanças, os cuidadores tendem a uma readaptação de papeis em função à responsabilidade pela assistência à criança, fato que afeta diretamente a vida dos cuidadores resultando em prejuízos, frustrações, podendo repercutir em processos de adoecimento físico e mental.

Com base nos achados, pode-se afirmar que a presença da criança diagnosticada com TEA possui a capacidade de modificar a vida dos seus cuidadores quando comparada à vida anterior a sua chegada. Em consonância com os achados desse estudo, Barrozo et al. (2015) consideram que as transformações que ocorrem no desempenho ocupacional do cuidador, são refletidas principalmente nas atividades de vida diária (AVD's), a saber: estudo, trabalho, participação social, lazer, descanso, e a principal alteração refere-se a escassez de tempo em poder realizá-las.

A classe 2, intitulada de “dependência e necessidades da criança”, evidencia com base nos relatos dos entrevistados, as dificuldades existentes mediante o nível de suporte das crianças e o comprometimento dos aspectos da comunicação, socialização e desenvolvimento cognitivo da criança que representar fatores estressores para os cuidadores. Por meio das falas, é possível constatar que a sobrecarga do cuidador se constitui como obstáculo para a realização do autocuidado. Logo, a não realização do autocuidado reverbera-se como fator de risco expondo à agravos o processo saúde-doença do cuidador, indo ao encontro dos achados, uma pesquisa realizada por Costa & Castro (2014).

A sobrecarga gerada, que traz consigo diversos fatores negativos, podendo trazer prejuízos significativos na qualidade dos cuidados prestados. Nesse sentido, Bellusci (2017) assevera que o processo de cuidado, passa a ser vivenciado como um evento estressor que acarreta insatisfação e sofrimento incidindo negativamente na qualidade dos serviços prestados.

A classe 3, intitulada de “impactos do cuidado para o contexto familiar”, com base nos relatos dos entrevistados, apresenta as modificações da dinâmica familiar pela exigência do cuidado prolongado por parte dos que convivem com a criança, que podem resultar num impacto na qualidade de vida da família como um todo.

Na pesquisa fica notório que os familiares de crianças diagnosticadas com TEA enfrentam desafios diários associados aos sintomas dos mesmos, contribuindo para o aumento de estresse parental e desencadeamento de possíveis repercussões na saúde mental. Tal qual os achados nessa pesquisa, Kiquio & Gomes (2019) evidenciaram em seu estudo que familiares cuidadores de crianças com TEA tendem a apresentar um maior prejuízo na saúde emocional em relação a outros grupos, em decorrência das características do TEA que repercute diretamente no âmbito familiar.

A classe 4, denominada “Rede de apoio aos cuidadores”, apresenta relatos resultantes da relação do cuidador com a rede de apoio para o enfrentamento e direcionamento familiar, com vistas à instrumentalização no cuidado à criança diagnosticada com TEA. Com o aumento significativo do estresse, bem como da sobrecarga sentida pelas famílias, que resulta em impacto direto na qualidade de vida dos mesmos, torna-se indispensável a necessidade de se estabelecer uma rede de apoio a fim oportunizar o suporte o enfrentamento e direcionamento dos cuidadores.

Ressalta-se também a importância de políticas públicas que proporcione a qualificação dos serviços e profissionais para responder as necessidades e demandas de informação dos familiares de crianças com TEA. Porém, as condições de trabalho dos profissionais, como carga horária excessiva, a disponibilidade de profissionais para assistência, a grande demanda reprimida de pacientes para receber atendimento, a precariedade de vínculo empregatícios, tendem a potencializar as limitações da qualificação da assistência (McIntyre & Brown, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se por meio dos achados que o cuidado a criança com diagnóstico de TEA repercute na saúde física e mental, vida social, familiar e financeira, impactando direto e indiretamente na qualidade de vida destes cuidadores. Foi possível identificar que na maioria dos casos os prejuízos são advindos principalmente pela escassez de tempo para si em decorrência ao processo de cuidado, e a falta de um suporte e rede de apoio adequado.

Destaca-se ainda que com o aumento significativo do estresse, bem como da sobrecarga sentida pelas famílias, que resulta em impacto direto na qualidade de vida dos mesmos, torna-se indispensável a necessidade de se estabelecer uma rede de apoio a fim oportunizar o suporte o enfrentamento e direcionamento dos cuidadores.

Os resultados encontrados demandam a necessidade de uma atenção ampliada, não se limitando apenas à criança com TEA, mas também ao seu cuidador. Assim, ações e estratégias devem ser incorporadas pelos serviços de saúde e pelos profissionais que trabalham com portadores de TEA com o objetivo de promover melhores condições de saúde e bem-estar aqueles que se responsabilizam em cuidar dessas crianças.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, P. 229.

Barros, A. A. T. de S. , Bezerra, A. S. L., Macêdo, E. S. F., Brandão, J. T. O., Carvalho,

Barrozo, B. M., Nobre, M. I. R., & Montilha, R. de C. I. (2015). As alterações nos papéis ocupacionais de cuidadores de pessoas com deficiência visual. Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo, 26(3), 409-417. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p409-417.

Bellusci, S. M. (2017). Doenças profissionais ou do trabalho. 12. ed. São Paulo: Editora Senac.

Borba, L. de O. et al. A família e o portador de transtorno mental: dinâmica e sua relação familiar. Rev. Esc. Enferm. USP, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 442-449,

Borba, L. de O., Schwartz, E., & Kantorski, L. P.. (2008). A sobrecarga da família que convive com a realidade do transtorno mental. Acta Paulista De Enfermagem, 21(4), 588–594. https://doi.org/10.1590/S0103-21002008000400009Camargo, B.

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, *21*(2), 513 - 518. https://doi.org/10.9788/tp2013.2-16.

Carvalho-Filha FSS, Silva HMS, Castro RP, Moraes-Filho IM, Nascimento FLSC. (2018). Coping e estresse familiar e enfrentamento na perspectiva do transtorno do espectro do autismo. Rev. Cient. Sena Aires.7(1): 23-30.

Costa, S. R. D. da ., & Castro, E. A. B. de .. (2014). Autocuidado do cuidador familiar de adultos ou idosos dependentes após a alta hospitalar. Revista Brasileira De Enfermagem, 67(6), 979–986. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0034-7167.2014670617.

Ebert, D. D.; Lehr, D.; Baumeister, H.; Boß, L.; Riper, H. *E-mental health interventions and their impact on treatment quality and cost-effectiveness: a systematic review of evidence.* Journal of Medical Internet Research, v. 15, n. 6, e2013, 2013.

Ebert, M., Lorenzini, E., & Silva, E. F. da .. (2015). Mothers of children with autistic disorder: perceptions and trajectories. Revista Gaúcha De Enfermagem, 36(1), 49–55. https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.43623

Ferreira, C., Caetano, S. C., Perissinoto, J., & Tamanaha, A. C. (2022). Repercussão da implementação do Picture Exchange Communication System – PECS no índice de sobrecarga de mães de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. Codas, 34(3), e20210109. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2317- 1782/20212021109

Fontanella, B. J. B.; Ricas, J.; Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24 (1) 17-27, Disponível em: https://www.scielo. br/pdf/csp/v24n1/02.pdf.

Gil, A. C. (2010) Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas S.A,184 p.

Givigi, R. C. N., et al. (2021). Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo. Revista Latinoamericano de Psicopatologia Fundamental, v.24, n.03, p.618-640. Disponível em: www.scielo.br/j/rlpf/a/dbvBFTDLtMhkmmN5GksJ5hs/?lang= pt&format=pdf.

Kiquio, T & Gomes, K. (2018). O Estresse familiar de crianças com transtorno do espectro do autismo. Revista de iniciação científica UNESC, vol.16, n.1, p.1-12.

L. P. A. M., Carvalho, L. F. L., (2022). Difficulties faced by parents in the treatment of children with autism spectrum disorder. Research, Society and Development, 11(9), e11411931568. Disponível em: https://doi.org/10.33448

Marconi, M. de A.; Lakatos, E. M. (2010). Fundamentos de metodologia científica. 7ª edição. São Paulo: Atlas S.A., p. 297.

McIntyre, L. L., & Brown, M. (2018). Examining the utilisation and usefulness of social support for mothers with young children with autism spectrum disorder. Journal of Intellectual & Developmental Disability, 43(1), 93–101. Disponível em : https://doi.org/ 10.3109/ 13668250.2016.1262534.

Minayo, M. C. (2010). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed.

Polatajko, H. J., Townsend, E. A., & Craik, J. (2013). Canadian Model Of Occupational Performance and Engagement (CMOP-E). In: E. A. Townsend & H. J. Polatajko (Eds.), Enabling Occupation II: advancing an occupational therapy vision of health, well-being, & justice through occupation. Ottawa, ON: CAOT Publications ACE.

Rocha, C. C., Souza, S. M. V. D., Costa, A. F., & Portes, J. R. M.. (2019). O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. Physis: Revista De Saúde Coletiva, 29(4), e290412. https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290412Rossi, M; Dreux, F. (2009) Qualidade de vida de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v.14, n.4, p.482 -486. Disponível em: http://producao.usp.br/handle/BDPI/9167.

Santos A.L. & Santos J.L.F. (2015). O desempenho de papéis ocupacionais de idosos sem e com sintomas depressivos em acompanhamento geriátrico. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. Rio de Janeiro, 18(2): 273-283.

Santos, A. J. ; Lemes, M. G. N. (2020). O espectro dos autismos e a psicose infantil: uma questão diagnóstica para a psicanálise. RevistaLatino americano de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 23, n. 2, p.175-197. Disponível em: www.researchgate.net/publication/343197929_O_espectro_dos_autismos_ e_a_psicose _infantil_uma_questao_diagnostica_para_a_psicanalise São Paulo: Hucitec,

V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, *21*(2), 513-518. doi.org/10.9788/tp2013.2-16

Weissheimer, G., Santana, J. M., Ruthes, V. B. T. N. M., & Mazza, V. D. A. (2020). Necessary Information for the Families of Children with Autism Spectrum Disorder: An Integrative Review. Aquichan, 20(2), 1–18. Disponível em: https://doi.org/10.5294/aqui.2020.20.2.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

TRABALHOS COMPLETOS

PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS ACERCA DE INDIVÍDUOS AUTISTAS

Micaelly Moreira Ferreira – UNIFIP
Prof. Me. Mateus Osório da Silva – UNIFIP

RESUMO: O presente trabalho realizou um estudo acerca das representações sociais de estudantes universitários perante ao indivíduo com transtorno do espectro autista. Objetivando investigar quais são as representações sociais acerca de indivíduos autistas segundo estudantes universitários. Foi aplicado dois questionários, um sócio demográfico e um formulário com três questões discursivas. Já a hipótese estabelecida é que o estudante da área das ciências da saúde apresente mais conhecimento baseado em evidências científicas do que alunos de outros campos de estudo. Sobre os participantes foram um total de 106, estes estudantes universitários do estado da Paraíba/PB. Utilizando se de tabelas referente aos dados coletados, foi possível comparar as respostas dos participantes. Observou-se que existe uma concepção em relação ao indivíduo autista como uma pessoa "diferente" dos demais tendo problemas na socialização e comunicação, e que enfrenta diversos problemas como o preconceito e dificuldade na inclusão social. Já na comparação entre os campos de conhecimentos, foi observado uma associação entre as áreas das ciências humanas e da saúde, tendo discursos parecidos, no entanto, no campo da exatas, estes indivíduos demonstraram escasso conhecimento científico sobre o indivíduo autista.

Palavras-chave: Representações sociais; Autista; Universitários.

Introdução

O transtorno do espectro autista (TEA) tem ganhado cada vez mais destaque nas diversas áreas de pesquisa científica e da saúde. Segundo *Center of Deseases Control and Prevention* (2023), um órgão do governo dos Estados Unidos, a partir de 2020, foi realizada uma pesquisa utilizando dados de crianças com a idade respectiva a 8 anos, faixa etária essa que representa um aumento de demandas sociais, sendo assim, algumas características do Transtorno do Espectro Autista tornaram-se mais evidentes, permitindo uma identificação mais fácil, especialmente entre indivíduos com autismo de nível 1 de suporte. Nesse sentido, os resultados apontaram que uma em cada 36 crianças pode apresentar autismo, que equivale a 2,8% dessa população. Além disso, o estudo mostrou que esse transtorno é mais prevalente em meninos do que em meninas.

Diante deste crescente diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, se faz cada vez mais necessário o conhecimento de todos os futuros profissionais sobre como lidar de maneira respeitosa e adequada com indivíduos autistas. E além disso, as pesquisas científicas no Brasil sobre o transtorno do espectro autista são escassas, sobretudo quando se fala de autistas na fase adulta e na terceira idade. Sendo assim, a conscientização sobre esse transtorno encontra-se em um processo lento e que necessita de melhorias visto a crescente quantidade de pessoas diagnosticadas com esse transtorno.

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é observar e compreender quais são as representações sociais de estudantes universitários perante a o transtorno do espectro autista. Com base nessa

temática, formula-se o seguinte problema de pesquisa: "Quais são as representações sociais de indivíduos autistas sob a perspectiva de estudantes universitários?"

Segundo o Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-V (2014), o transtorno do espectro autista é avaliado em critérios diagnósticos. No critério A, todos os itens devem ser apresentados pelo paciente/cliente. Como, por exemplo, o déficit na reciprocidade sócio emocional, problemas na comunicação verbal e/ou não verbal e dificuldade em iniciar e manter relacionamentos. Já no critério B, o indivíduo necessita apresentar no mínimo dois dos itens. A princípio, tem que apresentar comportamentos repetitivos e estereotipados, a presença de uma rigidez quanto sua rotina e presença de padrões ritualizados, interesses fixos, restritos e intensos (hiperfoco) e hiper e/ou hiporreatividade a estímulos sensoriais. Já nos últimos critérios, o C, D e E, afirmam que o indivíduo necessita apresentar essas características ao longo das suas fases do desenvolvimento, que precisa trazer prejuízos para a vida deste e esses sinais não são mais explicadas por um atraso global do desenvolvimento ou pelo transtorno do desenvolvimento intelectual (deficiência intelectual).

Além do que foi abordado, o autismo é caracterizado por três níveis de suporte gradativos, caracterizados pela necessidade de apoio no dia a dia, como o cuidar da própria higiene, viajar, se relacionar socialmente de forma adequada com outros indivíduos, na comunicação tanto verbal e quanto não verbal. Nesse sentido, o autista nível um de suporte necessita de pouco apoio, tratando-se de um grupo bastante independente, no entanto, ainda precisando de suporte em algumas coisas, variando de indivíduo para indivíduo. Já no nível dois de suporte, o indivíduo necessita de um apoio substancial, este enfrenta prejuízos sociais mesmo na presença de uma figura de suporte, além de comportamentos restritos/repetitivos serem óbvios ao observador casual, no entanto, este apresenta ainda um grau de independência. Por fim, no nível três de suporte precisa de apoio muito substancial, apresentando prejuízos graves na comunicação social e interação, tendendo a ser mais dependente de uma figura de suporte (APA, 2014).

Segundo Muszkat, Araripe, Muñoz e Mello (2013), no diagnóstico de autismo é necessária uma visão interdisciplinar, envolvendo vários profissionais como psiquiatra, fonoaudiólogo e diversas áreas da psicologia. Dessa forma, estes sujeitos tem o objetivo de obter um diagnóstico integral do indivíduo, levando em consideração visões diferentes de cada âmbito da vida desse indivíduo. Além disso, é necessário experiência e compreensão profunda sobre o assunto, buscando realizar análises concisas acerca das dificuldades desse sujeito e observando se essas características atendem a os critérios necessários para ser enquadrado no transtorno do espectro autista. Seguindo essa lógica, os pais têm um papel importante na detecção dos sinais partindo da infância, como atrasos na comunicação, na fala, nas interações sociais. No entanto, é mais comum a sensibilização quanto a esses sinais atípicos em famílias com antecedentes de autismo e na medida que as cobranças sociais

aumentam, ou seja, quando o indivíduo passa a ter mais relações sociais com seus pares na escola por exemplo. Nesse sentido, é necessário compreender as concepções dos indivíduos sobre esse transtorno, objetivando um auxílio na detecção de possíveis sinais de autismo para o diagnóstico mais precoce possível, possibilitando um tratamento mais efetivo do transtorno. Dessa forma, para melhorar a compreensão sobre as perspectivas das pessoas é válido explorar o significado do termo "representação social".

A representação social é um conceito amplamente estudado no contexto da psicologia social e comunitária. Segundo Álvaro e Garrido (2017), ela se refere a um conceito de um grupo acerca de um objeto. Nesse sentido, é afirmado por Álvaro e Garrido (2017) que "as representações coletivas, são mecanismos explicativos, irredutíveis por si mesmos a nenhuma análise posterior. São os elementos constitutivos da sociedade e, portanto, devem ser estudados como são". Segundo Dias, Maciel, Silva e Menezes. (2021), o desconhecido é algo que ameaça a ordem estabelecida, nesse sentido as representações sociais transformam algo desconhecido em conhecido. Sendo assim, é importante compreender como o tema autismo se transforma de um objeto desconhecido para algo conhecido, pois ocasiona uma reação sobre a conduta das pessoas quanto ao tema, no caso esses indivíduos autistas. Nesse sentido, é importante entender os conceitos dos estudantes universitários sobre indivíduos autistas, para que exista questionamentos sobre como melhorar o relacionamento/atendimento com estes, afim de auxiliar da melhor maneira possível como futuros profissionais.

MÉTODO

Delineamento e hipóteses

Esse estudo é de natureza qualitativa e descritiva. Segundo Gil (2008), uma pesquisa descritiva se caracteriza pela descrição das variáveis ou correlação entre estas, levando isso em consideração, esse artigo busca compreender as diferentes perspectivas sobre os indivíduos autistas dividindo em categorias e estabelecendo associações entre as representações sociais de cada grupo quanto ao tema. Nesse sentido, a hipótese estabelecida nessa pesquisa é de que os estudantes universitários da área da saúde têm mais conhecimento baseado em evidências científicas sobre a realidade do indivíduo com o transtorno do espectro autista do que os universitários de outras áreas do conhecimento.

Participantes

Utilizou-se uma amostra de conveniência, do tipo não-probabilístico, de 106 pessoas entre 18 a 47 anos (M= 22,97; DP= 6,02). A maioria da amostra se compreendeu pelo gênero feminino (68, 1%), de renda familiar até dois salários-mínimos (61,1%), cursando entre o 4° e o 7° período e conhece um autista e ele é um familiar (37,2%).

Instrumentos

Foi utilizado um questionário sociodemográfico, com o intuito de caracterizar os participantes, perguntou-se a idade, gênero que se identificava, renda familiar, curso, período que estava cursando e se o participante tem contato com algum indivíduo autista, perguntado se ele é um familiar, amigo, um conhecido, outro ou não conhece. Nesse sentido, foi realizado mais um questionário aberto *online*, que contou com três perguntas. A primeira pergunta foi "Como você descreveria o indivíduo autista para uma pessoa leiga? ", a segunda pergunta, foi "Quais dificuldades você acha que um indivíduo autista passa? ", e por fim, foi perguntado "Por que a conscientização sobre o autismo é importante? ".

Procedimentos e Aspectos Éticos

Os dados foram coletados a partir de um questionário de forma on-line. Para acessar a o formulário foi disponibilizado um link com uma breve apresentação inicial sobre o que essa pesquisa se tratava, este link foi disseminado em comunidades virtuais, nas redes sociais e por panfletos com Qr-code distribuídos com uma explicação oral sobre do que se tratava o questionário e apresentando os critérios para responder a pesquisa. Nesse sentido, informaram-se os objetivos da pesquisa, a garantia de confidencialidade, também comunicado que a participação é voluntária, dando a possibilidade ao participante desistir de responder o formulário a qualquer momento oportuno.

A princípio, buscando conservar os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, foi esclarecido os possíveis riscos que poderiam enfrentar ao responder o questionário, descrevendo o que a pesquisa se tratava e os objetivos dela, foi assegurado e respeitado o anonimato da pessoa, informando que os dados coletados seriam destinados somente para fins científicos. Além disso, o participante só seguiria a diante se concordasse em participar da pesquisa, levando em consideração o termo de consentimento livre e esclarecido que foi apresentado juntamente com as demais informações sobre a pesquisa ao acessar o questionário. Ademais, a coleta de dados foi iniciada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), informando os participantes sobre a Resolução 510/16, que assegura que a ética em pesquisa envolvendo o respeito e a proteção da dignidade humana dos envolvidos.

Análises de Dados

Os dados de ambos os questionários (o sociodemográfico e o aberto) foram analisados respectivamente pelos softwares *JASP* e *IRAMUTEQ.* No primeiro software, buscou-se a análise os dados quantitativos da pesquisa, realizando a verificação das estatísticas descritivas. Já no segundo questionário qualitativo, foi utilizado o *IRAMUTEQ* que é um software gratuito, que foi desenvolvido por Pierre Ratinaud em 2009. Nesse sentido, o software faz uma análise lexical, tendo várias análises diferentes, sendo as principais a análise de nuvem de palavras, estatísticas, a análise de similitude e especialmente a análise de especificidades e análise fatorial de correspondência (AFC) que será uma das mais utilizadas ao decorrer do artigo (Camargo & Justo, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando compreender e elaborar comparações entre os dados obtidos, foi utilizado o software *IRAMUTEQ* para realizar análises estatísticas das respostas referentes a primeira pergunta: "Como você descreveria o indivíduo autista para uma pessoa leiga? " (Descrição de um indivíduo autista); ao segundo questionamento: "Quais dificuldades você acha que um indivíduo autista passa? " (Dificuldades enfrentadas) e, por fim, a terceira pergunta: "Por que a conscientização sobre o autismo é importante? " (Importância da conscientização). Além disso, com a análise feita, foi possível compreender e identificar as palavras mais faladas em cada corpus textual, bem como a frequência dela. Nesse sentido, preferiu-se apresentar apenas as que tiveram mais frequência. E, por fim, exemplos de respostas que tenham a presença dessas palavras.

Tabela 1. *Categorias Temáticas Resultantes do Dados das Questões Dissertativas*

Categoria (Pergunta)	A Palavra Mais Falada (F)	Exemplos de Respostas
Descrição de um indivíduo autista	Diferente (F= 24)	"Uma pessoa com pensamentos e ações diferentes do considerado padrão da sociedade"
Dificuldades enfrentadas	Preconceito (F= 22)	"O preconceito e questão de socialização"
Importância da conscientização	Inclusão (F=18)	"Por que desenvolve a inclusão social"

Levando em consideração a tabela acima, é interessante perceber que as repostas dos participantes ressaltam eixos como a socialização e a sociedade, constatando que muitas das características e dificuldades destes indivíduos giram entorno dessas classes. Com isso, foi possível observar que a palavra "diferente" a mais frequentes da primeira pergunta, demonstra a concepção do autista como uma pessoa que destoa do padrão esperado pela sociedade, ademais os indivíduos que a compõe, compreendendo o autista como um indivíduo com comportamentos e modo de compreender o mundo de maneira atípica.

Na segunda pergunta, é afirmado que a principal problemática que estes indivíduos enfrentam é o preconceito. Sem dúvidas, a discriminação é algo necessário comentar, com isso, foi realizado um estudo, que buscou compreender como indivíduos autistas dão sentido ao próprio transtorno e ao estigma enfrentado na vivência dele como uma pessoa neurodivergente, com isso foi afirmado pelos participantes que têm convivido com decorrentes estigmas acerca de uma percepção, na qual os infantilizava, sendo tratados de maneira que não correspondiam com a idade real destes participantes, além disso, ocorria uma desumanização sobre eles e era estabelecia uma impotência quanto aos autistas sobre si mesmos. Com isso, afetando diretamente na sua própria concepção de si mesmo, visto que o autismo compõe uma parte significativa da sua vida e sobretudo a perspectiva sobre si mesmos, sua identidade, e quando ela é tratada de maneira inadequada para a pessoa causa danos,

ameaçando trazer perspectivas embasadas nesses estigmas que afetariam a percepção de si mesmo. (Botha, Dibb & Frost, 2022).

Nesse sentido, observa-se que, na terceira pergunta, destaca-se a importância da conscientização. Onde a palavra mais falada é a inclusão social, atentando sobre a marginalização desses indivíduos na sociedade por serem "diferentes", o autismo é visto como uma questão inerentemente "ruim" na sociedade. (Botha, Dibb & Frost, 2022).

Para aprofundar na compreensão dos dados analisados, optou-se pelo aprofundamento no corpus textual 1, referente a descrição de um indivíduo autista, traçando uma comparação entre as áreas de estudo dos participantes universitários, sendo assim, foi formulada a tabela abaixo:

Tabela 2. *Comparação entre as Áreas de Conhecimento Referente ao Corpus 1*

Áreas de Estudo	A Palavra Mais Falada	Exemplos de Respostas
Ciências da saúde	Diferente	"Uma pessoa que nasceu com características neurológicas diferentes geralmente com dificuldades na socialização e comunicação"
Ciências humanas	Especial	"Um indivíduo com uma condição especial a qual gera uma dificuldade de realização de atividades cotidianas que para muitos seriam simples porém para pessoas com autismo torna se relativamente difíceis"
Ciências exatas	Inteligente	"Uma pessoa sem maldade nenhuma e inteligente"

Com base na tabela acima na área de estudo das ciências da saúde é observado novamente a palavra "diferente". Nesse sentido, é interessante compreender que esses sujeitos focaram na atipicidade do indivíduo, dando um foco nas características neurobiológicas, trazendo uma concepção mais cientifica sobre o assunto, segundo Dias, Maciel, Silva e Menezes (2021), essa concepção de diferente é problematizada pois traz pressupostos sociais onde o indivíduo dito como "diferente" do normal, significa ser insano ou louco. Além disso, foi abordado na resposta as dificuldades na socialização e comunicação com um fundamento científico, como bem explorado no Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-V (2014).

Na área das ciências humanas, a palavra com maior frequência foi "especial", que embora não seja um termo não tão bem aceito no âmbito científico denota um sentido parecido com a palavra "diferente", no entanto, já na resposta é pautada a dificuldade dos autistas em realizar algumas tarefas ditas "simples" pelo público neurotípico.

Por fim no campo das ciências exatas, foi observado que a palavra mais falada foi "inteligente", podendo revelar uma concepção estereotipada acerca do indivíduo autista apresentar um alto índice de inteligência em comparação aos neurotípicos. No entanto, essa concepção não é um critério de diagnóstico para o transtorno do espectro autista, podendo apresentar ou não altas habilidades/superdotação, isso significa que esse aspecto não é evidenciado por bases cientificas

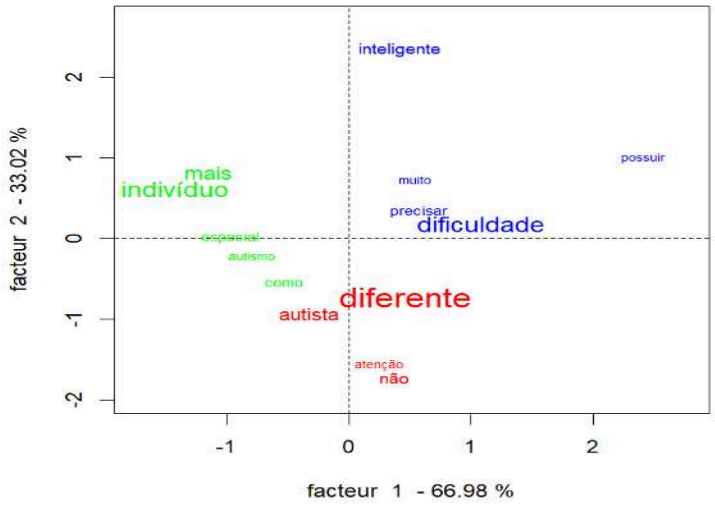
segundo o Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-V (2014).

Essa perspectiva também foi observada no estudo de Wood e Freeth (2016), sobre os estereótipos de autismo em estudantes, no qual foi observado que a "alta inteligência" foi uma das categorias mais citadas, esta correspondeu a 16,5% do total das respostas dos entrevistados, trazendo reflexões sobre o quão presente é essa narrativa de universitários acerca de indivíduos autistas.

Outro detalhe interessante no discurso do exemplo da terceira categoria é a fala de "uma pessoa sem maldade alguma", onde pode correlacionada com a famosa expressão "anjo azul", que foi explicada por Brilhante et al. (2021), como uma concepção patologizante da deficiência, não conseguindo enxergar o indivíduo autistas como pessoas com sua própria subjetividade, além do seu transtorno. Também é comentado novamente sobre a infantilização do sujeito sendo concebido como um indivíduo sem sua própria sexualidade, como uma pessoa pura e inocente, e culminando em uma perspectiva estereotipada sobre a incapacidade na realização de tarefas e desejos.

Para compreender de forma mais profunda a relação desses indivíduos buscou-se realizar a análise fatorial de correspondência (AFC). Segundo Camargo e Justo (2013), a AFC, é uma representação em um plano cartesiano que possibilita a observação de associações de dependência e independência entre as variáveis, esse método organiza as categorias (as áreas de estudo) em eixos (x e y) que refletem essas associações. Nesse sentido, na figura abaixo, mostra as palavras que compõe as três categorias:

Figura 1. *Análise Fatorial de Correspondência do Corpus 1 gerada pelo IRAMUTEQ*



Com a figura 1, é possível observar três categorias, na qual essa pesquisa dividiu, que seria as áreas de estudo das ciências da saúde (vermelho), humanas (verde) e exatas (azul). O percentual próximo aos eixos (66, 98% no eixo X e 33,02% no eixo Y), indica que o fator 1 explica a maior parte

(66,98%) das associações observadas. Segundo Martins, Lima, Amaral-Rosa e Moreira (2020), é dividida em associações de independência e dependência, isso percebido pelo grau de proximidade ou distância entre as variáveis, assim, se as categorias estarem próximas de linhas/ colunas ou no mesmo quadrante significa que elas estabelecem dependência. Esta tem três intensidades, a baixa, moderada e acentuada.

Levando isso em consideração, foi possível observar que a classe de exatas (azul) estabelece uma associação independente quanto as outras categorias (saúde e humanas), pois está em um quadrante (superior direita) isolado dos demais, além disso, as palavras expressas dessa classe, “inteligente”, “dificuldade”, “passar”, “precisar” e “muito”, não estão relacionadas ou sobrepostas com as palavras das outras áreas.

No entanto, pode-se estabelecer uma associação de dependência acentuada entre as classes saúde (vermelha) e humanas (verde), pois estas dividem quadrantes e estão próximas das linhas e colunas centrais, isso significa que elas compartilham características e têm uma forte correlação com o fator principal (fator 1), que pode explicar a maior parte da variância (66, 98%).

Nesse sentido, pelos dados coletados e devidas interpretações, essa pesquisa demonstrou algumas limitações como a escassez de trabalhos científicos sobre o tema e o baixo número amostral, especialmente de estudantes universitários de campos de estudo diferente das ciências da saúde, dessa forma, impedindo a assertividade quanto ao nível científico do artigo. Para direcionamentos futuros, sugere-se mais pesquisas sobre a comparação entre mais áreas de estudo, compreendendo de forma mais profunda a perspectiva de cada categoria levando em consideração os conhecimentos obtidos nas grades curriculares e concepções obtidas fora do âmbito acadêmico. Além disso, seria cabível mais artigos que envolvessem o indivíduo autista, sobretudo pesquisas mais empíricas sobre como esses neurodivergentes se enxergam e como as perspectivas, sobretudo de universitários e futuros profissionais afetam na maneira de se comportar e de entender a si mesmo.

Portanto, com a referente interpretação dos dados coletados, é possível compreender que a hipótese de que os estudantes universitários da área da saúde têm mais conhecimento baseado em evidências científicas sobre a realidade do indivíduo com o transtorno do espectro autista do que os universitários de outras áreas do conhecimento, foi confirmada, observando um menor conhecimento científico sobre o transtorno na área das ciências exatas. Além disso, foi entendido que nas respostas dos estudantes da área de humanas, embora a grade curricular não tenha um foco significativo comparada com o campo da saúde sobre o autismo, foi evidenciado um conhecimento satisfatório sobre o assunto. Estabelecendo associações e semelhanças nas narrativas entre as perspectivas da área da saúde e humanas, como palavras com sentidos parecidos e foco semelhantes também. No entanto, no campo das exatas foi evidenciado um grau de independência quanto aos outros campos, sendo observada poucas semelhanças sobre as concepções do tema com estes.

REFERÊNCIAS

Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2017). Psicologia Social. Porto Alegre: Artmed.

American Psychiatric Association (APA). (2014) Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. Porto Alegre: Artmed.

Botha, M., Dibb, B., & Frost, D. M. (2022). "Autism is me": an investigation of how autistic individuals make sense of autism and stigma. Disability & Society. 37(3), 427-453. Doi: 10.1080/09687599.2020.1822782

Brilhante, A. V. M., Figueira, L. M. A., Lopes, S. V. M. U., Vilar, N. B. S., Nóbrega, L. R. M., Pouchain, A. J. M. V., Sucupira, L. C. G. (2021). Ciência & Saúde Coletiva. 26 (2), 417-426. Doi: 10.1590/1413-81232021262.40792020

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. Temas em psicologia, 21(2), 513-518.

Dias, C. C. V., Maciel, S. C., Silva, J. V. C. & Menezes, T. S. B. (2021). Representações sociais sobre o autismo elaboradas por estudantes universitários. Bragança Paulista, 28(4), 631-643. Doi: http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712021260403

Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas da pesquisa social. São Paulo: Atlas.

Martins, I., Lima, V. M. R., Amaral-Rosa, M. P., Moreira, L. J., Ramos, M. G. (2020). Handcrafted and software-assisted procedures for Discursive Textual Analysis: analytical convergences or divergences?. In: Costa. A. P., Reis, L. P., Moreira, A. (Eds.), Computer supported qualitative research (pp. 89-205). Portugal: Springer.

Matthew, J. M., Warren, Z., Williams. R. A. & et al. (2023). Morbidity and Mortality Weekly Report Morbidity and Mortality Weekly Report, 72(2); 1-4. Doi: http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1.

Muszkat, M., Araripe, B. L., Andrade, N. C., Muñoz, P. O. L., & Mello, C. B. (2014). Neuropsicologia do autismo. In Fluentes, D., Malloy- Diniz, L. F., Camargo, C. H. P., & Conseza, R. M. (Eds.), Neuropsicologia: teoria e prática. (pp. 177- 185). Porto Alegre: Artmed.

Wood, C., Freeth, M. (2016). Students' Stereotypes of Autism. Journal of Educational Issues. 2 (2), 131-140. Doi: https://doi.org/10.5296/jei.v2i2.9975

ATITUDES E CONSUMO DE MÍDIA *BODY POSITIVITY*

Thais Emanuele Galdino Pessoa – UFPB
Jessiane Dayane Soares da Silva – UFPB
Carlos Eduardo Pimentel – UFPB

RESUMO: O conceito de Body Positivity vai além de um simples conteúdo midiático, representando uma luta pela aceitação de todos os corpos que fogem dos padrões tradicionais de beleza. Seu objetivo é combater os estereótipos impostos pela mídia e enfrentar todas as formas de violência e opressão corporal, com ênfase no corpo feminino. Porém, ainda são escassos estudos brasileiros sobre endosso da imagem corporal mais positiva especialmente na relação com mídias de autoaceitação corporal. Portanto, o objetivo do estudo é verificar a relação entre mídia Body Positivity e diferentes concepções de Imagem Corporal. Contando com 780 respondentes, com idade média de 24,47 (DP = 6,60), sendo a maioria mulheres (71,5%), heterossexuais (68,4%), solteiros (50%) e autodeclarados cisgêneros (99,2%). Em um questionário online, foram aplicados os instrumentos: Escala de Vergonha Corporal, Escala da Apreciação Corporal-2, Escala de atitudes frente ao *Body Positivity Moviment* e um questionário sociodemográfico. Os achados reportam correlações significativas entre atitudes, consumo BoPo e AC, tendo esta última se correlacionado negativamente com a VC. Os resultados apontam para o potencial positivo de crenças e sentimentos favoráveis a mídia *BoPo* em relacionar com concepções mais positivas de Imagem Corporal, como se propõe o movimento político social.

Palavras-chave: Imagem Corporal; Mídia; Autoimagem.

INTRODUÇÃO

O movimento *Body Positivity (BoPo)*, mais do que uma simples tendência midiática, é uma proposta de luta pela aceitação de todos os tipos de corpos, especialmente aqueles que fogem dos padrões estéticos tradicionais. Seu objetivo central é combater o imaginário social sobre o "corpo ideal", frequentemente imposto pela mídia, que gera um ciclo de opressão e violência, principalmente em relação aos corpos femininos (Cohen et al., 2019). Esse movimento, que visa a inclusão e a valorização da diversidade corporal, está ganhando cada vez mais visibilidade nas redes sociais. Em plataformas digitais, é comum encontrar postagens (como fotos, legendas e vídeos curtos) que promovem a aceitação de corpos em diferentes formas, tamanhos, texturas e características, ao mesmo tempo que desafiam os padrões de beleza convencionais (Brathwaite & DeAndrea, 2022; Chiat, 2021).

A origem do *BoPo* remonta à quarta onda do movimento feminista, que, segundo estudiosas como Zimmerman (2017) e Darnell (2018), se caracteriza por um ativismo digital amplificado pelas mídias sociais. Esse ativismo visa enfrentar as múltiplas formas de violência de gênero, promovendo uma consciência interseccional. O conceito de interseccionalidade, proposto por Kimberlé Crenshaw (1989), aponta que as opressões de classe, gênero, raça, etnia e orientação sexual se entrelaçam e geram experiências únicas de discriminação para diferentes grupos sociais. Assim, o movimento *BoPo* não apenas questiona padrões estéticos, mas também se insere numa crítica mais ampla sobre

as diversas formas de opressão que afetam as mulheres, especialmente aquelas que pertencem a grupos marginalizados.

A imagem corporal foi sendo discutida há diversas décadas na perspectiva da compreensão patologizante dos aspectos associados a uma imagem corporal negativa e na contenção de seus impactos prejudiciais (Tylka, 2011). Dentre essas, o conceito de *body shame* (vergonha corporal) diz respeito ao sentimento de vergonha ou desconforto com o próprio corpo, frequentemente alimentado pela comparação com padrões estéticos idealizados e amplamente promovidos pela mídia e pela sociedade. Essa está profundamente relacionado a teorias psicológicas e sociais que abordam a autopercepção e a regulação social. A *Objectification Theory* (Teoria da Objetificação) de Fredrickson e Roberts (1997) sugere que, especialmente as mulheres, são socializadas a se verem como objetos, avaliadas principalmente por sua aparência física, o que leva a um processo de auto-objetificação.

Por outro lado surge a proposta de investigação da Imagem Corporal Positiva, essa envolve apreciação, aceitação e amor pelo corpo, investimento na aparência, uma visão ampla da beleza e uma positividade interna que se reflete externamente. Esse conceito holístico combina experiências internas e externas, como relacionamentos, mídia e cultura, de forma estável, mas ajustável com intervenção (Tylka & Wood-Barcalow, 2015). Porém, ainda são escassos estudos brasileiros sobre endosso da imagem corporal mais positiva especialmente na relação com mídias de autoaceitação corporal. Portanto, o objetivo do estudo é verificar a relação entre mídia *Body Positivity* e diferentes concepções de Imagem Corporal.

MÉTODO

Participantes

Para fins desse estudo, contabilizou-se respostas coletadas de 780 participantes com idades variando entre 18 e 49 anos (M = 24,47; DP = 6,60; EP = 0,23). Os respondentes foram em sua maioria mulheres (71,5%), autodeclarados cisgênero (99,2%), solteiros(as) (50%), heterossexuais (68,4%) e brancos(as) (53,4%). Acrescenta-se que foram pessoas majoritariamente do nordeste (91,2%), de classe econômica baixa (37,5%) com Ensino Superior incompleto (54,8%). Quanto ao consumo de mídia BoPo computado por uma frequência de 1 (nunca) a 5 (sempre), os participantes apresentaram uma média baixa de consumo (M = 2,34; DP = 0,94).

Instrumentos

Escala de Vergonha Corporal: Validada por Bercht & Costa (2023), esse instrumento faz parte da Escala de Consciência Corporal Objetificada desenvolvida por McKinley e Hyde (1996). A escala conta com 8 itens visando mensurar a vergonha do próprio corpo a partir dos padrões estabelecidos socialmente e deve ser respondida em uma escala de concordância tipo likert de 1 (concordo totalmente) a 6 (discordo totalmente).

Escala da Apreciação Corporal-2: Validado por Junqueira e colaboradores (2019) para o contexto brasileiro, construída por Tylka e Wood-Barcalow (2015). Tem o objetivo de mensurar a apreciação do corpo a partir de 10 itens que variam entre (1) nunca a (5) sempre.

Escala de atitudes frente ao *Body Positivity Moviment*: Esta escala é composta por 4 itens que atribuem adjetivos avaliativos em pólos opostos (diferencial semântico). Inicialmente, é proposta a frase "Considero [objeto atitudinal]…" e, então, é solicitado que se marque entre: Negativo/Positivo, Desagradável/Agradável, Ruim/Bom e Indesejável/Desejável, por meio do diferencial semântico de 7 pontos. Essa estrutura de mensuração já foi utilizada em diferentes estudos de mídia (Tavares et al., 2023; Pessoa, et al., 2021; Pimentel, et al., 2016; Ferreira, et al., 2008)

Questionário biosociodemográfico, com intuito de caracterizar a amostra deste estudo. Assim como uma breve explicação do movimento a partir da perspectiva de Tylka e Wood-Barcalow (2015) e pergunta a respeito do consumo dessa mídia.

Procedimentos

Para desenvolvimento dessa pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), obtendo parecer favorável (CAAE 78171024.3.0000.5188; Parecer: 6.869.635). Visando alcançar maior diversidade de respondentes, a coleta de dados se deu em espaços públicos por meio da indicação do formulário da pesquisa elaborado na plataforma *online Save Monckey*.

Inicialmente, os participantes optaram pela concordância com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram informados acerca da possibilidade de desistir do estudo a qualquer momento, seguindo assim, os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde quanto à autonomia dos respondentes.

Análise de dados

A tabulação dos dados, assim como a análise dos mesmos, foi realizada no *software* JASP. Foram feitas análises descritivas para caracterização da amostra e uma correlação bivariada de Pearson para verificar a relação entre as variáveis citadas.

RESULTADOS

A variável de atitudes se correlacionou de maneira significativa e positiva com o consumo de mídia BoPo e o fator de apreciação, o qual, como esperado, se correlacionou de maneira negativa com a vergonha corporal, como pode ser visto na Tabela 1. Contudo, não houveram associações significativas entre o consumo de mídia BoPo e a apreciação ($r = 0,06$; $p > 0,05$) e vergonha corporal ($r = 0,06$; $p > 0,05$), assim como, vergonha corporal não se correlacionou com atitudes ($r = 0,006$; $p > 0,05$).

Tabela 1. *Correlações entre atitudes e consumo frente mídia Body Positivity e diferentes concepções de Imagem Corporal.*

Variáveis	1.	2.	3.	4.
1. Atitudes	-			
2. Consumo de mídia *BoPo*	0,15***	-		
3. Apreciação	0,08*	0,067	-	
4. Vergonha Corporal	0,006	0,064	-0,60***	-

Nota: *** para $p < 0,001$; ** para $p < 0,01$; * para $p < 0,05$

DISCUSSÃO

O objetivo do estudo foi verificar a relação entre mídia *Body Positivity* e diferentes concepções de Imagem Corporal, mais especificamente a Vergonha Corporal e a Apreciação Corporal. Para isso, foi utilizados os fenômenos: Atitudes favoráveis e o Consumo da mídia *BoPo* visando testar essas relações.

Inicialmente observa-se que as Atitudes e o Consumo estão fortemente relacionados entre si, como esperado a partir dos preceitos básicos dos estudos de atitudes (Torres & Neiva, 2022). Contudo, o Consumo não foi capaz de relacionar-se com as demais variáveis investigadas, o que pode ser justificado pela própria característica da amostra que possui baixa adesão ao consumo desse conteúdo midiático.

Por outro lado, as Atitudes favoráveis relacionam-se de maneira proporcional com os níveis mais elevados de Apreciação Corporal, como esperado teoricamente visto que o movimento em questão busca a não só a conscientização das violências ao corpo, mas também a promoção de um olhar positivo ao mesmo (Cohen et al., 2019). Ressalta-se que o efeito baixo dessa relação, pode ser explicado pela característica multidimensional do fenômeno da Imagem Corporal Positiva, a medida que esse está intrinsecamente ligado com aspectos culturais e sociais enfraquecendo relações diretas (Tylka & Wood-Barcalow, 2015), característica inerente de estudos em psicologia social (Torres & Neiva, 2022).

Por fim, a Vergonha Corporal não relacionou-se com nenhum dos demais aspectos investigados. A ausência de relações aponta para o caráter potencial do da mídia *BoPo* de dissociar-se de concepções depreciativas a respeito da autoimagem (Brathwaite & DeAndrea, 2022).

Dessa forma, o estudo psicométrico a respeito da mídia *Body Positivity* reitera os achados presentes em uma revisão de escopo recente, Rodgers e colaboradores (2021) que apresenta efeitos mais benéficas à imagem corporal quando em mídias sociais alinhadas ao movimento *BoPo.* Apesar de ser um primeiro estudo na realidade brasileira nessa perspectiva, o estudo não está livre de limitações. Dentre essas as inerentes a amostragem por conveniência, mas também majoritariamente presente na região nordeste do país. Ainda o estudo de caráter correlacional se propõe a elucidar relações, mas carece de testar modelos preditivos.

Espera-se que novos estudos testem relações diretas entre os fenômenos, mas também ampliem as realidades e identidades sociais investigadas, à medida que o movimento propõe discutir a pluralidade de corpos. Assim como demais aspectos psicológicos a serem analisados que podem vir a potencializar.

Apesar disso, o estudo introduz a compreensão da mídia *Body Positivity* de maneira científica a realidade brasileira e permite propor estratégias práticas para a utilização desse conteúdo para a promoção de autoimagem mais positiva de brasileiros, a exemplo do maior consumo de músicas, filmes e *influencers* com a temática.

REFERÊNCIAS

Bercht, A. M., & Costa, A. B. (2023). Objectification Theory: Applicability in a Sample of Rio Grande do Sul/Brazil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 39*, e39412. https://doi.org/10.1590/0102.3772e39412.pt

Brathwaite, K. N., & DeAndrea, D. C. (2022). BoPopriation: How self-promotion and corporate commodification can undermine the body positivity (BoPo) movement on Instagram. Communication Monographs, 89(1), 25-46.

Chiat, A. (2021). Body Positivity Movement: Influence of Beauty Standards on Body Image.

Cohen, R., Fardouly, J., Newton-John, T., & Slater, A. (2019). # BoPo on Instagram: An experimental investigation of the effects of viewing Body Positivity content on young women's mood and body image. New Media & Society, 21(7), 1546-1564.

Darnell, L. (2018). An introduction to feminism and cross-cultural body image in the United States. Senior Honors Theses and Projects, 613.

Ferreira, D. C., Pimentel, C. E., da Silva Cirinoc, C., Santos, H. S., & de Oliveira, M. C. (2008). Psicologia da era virtual: atitudes de estudantes adolescentes frente ao Orkut. Psicologia Argumento, 26(55), 305-317.

Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. Psychology of women quarterly, 21(2), 173-206.

Junqueira, A. C. P., Laus, M. F., Almeida, S. S., Costa, T. M. B., Todd, J., & Swami, V. (2019). Translation and validation of a Brazilian Portuguese version of the Body Appreciation Scale-2 in Brazilian adults. Body Image, 31, 160-170.

Kimberlé, C. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Anti-Discrimination Doctrine, Feminist Theory and Anti-Racist Politics. The University of Chicago Legal Forum Vol. 140.

McKinley, N. M., & Hyde, J. S. (1996). The objectified body consciousness scale development and validation. *Psychology of Women Quarterly*, *20*(2), 181-215. https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1996.tb00467.x

Pessoa, T. E. G., Pimentel, C. E., Santos, I. L. S., & Tavares, S. M. (2021). Psicologia da Era Virtual (3a geração): Validação da Escala de Atitudes Perante o Instagram. Revista Psicologia Em Pesquisa, 15(3), 1-17.

Pimentel, C. E., Vilar, R., Cavalcanti, J. G., & de Moura, G. B. (2016). Psicologia da era virtual: estrutura das atitudes frente ao Facebook. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, 11(2), 310-324.

Rodgers, R. F., Paxton, S. J., & Wertheim, E. H. (2021). # Take idealized bodies out of the picture: A scoping review of social media content aiming to protect and promote positive body image. Body Image, 38, 10-36.

Tavares, S. M., Tomaz Paiva, T., Pereira, C. R., Pimentel, C. E., & Armanda Pinto dos Santos, L. (2023). Deu match! Escala de atitudes frente ao Tinder: validade e precisão. CES Psicología, 16(1), 180-192.

Torres, C. V., & Neiva, E. R. (2022). Psicologia social: principais temas e vertentes. Artmed Editora.

Tylka, T. L. (2011). Positive psychology perspectives on body image. In T. F. Cash & L. Smolak (Eds.), Body image: A handbook of science, practice, and prevention (2nd ed., pp. 56–64). The Guilford Press.

Tylka, T. L., & Wood-Barcalow, N. L. (2015). The Body Appreciation Scale-2: item refinement and psychometric evaluation. Body image, 12, 53-67.

Zimmerman, T. (2017). # Intersectionality: The fourth wave feminist Twitter community. Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture & Social Justice, 38(1), 54-70.

GLM: UM MODELO PARA A COMPREENSÃO DO IMPACTO DE MÍDIAS

Thais Emanuele Galdino Pessoa – UFPB
Jessiane Dayane Soares da Silva – UFPB
Carlos Eduardo Pimentel – UFPB

RESUMO: Os estudos sobre os efeitos da mídia pró-social começaram nas décadas de 1970 e 1980, focando na televisão e seus impactos positivos sobre comportamentos de ajuda. Com o tempo, a aplicação do Modelo Geral da Aprendizagem (GLM) passou a explicar esses efeitos, especialmente no contexto de videogames, destacando como a interação com mídias interativas pode promover comportamentos pró-sociais e cooperação, em contraste com os efeitos de mídias violentas. O objetivo deste estudo é analisar o GLM, explorando sua trajetória histórica, definições, ciclos e aplicações nos estudos de mídia contemporâneos A trajetória histórica desses estudos mostra uma ampliação no escopo das mídias analisadas, destacando a importância tanto do conteúdo quanto das características pessoais na formação de comportamentos sociais a curto prazo, mas também na formação de normas e crenças sociais, longo prazo.

Palavras-chave: Mídia; Modelo Teórico; Crenças.

INTRODUÇÃO

Atualmente, existem mais de 4,95 bilhões de usuários de mídia social no mundo, representando metade da população global, e as redes sociais estão presentes em mais de 59% das regiões (Statista, 2023). A mídia é definida como qualquer meio de comunicação que transmite uma mensagem, seja audiovisual ou escrita, como filmes, jornais, rádio, internet e redes sociais (APA, 2010). As redes sociais, como Whatsapp, Instagram e Facebook, são apenas uma categoria em evidência atualmente.

A comunicação em massa, anteriormente centralizada em grandes empresas, foi descentralizada com a internet, permitindo que os indivíduos interajam e compartilhem informações livremente no ciberespaço (Lévy, 2004). Esse avanço trouxe benefícios, como a democratização da produção e do acesso à informação, o entretenimento acessível e a disseminação de valores e normas sociais (Raboy, 2003; Turner, 2014). Contudo, também gerou problemas, como a superficialidade do conteúdo e a propagação de fake news, especialmente em períodos de crise, como na pandemia de coronavírus, quando conviviam informações científicas e falsas nas redes sociais (Venegas-Vera et al., 2020; Pennycook & Rand, 2021).

A psicologia da mídia, surgida na década de 1990, estuda os efeitos psicológicos da comunicação e o impacto da mídia no comportamento social, com base na psicologia social (Araújo et al., 2021; Santos et al., 2020). O Modelo Geral da Agressão (GAM), proposto por Anderson e Bushman (2002), investiga a relação entre a mídia e comportamentos agressivos. Em estudos subsequentes, foi evidenciado que a exposição a mídias violentas, como videogames, pode aumentar sentimentos e comportamentos agressivos (Anderson et al., 2010). Por outro lado, também há estudos que investigam os efeitos positivos da mídia, como a promoção de comportamentos pró-sociais, e o

Modelo Geral da Aprendizagem (GLM) tem sido utilizado para compreender esses efeitos, demonstrando que videogames pró-sociais podem incentivar ações pró-sociais (Buckley & Anderson, 2006; Berkowitz, 1984).

O GLM tem sido aplicado em estudos recentes sobre o impacto de diferentes tipos de mídia, como música (Pimentel et al., 2017; Hong et al., 2023), redes sociais (Ai et al., 2021; Huang & Chen, 2020), e conteúdos específicos, como super-heróis (Santos et al., 2024) e temáticas LGBTQIAP+ (Dias et al., 2023). Além disso, o GLM também tem sido utilizado para estudar a influência da mídia no comportamento de públicos específicos, como crianças e adolescentes, no contexto de empatia (Shoshani, 2024) ou aprendizado de programação (Adamovic & Ivetic, 2024).

Portanto, o objetivo deste estudo é analisar o Modelo Geral da Aprendizagem, explorando sua trajetória histórica, definições, ciclos e aplicações nos estudos de mídia.

O GAM e trajetória histórica

O Modelo Geral da Aprendizagem (GLM) é uma ampliação do Modelo Geral da Agressão (GAM), que busca entender o impacto das mídias violentas no comportamento agressivo. O GAM, proposto por Anderson e Bushman (2002), sugere que a exposição a mídias violentas, como videogames, aumenta comportamentos agressivos tanto no curto quanto no longo prazo, reforçando atitudes agressivas e a dessensibilização frente à violência. O modelo foi desenvolvido ao longo de várias pesquisas (Anderson & Morrow, 1995; Bushman, 1995), com base em teorias da psicologia social, como a Aprendizagem Social de Bandura (Bandura et al., 1961) e a Teoria do Script de Huesmann (1988), que explicam como comportamentos são aprendidos por observação e repetição. Essas teorias sustentam a ideia de que a mídia age como modelo de comportamento, influenciando ações dos indivíduos, especialmente entre os jovens, ao oferecer exemplos de como lidar com situações sociais e emocionais.

A teoria neo-associativa cognitiva de Berkowitz (1993) e a teoria da transferência de excitação de Zillmann (1971) também são fundamentais para entender como a mídia pode evocar respostas emocionais, que, por sua vez, afetam comportamentos subsequentes. Além disso, a teoria do processamento de informação social de Crick e Dodge (1994) e a teoria da interação social de Tedeschi et al. (1974) ajudam a compreender como as crianças e adolescentes interpretam e respondem às interações sociais, muitas vezes influenciadas pelo conteúdo midiático.

Essas teorias se convergem no GAM, que integra os efeitos das exposições a diferentes tipos de mídia, tanto agressivos quanto pró-sociais, e propõe que tais exposições geram mudanças no comportamento por meio de processos de aprendizagem (Prot & Anderson, 2014). Em 2006, Buckley e Anderson propuseram uma ampliação do GAM, investigando os efeitos de jogos digitais pró-sociais. Eles encontraram que jogos em que os personagens realizam comportamentos de ajuda

aumentam tais comportamentos na vida real, tanto no curto quanto no longo prazo (Buckley & Anderson, 2006).

O GLM, portanto, baseia-se no acúmulo de evidências empíricas que demonstram como os estímulos midiáticos afetam o comportamento, e os estudos de Swing et al. (2009) mostraram que jogos digitais podem ser ferramentas pedagógicas eficazes, promovendo habilidades específicas e comportamentos que se generalizam para outros contextos. Vários estudos continuam a explorar o impacto da mídia, tanto violenta quanto pró-social, nas interações e no aprendizado dos indivíduos (Anderson & Bushman, 2001; Barlett & Anderson, 2012).

Elementos do Ciclo Proximal e Distal

O GLM de Buckley e Anderson (2006) propõe que o processo de aprendizagem se divide em dois ciclos: o proximal, de curto prazo, e o distal, de longo prazo. O ciclo proximal envolve variáveis individuais e situacionais que afetam o comportamento do sujeito a curto prazo, como características pessoais (por exemplo, personalidade ou autoestima) e variáveis do contexto social (por exemplo, o conteúdo ou tempo de exposição à mídia). Esses fatores podem interagir de forma complexa, já que as características individuais influenciam a forma como o sujeito se expõe a situações sociais, e essas situações, por sua vez, podem reforçar ou modificar essas características (Anderson et al., 2003; Lennings & Warburton, 2011).

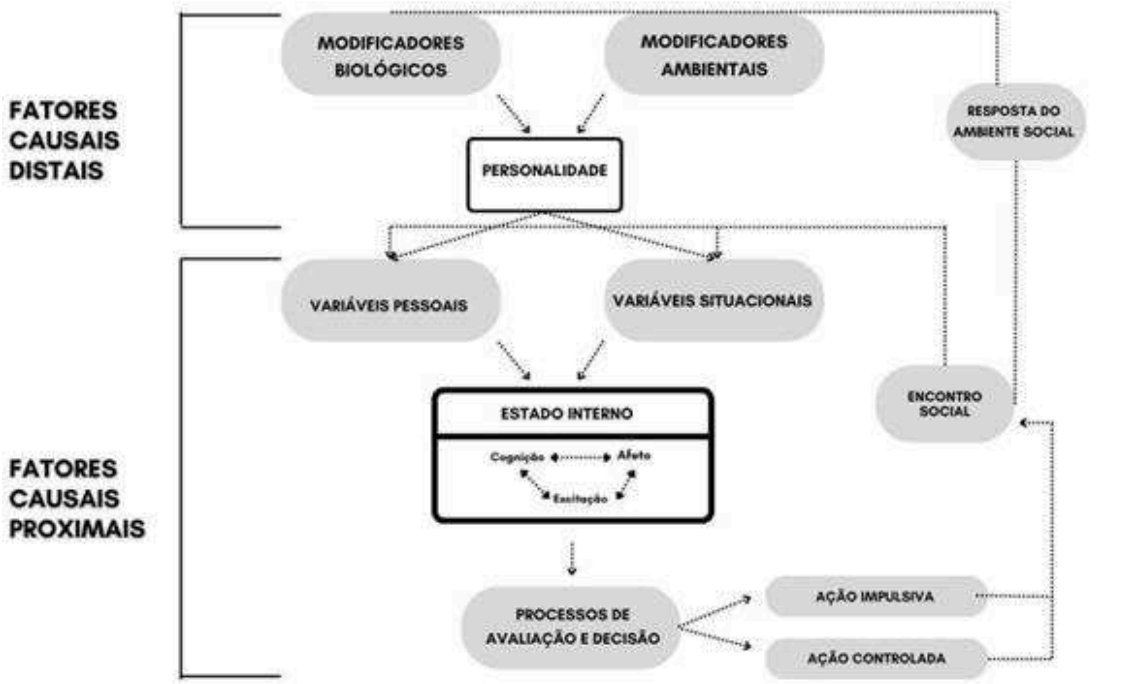
Dentro do ciclo proximal, o processo se divide em três fases: *inputs, rotas* e *outcomes*. Os inputs referem-se às variáveis individuais e situacionais, que impactam o sujeito e influenciam as rotas, compostas por estados internos, como cognições, emoções e excitação fisiológica. Por exemplo, um filme trágico pode provocar sentimentos de angústia e, ao mesmo tempo, desencadear processos cognitivos que intensificam esses sentimentos. Esses estados internos, por sua vez, levam aos *outcomes*, que envolvem a avaliação e a tomada de decisão sobre o comportamento, resultando em respostas impulsivas ou ponderadas. Essas respostas geram consequências, tanto de curto quanto de longo prazo, que reiniciam o ciclo, pois afetam as características pessoais ou o contexto social do sujeito.

Já o ciclo distal, que impacta o comportamento a longo prazo, é influenciado por *modificadores biológicos* (variáveis genéticas ou desenvolvidas ao longo do tempo) e *modificadores ambientais*, como normas sociais, condições socioeconômicas e o tipo de mídia consumida. Embora os modificadores biológicos possam ser fatores de risco ou proteção, sua influência pode ser intensificada ou mitigada conforme a interação com o ambiente social. O processo de aprendizagem é cíclico, e os fatores biológicos e ambientais estão em constante interação, influenciando os comportamentos ao longo do tempo (Anderson & Bushman, 2018).

Portanto, o GLM ajuda a compreender como a exposição à mídia, em interação com variáveis pessoais e contextuais, afeta o estado emocional e comportamental das pessoas tanto a curto quanto

a longo prazo, reforçando a aprendizagem por meio de experiências repetidas.A **Figura 1** sumariza o ciclo proximal e distal do GLM.

Figura 1. *Ciclo Proximal e Distal do GLM*



Fonte: Buckley & Anderson, 2006

Aplicação em Estudos de Mídia

Os primeiros estudos sobre mídia pró-social datam das décadas de 1970 e 1980, focando nos efeitos positivos da exposição à mídia televisiva sobre comportamentos de ajuda (Sprafkin et al., 1975; Hearold, 1985). No entanto, a aplicação do Modelo Geral da Aprendizagem (GLM) para entender esses efeitos surgiu com a análise de videogames pró-sociais (Buckley & Anderson, 2006). A partir daí, diversos estudos buscaram replicar esse fenômeno, explorando como aspectos individuais (e suas diferentes rotas) interagem com mídias interativas, como videogames, contrastando com os meios tradicionais (Gentile et al., 2009; Greitemeyer & Osswald, 2009; Greitemeyer, 2011).

Estudos mais recentes, como o de Jin e Li (2017), investigaram o impacto de jogos cooperativos, mostrando que eles promovem comportamentos pró-sociais e cooperação, em comparação com videogames violentos ou neutros. Outros pesquisadores expandiram a aplicação do GLM para diferentes formas de mídia, como músicas pró-sociais, que têm mostrado efeitos positivos em sentimentos e comportamentos de ajuda, além de reduzir comportamentos agressivos (Greitemeyer & Osswald, 2009; Greitemeyer, 2009; Greitemeyer, 2011). Pimentel (2012) e

colaboradores (2017) também trouxeram evidências dessa relação no contexto brasileiro, analisando tanto músicas nacionais quanto internacionais.

No campo dos desenhos animados, Zhang et al. (2020) ampliaram a discussão, mostrando que programas pró-sociais para crianças podem ser usados como uma estratégia para evitar comportamentos de risco, com os meninos mostrando maior endosse a cognições e comportamentos pró-sociais. Além disso, Li, Zhou e Kim (2022) validaram o modelo para o contexto da literatura, demonstrando que livros com conteúdo pró-social influenciam positivamente o comportamento de adolescentes, especialmente os mais jovens, que são mais suscetíveis a esses efeitos.

Esses estudos reforçam a ideia central do GLM de que a exposição ao conteúdo midiático pode ensinar comportamentos, dependendo das variáveis individuais e do tipo de mídia consumida. Além disso, destaca-se a importância do conteúdo específico, pois a conscientização sobre o que está sendo consumido é crucial para entender seus efeitos (Buckley & Anderson, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o GLM, como uma ampliação do Modelo Geral da Agressão, fomenta a compreensão do impacto de mídias pró-sociais por meio do compilado de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas de maneira a compreender o papel positivo da mídia na disseminação de comportamentos (efeitos proximais), mas também na mobilização de estruturas cognitivas do sujeito na interação social (efeitos distais).

Já é datado a inerência da socialização a partir de categorias midiáticas, sendo o modelo um mecanismo de compreensão do percurso da aprendizagem a partir de diferentes ciclos de curto e longo prazo. A maior contribuição do modelo, para além de objetivar o impacto positivo das mídias, se dá na articulação de diferentes teorias tradicionais da psicologia social e cognitiva na formulação dessa trajetória de aprendizagem para o sujeito.

Nessa medida, o modelo vem sendo replicado em diversos estudos empíricos por meio de diferentes perspectivas midiáticas a depender da categoria ou do conteúdo de mídia, como já citado anteriormente. Sendo assim, mostra-se válido e consistente na compreensão da aprendizagem por meio da interação com a mídia. Dessa forma, tornando-se importante meio para a promoção de comportamentos, mas também disseminação de normas sociais que mobilizam posteriormente atitudes e crenças dos sujeitos a longo prazo.

REFERÊNCIAS

Adamović, M., & Ivetić, D. (2024). Streamlined approach to 2nd/3rd graders learning basic programming concepts. Entertainment Computing, 48, 100604–100604. https://doi.org/10.1016/j.entcom.2023.100604

Ai, P., Li, W., & Yang, W. (2021). Adolescents' social media use and their voluntary garbage sorting intention: A sequential mediation model. International Journal of Environmental Research and Public Health, 18(15), 8119.

American Psychological Association. (2010). Media. In *Concise dictionary of psychology* (p. 324). Oxford University Press.

Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2001). Effects of violent video games on aggressive behavior, aggressive cognition, aggressive affect, physiological arousal, and prosocial behavior: A meta-analytic review of the scientific literature. Psychological Science, 12(5), 353-359.

Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. Annual Review of Psychology, 53(1), 27-51.

Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). Media violence and the general aggression model. Journal of Social Issues, 74(2), 386-413.

Anderson, C. A., & Morrow, M. (1995). Competitive aggression without interaction: Effects of competitive versus cooperative instructions on aggressive behavior in video games. Personality and Social Psychology Bulletin, 21(10), 1020-1030.

Anderson, C. A., Carnagey, N. L., & Eubanks, J. (2003). Exposure to violent media: the effects of songs with violent lyrics on aggressive thoughts and feelings. Journal of personality and social psychology, 84(5), 960.

Anderson, C. A., Shibuya, A., Ihori, N., Swing, E. L., Bushman, B. J., Sakamoto, A., ... & Saleem, M. (2010). Violent video game effects on aggression, empathy, and prosocial behavior in eastern and western countries: a meta-analytic review. *Psychological bulletin*, *136*(2), 151.

Araújo, I. R., Pimentel, C. E., Nascimento, A. N., & Lima, D. C. N. (2021). Psicologia da mídia no Brasil: Considerações iniciais. *Media Psychology in Brazil: Initial Considerations*. *Revista Brasileira de Psicologia e Mídia*, *2*(1), 45-60. https://www.researchgate.net/publication/353266970_Psicologia_da_Midia_no_Brasil_Consideracoes_Iniciais_-_Media_Psychology_in_Brazil_Initial_Considerations

Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. Journal of Abnormal and Social Psychology, 63(3), 575-582. 10.1037/h0045925.

Barlett, C., & Anderson, C. (2012). Examining Media Effects: The General Aggression and General Learning Models. In: Valdivia (Ed.), The International Encyclopedia of Media Studies, pp. 1–20. Blackwell Publishing Ltd.

Berkowitz, L. (1984). Some effects of thoughts on anti- and prosocial influences of media events: a cognitive-neoassociation analysis. Psychological Bulletin, 95, 410-427.

Bushman, B. J. (1995). Moderating role of trait aggressiveness in the effects of violent media on aggression. Journal of Personality and Social Psychology, 69(5), 950.

Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1994). A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment. Psychological bulletin, 115(1), 74.

Dias, E. V. A., Santos, I. L. S., & Pimentel, C. E. (2023). LGBTQ+ Media Exposure and Attitudes: Measures' Development and the Moderating Role of Sexual Orientation. Sexuality Research and Social Policy, 1-13.

Gentile, D. A., Anderson, C. A., Yukawa, S., Ihori, N., Saleem, M., Ming, L. K., … & Sakamoto, A. (2009). The effects of prosocial video games on prosocial behaviors: International evidence from correlational, longitudinal, and experimental studies. Personality and Social Psychology Bulletin, 35(6), 752-763.

Greitemeyer, T. (2009). Effects of songs with prosocial lyrics on prosocial behavior: Further evidence and a mediating mechanism. Personality and Social Psychology Bulletin, 35(11), 1500-1511.

Greitemeyer, T. (2011). Effects of prosocial media on social behavior: When and why does media exposure affect helping and aggression? Current Directions in Psychological Science, 20(4), 251-255.

Greitemeyer, T., & Osswald, S. (2009). Prosocial video games reduce aggressive cognitions. Journal of Experimental Social Psychology, 45(4), 896-900.

Hearold, S. (2013). A Synthesis of 1043 Effects of Television. Public Communication and Behavior: Volume 1, 1, 65.

Hong, M., Liang, D., & Lu, T. (2023). "Fill the World with Love": Songs with Prosocial Lyrics Enhance Online Charitable Donations among Chinese Adults. Behavioral Sciences, 13(9), 739.

Huang, Y. F., & Chen, P. H. (2020). Fake news detection using an ensemble learning model based on self-adaptive harmony search algorithms. Expert Systems with Applications, 159, 113584.

Huesmann, L. R. (1988). An information processing model for the development of aggression. Aggressive Behavior, 14, 13–24.

Jin, Y., & Li, J. (2017). When newbies and veterans play together: The effect of video game content, context and experience on cooperation. Computers in Human Behavior, 68, 556-563.

Lennings, H. I. B., & Warburton, W. A. (2011). The effect of auditory versus visual violent media exposure on aggressive behaviour: The role of song lyrics, video clips and musical tone. Journal of Experimental Social Psychology, 47(4), 794-799.

Lévy, P. (2004). Ciberdemocracia: ensayo sobre filosofía política. Catalunya: Editorial UOC.

Li, W., Zhou, L., Ai, P., & Kim, G. R. (2022). Reading prosocial content in books and adolescents' prosocial behavior: A moderated mediation model with evidence from China. Frontiers in Psychology, 13, 973481.

Pennycook, G., & Rand, D. G. (2021). The psychology of fake news. Trends in cognitive sciences, 25(5), 388-402.

Pimentel, C. E. (2012). Efeitos de letras de músicas em comportamentos pró-sociais: teste do modelo geral da aprendizagem. Trabalho de Tese em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília: Brasília.

Pimentel, C. E., Gunther, H., & da Silva, B. M. F. (2017). Efeitos de letras de músicas em comportamentos pró-sociais. Psicologia em Revista, 23(1), 66-80.

Pimentel, C. E., Gunther, H., & da Silva, B. M. F. (2017). Efeitos de letras de músicas em comportamentos pró-sociais. Psicologia em Revista, 23(1), 66-80.

Prot, S., Gentile, D. A., Anderson, C. A., Suzuki, K., Swing, E., Lim, K. M., ... & Lam, B. C. P. (2014). Long-term relations among prosocial-media use, empathy, and prosocial behavior. *Psychological science*, *25*(2), 358-368.

Raboy, M. (2003). Media and democratization in the information society. Communicating in the information society, 101-120.

Santos, I. L. S., Mariano, T. E., Pimentel, C. E., & Nascimento, A. M. (2020). Considerações Introdutórias Acerca Da Psicologia Da Mídia. Psicologia Social: Aspectos Teóricos, Metodológicos E Práticos. Editora UFPB.

Santos, I. L. S., Pimentel, C. E., & Mariano, T. E. (2024). Superhero media, aggression, and prosocialness: Relations in adults and gender's moderating role. Aggressive behavior, 50(1), e22109.

Shoshani, A. (2024). The Impact of Touch Screen Tablet Caring Games on Empathic Concern and Compassion in Young Children. International Journal of Human–Computer Interaction, 1-18.

Sprafkin, J. N., Liebert, R. M., & Poulos, R. W. (1975). Effects of a prosocial televised example on children's helping. Journal of Experimental Child Psychology, 20(1), 119-126.

Statista (2023). Topic: Social media. Statista; Statista. https://www.statista.com/topics/1164/social-networks/#topicOverview

Swing, S. R., Clyman, S. G., Holmboe, E. S., & Williams, R. G. (2009). Advancing resident assessment in graduate medical education. Journal of graduate medical education, 1(2), 278-286.

Tedeschi, J. T., Smith, R. B., & Brown, R. C. (1974). A reinterpretation of research on aggression. Psychological Bulletin, 81(9), 540.

Turner, G. (2014). The media and democratization. The Routledge Companion to Global Popular Culture, 56-65.

Venegas-Vera, A. V., Colbert, G. B., & Lerma, E. V. (2020). Positive and negative impact of social media in the COVID-19 era. Reviews in cardiovascular medicine, 21(4), 561-564.

Zhang, Q., Cao, Y., Tian, J., El-Lim, K., & Gentile, D. A. (2020). Effects of prosocial cartoon models on aggressive cognitions and aggressive behaviors. Children and Youth Services Review, 118, 105498.

Zillmann, D. (1971). Excitation transfer in communication-mediated aggressive behavior. Journal of Experimental Social Psychology, 7, 419–434.

ANÁLISE SEMÂNTICA DA MÍDIA BODY POSITIVITY: UMA REVISÃO DE ESCOPO

Thais Emanuele Galdino Pessoa – UFPB
Jessiane Dayane Soares da Silva – UFPB
Carlos Eduardo Pimentel – UFPB

RESUMO: O *Body Positivity* surge como um conteúdo midiático de confrontação a essa realidade, mas, além disso, um movimento político que propõe a luta pela aceitação de qualquer corpo não-padrão. O movimento está cada vez mais presente nas redes sociais e pode ser facilmente encontrado a partir de postagens (fotos, legendas e vídeos curtos) que objetivam a aceitação de corpos em diferentes formas, tamanhos ou aparências, combatendo ideais de beleza. Objetivo: Mapear a literatura sobre os impactos psicossociais da mídia *BoPo*. Utilizou-se a *Scoping Review*. Os estudos elegíveis passaram por uma metasíntese, mas também análise quali-quantitativa, por meio do *IRaMuTeQ* para a leitura dos resumos. Foram examinados 32 artigos que investigaram diferentes mídias do movimento. A análise das palavras-chave revelou que os termos mais frequentes estão relacionados à Imagem Corporal Positiva. A análise semântica destaca a conexão entre os termos frequentemente agrupados com palavras como mulher, jovem, relação, comparação, exposição, conteúdo e aparência, refletindo os estudos sobre os impactos da exposição a diferentes conteúdos nas redes sociais. Observa-se uma carência de estudos que abordem a relação entre peso, autoestima e apreciação corporal, sugerindo a necessidade de mais pesquisas sobre os impactos psicológicos desses fatores.

Palavras-chave: *Body Positivity Moviment*; Mídia; Impactos Psicossociais.

Introdução

O *Body Positivity (BoPo)*, para além de um conteúdo midiático, propõe a luta pela aceitação de qualquer corpo não-padrão, objetivando o combate ao imaginário social de padrão de beleza imposto pela mídia e toda forma de violência e opressão do corpo, principalmente feminino (Cohen et al., 2019). O movimento está cada vez mais presente nas redes sociais, e pode ser facilmente encontrado a partir de postagens (fotos, legendas e vídeos curtos) que objetivam a aceitação de corpos em diferentes formas, tamanhos e aparências, combatendo ideais de beleza (Brathwaite & DeAndrea, 2022; Chiat, 2021).

Pesquisadoras como Zimmerman (2017) e Darnell (2018), afirmam que o *BoPo* advém da quarta onda do movimento feminista, que por meio de mídias sociais online, vem promovendo ativismo digital a respeito das diferentes violências de gênero a partir da promoção de uma consciência intersecional [compreensão de que o sistema de opressão repercute em uma série de discriminações e preconceitos, a partir de diferentes categorias sociais e a sobreposição dessas categorias como classe, de gênero, de geração, de raça/etnia e de orientação sexual (Kimberly, 1989)].

Isso porque, trata-se de um movimento político-social dentre os diversos nichos (ex. Positividade Corporal Mainstream, Positividade Gorda, Positividade Corporal Radical e Neutralidade Corporal; Darwin & Miller, 2021), o movimento rejeita ideais de beleza midiáticos e irrealistas e empoderar mulheres a aceitar e amar seus corpos. Sendo assim, combate ao imaginário social de padrão de beleza eurocentrado imposto pela mídia e toda forma de violência e opressão do corpo, principalmente feminino (Sastre, 2014; Mohajan, 2022; Darnell, 2018). Como consequência, a

representação desses ideais políticos em contextos de mídia pode mitigar o impacto negativo a exposição a imagens idealizadas de aparência principalmente a mulheres que repercutem sentimentos de insatisfação corporal e avaliações negativas de si (Tylka & Wood-Barcelow, 2015; Tiggemann et al., 2020; Danthinne et al., 2021). Além de repercussões mais graves como distúrbios de imagem, transtornos alimentares e (Stewart & Ogden, 2019; Simon & Hurst, 2021; Rutter et al., 2023).

Os recentes estudos que apontam para o impacto positivo do consumo de conteúdo *BoPo*. Anteriormente, uma revisão de escopo proposta por Rodgers, Paxton & Wertheim (2021), investigou conteúdos de mídia social que reforcem a imagem corporal positiva. Destacando-se que essa diz respeito a uma apreciação e aceitação mais ampla de aparência, ou seja, não se limitando a satisfação física, mas as funcionalidades e experiências advindas da flexibilidade a identidade do corpo (Tylka & Wood-Barcalow, 2015). Dentre os principais resultados, foi observado que representações que retratam aparências divergentes dos ideais de beleza como mais úteis nessa promoção. Dessa medida, o resultado converge para a importância dos conteúdos de mídias sociais alinhados às pautas propostas pelo *Body Positivity*.

Porém, tal estudo limita-se a discutir apenas os fenômenos de redes sociais e seus impactos individuais em consumidores(as), não ampliando a discussão para as diferentes possibilidades de disseminação midiática, assim como a articulação desses conteúdos a princípios políticos do feminismo. Além disso, não reflete a respeito do público que está sendo investigado e suas nuances culturais, assim como o movimento político vem sendo representado por meio desses conteúdos.

A Imagem Corporal Positiva e seus reforçadores sociais, como a mídia *BoPo* estão sendo investigados na atualidade. Cash & Smolak em seu livro "*Body image: A handbook of science, practice, and prevention"* (2011) apresenta que imagem corporal foi sendo discutida há diversas décadas na perspectiva da compreensão patologizante dos aspectos associados a uma imagem corporal negativa e na contenção de seus impactos prejudiciais. Contudo, na atualidade propõe-se uma perspectiva mais abrangente focada não apenas na atenuação da perspectiva negativa, mas também na promoção de imagem corporal positiva (Tylka, 2011).

A respeito dessa, estudos realizados por Tylka e Wood-Barcalow (2015) conceitualizam como distinta da negativa e multifacetada. Envolve apreciação, aceitação e amor pelo corpo, investimento na aparência, uma visão ampla da beleza e uma positividade interna que se reflete externamente. Esse conceito holístico combina experiências internas e externas, como relacionamentos, mídia e cultura, de forma estável, mas ajustável com intervenção.

Em um estudo recente com mais de 56 mil pessoas em 65 países, foi observado os níveis de apreciação corporal ao redor do mundo, os Estados Unidos e Brasil estão no ranking dos 10 piores níveis, o que alerta para a necessidade de autoridades encorajarem a produção de conhecimento e promoção de uma imagem corporal positiva nesses países (Swami et al., 2023). Haja visto que

diversos estudos evidenciam o papel protetivo da imagem corporal positiva na saúde física e bem-estar (Andrew et al., 2016; Pascual et al., 2024; Tylka, 2018), principalmente na redução de distúrbios alimentares (Braun et al., 2016; Jankauskiene & Baceviciene, 2024; Lofrano-Prado et al.,2015; Torres et al., 2024). Sendo assim, demostram a inerente relevância debater estratégias de promoção a Imagem Corporal Positiva por meio da mídia *BoPo.*

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é mapear a literatura acerca dos impactos psicossociais da mídia *Body Positivity*. Especificamente, examinar principais desfechos e variáveis psicossociais investigados no consumo desse tipo de mídia, a partir de uma análise quanti-qualitativa.

MÉTODO

Desenho da Pesquisa

Utilizou-se a *Scoping Review* (revisão do escopo) como método de coleta de dados, visto que a mesma objetiva mapear os conceitos-chaves que sustentam uma área de pesquisa e as principais fontes e evidências (Arkey & O'Malley, 2005). Mais especificamente: identificar tipos de evidências disponíveis e fatores relacionados, clarear conceitos/definições, examinar como tem sido as pesquisas na área constatando lacunas teóricas (Munn et al, 2018).

Para isso utilizou-se oito etapas: formulação da questão de pesquisa, criação do protocolo, busca sistemática, seleção dos estudos, avaliação dos estudos, extração dos dados, síntese dos resultados e interpretação dos resultados. Nesse estudo, nenhuma consulta secundária foi realizada. Ressalta-se que este estudo dispensa a submissão a um Comitê de Ética em Pesquisa, visto que se utilizou de dados secundários presentes em bases eletrônicas.

Protocolo do Estudo

Para atender aos propósitos desta revisão, a seguinte questão orientadora foi formulada: O que a pesquisa científica apresenta a respeito da compreensão do impacto psicossocial da mídias *Body Positivity*? A elaboração da pergunta de pesquisa visou atenta-se a adaptação do tema para o acrônimo PEO (Moola et al, 2015). Sendo esse: P (População de interesse) = população em geral; E (Exposição de interesse) = *Body Posity Media*; e O (Desfecho) = impacto psicossocial.

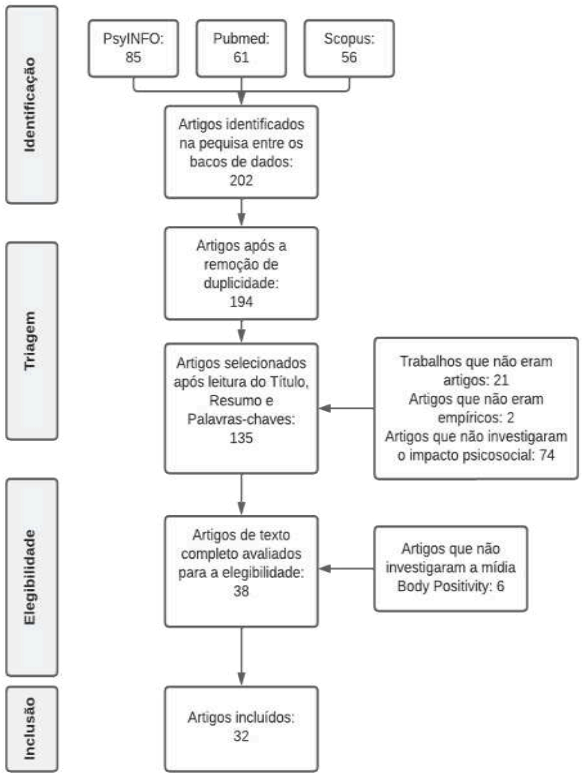
O estudo ocorreu no período entre junho e julho de 2023, porém as pesquisas selecionadas forma recuperadas no mesmo dia, evitando viés de seleção, pela atualização diária das bases de dados eletrônicos. Tais bases selecionadas tiveram como justificativa a busca pela literatura científica no âmbito internacional, na produção de conhecimento a respeito do tema. Portanto, foram selecionados: *MEDLINE* via *PubMed, PsyINFO* e *SCOPUS*. Todas as plataformas foram acessadas através do acesso pago disponibilizado pela Universidade Federal da Paraíba para os periódicos CAPES. Há não utilização de descritores indexados pela *APA Thesaurus*, justifica-se pela recente produção científica a respeito do tema *Body Posity Moviment*, o que repercute na sua ausência enquanto termo indexado. A estratégia de busca seguiu os critérios de cada base de dados com os operadores booleanos para os

termos: *("body positivity" OR "body positive") AND media AND (effect* OR impact* OR relations OR correlations).* Ainda, as palavras deveriam constar no título, resumo ou palavras-chave da publicação.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos empíricos publicados em formato de artigo, sem restrição de data de publicação, visto que se trata de fenômeno de mídia recente na contemporaneidade. Ainda, publicados majoritariamente no idioma inglês, não excluindo a possibilidade de inclusão de outros idiomas no decorrer da pesquisa, essa seleção procede devido o interesse no escopo de publicação internacional. O recorte metodológico admite-se pelo objetivo de resgatar estudos que apresentem achados dos efeitos do consumo dessa mídia.

Portanto, foram excluídos estudos teóricos, estudos diferentes do formato artigos científicos, com resumo indisponível na etapa de triagem ou artigo indisponível na etapa de elegibilidade. Por fim, aqueles também que não obtivessem como objetivo a investigação do impacto psicossocial da mídia (critérios de exclusão). Os estudos foram revisados pelo autor principal e segundo autores, foi solicitada consulta ao restante da equipe do laboratório de pesquisa nos poucos casos em houveram discordância entre pesquisadores. Segue abaixo o fluxograma da revisão de escopo em questão em Figura 1.

Figura 1. *Fluxograma de pesquisa*



Fonte: Esta figura foi criada para este estudo.

A respeito dos critérios de análise, os estudos elegíveis passaram por uma metasíntese, de modo a responder: Quais os principais desfechos psicossociais investigados no consumo desse tipo de mídia?

Ainda os resumos dos estudos foram processados pelo software Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires - IRaMuTeQ (Camargo & Justo, 2013) de maneira a sintetizar os achados e apresentar uma visão global e integrativa frente aos resultados da metassíntese. As análises desempenhadas pelo software foram a Nuvem de Palavras, que proporciona uma visão panorâmica das palavras-chave presentes no decorrer de toda a revisão de escopo, revelando por consequência, os temas mais abordados, assim como a Análise de Similitude, que se baseia na teoria dos grafos e auxilia na identificação da estrutura das representações (Camargo & Justo, 2013).

RESULTADOS

Portanto, o estudo em questão contou com 32 artigos empíricos que investigaram o impacto de diferentes mídias com conteúdo Body Positivity. Ressalta-se também a concentração de pesquisas publicadas no periódico internacional Body Image (31,25%), que publica artigos científicos sobre imagem corporal e aparência física humana (Body Image, 2014). Portanto, observa-se o foco de publicação científica a respeito do tema em uma área de interesse: imagem corporal, mas apesar disso, também é observado periódicos e áreas temáticas com diferentes fenômenos de pesquisa como a saúde (ex. Health Communication e Eating Behaviors) e mídia (ex. Psychology of Popular Media e Media Psychology).

Análises semânticas usando o IRaMuTeQ

Nuvem de Palavras

Conforme se observa na Figura 2**.** as palavras que se agruparam e se organizaram graficamente em função de sua maior frequência foram: Corporal, Imagem, Positivo. Por consequência, Conteúdo, Comparação, Mulher, Social, Ideal.

Figura 2.- Nuvem de Palavras



Fonte: IRaMuTeQ

Observa na nuvem de palavras que a estrutura do conteúdo da revisão sistemática sobre *BoPo* está fortemente associada à Imagem Corporal Positiva.

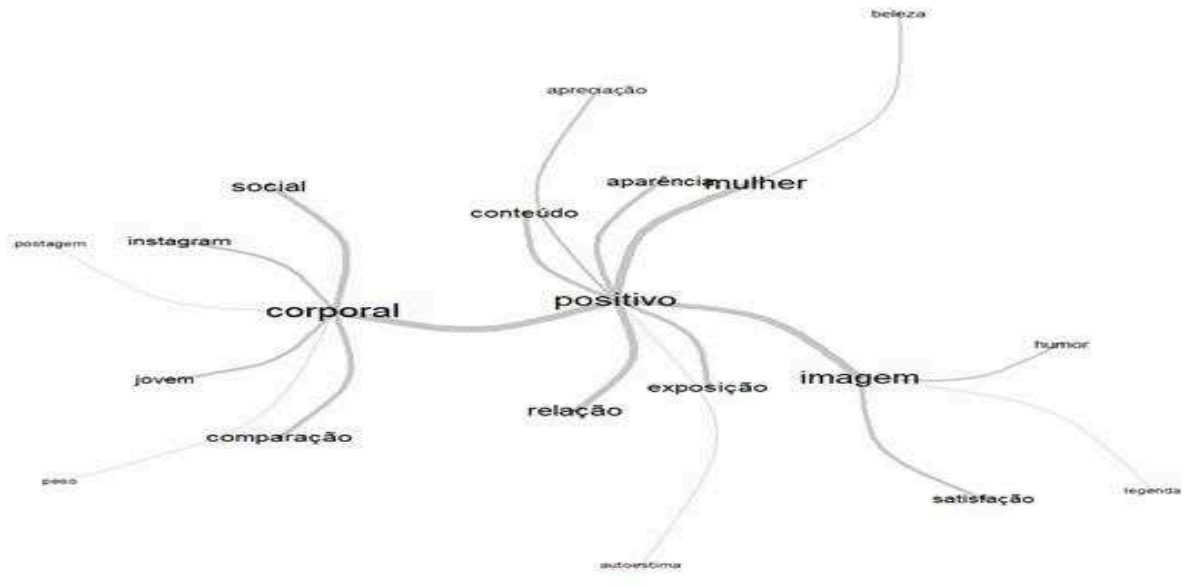
Quantas as demais conceito-chaves emergentes, o campo representacional acerca da mídia evidencia a perspectiva do gênero. Assim como o vasto campo comparativo entre conteúdo do tipo ideal [de beleza].

Esses resultados convergem com a metassíntese, observa-se que o movimento *BoPo* nas redes sociais demonstra um potencial significativo para melhorar o bem-estar emocional e a percepção positiva da imagem corporal em plataformas como I*nstagram, TikTok* e *Facebook* e outras categorias midiáticas, principalmente quando comparado a Ideal de Beleza.

Análise de Similitude

De maneira a observar mais particularmente as conexões entre conceito-chaves (Bú, Alexandre & Coutinho, 2017), tal análise apontou que os objetos Corporal e Positivo estão fortemente relacionados entre si, mas também com palavras que se agrupam em torno de desses. Sendo Positivo agrupado também com o núcleo semântico Imagem. Portanto, observa-se, que o conteúdo semântico está em torno da Imagem Corporal Positiva, verifica-se sua co-ocorrência com os vocábulos mulher, jovem, relação, comparação, exposição, conteúdo, aparência, satisfação. Aponta-se que esse agrupamento apresenta uma síntese a respeito do que vem sendo investigado a respeito do fenômeno: Estudos com mulheres de comparação da exposição de diferentes conteúdos e seus impactos na aparência e satisfação. A presença de termos como social, instagram, postagem e legendas elucida a importância dada aos estudos atuais frente a essa mídia específica. Destaca-se a fraca associação dos termos: peso, autoestima, humor e apreciação. Esses achados evidenciam a carência de estudos que comparam a identidade dos sujeitos a partir do peso, mas também outros impactos psicológicos relacionados (ex. Autoestima e Apreciação Corporal).

Figura 3.- Análise de Similitude



Fonte: IRaMuTeQ

DISCUSSÃO

Dessa forma, a revisão de escopo em questão busca trazer uma do impacto do Movimento *BoPo* e seus correlatos psicossociais. Ressalta-se a importância de compreender que o movimento não se reduz a postagens em redes sociais e principalmente de um conteúdo específico, ainda efeitos psicológicos em usuários. Tal representação vem sendo apontada como reducionista e mercantil (Cwynar-Horta, 2016; Mehdi & Frazier, 2021; Gelsinger, 2021), visto que as tecnologias costumam reproduzir os interesses político-econômicos dominantes (Dean, 2003; Van & Poell, 2013).

Há uma necessidade de mais pesquisas que incluam uma gama mais ampla de identidades com diversas formas corporais, mas também de efeitos psicológicos investigados. Portanto, deve-se ampliar discussões para uma mídia mais inclusiva, como de fato essa se propõe inicialmente.

REFERÊNCIAS

Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International journal of social research methodology*, *8*(1), 19-32.

Brathwaite, K. N., & DeAndrea, D. C. (2022). BoPopriation: How self-promotion and corporate commodification can undermine the body positivity (BoPo) movement on Instagram. Communication Monographs, 89(1), 25-46.

Braun, T. D., Park, C. L., & Gorin, A. (2016). Self-compassion, body image, and disordered eating: A review of the literature. Body Image, 17, 117-131.

Bú, E. A. D., Alexandre, M. E. S. D., & Coutinho, M. D. P. D. L. (2017). Representações sociais do vitiligo elaboradas por brasileiros marcados pelo branco. *Psicologia, Saúde & Doenças*, *18*(3), 760-772.

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, *21*(2), 513-518.

Cash, T. F., & Smolak, L. (Eds.). (2011). *Body image: A handbook of science, practice, and prevention*. Guilford press.

Chiat, A. (2021). Body Positivity Movement: Influence of Beauty Standards on Body Image.

Cohen, R., Fardouly, J., Newton-John, T., & Slater, A. (2019). # BoPo on Instagram: An experimental investigation of the effects of viewing Body Positivity content on young women's mood and body image. New Media & Society, 21(7), 1546-1564.

Cwynar-Horta, J. (2016). The commodification of the body positive movement on Instagram. Stream: Culture/Politics/Technology, 8(2), 36-56.

Darnell, L. (2018). An introduction to feminism and cross-cultural body image in the United States. Senior Honors Theses and Projects, 613.

Darwin, H., & Miller, A. (2021). Factions, frames, and postfeminism (s) in the Body Positive Movement. Feminist Media Studies, 21(6), 873-890

Dean, J. (2003). Why the Net is not a Public Sphere. Constellations: An International Journal Of Critical & Democratic Theory, 10(1).

Gelsinger, A. S. (2021). A critical analysis of the body positive movement on Instagram: How does it really impact body image?. Spectra Undergraduate Research Journal, 1(1), 4.

Jankauskiene, R., & Baceviciene, M. (2024). Mindful monitoring and accepting the body in physical activity mediates the associations between physical activity and positive body image in a sample of young physically active adults. Frontiers in Sports and Active Living, 6, 1360145.

Kimberley, C. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Anti-Discrimination Doctrine, Feminist Theory and Anti-Racist Politics. The University of Chicago Legal Forum Vol. 140.

Lofrano-Prado, M. C., Prado, W. L., Barros, M. V. G., & de Souza, S. L. (2015). Eating disorders and body image dissatisfaction among college students. ConScientiae Saúde, 14(3), 355-362.

Mehdi, N., & Frazier, C. (2021). Forgetting fatness: The violent co-optation of the body positivity movement. Debates in Aesthetics, 16(1), 13-28.

Mohajan, H. K. (2022). Feminism and feminist grounded theory: A comprehensive research analysis. *Journal of Economic Development, Environment and People*, *11*(3), 45.

Munn, Z., Peters, M. D., Stern, C., Tufanaru, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. BMC medical research methodology, 18, 1-7.

Pascual, S., Martini, A., Gambito, J., Gemar, C., Bell, E., Delucio, K., & Ciao, A. C. (2024). Developing a justice-focused body image program for US middle schoolers: A school-based community-engaged research process. Eating Disorders, 1-21.

Sastre, A. (2014). Towards a radical body positive: Reading the online “body positive movement”. Feminist Media Studies, 14(6), 929-943.

Swami, V., Tran, U. S., Stieger, S., Aavik, T., Ranjbar, H. A., Adebayo, S. O., … & Lukács, A. (2023). Body appreciation around the world: Measurement invariance of the Body Appreciation Scale-2 (BAS-2) across 65 nations, 40 languages, gender identities, and age. Body image, 46, 449-466.

Torres, S., Vieira, A. I., Vieira, F. M., Miller, K. M., Guerra, M. P., Lencastre, L., … & Barbosa, M. R. (2024). A Comprehensive Study of Positive Body Image as a Predictor of Psychological Well-Being in Anorexia Nervosa. Nutrients, 16(11), 1787.

Tylka, T. L. (2011). Positive psychology perspectives on body image. In T. F. Cash & L. Smolak (Eds.), Body image: A handbook of science, practice, and prevention (2nd ed., pp. 56–64). The Guilford Press.

Tylka, T. L. (2018). Overview of the field of positive body image. In Body Positive: Understanding and Improving Body Image in Science and Practice (pp. 6-33).

Tylka, T. L., & Wood-Barcalow, N. L. (2015). The Body Appreciation Scale-2: item refinement and psychometric evaluation. Body image, 12, 53-67.

Van Dijck, J., & Poell, T. (2013). Understanding social media logic. Media and Communication, 1(1), 2-14.

Zimmerman, T. (2017). # Intersectionality: The fourth wave feminist Twitter community. Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture & Social Justice, 38(1), 54-70.

PRIMEIRA ESCALA FEMINISTA BRASILEIRA: ANÁLISES PRELIMINARES

Thais Emanuele Galdino Pessoa – UFPB
Jessiane Dayane Soares da Silva – UFPB
Carlos Eduardo Pimentel – UFPB

RESUMO: O feminismo é um movimento que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres e a equidade. Este estudo visa trazer evidências preliminares de validade e confiabilidade da Escala de Autoidentificação Feminista em uma amostra brasileira e testar a invariância da medida entre homens e mulheres. Originalmente proposta por Szymanski, a escala tem 4 itens que investigam crenças, identificação pública, identificação privada e apoio ao movimento. Estudo 1: Os resultados de validação de conteúdo permitirão garantir que o instrumento de medida seja confiável e avalie realmente o que se propõe a medir, à medida que atendeu e superou os pontos de corte do CVC para tal avaliação entre juízes e público-alvo Estudo 2: Testes de esfericidade de Bartlett e KMO mostraram interpretabilidade da matriz de correlação. Observou-se um único fator com alta variância explicada (94,12%) e cargas fatoriais consistentes, índices de ajuste do instrumento adequados. Todos os itens apresentaram discriminações consideradas altas, ainda os mesmos apresentam regular distribuição de dificuldade. A precisão da medida foi satisfatória (Omega de McDonald = 0,95; Alfa de Cronbach = 0,95). Esses achados iniciais trazem à discussão a necessidade de novos estudos buscando refinar o instrumento e trazer evidências em diferentes populações.

Palavras-chave: Feminismo; Instrumento Psicométrico; Validade.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o movimento feminista tem ganhado força global, com uma crescente adesão, especialmente no Brasil, onde mais da metade das mulheres se identificam como feministas (Ipsos, 2022). Este movimento, que luta pela igualdade de direitos e contra a violência de gênero, tem sido impulsionado por questões como a violência física e sexual que afeta uma em cada três mulheres no mundo (OMS, 2022).

O feminismo busca desafiar as estruturas patriarcais, promovendo a justiça social e a equidade em diversas áreas como trabalho, política e educação (Hooks, 2000). A quarta onda do feminismo, fortalecida pelas mídias sociais e pelo ativismo digital, tem adotado uma abordagem interseccional, reconhecendo a sobreposição de opressões com base em classe, gênero, raça e orientação sexual (Cresnchaw, 2022).

Entretanto, Siegel e Calogero (2021) destacam a escassez de instrumentos psicométricos que mensurem adequadamente a identidade feminista e crenças relacionadas, apontando dificuldades em representar as diversas vertentes do feminismo, como o liberal, radical e interseccional. No Brasil, não existem ferramentas específicas para medir essas identidades. Alguns instrumentos utilizados internacionalmente, como a *Attitudes Toward Women Scale* (Spence & Helmreich, 1972) e a *Feminist Identity Development Scale* (Bargad & Hyde, 1991), possuem limitações, como a falta de atualização para questões contemporâneas de identidade de gênero e interseccionalidade, além de restrições culturais e de aplicabilidade para diferentes identidades de gênero.

Por outro lado, a *Self-Identification as a Feminist Scale* (Szymanski, 2004) surge como uma solução prática, com apenas quatro itens que permitem explorar a identificação feminista e seu apoio ao movimento, sendo relevante para entender a relação entre crenças e identidade, especialmente em contextos onde o termo "feminismo" pode carregar estigmas (Prada, 2021; Masiero, 2019).

Instrumentos como a SIF Scale são importantes para quantificar o apoio aos valores feministas e para compreender os desafios na adesão ao movimento, além de fornecer insights sobre sua relação com a saúde mental, autoestima e comportamento social, como demonstrado em estudos que associam a identidade feminista a uma proteção contra distúrbios alimentares e outras questões psicossociais (Murnen & Smolak, 2009; Zucker, 2004; Toller & Suter, 2010).

Dessa forma, o objetivo deste estudo é validar a *Escala de Autoidentificação Feminista* (Szymanski, 2004) para o contexto brasileiro, adaptando o instrumento de forma transcultural e acumulando evidências de sua validade e precisão. Para isso, propõe-se a validação de conteúdo e de constructo.

MÉTODO

Participantes

Participaram das etapas de tradução do instrumento três psicólogos independentes e bilíngues. Já na etapa de avaliação dos juízes participaram também 8 doutores, mestres e pós-graduandos em psicologia. Além disso, na avaliação do público-alvo participaram 10 estudantes de psicologia. Sendo esses: autodeclaradas mulheres (75%, 100% cisgênero) brancas (75%), heterossexuais (80%), solteiras (100%), de situação econômica média baixa (50%). A média de idade das participantes foi de 23 anos (DP = 1,29; EP = 0,64).

Instrumentos

Escala de Autoidentificação Feminista: Essa foi proposta inicialmente por Szymanski (2004), com 4 itens buscando investigar crenças, identificação pública, identificação privada e apoio ao movimento feminista.por meio de uma escala do tipo *likert* de 5 pontos, esses variam de (1) discordo fortemente a (5) concordo fortemente. Ainda, foi incluído nas instruções do instrumento uma breve explicação do Feminismo na perspectiva de Bell Hooks (2000). Questionário biosociodemográfico, visando caracterizar a amostra.

Procedimentos

Esse estudo divide-se em 3 etapas: 1) Tradução: inicialmente traduzimos a escala em questão para o português. Posteriormente, as três versões traduzidas foram encaminhadas a dois psicólogos para identificar a melhor tradução para cada item, ressaltando a importância de, para além da tradução, adaptar o instrumento ao contexto social e cultural brasileiro. Nesse processo foi necessário considerar as particularidades locais da linguagem, com o intuito de aplicar um instrumento com maior fidedignidade ao fenômeno investigado (Nora, Zoboli, & Vieira, 2017). Em sequência, a

validação semântica que consistiu em 2) Avaliação de e*xpertise* e 3) do público-alvo. Ambos os processos contaram com uma ficha de avaliação da clareza, pertinência e relevância de cada item por meio de uma escala *Likert* de 5 pontos (1- discordo totalmente; 5- concordo totalmente), juntamente a definição constitutiva do fenômeno investigado, ainda foi sugerido que os participantes indicassem possíveis modificações e sugestões. Ressalta-se que após a avaliação de *expertises* em psicologia, ocorreram melhorias dos itens e por fim avaliação do público alvo.

Análise de Dados

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizado uma planilha de Excel. A mesma estava configurada para o cálculo do Coeficiente de Validade de Conteúdo, que consiste em uma métrica para avaliar o quão bem o conteúdo de um instrumento representa o construto que se pretende medir. foi considerado como ponto de corte aceitável índices iguais ou superiores a 0,80 (Pasquali, 2010). Foram realizadas também análises descritivas para a caracterização do público-alvo.

Resultados

O processo de tradução da escala pode ser observado em Tabela 1.

Tabela 2. *Etapa de tradução da escala*

Escala Original	**Item**
I consider myself a feminist	Eu me considero feminista
I identify myself as a feminist to other people	Eu me identifico como feminista para outras pessoas
Feminist values and principles are important to me.	Valores feministas e princípios são importantes para mim
I support the goals of the feminist movement.	Eu apoio os objetivos do movimento feminista

Fonte: Autores.

Posterior a isso, a mesma passou primeiramente pela análise de juízes em que apresentou Clareza, Adequação e Compreensão dos 4 itens variando de 1- 0,825. Mais informações é possível observar na Tabela 2.

Tabela 2. *Resultados da Análise de Juízes*

Juízes	Item 1			Item 2			Item 3			Item 4		
	Cla.	**Adeq.**	**Comp.**	**Cla.**	**Adeq.**	**Comp.**	**Cla.**	**Adeq.**	**Comp.**	**Cla.**	**Adeq.**	**Comp.**
1	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
2	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
3	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
4	5	5	5	3	5	5	5	5	5	5	5	5
5	5	5	5	5	5	5	3	5	5	5	5	5
6	5	5	5	5	5	5	2	5	5	5	5	5
7	5	5	5	5	5	5	3	5	5	5	5	5
8	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

CVC	1,00	1,00	1,00	0,95	1,00	1,00	0,82	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Nota: Cla= Clareza; Adeq.= Adequação; Comp.= Compreensão.

Fonte: Autores.

Devido a considerável pontuação inferior de Clareza no item 2 (Eu me identifico como Feminista para outras pessoas) e 3 (Valores feministas e princípios feministas são importantes para mim). Optou-se por acabar as sugestões dos juízes de modificação do item. Essas foram novamente testadas dessa vez pelo público-alvo, com pontuações de CVC variando de 1 - 0,95. Abaixo segue a versão final do instrumento em Tabela 3.

Tabela 3. *Estrutura final da medida*

Itens Oficiais
Eu me considero Feminista
Eu me apresento como Feminista para as outras pessoas
Valores feministas e princípios são importantes para mim
Eu apoio os objetivos do movimento Feminista.

Fonte: Autores.

MÉTODO

Participantes

Participaram 200 sujeitos da população geral, o que difere do valor de 385 como sugere o *SuveryMonkey* para tamanho da população brasileira com grau de confiança de 95%. Sendo: autodeclaradas mulheres (98,5% cisgênero), brancas (49,30%), heterossexuais (88,6%), solteiras (49,8%), de situação econômica média (34,30%) e por fim, universitárias (25,4%). A média de idade das participantes foi de 43,41 anos (DP = 12,27; EP = 0,87), para abarcar uma amostra de adultos. A população em questão apresentou um IMC médio de 27,92 (DP= 6,57; EP= 0,47), ou seja, dito de "sobrepeso" [25-29,9kg/m²]. Sendo uma amostra não-probabilística por conveniência, obtiveram-se como critérios de inclusão: ser brasileiras a partir de 18 anos, ser capaz de compreender as instruções da pesquisa, sendo retirados da amostra qualquer participante que apresentar alguma dificuldade ou desconforto no decorrer da pesquisa (critérios de exclusão).

Procedimentos

Inicialmente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sendo emitido um parecer favorável a este (CAAE 78171024.3.0000.5188;–Parecer: 6.869.635), foram prosseguidas as atividades. A coleta de dados foi conduzida em espaços públicos (como praças, praias). A coleta de dados foi realizada por pesquisadores devidamente treinados, seguindo a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde no que diz respeito à autonomia dos participantes e a clarificação de possíveis dúvidas sobre os procedimentos efetuados. A participação

no estudo foi iniciada após a concordância com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), o sujeito que desejou prosseguir, respondeu o instrumento, utilizando o intervalo de tempo que considerou adequado.

Análise dos Dados

Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) no Factor, utilizando uma matriz policórica e método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS). O número de fatores foi definido a partir da técnica de Análise Paralela.

RESULTADOS

Os resultados (Bartlett (6) = 881,3 $p < 0,01$; KMO = 0,81) sugeriram interpretação da matriz de correlação entre os itens. Quanto ao número de fatores, foi observado apenas 1 com variância explicada de 94,12% para dados reais, com cargas fatoriais variando entre 0,95 - 0,86 para todos os itens.

Tabela 4. *Estrutura Fatorial da Escala de Autoidentificação Feminista*

Itens	Fator 1
1. Eu me considero uma feminista	0,94
2. Eu me apresento como feminista para as outras pessoas	0,86
3. Valores feministas e princípios são importantes para mim	0,90
4. Eu apoio os objetivos do movimento feminista	0,94
Confiabilidade Composta	0,98
Ômega de McDonald	0,95
Alfa de Cronbach	0,95
H-latent	0,96
H-observed	0,86

Fonte: Autores.

Quanto aos índices de ajuste do instrumento foram, em geral, adequados ($\chi2$= 2495,59; $\chi2$/gl = 415,93; RMSEA = 0,14; NNFI = 0,99; CFI = 0,99; WRMR = 0,06). Os parâmetros de discriminação e *thresholds* forma avaliados, sendo o item 1 o mais discriminativo (a = 2,86), porém em relação aos *thresholds* foi encontrado padrão de resposta esperado para os itens (Tabela 5.). Destaca-se que os valores de UniCo (0,99), ECV (0,94) e MIREAL (0,21) suportam a unidimensionalidade da escala. Por fim, foi observado a precisão satisfatória da medida.

Tabela 5. *Discriminação e dificuldade dos itens da escala de Autoidentificação Feminista*

Itens	*a*	*b1*	*b2*	*b3*	*b4*
1.	2,86	-1,21	-0,84	-0,27	0,70
2.	1,74	-1,15	-0,61	0,20	1,10
3.	2,14	-1,55	-1,12	-0,48	0,56
4.	2,85	-1,48	-1,05	-0,48	0,66

Nota: a = Discriminação do Item; b = *Thresholds*;
Fonte: Autores.

DISCUSSÃO

O estudo em questão apresentou uma evidência inicial de validade do instrumento Autoidentificação Feminista para a realidade brasileira. Mais especificamente, os resultados de validação de conteúdo permitirão garantir que o instrumento de medida seja confiável e avalie realmente o que se propõe a medir, à medida que atendeu e superou os pontos de corte para tal avaliação (Pasquali, 2010).

O instrumento em questão apresenta-se como uma a primeira medida brasileira para a mensuração de aspectos relacionados à autoidentificação com o movimento político do feminismo. A respeito das evidências de validade, possibilitou observar a adequação do instrumento conforme a literatura especializada (Figueiredo et al., 2010). Ressalva-se os valores para RMSEA que podem ter sido afetados pelos graus de liberdade do modelo (Kenny, Kaniskan & McCoach, 2014).

Salienta-se que não foi necessária a exclusão dos itens. Foi possível também observar a adequação do modelo do instrumento, isso porque os índices mostram-se, de maneira geral, satisfatórios (Byrne, 2012; Brown, 2006) assim como a precisão do instrumento em questão (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Por fim, a partir da calibração dos itens, analisamos os parâmetros: (a) discriminação e a (b) dificuldade com que esse item se apresenta para os respondentes.

Quanta a discriminação, todos os itens apresentaram discriminações consideradas altas (Baker, 2001), ainda os mesmos apresentam regular distribuição de dificuldade, isso pode ser facilmente compreendido pela natureza dos itens (maior dificuldade), mas também o peso dessa identidade devido associação com estigmas enraizados socialmente (Prada, 2021; Masiero, 2019). Isso pode resultar em um autopreconceito ao endosso em uma sociedade sexista, como apontam dados recentes da realidade brasileira de que apenas 3/10 mulheres se denominam feministas, mas a maioria diz apoiar os objetivos do movimento (Instituto Update, 2022).

Apesar disso, esses achados iniciais trazem à discussão a necessidade de novos estudos buscando refinar o instrumento e trazer evidências em diferentes populações. Isso porque, diversas revisões sistemáticas da literatura apontam para os benefícios do apoio ao movimento para a saúde e qualidade de vida das mulheres (Lwamba et al., 2022; Guthridge et al., 2022; Murnen & Smolak, 2009).

REFERÊNCIAS

Baker, F. B. (2001). The basics of item response theory. ERIC. For full text: http://ericae.net/irt/baker

Bargad, A., & Hyde, J. S. (1991). Women's studies: A study of feminist identity development in women. *Psychology of women quarterly*, *15*(2), 181-201.

Brown, T. A. (2006). Confirmatory factor analysis for applied research. New York: The Guilford Press.

Byrne, B. M. (2012). Structural equation modeling with Mplus. New York, NY: Routledge.

Crenshaw, K. (2022). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics [1989]. *Contemporary Sociological Theory*, *1*, 354.

Figueiredo, D. B., Filho, & Silva, J. A., Jr., (2010). Visão além do alcance: Uma introdução à análise fatorial. Opinião Pública, 16(1), 160-185. doi:10.1590/S0104-62762010000100007

Guthridge, M., Kirkman, M., Penovic, T., & Giummarra, M. J. (2022). Promover a igualdade de género: Uma revisão sistemática das intervenções. Pesquisa sobre Justiça Social, 35(3), 318-343.

Hooks, B. (2000). Feminism is for Everybody: Passionate Politics. South End Press.

Instituto Update. (2022, August 30). Apenas três em cada dez brasileiras se dizem feministas, mas apoio a pautas de gênero é maior. O Globo. https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2022/08/apenas-tres-em-cada-dez-brasileiras-se-dizem-feministas-mas-apoio-a-pautas-de-genero-e-maior.ghtm

Ipos (2022, March 9). *Igualdade no trabalho: 51% das brasileiras consideram-se feministas*. Ipsos. https://www.ipsos.com/pt-br/igualdade-no-trabalho-51-das-brasileiras-consideram-se-feministas

Kenny, K., & Kaniskan, B. McCoach. (2014). The Performance of RMSEA in Models with Small Degrees of Freedom. Sociological Methods & Research, 8(1), 100-114.

Lwamba, E., Shisler, S., Ridlehoover, W., Kupfer, M., Tshabalala, N., Nduku, P., … & Snilstveit, B. (2022). Strengthening women's empowerment and gender equality in fragile contexts towards peaceful and inclusive societies: A systematic review and meta-analysis. Campbell systematic reviews, 18(1), e1214.

Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? Laboratório de Psicologia, 4(1), 65-90. doi:10.14417/lp.763

Masiero, C. M. (2019). Mobilização do direito e enfrentamento ao preconceito: os movimentos feminista, negro e LGBTQ e a constituição de 1988. Revista de Direito Brasileira, 21(8), 84-107.

Murnen, S. K., & Smolak, L. (2009). Are feminist women protected from body image problems? A meta-analytic review of relevant research. Sex Roles, 60, 186-197.

Nora, C. R. D., Zoboli, E., & Vieira, M. M. (2017). Validação por peritos: importância na tradução e adaptação de instrumentos. Revista Gaúcha de Enfermagem, 38(3), e64851.

OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. (2021). Brasil. https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-viol%C3%AAncia

Pasquali, L. (2010). Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Prada, M. (2021). Putafeminista. Veneta.

Siegel, J. A., & Calogero, R. M. (2021). Measurement of feminist identity and attitudes over the past half century: A critical review and call for further research. Sex Roles, 85(5), 248-270.

Spence, J. T., Helmreich, R. L., & AWS, W. S. (1972). The Attitudes toward Women Scale (AWS). *An objective instrument to measure the attitudes toward the rights and roles of women in contemporary society. JJAS. Catalog of Selected Documents in Psychology*, *2*, 66-67.

Szymanski, D. M. (2004). Relations among dimensions of feminism and internalized heterosexism in lesbians and bisexual women. Sex Roles, 51, 145-159.

Toller, P. W., & Suter, E. A. (2010). "Gender Role Identity and Relational Communication: Fathers and Their Sons.

Zucker, A. N. (2004). "Disavowing Social Identities: What It Means When Women Say, 'I'm Not a Feminist, But...'" Psychology of Women Quarterly.

VERGONHA CORPORAL E SEUS CORRELATOS

Thais Emanuele Galdino Pessoa – UFPB
Jessiane Dayane Soares da Silva – UFPB
Carlos Eduardo Pimentel – UFPB

RESUMO: A vergonha corporal, também conhecida como "body shame" em inglês, é um sentimento negativo que uma pessoa experimenta em relação ao seu próprio corpo. Esse sentimento pode ser desencadeado por diversas razões, incluindo comparações sociais, críticas externas, padrões de beleza irrealistas promovidos pela mídia, e experiências pessoais de discriminação ou bullying. O estudo em questão objetiva explorar como a Vergonha Corporal se relaciona com o Bem-estar Psicológico. Contando com 780 participantes, sendo a maioria mulheres (71,5%), 99,2% cisgênero, 53,4% brancos, 68,4% heterosexuais, 50% solteiros, 54,8% universitários e 37,5% de situação econômica baixa. A média de idade foi de 24,47 anos (DP = 6,60; EP = 0,23). Foi realizado levantamento de dados online com os seguintes instrumentos psicométricos: Escala de Vergonha Corporal, Bem-estar psicológico, questionário sociodemográfico. Inicialmente, foi observada correlação negativa e significativa da VC com todos os fatores do BEP, variando do fator de crescimento pessoal ($r = - 0,22$; $p < 0,001$) ao fator de autonomia ($r = - 0,39$; $p < 0,001$). Esse estudo sugere que o nível de bem-estar psicológico de uma pessoa é crucial no enfrentamento desse fenômeno negativo.

Palavras-chave: Imagem Corporal; Bem-estar Psicológico; Autoimagem.

Introdução

Nos Estados Unidos, dados da National Eating Disorders Association (NEDA, 2024) mostram que cerca de 70% das mulheres e 40% dos homens estão insatisfeitos com suas aparências. No Brasil, essa realidade se refletiu como líder mundial no *ranking* de cirurgias plásticas em jovens, de acordo com dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2024).

O conceito de *body shame* (vergonha corporal) diz respeito ao sentimento de vergonha ou desconforto com o próprio corpo, frequentemente alimentado pela comparação com padrões estéticos idealizados e amplamente promovidos pela mídia e pela sociedade. Esse fenômeno pode se manifestar de diversas maneiras, como o *body shame* a si, quando o indivíduo internaliza essas pressões e passa a se criticar excessivamente (Fredrickson & Roberts, 1997).

O conceito de *body shame* está profundamente relacionado a teorias psicológicas e sociais que abordam a autopercepção e a regulação social. A *Objectification Theory* (Teoria da Objetificação) de Fredrickson e Roberts (1997) sugere que, especialmente as mulheres, são socializadas a se verem como objetos, avaliadas principalmente por sua aparência física, o que leva a um processo de auto-objetificação. Esse processo envolve três dimensões centrais: a vigilância constante do corpo, a vergonha corporal e a ansiedade relacionada à aparência.

Estudos mais recentes investigam como essa vergonha pode ser internalizada, resultando em consequências emocionais e comportamentais negativas, como transtornos alimentares, depressão e ansiedade (Tiggemann, 2011). Além disso, a ascensão das redes sociais desempenhou um papel crucial na intensificação desses sentimentos, criando uma cultura de comparação constante e validação por meio de curtidas e comentários (Fardouly et al., 2015).

Um exemplo disso pode ser observado na indústria da moda, onde o culto ao corpo magro é predominante, levando muitas mulheres a se submeterem a dietas restritivas e cirurgias plásticas para se ajustarem ao padrão de beleza desejado. Estudos mostram, por exemplo, que celebridades como Kim Kardashian, que passaram por transformações corporais visíveis, acabam tanto sendo criticadas quanto admiradas, o que contribui para a pressão sobre muitas mulheres a se conformar com tais padrões (Tiggemann & Slater, 2013).

Portanto, o objetivo do presente estudo é explorar correlatos da vergonha corporal, investigando como fatores do bem-estar psicológico podem contribuir para o desenvolvimento e a manifestação desse fenômeno.

MÉTODO

Participantes

Foram coletadas respostas de 780 participantes, em sua maioria mulheres (71,53%) autodeclarados *cisgênero* (99,2%) brancos(as) (53,46%), heterossexuais (68,46%), solteiros(as) (50%), de situação econômica baixa (37,56%) e por fim, universitários(as) (54,87%), em sua maioria do nordeste brasileiro (91,28%). A média de idade dos participantes foi de 24,47 anos (*DP* = 6,60; *EP* = 0,23). A população em questão apresentou um IMC médio de 24,68 (*DP* = 5,52; *EP* = 0,19), ou seja, dito de "peso normal" [18,5 - 24,90] ligeiramente maior.

Instrumentos

Escala de Vergonha corporal: Subescala pertencente à Escala de Consciência Corporal Objetificada desenvolvida por McKinley e Hyde (1996) e validada por Bercht, & Costa (2023) para o contexto brasileiro. Possui 8 itens que visam mensurar a vergonha do próprio corpo frente aos padrões corporais culturalmente estabelecidos. Possui 6 pontos que variam de "concordo totalmente" a "discordo totalmente".

Escala de Bem-Estar Psicológico: Validada por Medeiro e colaboradores (2022) a partir da escala desenvolvida por Machado et al. (2013), uma adaptação da escala com 84 itens de Ryff e Essex (1992). A escala adaptada possui 26 itens, sendo do tipo likert de 6 pontos variando entre "discordo totalmente" e "concordo totalmente". Essa escala busca mensurar 6 dimensões do bem-estar psicológico: relações positivas com outros, autonomia, domínio do ambiente, crescimento pessoal, propósito na vida e autoaceitação. Questionário biosociodemográfico, visando caracterizar a amostra.

Procedimentos

Inicialmente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sendo emitido um parecer favorável a este (CAAE 78171024.3.0000.5188; Parecer: 6.869.635), foram prosseguidas as atividades. A coleta de dados foi conduzida em espaços públicos (como praças, praias). A coleta de dados deu-se exclusivamente por um formulário da plataforma *online Save Monckey*, que foi compartilhado através

das redes sociais (*Facebook, Whatsapp, Instagram*, etc). Foi seguido a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde no que diz respeito à autonomia dos participantes e a clarificação de possíveis dúvidas sobre os procedimentos efetuados. A participação no estudo foi iniciada após a concordância com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). O sujeito que desejou prosseguir, respondeu o instrumento, utilizando o intervalo de tempo que considerou adequado.

Análise de Dados

No JASP foi realizada a tabulação e análise de dados, sendo estatísticas descritivas para caracterização da amostra e a correlação de Pearson (bivariada) visando observar que forma as variáveis estudadas se relacionam.

RESULTADOS

Todos os fatores que compõem o bem-estar psicológico se associaram negativamente e de forma significativa com a vergonha corporal, assim como, houveram relações significativas e positivas entre todas as dimensões do bem-estar psicológico, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1. *Correlações entre as dimensões de Bem-estar psicológico e Vergonha corporal.*

Variáveis	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.
1. Vergonha	-						
2. Realização	-0,29***	-					
3. Autonomia	-0,39***	0,24***	-				
4. Domínio	-0,33***	0,27***	0,36***	-			
5. Crescimento	-0,22***	0,26***	0,25***	0,37***	-		
6. Propósito	-0,24***	0,29***	0,28***	0,63***	0,59***	-	
7. Autoaceitação	-0,38***	0,42***	0,42***	0,61***	0,54***	0,74***	-

Nota: *** para $p < 0,001$; ** para $p < 0,01$; * para $p < 0,05$

Em uma segunda análise de correlação, dessa vez com variáveis sociodemográficas (i.e., raça, orientação sexual e IMC), obteve-se como resultados que a vergonha corporal também se associou significativamente com o IMC ($r = 0,22$; $p < 0,001$) e com a orientação sexual ($r = 0,09$; $p < 0,01$). Não houve correlação significativa entre a vergonha corporal e a identificação racial dos participantes ($r = - 0,01$; $p > 0,05$).

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi explorar a relação entre vergonha corporal e bem-estar psicológico. Foi observado que a vergonha corporal está fortemente associada de maneira negativa a todos fatores do bem-estar psicológico, o que afeta a saúde mental de forma abrangente.

Esse sentimento de vergonha, ao ser internalizado, compromete não apenas a percepção do corpo, mas também a autoaceitação e o autoconceito, impactando áreas importantes do bem-estar do sujeito (Ryff & Essex, 1992). Esse estudo sugere que o nível de bem-estar psicológico de uma pessoa é crucial no enfrentamento desse fenômeno negativo. Especificamente, a capacidade de reconhecer, aceitar e integrar todas as partes de si mesma — incluindo aquelas que são consideradas "imperfeitas" — pode contribuir para a diminuição da vergonha corporal e enfrentamento às pressões sociais e culturais que impõem padrões estéticos rígidos (Ryff & Essex, 1992).

Como demonstrado em pesquisas anteriores (Schoenleber & Gratz, 2017; McKinley, 2004), indivíduos com um maior senso de aceitação de si mesmos tendem a experienciar menos vergonha corporal, pois a autoaceitação atua como um mecanismo de defesa contra as comparações sociais e a internalização de padrões irreais de beleza.

Isso aponta para a importância do bem-estar psicológico como um fator de proteção contra os efeitos negativos da vergonha corporal. Um estudo desenvolvido por McLean e colaboradores (2020) apontou que indivíduos que lidam com a vergonha corporal também relataram menor satisfação com a vida e com os relacionamentos construídos, o que consequentemente, pode afetar negativamente o propósito de vida dessas pessoas.

O autojulgamento instigado pelos processos de comparação e idealização irreal de um corpo “perfeito”, também minam a autonomia desses indivíduos sobre próprio corpo ao pressionar que os ideais da sociedade sejam superiores às escolhas pessoais (Freitas et al., 2019).

Cabe destacar que a relação entre vergonha corporal e sofrimento psicológico também tem sido pauta em relação aos grupos de minorias sexuais (Gilbey et al., 2022), a exemplo de homens gays que exibem comportamentos não saudáveis instigados pela insatisfação corporal e sentimentos de invalidação (Martins et al., 2007).

No entanto, é necessário aprofundar a investigação sobre como variáveis sociais, como o acesso a modelos positivos de corpo e a representação diversificada de identidades corporais, podem mitigar os efeitos prejudiciais de uma autoimagem negativa. Estudos posteriores poderiam focar em como fatores contextuais, como intervenções sociais, podem ajudar no desenvolvimento de um funcionamento psicológico positivo e saudável, mitigando assim o impacto da vergonha corporal na saúde mental.

REFERÊNCIAS

Bercht, A. M., & Costa, A. B. (2023). Objectification Theory: Applicability in a Sample of Rio Grande do Sul/Brazil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 39*, e39412. https://doi.org/10.1590/0102.3772e39412.pt

Eating Disorder Statistics - National Eating Disorders Association. (2024, April 30). National Eating Disorders Association. https://www.nationaleatingdisorders.org/statistics/

Fardouly, J., Diedrichs, P. C., Vartanian, L. R., & Halliwell, E. (2015). Social comparisons on social media: The impact of Facebook on young women's body image concerns and mood. *Body Image, 13*, 38-45.

Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly, 21*(2), 173-206.

Freitas, R. S., Mezzaroba, O., & Zilio, D. (2019). A autonomia decisória e o direito à autodeterminação corporal em decisões pessoais: uma necessária discussão. *Revista De Direito Brasileira*, *24*(9), 168–182. https://doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2358-1352/2019.v24i9.5706

Gilbey, D., Perry, Y., Lin, A., & Ohan, J. (2022). "Shame, Doubt and Sadness": a qualitative investigation of the experience of self-stigma in adolescents with diverse sexual orientations. *Youth, 2*(3), 352-365. https://doi.org/10.3390/youth2030026

Machado, W. L., Bandeira, D. R., & Pawlowski, J. (2013). Validação da Psychological Well-being Scale em uma amostra de estudantes universitários. *Avaliação Psicológica, 12*(2), 263-272. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=335027505017

Martins, Y., Tiggemann, M., & Kirkbride, A. (2007). Those speedos become them: the role of self-objectification in gay and heterosexual men's body image. *Personality and Social Psychology Bulletin, 33*(5), 634-647. https://doi.org/10.1177/0146167206297403

McKinley, N. (2004). Resisting body dissatisfaction: fat women who endorse fat acceptance.. *Body image*, 1 2, 213-9 . https://doi.org/10.1016/J.BODYIM.2004.02.001.

McKinley, N. M., & Hyde, J. S. (1996). The objectified body consciousness scale development and validation. *Psychology of Women Quarterly*, *20*(2), 181-215. https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1996.tb00467.x

McLean, L. L., Guardia, A. C., Watts, R. E., & Nelson, J. (2020). The role of body shame in sexual, relationship, and life satisfaction in women. *Journal of Professional Counseling: Practice , Theory & Research, 47*(1), 32-44. https://doi.org/10.1080/15566382.2020.1727288

Medeiro, S. A., França, L. H. F. P., & Hernandez, J. A. E. (2022). Validade da Psychological Well-being Scale com obesidade mórbida feminina. *Psicologia Social, Organizacional e do Trabalho, 38*, e38522. https://doi.org/10.1590/0102.3772e38522.pt

Ryff, C. D. & Essex, M. J. (1992). The interpretation of life experience and well-being: the sample case of relocation. *Psychology and Aging, 7*(4), 507-517. https://doi.org/10.1037//0882-7974.7.4.507

Schoenleber, M., & Gratz, K. (2017). Self-Acceptance Group Therapy: A Transdiagnostic, Cognitive-Behavioral Treatment for Shame. *Cognitive and Behavioral Practice*, 25, 75-86. https://doi.org/10.1016/J.CBPRA.2017.05.002.

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. (2014, July 29). *De acordo com a ISAPS, Brasil lidera ranking de cirurgias plásticas no mundo - SBCP*. (2014, July 29) https://www.cirurgiaplastica.org.br/2014/07/29/de-acordo-com-a-isaps-brasil-lidera-ranking-de-cirurgias-plasticas-no-mundo/#:~:text=O%20pa%C3%ADs%20tamb%C3%A9m%20%C3%A9%20l%C3%ADder,Rinoplastia%20(cirurgia%20de%20nariz)

Tiggemann, M. (2011). Mental health risks of self-objectification: A review of the empirical evidence for disordered eating, depressed mood, and sexual dysfunction. In R. M. Calogero, S. Tantleff-Dunn, & J. K. Thompson (Eds.), *Self-objectification in women: Causes, consequences, and counteractions* (pp. 139–159). American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/12304-007

Tiggemann, M., & Slater, A. (2013). NetGirls: The Internet, Facebook, and body image concern in adolescent girls. *International Journal of Eating Disorders*, *46*(6), 630-633.

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA ATUAL PARA A COMPREENSÃO DO BINGE-WATCHING E SEUS PREDITORES

Fernanda de Souza Pereira – UFPB
Josefa Wanilla da Costa Medeiros – UFPB
Maria Edisandy Bezerra dos Santos – UNIFIP

RESUMO: A sociedade contemporânea é marcada por um ritmo acelerado de vida, impulsionado por novas tecnologias e a globalização, que também transformaram os modos de entretenimento. Entre essas mudanças, destacam-se o consumo de vídeos curtos em redes sociais como o TikTok e o crescimento do mercado de streaming, que popularizou o fenômeno de "binge-watching". Diante disso, o presente estudo tem como objetivo realizar um estado da arte sobre a relação entre binge-watching e personalidade neurótica a partir do modelo Big Five. Foi realizado um estado da arte por meio de uma revisão de literatura utilizando descritores como "binge-watching", "neuroticism" e "series addiction", nas principais bases de dados da Psicologia Social, incluindo estudos publicados nos últimos cinco anos. Os achados indicam que o binge-watching pode estar relacionado a traços de impulsividade e escapismo, especialmente em indivíduos com altos níveis de neuroticismo, caracterizados por ansiedade elevada e baixa tolerância à frustração. Alguns estudos mostram que o hábito pode levar a efeitos negativos, como sedentarismo e prejuízos à saúde mental, mas ainda há lacunas na compreensão desse comportamento e suas consequências, especialmente no que tange à distinção entre consumo problemático e vício.

Palavras-chave: Binge-watching; Personalidade; Big Five.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual o aceleramento é uma característica marcante em diversos setores da vida cotidiana. O processo de transformação dos modos de produção, a globalização, o advento dos meios de transporte e novas tecnologias de comunicação contribuíram para uma mudança significativa no estilo de vida contemporâneo. Assim, os modos de entretenimento também têm sido modificados, especialmente no quesito quantidade e otimização de tempo (Prazeres, 2022).

Além disso, com o surgimento e a ascensão dos dispositivos móveis e das plataformas de mídia social é possível ter acesso a conexão em tempo real com pessoas de qualquer lugar do mundo e, também, a uma infinidade de mídias produzidas para o entretenimento a qualquer hora do dia. Nos últimos anos, uma das redes sociais que mais tem se popularizado é o Tiktok, inicialmente pensado para gravar e compartilhar vídeos de dublagens e danças virais, mas que tem incrementado novas ferramentas que ajudaram ainda mais no sucesso da rede. No entanto, apesar das mudanças, ainda se destaca a partir do seu diferencial: vídeos curtos e entretenimento de qualidade de fácil acesso (Pereira et al., 2022).

Outro elemento de destaque é o mercado de *streaming* que tem dado ao mercado audiovisual mais liberdade de consumo, tanto em relação a tempo como a quantidade. Há algumas décadas, o consumo de televisão se restringia aos horários restritos dos programas de TV, agora, com plataformas por assinatura como Netflix, Amazon Prime, HBO Max, MUBI, os assinantes podem ter acesso a

produções completas de séries e filmes para assistir no momento que quiserem e a quantidade de produções disponíveis a qualquer hora do dia (Lotz, 2022).

Diante disso, o consumo em grande volume tem se popularizado entre os assinantes e tem ficado conhecido pelo termo "*binge-watching*" ou, para o português, "maratonar". O consumo em sequência acima de dois episódios tem recebido esse nome pelo modo acelerado e sequencial de assistir, ou seja, de forma compulsiva. Desde, então tem se buscado explicações para esse tipo de comportamento (Evangelista, 2022).

Por se tratar de um fenômeno recente, os estudos também têm buscado entender possíveis consequências e prejuízos para a saúde mental. Alguns estudos mostram que tal hábito tem levado ao sedentarismo que interfere em práticas cotidianas não tão saudáveis. Além disso, estudos vêm tentando identificar a possibilidade de comportamento semelhante ao vício baseado em traços da personalidade, por exemplo (Ort et al., 2021).

O que motivaria as pessoas a consumirem o que consomem e se as características do traço de personalidade predominante poderiam interferir nessa escolha e no consumo excessivo – em volume e velocidade de reprodução. Nesse caso, independentemente da prática ou não do binge-watching, define-se o uso problemático a partir do momento em que se observa prejuízos na vida cotidiana, já que a mesma prática pode causar efeitos diferentes entre os indivíduos (Ort et al., 2021).

No que diz respeito à personalidade, aparentemente é possível identificar alguma relação com o traço de personalidade neuroticismo e o hábito de maratonar. O neuroticismo é explicado pelo modelo dos cinco fatores também conhecido por Big Five que explica cinco traços da personalidade em fatores gerais que englobam características predominantes de cada uma delas. São eles: amabilidade, conscienciosidade, extroversão, abertura à mudança e neuroticismo. No caso do neuroticismo, a partir de agora o foco da discussão, é apresentado com as seguintes características: maior nível de ansiedade, baixa tolerância à frustração e impulsividade (Cavalcanti & Pimentel, 2016).

Partindo do pressuposto de que pessoas mais neuróticas possuem mais dificuldade no controle de impulsos, podemos supor que haja uma relação positiva com o *binge-watching*. Alguns estudos indicam que as pessoas passam a maratonar com mais frequência na busca por entretenimento, relaxamento e fuga da realidade, no entanto, apresentam dificuldade de parar ou diminuir o hábito mesmo quando querem parar – premissa que tem levado a suposição de consumo semelhante ao vício. Portanto, é possível pensar que essa dificuldade seria acentuada em pessoas com o traço de personalidade neuroticismo mais elevado (Ort et al., 2021).

A partir da necessidade de se compreender o comportamento humano, questiona-se por exemplo, as suas motivações. Seriam então, as pessoas mais neuróticas mais propensas a manter o hábito de maratonar séries? O que a literatura tem dito a respeito desse fenômeno e como tem se dado

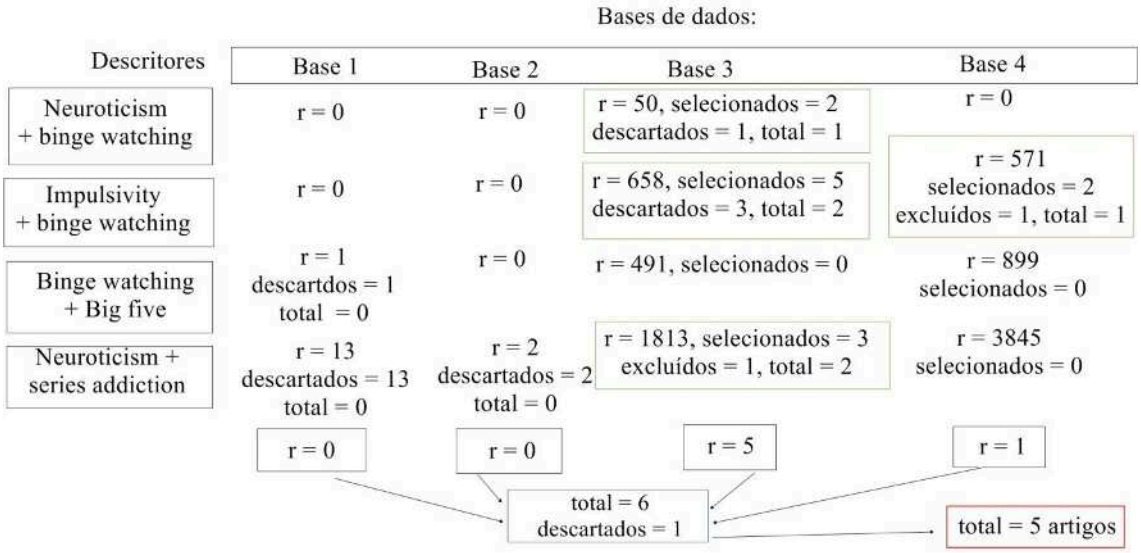
a produção de conteúdo a seu respeito? Quais as suas principais considerações e lacunas? Para a compreensão desse fenômeno é importante identificar o que a literatura tem falado a seu respeito e quais as lacunas existentes. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo realizar um estado da arte sobre a relação entre *binge-watching* e personalidade neurótica a partir do modelo Big Five.

MÉTODO

Foi realizado um estado da arte sobre o *binge-watching* e suas explicações a partir de traços de personalidade, preferencialmente o Big Five, ou temas semelhantes. O estado da arte é um tipo de pesquisa com o objetivo de favorecer a compreensão acerca da produção de conhecimento em uma área de conhecimento específica (Romanowski & Ens, 2006).

Na busca foram empregados e combinados os seguintes descritores: "*binge-watching*", "*neuroticism*", "*impulsivity*", "*big five*", "*neuroticism*" e "*series addiction*". Como mostra a figura 1, foram pesquisados nas seguintes bases de dados: base 1 – The Journalof Social Psychology;base 2 – Journal of Personality and Social Psychology; base 3 – Journal of Experimental Social Phychology e base 4 – European Journal of Social Psychology, que correspondem às principais revistas eletrônicas de Psicologia Social em termos de relevância para o campo de pesquisa (Figura 1).

Figura 1. *Fluxograma dos resultados nas bases de dados*



Os critérios de inclusão foram selecionar e utilizar artigos publicados nos últimos cinco anos relacionados ao tema de pesquisa; dentre os critérios de exclusão, foram descartados os que excediam o período delimitado, fugissem muito do tema de pesquisa e que apresentassem acesso indisponível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no objetivo, realizou uma busca pelas principais bases de dados da Psicologia Social na atualidade. Dentre os achados, o primeiro artigo, trata-se do estudo experimental de Flayele et al. (2020) realizado com estudantes da Universidade de Luxemburgo. O mesmo objetivou investigar o consumo problemático de séries a partir do hábito do comportamento de maratonar.

Foram divididos três grupos de 20 pessoas cada totalizando 60 participantes distribuídos em categorias autorrelatadas: observadores não compulsivos, observadores compulsivos não problemáticos e observadores compulsivos problemáticos.Os participantes realizaram tarefas avaliando a inibição da resposta e a busca impulsiva de recompensa, e preencheram questionários autorrelatados sobre dados sociodemográficos, afeto, sintomas de observação compulsiva problemática e traços de personalidade impulsiva. Posteriormente, os participantes foram colocados em atividades relacionadas ao controle de impulsividade na busca por recompensa (Flayele et al., 2020).

Os resultados mostram que observadores compulsivos não problemáticos apresentaram taxas mais altas de desconto de atraso (compensação da atividade acumulada) do que os não compulsivos, além disso, não foram identificadas diferenças significativas entre os observadores compulsivos não problemáticos e problemáticos em relação ao autocontrole – o que seria caracterizado como marca registrada dos prejuízos relacionados aos transtornos de dependência (Flayele et al., 2020).

Em sequência, Zhan et al. (2021) trazem um estudo correlacional sobre vício em celular, baseado no modelo do Risco de Busca e Processamento de Informações (RISP), e seus possíveis preditores: personalidade (neuroticismo e extroversão), ansiedade social (OSA) e crença de perigo cibernético (CDB). Os principais resultados da pesquisa mostram que o vício em celular foi desenvolvido por neuróticos e extrovertidos através de diferentes mediadores: o primeiro por meio da ansiedade social; e o segundo, crença de perigo cibernético.

Os resultados do estudo de Flayele et al. (2020), diferente da hipótese inicial, mostram que a associação do comportamento compulsivo ao assistir ao comportamento de vício deve ser repensada tendo em vista que aparentemente não trás prejuízos na mesma dimensão, apesar de serem frequentemente relacionados. Já em relação ao estudo de Zhan et al. (2021), trata do vício no uso do aparelho celular. Esses achados, apesar de abordar construtos diferentes, já mostram a necessidade de levar a investigação para novas direções no sentido de entender se é possível desenvolver o vício e o que o diferencia, por exemplo, do vício em substâncias ou jogos de azar (Zhan et al., 2021).

O estudo de Lades et al. (2022) sobre a relação entre autocontrole, interferência no objetivo e o comportamento compulsivo ao assistir busca entender, mais precisamente, se baixos níveis de autocontrole predizem altos níveis de afetos negativos (e.g., cansaço, tédio, culpa e tristeza) durante a observação compulsiva. Os resultados corroboraram a hipótese de pesquisa, no entanto, apontam que afetos positivos (e.g., felicidade) surgem ao iniciar a atividade e afetos negativos surgem após a observação compulsiva (e.g., sentimento de culpa).

No que diz respeito à interferência no objetivo, o estudo também busca explicar se essas relações anteriormente mencionadas são mediadas por aspectos situacionais de autocontrole (e.g., planos, automaticidade, interferência em metas). Neste caso, sugere-se que a observação compulsiva

é interpretada como positiva quando não interfere nos objetivos do indivíduo, comumente mais provável entre os de autocontrole mais elevado. Além disso, o estudo sugere que a observação compulsiva é particularmente agradável quando não interfere em outros objetivos, o que é mais provável no caso de indivíduos com índices mais altos de autocontrole (Lades et al., 2022).

No estudo de Flayelle et al. (2022) por sua vez, realizaram uma estratégia analítica de aprendizado de máquina para estudar preditores psicológicos em padrões de observação compulsiva, sendo eles o envolvimento não prejudicial e o envolvimento prejudicial. Participaram um total de 4275 espectadores de séries de TV que responderam a um questionário na modalidade online sobre sua caracterização sociodemográfica, variáveis preditivas relevantes e o envolvimento de observação compulsiva.

Bem como o comportamento de vício, o uso problemático de uma tecnologia de informação pode trazer prejuízos a vida cotidiana afetando o desempenho e rendimento no trabalho, nos estudos e outras obrigações da vida do sujeito. Assim, Lades et al. (2022) trazem uma perspectiva da culpabilização do consumidor compulsivo a partir do momento em que isso passa a interferir nos seus planos pessoas. Além disso, Flayelle retoma estudos acerca da observação compulsiva a partir, agora, dos seus padrões e seus preditores. Nesse caso, e considerando o exemplo anterior, a não interferência nos objetivos do sujeito juntamente com motivações como o escapismo podem desencadear afetos positivos (Flayelle et al., 2022).

No conjunto de análises, o tipo de envolvimento com o *binge-watching* foi colocado como variável dependente – tanto o envolvimento não prejudicial como o prejudicial. O envolvimento não prejudicial teve como variáveis mais importantes de modelagem o aprimoramento emocional, enriquecimento (conhecimento de coisas novas) e motivações sociais; já no envolvimento problemático, motivação para *coping*/escapismo e traços de impulsividade (urgência e falta de perseverança) (Flayelle et al., 2022).

Por fim, o estudo de Sanchez-Fernandez et al. (2023) que realiza uma revisão bibliográfica sobre o uso problemático de internet (PIU – Problematic Internet Use) por universitários e fatores preditivos associados. Com base em 76 estudos publicados entre os anos de 2013 e 2021, foi realizada uma síntese narrativa e uma análise de qualidade. Foram identificados dez fatores preditivos.

Dentre eles, nove eram de risco (e.g., tempo gasto online, jogos online, depressão, afeto negativo, estresse da vida, cognições desadaptativas, impulsividade, má qualidade do sono, uso de substâncias) e um protetivo (conscienciosidade). Foram divididos em três categorias: padrões de uso, variáveis psicológicas e estilos de vida (Sanchez-Fernandez et al., 2023).

É possível atribuir a escassez de estudos sobre o objeto de estudo nas bases de dados investigadas devido aos altos padrões exigidos por revistas de renome no que diz respeito a publicação a acadêmica. Além disso, trata-se de um fenômeno recente e a expectativa é de que investigações

sobre esse tema se tornem crescentes daqui em diante. Apesar de recente, o *binge-watching* já vem se tornando objeto de interesse de pesquisadores acerca das suas motivações – ainda que em número reduzido – e o Big Five tem sido adotado como método para analisar as motivações e tendências comportamentais a partir dos traços de personalidade mostrando assim o reconhecimento de seu potencial explicativo.

As lacunas acerca da produção de conhecimento na área existem possivelmente devido a sua recenticidade. Os estudos disponíveis têm se dado com ênfase principal em compreender as suas causas para dedicar-se posteriormente às suas especificidades, como os seus efeitos e possíveis prejuízos. A partir do presente levantamento, observa-se que as metodologias se restringem majoritariamente ao método experimental e quase-experimental não havendo revisões de literatura sobre o fenômeno de interesse, o que pode vir a dificultar o trabalho de quem pretende iniciar estudos na área considerando o pouco referencial teórico.

Estudos de Flayele et al. (2020); Lades et al. (2022) e corroboram a interferência da impulsividade e do autocontrole na motivação para a observação compulsiva. Nessa perspectiva, ao considerarmos os traços de personalidade e suas características prevalentes como a presença de ansiedade elevada e dificuldades de autocontrole, observa-se uma coerência comparando o raciocínio em ambos os estudos.

Os estudos de Zhan et al. (2021) e Sanchez-Fernandez et al. (2023) contemplam o fator vício em diferentes perspectivas: o primeiro sobre o vício em celular e o uso problemático da internet. Apesar de não se referir diretamente ao *binge-watching*, podemos considerar importantes achados para compreensão do comportamento compulsivo em relação a determinadas tecnologias.

Para estudos futuros, uma das possibilidades seria identificar uma diferenciação entre grupos. As diferentes faixas etárias, por exemplo: crianças tem desenvolvido o hábito de assistir compulsivamente? Quais as motivações para a observação compulsiva entre crianças? Quais os prejuízos do comportamento compulsivo para crianças em idade escolar? Há diferenças entre o *binge-watching* em crianças, adolescentes e adultos?

REFERÊNCIAS

Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personalityandaggression: A contributionofthe General Aggression Model. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *33*, 443-451.

Evangelista, R. L. (2022). Por que maratonamos? Reflexões sobre binge-watching a partir da abordagem do uso e gratificações. *Brazilian Journal of Development*, *8*(5), 36983-36998.

Flayelle, M., Elhai, J. D., Maurage, P., Vögele, C., Brevers, D., Baggio, S., & Billieux, J. (2022). Identifying the psychological processes delineating non-harmful from problematic binge-watching: A machine learning analytical approach. *Telematics and informatics*, *74*, 101880.

Flayelle, M., Verbruggen, F., Schiel, J., Vögele, C., Maurage, P., & Billieux, J. (2020). Non-problematic and problematic binge-watchers do not differ on prepotent response inhibition: A preregistered pilot experimental study. *Human Behavior and Emerging Technologies*, *2*(3), 259-268.

Lades, L. K., Barbett, L., Daly, M., & Dombrowski, S. U. (2022). Self-control, goal interference, and the binge-watching experience: An event reconstruction study. *Computers in Human Behavior Reports*, *7*, 100220.

Lotz, A. D. (2022). *Netflix and streaming video: The business of subscriber-funded video on demand*. John Wiley& Sons.

Ort, A., Wirz, D. S., &Fahr, A. (2021). Is binge-watching addictive? Effects of motives for TV series use on the relationship between excessive media consumption and problematic view inghabits. *Addictive Behaviors Reports*, *13*, 100325.

Pereira et al. (2022). “Tiktokização” do entretenimento digital e motivações para uso do aplicativo. In 1º Congresso Nacional de Psicologia do UNIFIP: As evidências das diferentes práticas psicológicas. Patos: UNIFIP, out. 2022.

Prazeres, M. (2022). Comunicação organizacional em alta velocidade: os impactos da aceleração social do tempo e suas interfaces. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, *6*(12).

Romanowski, J. P., & Ens, R. T. (2006). As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. *Diálogo Educ., 6*(19), 37-50.

Sanchez-Fernandez, M., Borda-Mas, M., & Mora-Merchan, J. (2022). Problematic internet use by university students and associated predictive factors: A systematic review. *Computers in Human Behavior*, 107532.

Zhan, Z., Wei, Q., & Hong, J. C. (2021). Cell phone addiction during the Covid-19 outbreak: How online social anxiety and cyber danger belief mediate the influence of personality. *Computers in Human Behavior*, *121*, 106790.

SAÚDE MENTAL DE MINORIAS ÉTNICO-RACIAIS: UMA REVISÃO DE ESCOPO

Josefa Wanilla da Costa Medeiros – UFPB
Fernanda de Souza Pereira – UFPB

RESUMO: O estudo visa reunir e mapear a literatura nacional e internacional produzida nos últimos cinco anos sobre os impactos do racismo na saúde mental de minorias étnico raciais. Foram considerados os estudos publicados nas seguintes plataformas de dados: BVS-Lilacs, PubMed, PsycNet e Scielo. 32 artigos foram selecionados de acordo com os critérios do objetivo do estudo. Identificou-se que: (1) a literatura brasileira encontrada acerca da temática é escassa; (2) há poucos estudos destacando a população indígena; (3) os efeitos do racismo na saúde mental se apresentaram em diferentes contextos, como: família, escolas, redes sociais, atendimento clínico público e particular, mercado de trabalho e pandemia de COVID-19; (4) a violência direta ou vicária decorrente do racismo impacta na identidade e subjetividade negra, aumentando o índice de ideação suicida e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, depressão, ansiedade, pânico e problemas de uso de drogas; (5) correlatos de mulheres negras revelam as microagressões raciais e de gênero, sendo o racismo e sexismo preditores de baixa saúde mental e autoestima; (6) a população predominantemente presente nos estudos são os jovens adultos; (7) a maioria das pesquisas utilizou o método quantitativo. Essas evidências contribuem para intervenções pautadas no fortalecimento e promoção de saúde.

Palavras-chave: Racismo; Saúde Mental; Revisão de Escopo.

INTRODUÇÃO

Diante de um cenário social em que a cor da pele é um fator de marcação de estigma e de segregação, que expõe grupos específicos à discriminação (e.g., negros, indígenas ou outras denominações de etnia que fujam da denominação branca), o racismo pode ser reconhecido como um determinante social das condições de saúde (Cândido et al., 2022). O presente estudo considera os efeitos do racismo, um fenômeno atual que pode acarretar diversos impactos negativos para problemas de saúde mental (e.g., ansiedade e depressão; Pieterse et al., 2012; Wallace et al., 2016). Portanto, discutir as consequências do racismo é essencial para mitigar os seus efeitos e garantir o bem-estar psicológico daqueles que são alvo desse tipo de violência.

Embora este tema seja central e sua manifestação frequente no dia a dia, a maioria dos estudos sobre o fenômeno se limita a explicá-lo, ou seja, a compreender o nível de preconceito das pessoas e a buscar razões para tais comportamentos discriminatórios (Camino, et al., 2001; Lins, et al., 2014; Santos, et al., 2005). Entretanto, apesar de ser crucial compreender as raízes do preconceito para combatê-lo, também é essencial focar nas vítimas e entender o impacto do racismo em sua saúde mental, bem como nos recursos psicológicos que elas possuem como protetores para enfrentar e reduzir os efeitos das micro e macro-agressões cotidianas (Bynum et al., 2007).

No Brasil, a discriminação racial se manifesta recorrentemente. A exemplo disso, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) deixa evidente tais práticas a partir de dados da Pesquisa Nacional de Saúde, que constataram que dentre as vítimas de agressão física, psicológica

ou sexual, (identificadas como 18,3% dos residentes no país), pessoas pretas (20,6%) e pardas (19,3%) sofreram mais com a violência do que as pessoas brancas (16,6%).

É pertinente frisar a carência de estudos em âmbito nacional relacionados aos efeitos psicológicos do racismo para a saúde das vítimas e a necessidade de estudos, sobretudo da Psicologia, voltados à investigação de fenômenos e dinâmicas sociais como o racismo sobre a saúde, buscando compreender a associação dessas experiências ao adoecimento físico e mental. Para isso, pretende-se, através do mapeamento da literatura, identificar os assuntos mais abordados e possíveis lacunas teóricas.

MÉTODO

Utilizando da metodologia do Instituto Joanna Briggs (JBI) para condução do trabalho, a seguinte questão baseada nos elementos PCC (População, Conceito e Contexto) dos critérios de inclusão foi colocada: "O que há na literatura sobre o efeito do racismo na saúde mental de minorias étnico-raciais na área da psicologia nos últimos 5 anos?". A população consistiu em minorias étnico-raciais (e.g., pretos, pardos, indígenas), o Conceito se trata do efeito do racismo na saúde mental e o Contexto foi estabelecido como o campo da psicologia e sua literatura produzida nos últimos cinco anos.

Para o levantamento da produção científica, foram selecionados periódicos indexados nas seguintes bases de dados: BVS-Lilacs, PubMed, PsycNet e Scielo. Foram considerados estudos empíricos sem restrições quanto ao desenho ou método do estudo; indexados em uma das bases da psicologia, publicados em inglês, português ou espanhol. A revisão foi realizada por três juízes independentes.

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: estudos empíricos sem restrições quanto ao desenho ou método do estudo; indexados em uma base da psicologia, publicados em inglês, português ou espanhol. Quanto aos critérios de exclusão: o título, resumo ou texto completo do artigo que não estava relacionado ao tema central (e.g., efeito do racismo na saúde mental de minorias étnico-raciais); artigos publicados na forma de resumo, revisões e artigos editoriais, relatórios, livros, capítulos de livros, teses, dissertações, cartas aos editores, estudos que não foram publicados no campo da psicologia, estudos que não foram publicados entre 2019 e 2024 e quando o texto completo não estiver disponível.

Os estudos foram exportados para o website *Rayyan*, uma ferramenta online usada para gerenciar etapas de triagem de revisões de literatura. Uma vez movidas para o *Rayyan,* as referências duplicadas foram identificadas e removidas. Para garantir uma avaliação imparcial, os avaliadores conduziram uma análise cega dos artigos. Na primeira fase, os estudos foram inicialmente selecionados com base nos títulos e resumos, excluindo aqueles que não estavam alinhados com o

escopo da revisão. Na segunda fase, os demais estudos foram examinados na íntegra para determinar se atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos para este estudo. Finalmente, os estudos relevantes foram selecionados de acordo com seus objetivos, metodologias e resultados apresentados.

RESULTADOS

A princípio foi encontrado um total de 2.038 estudos, sendo Pubmed (n = 1.389), BVS-Lilacs (n = 472), PsycNET (n = 119) e SciElo (n = 58), os quais foram importados para o *Rayyan* para triagem. Após a remoção das duplicatas (n=550), 2 juízes completaram a triagem de título e resumo de 1.488 artigos para a primeira busca; sendo eliminados 1.205 estudos por não cumprirem os critérios de inclusão (o título, resumo ou texto completo do artigo que não estava relacionado ao tema central. Durante a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, um total de 283 estudos foram retidos para extração, e após discussão dos dados extraídos e revisadas as divergências (19) com a participação de um terceiro juiz, 264 estudos foram incluídos pelos três avaliadores na primeira etapa de triagem.

Para a busca atualizada, os 264 artigos foram avaliados pela leitura na íntegra e 232 foram excluídos por motivos diversos: foram publicados entre 2008 e 2018 (48); não incluíam efeitos do racismo nas variáveis de saúde mental (109); eram livros ou capítulos de livros (7), teses (3), revisões de literatura (35); cartas editoriais (9), e quando o texto completo não estava com acesso disponível (21). Assim, 32 materiais permaneceram para compor a amostra final desta revisão. O fluxo de inclusão dos artigos incluídos está apresentado no fluxograma da Figura 1.

Figura 1. *Fluxo Referente ao Processo de Seleção dos Estudos da Scoping Review (Adaptado de PRISMA-scr. Curitiba, 2020).*

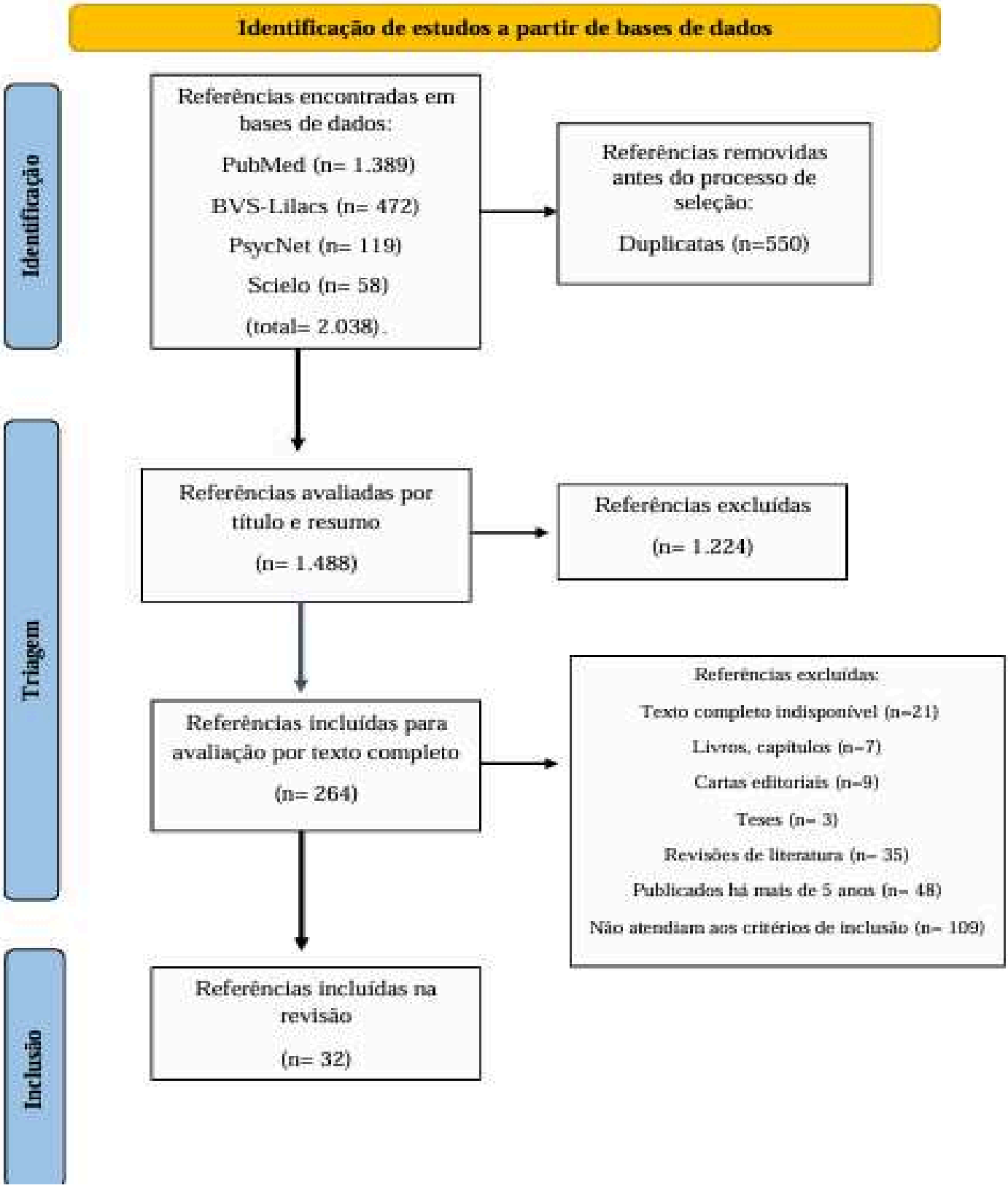

Identificação de estudos a partir de bases de dados
Identificação
Triagem
Inclusão
Referências encontradas em bases de dados:
PubMed (n= 1.389)
BVS-Lilacs (n= 472)
PsycNet (n= 119)
Scielo (n= 58)
(total= 2.038).
Referências removidas antes do processo de seleção:
Duplicatas (n=550)
Referências avaliadas por título e resumo
(n= 1.488)
Referências excluídas
(n= 1.224)
Referências incluídas para avaliação por texto completo
(n= 264)
Referências excluídas:
Texto completo indisponível (n=21)
Livros, capítulos (n=7)
Cartas editoriais (n=9)
Teses (n= 3)
Revisões de literatura (n= 35)
Publicados há mais de 5 anos (n= 48)
Não atendiam aos critérios de inclusão (n= 109)
Referências incluídas na revisão
(n= 32)

Tabela 1. *Síntese dos artigos*

AUTORES	AMOSTRA	PAÍS DE ANÁLISE DOS DADOS	OBJETIVO DO ESTUDO	CONCLUSÃO
Skewes & Blume (2019)	25 informantes-chave de indígenas americanos, com média de idade de 51 anos.	Estados Unidos	abordar as disparidades no uso de substâncias em comunidades rurais de indígenas americanos	O stress causado pelo racismo foi importante precipitante do consumo de substâncias e uma barreira à recuperação, e o trauma histórico resultante da colonização como uma manifestação de stress racial que conduz a problemas de saúde comportamentais.
Desalu et al. (2019)	251 estudantes universitários negros com média de idade de 20 anos	Estados Unidos	examinar os papéis mediadores dos sintomas depressivos e dos motivos do consumo de álcool na associação da discriminação racial percebida com o consumo excessivo e as consequências negativas do consumo de álcool	a discriminação racial percebida está diretamente associada a problemas relacionados ao álcool. Estudantes que percebem discriminação racial são mais propensos a desenvolver sintomas depressivos, que, por sua vez, os levam a consumir álcool e a sofrer mais consequências negativas desse uso.
Sibrava et al. (2019)	139 adultos latinos e 152 adultos afro-americanos com 18 anos ou mais, diagnosticados com transtornos de ansiedade com base nos critérios do DSM-IV. Amostra clínica longitudinal de 5 anos.	Estados Unidos	destacar o papel da discriminação racial e étnica no desenvolvimento do TEPT entre estas populações	os adultos afro-americanos e latinos podem desenvolver perturbação de stress pós-traumático (PTSD) em taxas mais elevadas do que os adultos brancos, e que o curso clínico do PTSD nestes grupos minoritários é fraco.
Loyd et al. (2019)	173 adolescentes (86% afro-americanos) de ambos os sexos, com idades entre 13 e 18 anos, recentemente presos e em liberdade condicional	Estados Unidos	explorar como as experiências de discriminação racial se associam à depressão, ansiedade, agressão, comportamento delinquente e outros problemas de comportamento.	A discriminação racial pode exacerbar problemas emocionais (depressão, ansiedade) e comportamentais (agressão e comportamento delinquente) em jovens negros, especialmente aqueles que já estão em situação vulnerável devido ao envolvimento com o sistema de justiça.
Tynes et al. (2019)	302 adolescentes afro-americanos e latinos com idades entre 11 e 19 anos.	Estados Unidos	examinar a associação entre a exposição online a eventos traumáticos associados à raça (assassinatos policiais, notícias angustiantes dirigidas a membros do próprio grupo étnico-racial) e a saúde mental	As análises indicaram que experiências mais frequentes de eventos traumáticos online estavam associadas a níveis mais elevados de sintomas de TEPT e sintomas depressivos. As meninas relataram maior TEPT e sintomas depressivos do que os meninos.
Polanco-Roman et al. (2019)	1.344 adultos universitários racialmente/etnicamente diversos (hispânicos/latinos; brancos não-hispânicos; negros não-hispânicos; asiáticos) com média de idade de 19 anos	Estados Unidos	examinar se o estresse traumático e os sintomas depressivos ajudam a explicar diferentemente a relação entre a discriminação racial/étnica e a ideação suicida entre gêneros e grupos raciais/étnicos	Os resultados indicam que experiências frequentes de discriminação racial/étnica podem aumentar o risco de stress traumático e sintomas depressivos, o que pode, por sua vez, aumentar o risco de pensamentos suicidas, particularmente em mulheres jovens. Não foram encontradas diferenças raciais/étnicas significativas nesta relação.
Calzada et al. (2019)	684 crianças de 4 a 5 anos de origem mexicana e dominicana. Mães e professores foram entrevistados.	Estados Unidos	investigar a associação entre a cor da pele e a saúde mental de crianças pequenas Latinas	As crianças negras tinham classificações mais elevadas em vários indicadores de ansiedade, depressão e hiperatividade em comparação com os seus pares brancos; este padrão foi particularmente pronunciado para as meninas.
Zapolski et al. (2019)	612 jovens afro-americanos, alunos da 8ª série	estados unidos	Investigar como a identidade étnico-racial coletiva (CERI) influencia os resultados de saúde (Depressão, ansiedade e uso de substancias) entre jovens afro-americanos.	As descobertas sugerem que, embora a identidade étnico-racial coletiva tenha sido promotora aos sintomas depressivos e de ansiedade, não amorteceu o risco de resultados negativos como consequência da discriminação racial. A identidade étnico-racial coletiva teve um efeito protetor nos resultados de saúde dos jovens afro-americanos quando examinada isoladamente, mas ao examinar o efeito moderador da identidade étnico-racial coletiva sobre cada desfecho de saúde em interação com a discriminação percebida, observou-se efeito não significativo.
Gouveia & Zanello (2019)	7 mulheres negras com média de idade de 25 anos e nível superior de escolaridade	Brasil	coletar narrativas de pessoas negras atendidas por psicoterapeutas brancos/as, sobre suas vivências de racismo no	As entrevistadas apresentaram temas como a transferência inter/intra-racial (evitação da terapeuta branca ou idealização da terapeuta negra) no processo terapêutico e a falta de formação do(a)

			cotidiano e sobre como se deu a escuta na terapia em díade birracial.	psicoterapeuta para atender clientes negros/as. Quase inexistência da abordagem de questões raciais nos atendimentos psicoterapêuticos.
Sosoo et al. (2020)	157 estudantes universitários negros (M idade de 18 anos) que frequentavam uma instituição predominantemente branca	Estados Unidos	examinar longitudinalmente se o racismo internalizado moderou a associação entre discriminação racial e sofrimento por sintomas de ansiedade.	Resultados indicaram associação positiva entre discriminação racial e subsequente sofrimento de sintomas de ansiedade para indivíduos com níveis moderados e altos de internalização de estereótipos negativos e aceitação e internalização das crenças e padrões da cultura branca dominante em detrimento da sua (e.g. alteração da aparência física, mudança capilar).
Brooks et al. (2020)	806 participantes, predominantemente afro-americanos, recrutados em dois bairros de baixa renda.	Estados Unidos	Examinar a associação entre discriminação e TEPT	A discriminação foi significativamente associada aos sintomas de TEPT de maneira semelhante em homens e mulheres. Os participantes que sofreram qualquer discriminação tiveram uma probabilidade significativamente maior de apresentar resultados positivos para TEPT
Martins et al. (2020)	76 mulheres, com idade média de 24 anos	Brasil	avaliar o efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras.	A alta frequência de microagressões raciais de gênero prediz piores níveis de saúde mental e autoestima. A autoestima mediou a relação entre microagressões e saúde geral, apresentando-se enquanto fator protetor da saúde mental; e a identidade parece moderar essa relação, de modo que alta identificação enquanto mulher negra apresentam menores níveis de saúde mental quando se deparam com uma alta frequência de eventos discriminatórios.
Kyriopoulos et al. (2022)	dados mensais de suicídio disponíveis publicamente para as nove divisões do Census Bureau de 2013 a 2018.	Estados Unidos	examinar se os assassinatos policiais estão associados a um aumento nas taxas de suicídio entre negros americanos.	Nos meses em que houve pelo menos um assassinato de uma pessoa negra pela polícia, a taxa de suicídios entre negros americanos aumentou em 0,0472 por 100.000 pessoas negras na área onde o assassinato ocorreu. Não houve associação entre assassinatos de negros americanos e suicídios de brancos; assassinatos de brancos e suicídios de negros; ou assassinatos de brancos e suicídios de brancos. Essa estatística indica que há um impacto mensurável, embora pequeno, nos índices de suicídio na população negra em resposta a tais incidentes, sugerindo um efeito perturbador desses eventos na comunidade.
Tao & Fisher (2022)	407 jovens (N = 112 asiáticos, 115 negros, 79 indígenas e 101 latinos) com idade entre 15 e 18 anos.	Estados Unidos	avaliar as relações entre o uso das mídias sociais, discriminação individual e vicária nas mídias sociais e saúde mental	A exposição à discriminação racial tanto individual quanto vicária nas redes sociais amplifica os sintomas depressivos e problemas com drogas. Isso, por sua vez, gera um ciclo vicioso que leva ao aumento do tempo de uso das redes sociais e a mais postagens sobre justiça racial, potencialmente expondo ainda mais os jovens à discriminação.
Mekawi et al. (2022)	401 adultos negros com idades entre 18 e 78 anos (M = 44 anos)	Estados Unidos	examinar se o TEPT e os sintomas depressivos diferiam com base no estilo de enfrentamento baseado na raça (classificados como passivo, moderado e ativo) e testar se essas respostas moderavam associações entre discriminação racial e TEPT.	A gravidade dos sintomas de estresse pós-traumático e depressão diferiram com base na classificação de enfrentamento baseada na raça, com sintomas mais graves encontrados para os pacientes passivo. O enfrentamento baseado na raça moderou as associações da discriminação racial com estresse pós-traumático e depressão, sendo que a gravidade dos sintomas foi significativa apenas para os grupos passivo e moderado (mas não ativo). Para os negros americanos, lidar ativamente com o racismo pode amortecer a associação entre discriminação racial e gravidade dos sintomas psicológicos.
Santos & Dias (2022)	6 mulheres negras com média de 37 anos, militantes do Movimento de Mulheres Dandara do Sisal (MMNDS), na Bahia.	Brasil	analisar as experiências e vivências de racismo entre mulheres negras participantes do Movimento de Mulheres Dandara do Sisal (MMNDS), atuante no Território do Sisal, na Bahia.	A intersecção de raça e gênero torna as mulheres negras mais suscetíveis à marginalização, pois são duplamente subjugadas pelo racismo e machismo. As participantes enfrentaram essas opressões em diferentes espaços: família, educação, saúde, mercado de trabalho, etc. Os efeitos do racismo se fazem presentes materialmente na vida das mulheres, como na negação de direitos, na desigualdade de oportunidades; bem como no campo simbólico, ao ameaçarem sua identidade negra, autoestima, subjetividade e saúde mental. Contudo, a resistência se faz presente no Movimento por meio de estratégias antirracistas de denúncias e reivindicações dos direitos e melhores condições de vida, reafirmando sua identidade racial e étnica.
Del Río-González et al. (2022)	578 homens negros urbanos, predominantemente de baixa renda, com idades entre 18 e 45 anos.	Estados Unidos	Examinar a associação entre estressores sócio-estruturais (discriminação racial, encarceramento e desemprego) e sintomas depressivos, e até que ponto dois fatores de proteção (apoio social e enfrentamento de resolução de problemas) moderaram a relação.	Os resultados mostraram que mais discriminação racial e encarceramento diários, mas não desemprego, previram significativamente mais sintomas depressivos. As ligações entre discriminação, encarceramento e sintomas depressivos foram mais fortes para os homens que relataram níveis mais baixos de resolução de problemas e apoio social. A falta de habilidades de enfrentamento eficazes e menos apoio social podem amplificar o impacto desses estressores, resultando em maior risco de depressão.
Buckner et al. (2022)	251 estudantes universitários negros com média de 21 anos.	Estados Unidos	examinar o papel da ansiedade social nas relações entre as experiências de discriminação racial e o consumo perigoso de álcool entre usuários negros.	A discriminação racial foi significativamente correlacionada com maior ansiedade social, e a relação entre discriminação racial e consumo de risco ocorreu indiretamente por meio da ansiedade social. A ansiedade social pode ser uma variável relacionada com o afeto especialmente importante a considerar em modelos de impacto da discriminação no consumo de risco de álcool.

Quist et al. (2022)	1.612 mulheres negras participantes com idades entre 23 e 34 anos	Estados Unidos	avaliar os efeitos do racismo ao longo da vida (em dois períodos de tempo: antes dos 20 anos e durante os 20 anos, com acompanhamentos em intervalos de 20 meses) sobre os sintomas depressivos em jovens mulheres negras e identificar períodos particularmente sensíveis.	Aquelas que experimentaram alta frequência de racismo antes dos 20 anos tiveram um risco aumentado de sintomas depressivos graves em comparação com os participantes do grupo de baixa frequência de racismo. As associações entre racismo e sintomas depressivos foi ligeiramente mais forte no período da infância e adolescência em comparação à idade adulta jovem, sugerindo que o início da vida pode ser um período mais sensível para vivenciar o racismo.
Zhou et al. (2022)	2.019 participantes de etnias diversificadas, com idade entre 18 e 99 anos (M=40 anos)	Estados Unidos	examinar a disparidade racial nos sintomas de estresse pós-traumático durante o COVID-19.	Os participantes negros relataram níveis mais elevados de Estresse pós traumático do que os participantes brancos. A disparidade racial do TEPT foi explicada mais pelo racismo direto e indireto do que pelos estressores específicos da COVID-19, após controle de idade, sexo, educação, renda, situação parental, experiências adversas na infância e violência por parceiro íntimo. O racismo em curso na comunidade opera como uma crise de saúde pública, além da pandemia de COVID-19.
Knighton et al. (2022)	243 mulheres afro-americanas com idades entre 19 e 72 anos (M = 39 anos)	Estados Unidos	investigar a relação entre sofrimento psicológico, microagressões raciais percebidas e uma obrigação de mostrar força/supressão de emoções entre mulheres afro-americanas instruídas de classe média	As mulheres afro-americanas instruídas e de classe média que endossam a obrigação de mostrar força/suprimir emoções com microagressões raciais percebidas podem ser menos propensas a procurar ajuda de outras pessoas (incluindo psicoterapia), devido à crença de que isso prejudicaria as percepções de força, sobrevivência e auto-estima, experimentando maior sofrimento psicológico. Esta população pode não procurar ajuda profissional até que as suas preocupações de saúde mental tenham atingido uma crise, como um colapso emocional ou manifestação de problemas de saúde física. A obrigação de demonstrar força pode aumentar o risco de sofrimento psicológico.
Shi et al. (2022)	2.709 participantes de etnias diversas com 18 anos ou mais.	Estados Unidos	Examinar se a discriminação racial vivenciada e percebida estava associada a resultados de saúde mental (sofrimento psíquico e autoavaliação da felicidade) ou comportamental (sono, tabagismo e consumo de álcool) durante a pandemia.	As associações entre discriminação racial e sofrimento mental e uso de substâncias foram mais evidentes entre os entrevistados negros, do Leste Asiático, do Sul da Ásia e hispânicos.A discriminação racial pode estar associada a uma maior probabilidade de sofrimento e ao consumo de cigarros entre as minorias raciais e étnicas.
Keum & Choi (2022)	139 adultos asiático-americanos (M idade = 23).	Estados Unidos	investigar se o racismo da COVID-19 previu a gravidade do uso de álcool por meio de sintomas depressivos	O racismo da COVID-19 previu direta e significativamente a gravidade do uso de álcool. Também previu indiretamente a gravidade do uso de álcool através da sequência de sintomas depressivos iniciais, que aumentaram o consumo de álcool para lidar com os motivos. O racismo da COVID-19 é um fator de risco para problemas relacionados com o álcool.
Galán et al (2022)	252 díades negras de pais e filhos. Os jovens tinham em média 11 anos de idade	Estados Unidos	Investigar se experiências de discriminação racial de pais negros prevém o aumento do conflito entre pais e filhos no início da adolescência, o que por sua vez estaria associado à depressão, ansiedade, e problemas de conduta no início e meados da adolescência.	As experiências de discriminação racial dos pais negros foram associadas a níveis mais elevados de conflito entre pais e filho, o que, por sua vez, previu maior depressão relatada pelos jovens. Houve um efeito indireto significativo da discriminação racial na depressão relatada pelos jovens através do conflito entre pais e filhos.
Salami et al. (2022)	9 jovens negros com idades entre 16 e 30 anos	Canadá	explorar os fatores que contribuem positiva e negativamente para a saúde mental da juventude negra em Alberta, Canadá.	Os fatores que contribuem negativamente para os problemas de saúde mental foram a discriminação racial, o fosso intergeracional (desconexão) nas famílias, a microagressão e o estigma, as expectativas académicas, o stress financeiro, a falta de identidade, eventos traumáticos anteriores e a religião. Os fatores que contribuíram positivamente para a saúde mental foram sentimento de realização, abertura em relação à saúde mental, relações positivas, sentido de comunidade e espiritualidade. É necessário abordar o racismo de forma holística e interseccional, promover a pertença à comunidade, fortalecer as relações entre pais e jovens e criar espaços abertos e seguros que possam promover a saúde mental.
Moody et al. (2022)	627 adultos negros com média de idade de 43 anos	Estados Unidos	investigar as consequências da discriminação vicária para a saúde mental de negros americanos.	A discriminação vicária, além da discriminação experimentada pessoalmente e dos fatores de stress gerais, foi associada a níveis mais elevados de sofrimento psicológico entre as mulheres negras. Para os homens negros, a discriminação cotidiana vivenciada pessoalmente, o estresse crônico e o trauma ao longo da vida são mais influentes do que a discriminação vicária para problemas psicológicos.
Plácido et al. (2023)	9.070 adultos de meia-idade e idosos pretos, pardos e brancos (idade ≥ 50 anos)	Brasil	Investigar associações entre raça e capacidade intrínseca (cognitivo, psicossocial, vitalidade, locomotor e	Os participantes negros e pardos tiveram pior desempenho no teste de fluência verbal e apresentaram mais sintomas depressivos, enquanto os voluntários brancos apresentaram maior comprometimento sensorial (deficiência visual ou auditiva). Os participantes pretos e pardos também relataram pior

			sensorial) em adultos de meia-idade e idosos de uma coorte brasileira.	percepção de saúde, maior discriminação percebida durante consultas médicas e maior dependência do sistema público de saúde.
Azevedo & Gomes (2023)	levantamento documental de 29 prontuários individuais de mulheres autodeclaradas como pretas ou pardas (entre 31 e 40 anos) que abriram prontuários novos no CAPS-AD de Caucaia no último trimestre de 2020.	Brasil	analisar os determinantes sociais de saúde na vida das mulheres negras em acompanhamento biopsicossocial no CAPS-AD em Caucaia, Ceará.	Fatores relacionados ao ambiente familiar, às condições de renda e de emprego têm influência estressante direta no uso de tabaco e álcool (substâncias mais mencionadas). Essas mulheres enfrentam maiores dificuldades para realizar o tratamento especializado por conta do racismo institucional (baixa escolaridade e ocupando empregos informais ou desempregadas), da forte pressão social para evitar o acompanhamento (vergonha) e, ainda, por serem as responsáveis pelos cuidados materno-familiares, que envolvem as tarefas domésticas e os cuidados com filhos e companheiro(a). Apesar de CAPS-AD ainda ter uma gestão de atendimentos centrada no modelo biomédico ao invés do biopsicossocial, todas reconheceram o papel do profissional de Psicologia nos seus tratamentos.
Souza, et al. (2023)	uma mulher negra acompanhada por uma enfermaria psiquiátrica em um Hospital Geral	Brasil	cartografar a trajetória de racismo estrutural e de sofrimento psíquico de uma mulher negra acompanhada por uma enfermaria psiquiátrica em um Hospital Geral.	A análise dos relatos fez emergir as pautas de auto ódio e solidão da mulher negra (produto do racismo, do sexismo e do classismo). A subjetividade produzida internaliza sentimentos de inferioridade, de solidão, de auto-ódio e de não lugar, que demonstram como o sofrimento psíquico é influenciado pelo racismo estrutural que condicionam a existência do negro ao menor valor, à estigmatização e à desumanização.
Daniels et al. (2023)	140 mães negras	Estados Unidos	investigar a relação entre a carga alostática na saúde das mães negras e a vigilância vicária relacionada ao racismo	A vigilância vicária relacionada com o racismo foi positivamente associada à carga alostática. As interseções entre raça, gênero e maternidade resulta em suscetibilidade a formas únicas de estresse prejudicial à saúde.
Guerra et al. (2023)	125 estudantes de graduação de uma universidade pública brasileira, declarados negros (pretos ou pardos), maiores de 18 anos	Brasil	analisar como o racismo institucional em uma universidade pública brasileira afeta a vida de estudantes negros e negras	De 125 respondentes, 68 (54,4%) afirmaram ter sofrido racismo pelo menos uma vez dentro da universidade. As situações racistas vividas pelas pessoas negras dentro do ambiente universitário colocam em questão a autoconfiança e a motivação do estudante, afetando diretamente a sua saúde mental e seu desempenho no curso.
Faber et al. (2023)	Exemplos de casos noticiados nos EUA e Canadá sobre pessoas negras e o duplo estigma do racismo e do (sobre)diagnóstico de uma doença mental grave	Estados Unidos e Canadá	fornecer uma visão geral das experiências de pessoas negras que vivem nos EUA e no Canadá com transtornos precoces do espectro da esquizofrenia	Há uma disparidade notável entre a prevalência observada de transtornos do espectro da esquizofrenia em pessoas racializadas e em indivíduos brancos nesses países, sendo os negros diagnosticados em taxas mais elevadas do que outros grupos. As diferenças provavelmente não são genéticas, mas sim de origem social. Disso resulta uma progressão de implicações sociais punitivas ao longo da vida, incluindo oportunidades reduzidas, cuidados de qualidade inferior, maior contato com o sistema jurídico, violência policial e criminalização. Os sobrediagnósticos estão em grande parte enraizados nos preconceitos raciais dos médicos e agravados por taxas elevadas de fatores de stress traumatizantes entre os negros devido ao racismo.

DISCUSSÃO

Para uma melhor apresentação dos resultados, 6 categorias foram definidas (Sintomatologia, diagnósticos e atendimentos clínicos [18]; Racismo e Identidade [2]; Racismo e violência policial [1]; Racismo Vicário [3]; Intersecção racismo e gênero [5] e Sindemia Racismo e Covid-19 [3]). Apesar da classificação dos estudos por categorização de subtema principal, todas essas categorias estão unificadas pelos determinantes da condição de vida nos aspectos raciais e sociais em saúde.

Os artigos que compuseram esta categoria apresentaram a característica de explorar as relações diretas e indiretas entre racismo e variáveis de condições psicológicas clínicas, como depressão, estresse, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e uso de substâncias, em contextos como a família, o acesso ao serviço de atendimento profissional, a relação terapêutica e o recebimento de diagnósticos.

Os estudos quantitativos de Sibrava et al. (2019), Polanco-Roman et al. (2019), Brooks et al. (2020) e Mekawi et al. (2022), que tiveram como amostras os públicos adultos de afro-americanos, latinos e asiáticos, mostram as relações entre sofrer discriminação racial e uma probabilidade significativamente maior de desenvolver perturbação de estresse pós-traumático em comparação os adultos brancos, e que o curso clínico do TEPT nestes grupos minoritários é fraco. Brooks et al. (2020) concluíram que essa relação significativa ocorreu de maneira semelhante para homens e mulheres. No entanto, Polanco-Roman et al. (2019) ao avaliarem como o estresse traumático e os sintomas depressivos mediam o impacto da discriminação racial/étnica na ideação suicida entre gêneros, perceberam um aumento no risco de ideação suicida sobretudo em mulheres jovens, apontando para um grupo aparentemente mais vulnerável. Com efeito, a respeito do gênero, em estudo de Calzada et al. (2019) sobre cor da pele e a saúde mental com crianças latinas, foi percebido que indicadores de ansiedade, depressão e hiperatividade eram maiores para as crianças negras com relação aos seus pares brancos, e este padrão foi particularmente pronunciado para as meninas.

Além disso, Mekawi et al. (2022) observaram que o estilo da resposta de enfrentamento baseado na raça (passivo, moderado e ativo) pode ser um moderador da associação entre discriminação racial, estresse pós-traumático e depressão, sendo que a gravidade dos sintomas foi significativa apenas para os grupos passivo e moderado. Assim, para os negros americanos, lidar ativamente com o racismo pode amortecer a associação entre discriminação racial e gravidade dos sintomas psicológicos. Resultados semelhantes foram encontrados por Del Río-González et al. (2022) ao afirmarem que a discriminação provoca níveis mais fortes de depressão para os que relataram níveis mais baixos de habilidades de enfrentamento e menos apoio social. Presume-se, portanto, que é crucial o papel do apoio social e das estratégias de enfrentamento como fatores capazes de mitigar

os efeitos negativos da discriminação racial na saúde mental. Isso sugere que políticas e práticas devem focar em fortalecer essas redes de apoio.

Outrossim, vários estudos destacam como a discriminação racial contribui para o aumento do uso de substâncias como uma manifestação de estresse racial que conduz a problemas de saúde comportamentais. Com o intuito de abordar as disparidades no uso de substâncias em comunidades rurais de indígenas americanos, Skewes e Blume (2019) contataram 25 informantes-chave de um grupo de indígenas. Foi identificado que o estresse causado pelo racismo e o trauma histórico resultante da colonização foram importantes precipitantes do consumo de substância, ao mesmo tempo em que se configuram como uma barreira à recuperação. Cabe frisar que, na presente revisão, esta é a única amostra encontrada com foco exclusivamente em indígenas, alertando à necessidade de serem desenvolvidas mais pesquisas nesse sentido no campo da Psicologia.

Os artigos de Desalu et al. (2019), Buckner et al. (2022) e Sosoo et al. (2020) abordam estudantes universitários negros nos Estados Unidos, revelando que a discriminação racial está associada a sintomas depressivos e de ansiedade social que, por sua vez, impulsionam o consumo excessivo de álcool e suas consequências negativas. Em seu estudo, Guerra et al. (2023) examinam como o racismo em uma universidade pública brasileira afeta a vida de estudantes negros e negras, quando 54,4% dos participantes afirmaram ter sofrido racismo pelo menos uma vez dentro da universidade, afetando sua saúde mental e desempenho acadêmico. Fica claro que o contexto das universidades torna perceptível o racismo institucional, tanto nas universidades americanas quanto brasileiras. Esses estudos mostram que o comportamento problemático do uso de álcool e drogas se manifesta como forma de enfrentamento às experiências de discriminação racial e que, isto posto, compreende-se que para intervenções de recuperação mais eficazes, é necessário abordar determinantes sociais da saúde, como a discriminação racial e traumas históricos.

No tocante ao público adolescente, com o objetivo de investigar se experiências de discriminação racial dos pais negros preveem o aumento do conflito entre pais e filhos no início da adolescência, o que por sua vez estaria associado à depressão, ansiedade, e problemas de conduta nos jovens, Galán et al. (2022) abordaram 252 díades de pais e filhos afro-americanos, onde os jovens tinham em média 11 anos de idade. Os autores perceberam que houve um efeito indireto significativo da discriminação racial vivida pelos pais na depressão relatada pelos jovens através do conflito entre pais e filhos.

Salami et al. (2022) mencionam que o conflito, desconexão ou “fosso Inter geracional” nas famílias, é um dos fatores dominantes que contribuem negativamente para os problemas de saúde mental da juventude negra no Canadá. Cabe ressaltar que essas informações podem explicar os problemas comportamentais afirmados por Loyd et al. (2019): a discriminação racial pode exacerbar problemas emocionais (depressão, ansiedade) e comportamentais (agressão e comportamento

delinquente) em jovens negros. Fica demonstrado que as repercussões intergeracionais do racismo na saúde mental de famílias e comunidades perpetuam um ciclo de sofrimento.

Com referência aos ambientes de cuidado de saúde mental e o estilo de serviço prestado, Gouveia e Zanello (2019) coletaram narrativas de mulheres negras atendidas por psicoterapeutas brancos/as, mencionando suas vivências cotidianas de racismo e como se deu a escuta na terapia. Foram apresentados temas como a transferência inter/intra-racial (evitação da terapeuta branca ou idealização da terapeuta negra) no processo terapêutico e a falta de formação do psicoterapeuta para atender clientes negros/as. Constatou-se que, mesmo quando a terapeuta era negra, o assunto de relações raciais nunca era iniciado pelo profissional e a iniciativa sempre foi da paciente. Possivelmente por razões diferentes: no caso da terapeuta branca, talvez por não perceber a alienação à própria branquitude, e no caso da negra, pela possibilidade de o assunto tocar em questões pessoais (da terapeuta) ainda não elaboradas.

Destaca-se, portanto, a falta de preparação dos terapeutas para abordar questões raciais, impossibilitando a formação do vínculo e relação terapêutica. A quase inexistência e até mesmo negação da abordagem de questões raciais nos atendimentos psicoterapêuticos é um tipo de violência, à medida que invalida as experiências e a subjetividade dos(as) pacientes negros(as). Por isso, a formação técnica nos cursos de graduação em Psicologia precisa ser remodelada para atender às necessidades de todos os públicos e fornecer conhecimentos que amparem o psicólogo clínico em sua prática (Gouveia & Zanello, 2019). Além da importância de uma prática supervisionada que também implique processos de sensibilização sobre a temática racial (Guimarães & Podkameni, 2012).

Nesse ínterim, Faber et al. (2023) investigam ainda a problemática do sobrediagnóstico (uma questão de saúde pública, já que converte as pessoas em pacientes sem necessidade) de doenças mentais graves (e.g. esquizofrenia) e como o duplo estigma dessa condição associada ao racismo afeta negativamente a vida das pessoas negras nos Estados Unidos e no Canadá. Ainda de acordo com Faber, et al. (2023), há uma disparidade notável entre a prevalência de transtornos do espectro da esquizofrenia em pessoas negras e brancas nesses países, provavelmente não por origens genéticas, mas sim sociais. Os sobrediagnósticos estão em grande parte enraizados nos preconceitos raciais dos médicos, levando a diversas consequências sociais punitivas para pessoas negras, como oportunidades reduzidas diante do reforço dos estereótipos patológicos dos negros em torno do uso de substâncias, do perfil violento e das fracas competências sociais. Finalmente, tais autores apontam então para um problema sistêmico de preconceito dentro do sistema de saúde, que necessita de reformas significativas de soluções racialmente informadas para cuidados de saúde mental equitativos.

A pesquisa de Plácido et al. (2023) com adultos de meia-idade e idosos pretos, pardos e brancos, com idade igual ou superior a 50 anos, analisou associações entre a raça/cor, gênero e

capacidade intrínseca (cognição, psicossocial, vitalidade, locomoção e sensorial). Enquanto os voluntários brancos apresentaram maior comprometimento sensorial (deficiência visual ou auditiva), os participantes negros e pardos tiveram pior desempenho no teste de fluência verbal, mais sintomas depressivos e também relataram pior percepção de saúde, maior discriminação percebida durante consultas médicas e maior dependência do sistema público de saúde.

Os estudos encontrados fornecem uma visão abrangente e detalhada sobre como o racismo influencia a saúde mental. Eles sublinham a necessidade de intervenções interseccionais e culturalmente sensíveis, abordando tanto os efeitos diretos quanto os indiretos do racismo. Para melhorar a saúde mental das comunidades afetadas, é essencial reconhecer e combater essas disparidades com abordagens informadas e integradas.

Os estudos que trouxeram a variável da identidade étnico-racial (Martins et al., 2020; Zapolski et al., 2019) buscaram investigar seu potencial de moderação entre sofrer racismo e seus impactos para a saúde mental. Os resultados de Zapolski et al. (2019) com jovens afro-americanos sugerem que embora a identidade étnico-racial coletiva tenha sido protetora contra sintomas de depressão e ansiedade quando considerada isoladamente (i.e. Uma forte conexão com a própria identidade étnica pode fornecer um senso de pertencimento e resiliência emocional), quando examinado o seu efeito moderador na relação entre racismo e saúde mental, observou-se efeito não significativo. Implicando que apesar de a identidade coletiva desempenhar um papel importante e oferecer suporte emocional e proteção em contextos gerais, ela pode não ser suficiente para amortecer o risco de impactos negativos diretos decorrentes da discriminação racial.

No estudo de Martins et al. (2020) com 76 mulheres negras brasileiras explorando o papel mediador da autoestima e o papel moderador da identidade na relação entre racismo e saúde mental, a autoestima foi identificada como variável mediadora, de modo que uma maior autoestima pode aumentar o nível de resiliência e proteger a saúde mental. Já a respeito da identidade, foram obtidos dados interessantes: a forte identificação como mulher negra modera a relação entre microagressões e saúde mental, contudo, paradoxalmente, aquelas com alta identificação podem sofrer maiores impactos negativos quando enfrentam frequentes microagressões, provavelmente devido ao maior reconhecimento e sensibilidade às injustiças.

Observa-se que os resultados dos estudos sobre o papel moderador da identidade étnico-racial são intrigantes, uma vez que alguns sugerem a hipótese de que que a moderação da identidade partirá do princípio atenuante, outros sugerem que uma maior identificação grupal tem um efeito amplificador dos impactos negativos na saúde mental, já que aumenta a percepção e sensibilidade a situações de discriminação. No Brasil, é preciso que se desenvolvam estudos que busquem uma maior compreensão do efeito moderador da identidade para a população negra. Assim, poderemos pensar

em projeções de políticas e intervenções culturalmente sensíveis para abordar a saúde mental em contextos de discriminação racial, que envolvam sua complexidade e forneçam um suporte holístico.

Ademais, esses estudos mostram que há uma necessidade crítica de estratégias adicionais que abordem diretamente os efeitos da discriminação. Abordagens interseccionais e focadas em fortalecer a autoestima podem ser particularmente eficazes na promoção do bem-estar mental, e intervenções precoces podem ser particularmente benéficas para prevenir o desenvolvimento de problemas de saúde mental ao longo da vida.

Nessa categoria, a discussão focalizou apenas em um material (Kyriopoulos et al. 2022), que apresentou dados mensais de índices de suicídio de uma comunidade negra americana (durante o período de 2013 a 2018) associados estatisticamente com eventos de violência policial naquela área. O estudo buscou entender se há uma correlação entre os assassinatos de negros americanos pela polícia e as taxas de suicídio entre negros. A análise concentrou-se em verificar se os meses com pelo menos um assassinato de uma pessoa negra por um policial estava associado a um aumento nas taxas de suicídio entre negros na mesma área.

Kyriopoulos et al. (2022) verificaram que nos meses em que ocorreu pelo menos um assassinato de uma pessoa negra, a taxa de suicídios entre negros americanos aumentou em 0,0472 por 100.000 pessoas negras na área onde o assassinato ocorreu. Não foi encontrada associação entre assassinatos de negros e suicídios de brancos, entre assassinatos de brancos e suicídios de negros, ou entre assassinatos de brancos e suicídios de brancos. Os autores sinalizam que isso indica um impacto específico local e mensurável, embora pequeno, sobre a comunidade negra quando ocorrem assassinatos de negros pela polícia, sugerindo um efeito perturbador na comunidade em resposta a tais incidentes. A ausência de associação entre assassinatos policiais de brancos e taxas de suicídio, tanto entre brancos quanto entre negros, reforça a ideia de que a violência policial contra negros carrega um peso psicológico diferente e mais devastador para a comunidade negra (Das et al., 2021). Isso aponta para uma vulnerabilidade específica da comunidade negra em relação à violência institucionalizada.

Ainda que o aumento observado nas taxas de suicídio possa parecer pequeno (0,0472 por 100.000), seu impacto social é profundo. Cada aumento estatístico representa vidas humanas e reflete um sintoma grave de uma crise social maior. Este aumento é especialmente significativo dado que se refere a um período de apenas um mês, indicando um efeito imediato e agudo da violência policial.

Partindo desses resultados estatísticos, entende-se que o impacto psicológico da exposição contínua à violência policial na comunidade é gerado por estresse coletivo e trauma significativo (exacerbando sentimentos de medo, insegurança e desesperança), que são fatores de risco para o suicídio. Dessa forma, o estudo de Kyriopoulos et al. (2022) põe em evidência uma necessidade crítica de mudanças tanto nas práticas policiais quanto nas políticas de saúde pública. Cabe também destacar

a carência de estudos que abordem essa temática no Brasil, uma vez que dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021) apontam para pessoas negras representando 78,9% das vítimas de intervenções policiais. No mais, em termos de prevenção de suicídio, é pertinente mencionar a importância da disponibilidade de suportes de saúde mental para as comunidades, a exemplo o Centro de Valorização da Vida (CVV).

Quanto à categoria de racismo vicário, compreende-se a discriminação racial vivida de forma indireta ou observada (e.g. exposição a eventos traumáticos associados à raça como testemunhar assassinatos, visualizar ou ouvir notícias angustiantes dirigidas a membros do próprio grupo étnico-racial). Essa forma de discriminação pode ser tão prejudicial quanto a experiência direta, pois evoca empatia e pode reforçar sentimentos de insegurança e impotência dentro de uma comunidade.

Nesse contexto, os estudos inclusos exploram a interseção entre o uso de mídias sociais, a experiência de discriminação racial (tanto direta quanto vicária) e seus efeitos na saúde mental de jovens asiáticos, negros, indígenas e latinos entre 15 e 18 anos nos Estados Unidos (Tao & Fisher, 2022) e adolescentes afro-americanos e latinos com idade entre 11 e 19 anos (de Tynes et al., 2019). Com amostras diversas de adolescentes, os estudos elucidam sobre como a exposição a conteúdos discriminatórios nas redes sociais pode intensificar problemas de saúde mental (sintomas depressivos e níveis mais elevados de sintomas de TEPT, principalmente para as meninas) e de comportamento (problemas com drogas). Tao e Fisher (2022) afirmam que tal exposição, ao passo em que amplifica os problemas na saúde mental, gera, por sua vez, um ciclo vicioso que leva ao aumento do tempo de uso das redes sociais e a mais postagens sobre justiça racial, potencialmente expondo ainda mais os jovens à discriminação.

Para o público adulto de homens e mulheres negros, Moody et al. (2022) perceberam que para as mulheres, a discriminação vicária adiciona uma camada extra de sofrimento psicológico além da discriminação geral cotidiana, enquanto para os homens a discriminação vivenciada pessoalmente e o estresse crônico são mais influentes para problemas psicológicos. Supõe-se que isso ocorra devido à posição de cuidadora ocupada pela maioria das mulheres nos centros de suas famílias (Woods-Giscombé et al., 2019), ao passo em que para os homens, de acordo com Moody et al. (2022), pode ocorrer a internalização de normas culturais que desencorajam a expressão emocional, além de que homens relatam com frequência a exposição à violência direta.

Acrescenta-se que medidas voltadas para um acesso à interação digital mais segura são necessárias para prevenção do racismo vicário online e também do cyber racismo, a exemplo de plataformas responsabilizadas com regulamentações e possíveis dicas de como identificar, remover e reportar conteúdo racista online, com a disponibilidade de ferramentas que sejam capazes de detectar

esse tipo de conteúdo. Nesse ínterim, Beidacki et al. (2024) apontam para ferramentas técnicas presentes nas plataformas digitais e aplicativos de rede sociais mais utilizados, que podem direcionar e orientar as vítimas a combater discursos de ódio, desenvolvidas em forma de cartilha de respostas rápidas.

Dos cinco estudos selecionados nesta categoria, três deles (Azevedo & Gomes, 2023; Santos & Dias, 2022; Souza et al.,2023) foram brasileiros e trouxeram abordagens qualitativas e dois (Daniels et al.,2023; Quist et al.,2022) foram estudos internacionais que utilizaram abordagens quantitativas. Todos apresentaram objetivos voltados para a compreensão do entrecruzamento das experiências de racismo com a condição de ser mulher negra. Nesse sentido, foi possível observar que os impactos do racismo acontecem tanto materialmente, em termos de acessibilidade a serviços de saúde, estudos e mercado de trabalho e no âmbito materno-familiar, como também no âmbito simbólico da subjetividade, da autoestima e da identidade.

No estudo de Santos e Dias (2022), por exemplo, as entrevistadas relataram seu sofrimento decorrente da exclusão social, da negação dos seus direitos e da desigualdade de oportunidades ao serem comparadas aos homens, pois são atribuladas por tarefas domésticas e os cuidados com filhos e companheiro(a). Assim, com a carência de oportunidades e impossibilidade de gerenciar uma vida com boas condições de estudo e trabalho, o ambiente familiar e as condições de renda acabam por se tornar fatores de risco e vulnerabilidade. O papel da maternidade pode desempenhar na vida de uma mulher negra potencial suscetibilidade a estressores peculiares, como a carga alostática (desgaste resultante da hiperatividade dos sistemas nervoso autônomo, cardiovascular e imunológico) relacionada à vigilância vicária por preocupação com os filhos na possibilidade de estes sofrerem racismo (Daniels et al., 2023).

Os fatores de risco mencionados anteriormente estão relacionados diretamente com a saúde, a partir da somatização do adoecimento mental e do comportamento de uso de substâncias como álcool e tabaco [principais substâncias mencionadas no estudo de Azevedo e Gomes (2023)] como estratégia de enfrentamento de problemas. Com a baixa escolaridade, o desemprego ou a ocupação de empregos informais como consequência do racismo institucional, essas mulheres acabam encontrando maiores obstáculos para serem acompanhadas nos centros de reabilitação por profissionais de saúde especializados. Além do fato de que muitas sentem vergonha pelo estigma imposto e a pressão social de evitar o acompanhamento, fazendo com que muitas abandonem o atendimento na metade do processo.

Outros dificultadores ao acesso de acompanhamento em saúde para mulheres negras são mencionados no estudo de Knighton et al. (2022), como a percepção de obrigação de mostrar força e consequente supressão de emoções em situações de microagressões raciais percebidas, endossada por muitas mulheres negras; tornando-as menos propensas a buscar ajuda (incluindo a psicoterapia).

Percebe-se a romantização social do sofrimento, onde um discurso mártir de força e superação – o esquema da Super Mulher estudado por Woods-Giscombé et al. (2019) - é divulgado e internalizado, podendo fazer com que essas mulheres carreguem e "prendam" suas angústias para atender às necessidades de outros, até atingir um estado de crise ou colapso emocional ou físico, gerando maior sofrimento psicológico.

No que se refere aos impactos do racismo no campo simbólico e representativo da subjetividade e da autoestima, temos o estudo Souza et al. (2023) que descreve a trajetória de racismo estrutural e de sofrimento psíquico de uma mulher negra acompanhada por uma enfermaria psiquiátrica em um Hospital Geral. A entrevistada expõe as pautas de uma infância periférica de miséria e isolamento e uma vida conjugal problemática enquanto chefe de família (produtos do racismo, do sexismo e do classismo). Discorre também frequentes conteúdos de desvalorização e inferioridade, vergonha de si e da sua cor, que "nada nela ficaria bonito", que não sentia vontade de sair na rua e que quando se olhava no espelho, ouvia vozes lhe dizendo que ela era feia e que não sabia fazer nada, evidenciando o auto ódio. A pauta da solidão da mulher negra e do não lugar também aparecem, considerando suas frustrações afetivas por ser preterida e pela sobrecarga de funções na responsabilidade familiar.

A avaliação longitudinal de Quist et al. (2022) sobre os efeitos do racismo em sintomas depressivos ao longo da vida de mulheres negras ocorreu em dois períodos de tempo: antes e depois dos 20 anos de idade. Os autores perceberam que as mulheres que experimentaram alta frequência de racismo antes dos 20 anos tiveram um risco aumentado de sintomas depressivos graves. As associações entre racismo e sintomas depressivos foram mais fortes no período da infância e adolescência em comparação à idade adulta jovem, sugerindo que o início da vida pode ser um período da vida particularmente mais sensível para vivenciar o racismo, tendo repercussões na vida adulta. A infância e adolescência, sendo as primeiras fases do desenvolvimento humano e etapas cruciais na internalização de crenças e construção do *self* (Erikson, 1972), demandam atenção à educação, socialização e letramento racial de todas as crianças.

As 6 militantes do Movimento de Mulheres Dandara do Sisal (MMNDS) entrevistadas por Santos e Dias (2022), afirmam em seus relatos a questão da exclusão social e explicam a importância de estarem em movimento coletivo que ponha em prática as estratégias de resistência antirracistas através da denúncia, reivindicação de seus direitos e melhores condições de vida, reafirmando, assim, sua identidade.

As informações aqui reunidas indicam que mulheres negras concentraram piores índices de qualidade de vida quando comparadas com as não negras. O que pode ser percebido nos fatores sociais, tais como o número de mulheres negras vítimas de feminicídio no Brasil (61,8%) em registrado em 2021 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2021). A intersecção de raça

e gênero torna as mulheres negras mais suscetíveis à marginalização, visto que estas são duplamente subjugadas pelo racismo e machismo. Nenhum material encontrado nesta revisão tratou exclusivamente da população mulheres negras idosas (as amostras se concentraram em mulheres com idades entre 30 e 40 anos); o que desperta sobre a importância de estudos que considerem também a intersecção do racismo com o sexismo e o idadismo.

O termo Sindemia descreve a interação de duas ou mais epidemias que, ao ocorrerem simultaneamente, intensificam e agravam os impactos sobre as populações afetadas. Na presente revisão, a sindemia de racismo e COVID-19 refere-se à maneira como ocorreu a combinação da pandemia do coronavírus com o então racismo estrutural, agravando os efeitos negativos na saúde e bem-estar (condições pré-existentes exacerbadas pelo racismo) de comunidades racialmente marginalizadas.

Por fim, os artigos aqui inseridos corroboram com outras categorias apresentadas anteriormente, ao examinarem diferenças entre sintomas de estresse pós-traumático em adultos com etnias diversificadas (Zhou et al. 2022); o uso de álcool em adultos asiático-americanos por meio de sintomas depressivos (Keum & Choi, 2022) e vivências de discriminação associadas a sofrimento psíquico e comportamento de tabagismo, consumo de álcool e sono em adultos de etnias diversas (Shi et al. 2022), todos durante o contexto da pandemia de COVID-19.

Os achados de Zhou et al. (2022) concluem que participantes negros relataram níveis mais elevados de TEPT do que os participantes brancos e essa disparidade foi mais explicada pelo racismo direto e indireto do que pelos estressores específicos da COVID-19, após controle de idade, sexo, educação, renda, situação parental, experiências adversas na infância e violência por parceiro íntimo. Já sobre os sintomas depressivos, Keum e Choi (2022) demonstraram que o racismo, durante a pandemia do COVID-19, previu direta e indiretamente a gravidade do uso de álcool em asiático-americanos através da sequência de sintomas depressivos iniciais, que aumentaram o consumo de álcool para lidar com os motivos. Portanto, considerou-se a sindemia Racismo/Covid como fator de risco para problemas relacionados com o álcool.

Por último, o estudo de Shi et al. (2022) conclui que a discriminação durante a pandemia se associou a um maior sofrimento psíquico e maior probabilidade de consumo de álcool e cigarros entre as minorias raciais e étnicas, e que as associações foram mais evidentes entre os entrevistados negros, do Leste Asiático, do Sul da Ásia e hispânicos. Em suma, o racismo em curso na comunidade opera como uma crise de saúde pública, além da pandemia de COVID-19. Para uma abordagem eficaz, é preciso atuar por um prisma multidimensional, que enfrente tanto os aspectos imediatos da crise de saúde quanto as raízes profundas das desigualdades raciais.

Como se pôde ver, os estudos apresentados exploram formas e contextos multifacetados pelos quais o racismo impacta a saúde mental das minorias étnico-raciais. As categorias apresentadas nessa

revisão de escopo demonstram a ampla gama de vias e interseções pelas quais o racismo impacta a saúde mental e destacam a necessidade de abordagens específicas e contextualizadas para tratar e mitigar esses efeitos.

Ao longo da revisão foi possível perceber que os estudos, em sua quase totalidade, foram estudos internacionais (EUA), focaram no público negro adulto e utilizaram do método quantitativo. Ao analisar os objetivos dos estudos selecionados, foi possível perceber que o foco das pesquisas era principalmente o de compreender em que medida o racismo impacta (e se esse impacto acontece direta/indiretamente) e altera a saúde mental através do conjunto psicológico da cognição, emoções e comportamentos de minorias étnico-raciais, num padrão disfuncional e ritmo acelerado; buscando explicar como se formam e reforçam os estigmas sobre esses grupos.

As principais lacunas científicas e limitações identificadas nesta investigação foram a escassa produção na literatura sobre o tema racismo e saúde mental no Brasil, que apresentou apenas sete estudos, quando os casos reportados de discriminações racistas acontecem diariamente em todo o país e quando a população brasileira é composta em mais de 50% por pessoas pretas e pardas. Não obstante, para uma visão mais abrangente, é fundamental o desenvolvimento de futuras pesquisas no contexto brasileiro, assim como é de extrema relevância a produção de mais estudos que enfatizem as populações indígenas.

Também vale ressaltar que estratégias ativas de enfrentamento ao racismo por parte das vítimas podem funcionar para reduzir a severidade dos diversos sintomas de adoecimento mental. Além disso, o reforço do apoio social comunitário, dos movimentos antirracistas, das dinâmicas interpessoais das famílias e a criação de espaços abertos e seguros dentro dos serviços de saúde, com uma formação adequada dos profissionais de saúde mental pode intervir mitigando os efeitos da discriminação racial e contribuir positivamente para a promoção da saúde mental.

CONCLUSÃO

Para concluir, considera-se alcançado o objetivo do estudo, que foi o de mapear e sintetizar o conhecimento existente acerca do que há na literatura sobre o efeito do racismo na saúde mental de minorias étnico-raciais na área da psicologia nos últimos 5 anos. As evidências reunidas com a execução da presente proposta poderão contribuir para o conhecimento das evidências empíricas sobre os efeitos que o racismo pode ter para as vítimas, tornando possível fomentar o delineamento de estratégias de intervenção pautadas no fortalecimento e promoção de saúde da população que sofre com tais consequências nocivas, mitigando os impactos adversos da exposição à discriminação racial para a saúde mental.

O fato de ser ainda pouco estudado no Brasil, no entanto, não impede a oportunidade de melhorar e aprofundar sua investigação. Assim, espera-se que este estudo sirva de base para pesquisadores(as) que intencionam trabalhar com a temática, auxiliando na construção de

conhecimentos e incentivando o desenvolvimento de novas pesquisas no campo da psicologia, que, enquanto ciência, tem a responsabilidade de promover o respeito e igualdade à diversidade racial e étnica.

REFERÊNCIAS

Azevedo, U. C. & Gomes, D. D. O. (2023). A influência dos determinantes sociais na vida de mulheres negras no Centro de Atenção Psicossocial do tipo álcool e outras drogas em Caucaia, Ceará. *Saúde Soc*. v.32, n.2. Doi:10.1590/S0104-12902023220263

Beidacki, R. S., Boeira, L. S. & Menin, V. P. (2024). *Cyber Racismo: Respostas Rápidas para Governos. Evidências, Desafios e Caminhos Possíveis*. Instituto Veredas https://www.veredas.org/wordpveredas/wp-content/uploads/2024/07/OK-VOL-10_Veredas_Respostas-Rapidas_Final2.pdf

Brooks, H. S., Dubowitz, T., Haas, A., Ghosh-Dastidar, B., DeSantis, A. & Troxel, W. M. (2020). The association between discrimination and PTSD in African Americans: exploring the role of gender. *Ethn Health*. Jul;25(5):717-731. doi: 10.1080/13557858.2018.1444150

Buckner, J. D., Glover, N. I., Shepherd, J. M. & Zvolensky, M. J. (2022). Racial Discrimination and Hazardous Drinking among Black Drinkers: The Role of Social Anxiety in the Minority Stress Model. *Subst Use Misuse*. 57(2):256-262. doi: 10.1080/10826084.2021.2002903

Bynum, M. S., Burton, E. T., & Best, C. (2007). Racism experiences and psychological functioning in African American college freshmen: Is racial socialization a buffer? *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 13(1), 64-71.

Calzada, E. J., Kim, Y. & O'Gara, J. L. (2019). Skin color as a predictor of mental health in young Latinx children. *Soc Sci Med*. Oct;238:112467. doi: 10.1016/j.socscimed.2019.112467

Cândido, L. M., Gonçalves, R. G., Oliveira, J. C. S., de Carvalho, L. G. M., & Nery, A. A. (2022). A diversidade étnico-racial na produção científica em enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 56, e20210820. https://doi.org/10.1590/s1980-220x2021009303825

Centro de Valorização da Vida (CVV). https://cvv.org.br/ ; https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/setembro/parceria-para-reduzir-indice-de-suicidio-na-populacao-negra

Daniels, K. P., Thomas, M. D., Chae, D. H. & Allen, A. M. (2023). Preocupação de mães negras com seus filhos como uma medida de vigilância relacionada ao racismo vicário e carga alostática. *Journal of Health and Social Behavior*, 64 (4), 520-536. https://doi.org/10.1177/00221465231175942

Del Río-Gonzáles, A. M., Mbaba, M., Johnson, C. & Teti, M., Jenné, M. & Bowleg, L. (2022). Strengths Despite Stress: Social-Structural Stressors and Psychosocial Buffers of Depressive

Symptoms Among U.S. Black Men. *American Journal of Orthopsychiatry*. 92. Doi: 10.1037/ort0000595.

Desalu, J. M., Goodhines, P. A. & Park, A. (2019). Racial discrimination and alcohol use and negative drinking consequences among Black Americans. *Addiction*. 2019 Jun;114(6):957-967. doi: 10.1111/add.14578.

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise.* Zahar

Faber, S. C., Roy, A. K., Michaels T. I. & Williams M. T. (2023). The weaponization of medicine: Early psychosis in the Black community and the need for racially informed mental healthcare. *Front Psychiatry*. Feb 9; 14:1098292. doi: 10.3389/fpsyt.2023.1098292

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2021). *A violência contra pessoas negras no Brasil*. Recuperado de https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/11/infografico-violencia-desigualdade-racial-2021-v3.pdf

Galán, C. A., Meza, J. I., Ridenour, T. A. & Shaw, D. S. (2022). Racial Discrimination Experienced by Black Parents: Enduring Mental Health Consequences for Adolescent Youth. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. Oct;61(10):1251-1261. doi: 10.1016/j.jaac.2022.04.015

Gouveia, M. & Zanello, V. (2019). Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em estudo.* Doi: 10.4025/psicolestud.v24i0.42738

Guerra, N. E. M., Stofel, N. S., Borges, F. A., Luna, W. F., Salim, N. R., Sá, B. S. M. & Monteiro, J. (2023). *Cien Saude Colet.* ISSN 1413-8123. v.29, n.3. Doi: https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.04232023

Guimarães, M. A. C. & Podkameni, A. B. (2012). Racismo: um mal-estar psíquico. In Batista, L. E., Werneck, J. & Lopes, F. (Orgs.), *Saúde da População Negra* (2ª ed., pp. 224-238). ABPN.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, & Diretoria de Pesquisas. (2019). *Pesquisa Nacional de Saúde* 2019. Acidentes, violências, doenças transmissíveis, atividade sexual, características do trabalho e apoio social: Brasil. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101800.pdf

Keum, B. T. & Choi, A. Y. (2022). COVID-19 Racism, Depressive Symptoms, Drinking to Cope Motives, and Alcohol Use Severity Among Asian American Emerging Adults. *Emerg Adulthood*. Dec;10(6):1591-1601. doi: 10.1177/21676968221117421

Knighton, J. S., Dogan, J., Hargons, C. & Stevens-Watkins, D. (2022). Superwoman Schema: a context for understanding psychological distress among middle-class African American women who perceive racial microaggressions. *Ethn Health.* May;27(4):946-962. doi: 10.1080/13557858.2020.1818695

Kyriopoulos, I., Vandoros, S. & Kawachi, I. (2022). Police killings and suicide among Black Americans. *Soc Sci Med*.Jul;305:114964. doi: 10.1016/j.socscimed.2022.114964.

Loyd, A. B., Hotton, A. L., Walden, A. L., Kendall, A. D., Emerson, E. & Donenberg, G. R. (2019). Associations of ethnic/racial discrimination with internalizing symptoms and externalizing behaviors among juvenile justice-involved youth of color. *J Adolesc.* Aug; 75:138-150. doi: 10.1016/j.adolescence.2019.07.012.

Martins, T. V., Lima, T. J. S. & Santos, W. S. (2020). O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(7):2793-2802. doi: 10.1590/1413-81232020257.29182018

Mekawi, Y., Carter, S., Packard, G., Wallace, S., Michopoulos, V. & Powers, A. (2022). When (passive) acceptance hurts: Race-based coping moderates the association between racial discrimination and mental health outcomes among Black Americans. *Psychol Trauma*. Jan;14(1):38-46. doi: 10.1037/tra0001077

Moody, M. D., Tobin, C. S. T. & Erving, C. L. (2022). Vicarious Experiences of Major Discrimination and Psychological Distress among Black Men and Women. *Soc Ment Health*. Nov;12(3):175-194. doi: 10.1177/21568693221116631

Plácido, J., Marinho, V. & Ferreira, J. V. (2023). Association among race/color, gender, and intrinsic capacity: results from the ELSI-Brazil study. *Rev Saude Publica*. Doi: https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004548

Polanco-Roman, L., Anglin, D. M., Miranda, R. & Jeglic, E. L. (2019). Racial/Ethnic Discrimination and Suicidal Ideation in Emerging Adults: The Role of Traumatic Stress and Depressive Symptoms Varies by Gender not Race/Ethnicity. *J Youth Adolesc*. Oct;48(10):2023-2037. doi: 10.1007/s10964-019-01097-w

PRISMA, 2020. https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1894/980

Quist, A. J. L., Han, X., Baird, D.D., Wise, L.A., Wegienka, G., Woods-Giscombe, C. L. & Vines, A. I. (2022). Life Course Racism and Depressive Symptoms among Young Black Women. *J Urban Health*. Feb;99(1):55-66. doi: 10.1007/s11524-021-00574-7

Salami, B., Idi, Y., Anyieth, Y., Cyuzuzo, L., Denga, B., Alaazi, D. & Okeke-Ihejirika, P. Factors that contribute to the mental health of Black youth. *CMAJ*. Oct 24;194(41):E1404-E1410. doi: 10.1503/cmaj.212142

Santos, V. C. & Dias, A. B. (2022). Os Efeitos do Racismo na Saúde Mental das Militantes Negras do MMNDS. *Psicologia: Ciência e Profissão*. v. 42, e235483, 1-19. https://doi.org/10.1590/1982-3703003235483

Shi, L., Zhang, D., Martin, E., Chen, Z., Li, H., Han, X., Wen, M., Chen, L., Li, Y., Li, J., Chen, B., Ramos, A. K., King, K. M., Michaud, T. & Su, D. (2022). Racial Discrimination, Mental

Health and Behavioral Health During the COVID-19 Pandemic: a National Survey in the United States. *J Gen Intern Med*. Aug;37(10):2496-2504. doi: 10.1007/s11606-022-07540-2

Sibrava, N. J., Bjornsson, A. S., Pérez Benítez, A.C. I., Moitra, E., Weisberg, R. B. & Keller, M. B. (2019). Posttraumatic stress disorder in African American and Latinx adults: Clinical course and the role of racial and ethnic discrimination. *Am Psychol*. Jan;74(1):101-116. doi: 10.1037/amp0000339.

Skewes, M. C. & Blume, A.W. Understanding the link between racial trauma and substance use among American Indians. *Am Psychol*. 2019 Jan;74(1):88-100. doi: 10.1037/amp0000331.

Sosoo, E. E., Bernard, D. L. & Neblett, E. W. (2020). The influence of internalized racism on the relationship between discrimination and anxiety. *Cultur Divers Ethnic Minor Psychol.* Oct;26(4):570-580. doi: 10.1037/cdp0000320

Souza, K. N., Silva, A. V. & Ferreira, R. (2023). "Pra nós que somos negras, tudo é mais difícil". Cartografia de uma mulher negra em sofrimento psíquico. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 33. Doi: https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333070

Tao, X. & Fisher, C. B. (2022). Exposure to Social Media Racial Discrimination and Mental Health among Adolescents of Color. *J Youth Adolesc*. Jan;51(1):30-44. doi: 10.1007/s10964-021-01514-z.

Tynes, B. M., Willis, H. A., Stewart, A. M. & Hamilton, M.W. (2019). Race-Related Traumatic Events Online and Mental Health Among Adolescents of Color. J Adolesc Health. Sep; 65(3):371-377. doi: 10.1016/j.jadohealth.2019.03.006.

Woods-Giscombe C. L., Allen, A. M., Black, A. R., Steed, T. C., Li, Y. & Lackey, C. (2019) Questionário do esquema da supermulher de Giscombe: propriedades psicométricas e associações com saúde mental e comportamentos de saúde em mulheres afro-americanas. *Issues Ment Health.* 672-681. doi: 10.1080/01612840.2019.1584654

Zapolski, T. C. B., Beutlich, M. R., Fisher, S. & Barnes-Najor, J. (2019). Collective ethnic-racial identity and health outcomes among African American youth: Examination of promotive and protective effects. *Cultur Divers Ethnic Minor Psychol*. Jul;25(3):388-396. doi: 10.1037/cdp0000258

Zhou, X., Nguyen-Feng, V. N, Wamser-Nanney, R., & Lotzin, A. (2022). Racismo, sintomas de estresse pós-traumático e disparidade racial na síndrome da COVID-19 nos EUA. *Behavioral Medicine* , *48* (2), 85–94. Doi: https://doi.org/10.1080/08964289.2021.2006131

ESQUIZOFRENIA X MÍDIA: ESTIGMATIZAÇÃO E IMPACTOS NA VIDA SOCIAL DESSES INDIVIDUOS

Luana Lopes Abrantes – UNIFIP
Matheus Douglas Oliveira Santos – UNIFIP
Ariane de Lima Silva – UNIFIP
Brunno Alves de Lucena – UNIFIP

RESUMO: Este artigo consiste em apresentar uma revisão bibliográfica, a respeito do conceito de esquizofrenia para a mídia e os impactos que a incontestável estigmatização tem sobre a pessoa acometida com esse transtorno, como uma pessoa digna de direitos e do livre arbítrio. Para isso, utilizamos como meio de busca o Google Acadêmico, Manual Diagnostico e Estatísticos dos Transtornos Mentais (DSM-5-TR), Biblioteca Virtual Scielo e PubMed, onde foram encontrados 39 artigos, porém apenas 10 constam relevâncias evidentes para esse tema exposto. Com base na pesquisa, os artigos apresentam que a esquizofrenia é vista de forma distorcida e mal interpretada desde o início de sua descoberta, em meados do século XIX, com inúmeros casos de preconceito para com os indivíduos acometidos com o transtorno esquizofrênico. Onde, evidenciando pelo lado cientifico, não passam de estigmatização da mídia social, que influencia diretamente na formação da opinião social, interferindo no convívio saudável de uma pessoa esquizofrênica com a população.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Mídia Social; Estigmatização.

INTRODUÇÃO

A esquizofrenia é caracterizada por alterações significativas nas percepções, disfunções do comportamento e da emoção, afetando, em muitos casos, a vida em sociedade do indivíduo (Melo et. al., 2023). Segundo a última edição do Manual Diagnóstico e Estatísticos dos Transtornos Mentais (DSM-5-TR, 2023), as pessoas acometidas por esse transtorno devem apresentar, pelo menos um, dos sintomas de delírio, alucinações ou discurso desorganizado.

Em muitos dos casos, os indivíduos com esquizofrenia, que fazem o uso do tratamento sistemático, não apresentam comportamentos violentos, de risco para a sociedade. Podem apresentar, o padrão de sono desregulado, desinteresse em alimentar- se, e em alguns casos a falta de insight é constante, podendo até concluir que quando existe essa carência, essas pessoas podem não perceber os próprios sintomas da esquizofrenia, durante toda a prevalência da doença (DSM-5-TR, 2023).

Em meados do século XIX, quando os primeiros casos da patologia foram apresentados, foi designado como “perturbações mentais”, e apresentava alta prevalência entre os jovens. A partir disso, a população passou a temer e demonstrar rejeição para com as pessoas que tinham as chamadas “perturbações”, o que implicou no favorecimento da ocorrência do processo de estigmatização, intensificando o sofrimento, principalmente quando o estigma se traduz em segregação e subtração existencial dos indivíduos com esquizofrenia (Melo et. al., 2023);

Frente ao exposto, as mídias visuais contribuem para a manutenção de estereótipos, atuando também como um mecanismo de propagação de desinformação. Como por exemplo, representações de pessoas com transtornos mentais terem uma predisposição a serem violentas. Essas representações

unidimensionais acabam validando a visão de que pessoas com transtornos mentais são sub-humanas (Dutra et. al., 2019).

É certo que as representações sociais são construídas através de imagens que ajudam a moldar e representar a visão de mundo e em como ela é compartilhada. Anterior ao nascimento, existe um mundo todo construído por representações e símbolos nos quais as pessoas constroem suas histórias de vida. Se não fosse assim, não seria possível viver em sociedade. (Azevedo, 2013). Com todos os avanços e mudanças que ocorreram na forma de fazer impressa, hoje ela tem como função e objetivo atuar na formação da opinião pública, seguindo, em sua maioria das vezes, um caráter público, buscando velocidade e credibilidade (Hohlfeldt, 2023).

É possível ver um processo de estigmas com a mídia descrevendo a esquizofrenia de duas maneiras: em casos cotidianos, sem quaisquer diagnóstico psiquiátrica aprofundado ou cientifico, onde essa descrição vem de pessoas leigas do assunto, como policiais, vizinhos ou familiares, já na segunda faceta, nota-se um uso metafórico do termo "esquizofrenia" utilizado para fins pejorativos, como insano e incompreensível (Guarneiro et. al., 2012). Uma terceira maneira, de representação na mídia, também se faz presente, onde leva-se em valorização o modelo biomédico. Modelo esse que busca propagar formas técnicas, mecanicistas e hospitalocêntricas a respeito de qualquer doença, seja mental ou não (Barros, 2002). Com essa propagação, visando uma forma estagnada e rígida de manejo com pessoas acometidas do transtorno esquizofrênico, a diminuição de empatia do público em geral, leigos e profissionais, se tornou comum (Melo, 2023).

Essa estigmatização midiática potencializa os desafios que os pacientes enfrentam, dificultando sua inserção social, o acesso ao mercado de trabalho, e até mesmo o estabelecimento de redes de apoio social e afetivo. Além disso, a perpetuação de imagens distorcidas contribui para a desinformação, prejudicando o reconhecimento das reais necessidades de tratamento e reintegração dessas pessoas à sociedade. Nesse sentido, a realização desse estudo se justifica por oportunizar a análise da relação entre a esquizofrenia e a forma como ela é retratada na mídia, com vistas à compreensão dos os impactos sociais dessa estigmatização e, a partir disso, propor estratégias para uma representação mais humanizada e inclusiva. Este estudo pretende ainda, contribuir para o debate sobre a responsabilidade social dos meios de comunicação e o papel que eles desempenham na construção de uma sociedade mais justa e informada acerca das questões de saúde mental. Levando em consideração esse contexto, alguns questionamentos foram levantados: Como a esquizofrenia é retratada pela mídia brasileira? De que maneira a estigmatização midiática da esquizofrenia impacta a percepção social sobre a doença? Quais são os principais impactos sociais vivenciados por indivíduos com esquizofrenia como consequência da estigmatização promovida pela mídia?

Visando essa finalidade, essa pesquisa tem como objetivo analisar o impacto da mídia em relação ao processo de estigmatização do Transtorno Esquizofrênico e os impactos deletérios desse processo para a pessoa com esquizofrenia como um indivíduo social.

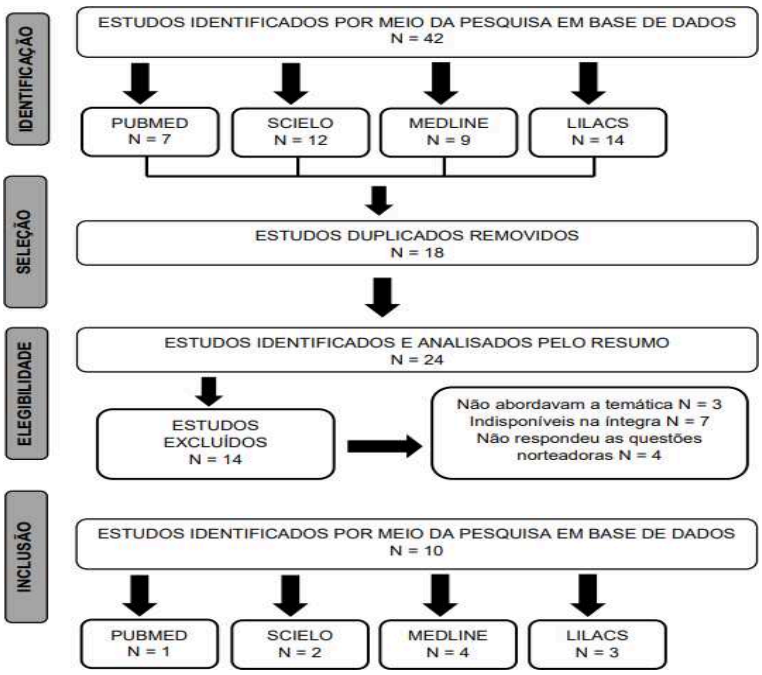
MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Esse tipo de pesquisa agrupa os conhecimentos mais atuais sobre um tema específico, a fim de analisa-lo criticamente, direcionando a prática e fundamentando-a em conhecimento cientifico (Souza; Silva; De Carvalho, 2010). Desse modo, o estudo foi constituído de seis etapas: 1) elaboração da pergunta norteadora (definição dos descritores e critérios de inclusão e exclusão), 2) seleção dos artigos, 3) coleta de dados, 4) análise crítica dos estudos incluídos, 5) discussão dos resultados, 6) apresentação da revisão integrativa.

Inicialmente foi estabelecida a seguinte questão norteadora: "Como a esquizofrenia é retratada pela mídia brasileira? De que maneira a estigmatização midiática da esquizofrenia impacta a percepção social sobre a doença no Brasil? Quais são os principais impactos sociais vivenciados por indivíduos com esquizofrenia como consequência da estigmatização promovida pela mídia? " Os critérios de inclusão foram artigos disponíveis na íntegra e gratuitos sobre as evidências cientificas referentes à investigação sobre a estigmatização de pessoas com esquizofrenia nos meios de comunicação e seus reflexos na vida social; publicações das ciências da saúde classificadas como artigo original e revisões bibliográficas, divulgadas nas principais bases de dados – Medical Literature Analysisand Retrieval System Online (MEDLINE/PUBMED) LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SCIELO e SCOPUS, bem como teses e dissertações veiculadas nas plataformas dos repositórios de instituições de ensino superior. Foram excluídos os estudos que não atendessem a questão norteadora. Não houve limitação para ano e idioma de publicação dos artigos.

Para o refinamento das buscas foram utilizados os descritores indexados na plataforma Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) a saber: Estigma social; esquizofrenia; preconceito; meios de comunicação de massa; imprensa. Posteriormente, com intuito de ampliar o alcance na busca dos dados, foram pesquisados os descritores na língua inglesa indexados na plataforma Medical Subeject Headings (MeSH) sendo eles: a Playfulness; child development; Child welfare e Emotions. Dessa maneira, foram feitos os seguintes cruzamentos utilizando os operadores booleanos AND e OR: 1) Estigma social AND esquizofrenia, 2) meios de comunicação de massa AND preconceito AND esquizofrenia, as pesquisas foram realizadas nos meses de Setembro e Outubro de 2024.

Figura 1: *Fluxograma do processo de identificação, seleção e inclusão dos estudos, Patos - PB, 2024*



Para a terceira etapa, a coleta de dados, os estudos foram organizados em uma tabela a fim de categorizar as informações como identificação da publicação, bases de dados de extração, ano de publicação, país de publicação, delineamento metodológico, e as conclusões do estudo sobre o tema.

RESULTADOS

Após a análise inicial obedecendo aos critérios de elegibilidades, dez estudos formaram a amostra final da pesquisa, dos quais 50,0% foram publicados nos últimos cinco anos – 2023 (30,0%), 2019 (10,0%), 2018 (10,0%). No que concerne ao idioma, a língua portuguesa obteve 50,0% dos estudos, como também na língua inglesa (50,0%). Os estudos foram publicados, em país situado na América Latina (50,0%); na América do Norte (40,0%), nos Estados Unidos da América; e na Europa (10,0%), na Irlanda. Quanto a metodologia utilizada, 10% é estudo longitudinal, 10% análise do discurso critica, 10% dissertação, 10% análise bibliográfica, 10% análise crítica de conteúdo, 10% estudo qualitativo, 10% estudo experimental, 10% estudo observacional, 10% análise de conteúdo e 10% pesquisa quase experimental. Para melhor visualização, o quadro 1 demonstra a caracterização de artigos incluídos no estudo de acordo com o título, ano de publicação, país de publicação, base de dados, tipo de estudo, e suas principais conclusões sobre o tema:

Quadro 1 – Caracterização dos Estudos Utilizados. Patos-PB, Brasil, 2024.

Número	Título	Ano de Publicação	País	Base de Dados	Tipo de Estudo	Conclusões do Estudo
01	O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação	2012	Brasil	Scielo	Estudo Longitudinal	A maioria das matérias encontradas banalizam a esquizofrenia ao emprega-la fora de contexto, não dando voz ao portador desse transtorno e seu sofrimento. É no contexto de violência e criminalidade que a estigmatização do portador de esquizofrenia está mais intensa, mesmo com

						especialistas afirmando, cientificamente, que são raros os casos de violência desse paciente.
02	Esquizofrenia, modelo biomédico e a cobertura da mídia	2023	Brasil	Scielo	Análise do Discurso Critica	As divulgações de casos esquizofrênicos estão voltadas para o modelo biomédico, sem interesse no indivíduo em si. Com a procura das causas do transtorno.
03	Estereótipos e crenças relacionadas à esquizofrenia: um levantamento comparativo entre profissionais de saúde mental e a população geral do Brasil.	2013	Brasil	Teses USP	Tese de doutorado	Conhecimento teve um efeito importante sobre o estigma; quanto mais "conhecimento" sobre a esquizofrenia, maior o estigma.
04	A glamourização de transtornos psicológicos na mídia	2019	Brasil	Intercom	Análise Bibliográfica	As mídias de massa causam uma grande influência na população, porém, muitas vezes negativas, pois elas costumam propagar inverdades e estigmas sobre grupos minoritários, um exemplo claro de tais grupos são as doenças psiquiátricas.
05	A Representação da Esquizofrenia em Caminho das Índias (2009) – Influências e Desdobramentos da Luta Antimanicomial no Brasil1	2017	Brasil	Intercom	Análise Crítica de Conteúdo	Muitas representações de doenças mentais, nas novelas, mostram apenas um lado negativo, ressaltado, do transtorno. Como também, é comum a doença mental, principalmente, esquizofrenia, serem colocadas como castigos e/ou formas de punição.
06	The stigma of schizophrenia	2000	EUA	PubMed Central	Estudo Qualitativo	A representação negativa da esquizofrenia é intensa, levando a ter dificuldades em reverter esses estigmas perante a sociedade. Apesar das críticas, feitas por ativistas da saúde mental, para essa mídia sensacionalista, acontece uma falta de resposta, por isso o que se sugere é uma abordagem proativa para corrigir informações imprecisas.
07	The Relationship between Media Portrayal of Schizophrenia and Attitudes toward Those with Schizophrenia	2018	EUA	Journal of the Indiana Academ y of the Social Sciences	Estudo Experimental	Esse estudo realizou um experimento com um vídeo retratando bem a esquizofrenia, e outro um vídeo controle, da mídia, retratando mal. Com isso, foi concluído que aquelas que viam a esquizofrenia com menos estigmas eram mais propensos a ter atitudes mais positivas em relação a pessoa acometida do transtorno.
08	Media consumption and stigma towards schizophrenia	2023	EUA	Modern Psycholo gical Studies	Estudo Observacional	O estudo concluiu que as representações da esquizofrenia, na mídia, possam estar de uma forma mais positiva na contemporaneidade. Por outro lado, os participantes ligaram o portador esquizofrênico com situações violentas.
09	An evaluation of journalistic reporting on schizophrenia in the Irish news media	2023	Irland a	Cambrid ge Universit y Press	Análise de Conteúdo	Na Irlanda, as representações midiáticas da esquizofrenia, evitam, ao máximo, utilizar de

						termos pejorativos, e focam suas matérias no aspecto cientifico do transtorno. Em contraponto, não há tentativas de contornar a estigmatização existente na sociedade.
10	The Portrayal of schizophrenia in television: An experimente assessing how viewer attitudes are affected	2010	EUA	Digital Scholars hip UNLV	Pesquisa Quase-experimental	O estudo constatou que, com a má representação de uma pessoa com esquizofrenia em um episódio de uma série (meio midiático), os participantes foram afetados negativamente, achando esses indivíduos mais violentos, tendendo a apoiar menos os cuidados com essa população.

Após a análise dos artigos foi possível a construção de categorias temáticas com base nos objetivos deste estudo, sendo agrupadas em 3 categorias: 1) O reforço do estereótipo social da esquizofrenia nas mídias; 2) A redução do paciente no meio midiático, perante o Transtorno Esquizofrênico; 3) Aspectos Atuais da Representação do Transtorno Esquizofrênico na Mídia; A tabela a seguir permite a melhor visualização da síntese dos artigos:

Quadro 2 – Categorização dos estudos. Patos. PB, Brasil, 2024.

Categorização	Artigos
O reforço do estereótipo social da esquizofrenia nas mídias	1,3,6,7
A redução do paciente no meio midiático, perante o Transtorno Esquizofrênico	1,2,4,10
Aspectos Atuais da Representação do Transtorno Esquizofrênico na Mídia	4,5,8,9

DISCUSSÃO

A mídia é muito importante para a contribuição e construção de estereótipos. Relatos muitas vezes sensacionalistas de violências e crimes criam no imaginário das pessoas que quem tem o transtorno é automaticamente um perigo para a sociedade (Hand, 2010). Esses estereótipos acabam atravessando toda a vida dessas pessoas, incluindo o cuidado com a saúde mental. Essas pessoas tendem a se isolar até mesmo de seus familiares e amigos (Loch, 2013).

A esquizofrenia sofre um grande impacto sendo estigmatizado, o vocabulário popular se apropria de diagnósticos médicos que acabam sendo distorcidos (Ferriman, 2000). O uso inadequado desses termos acaba reforçando o estereótipo em pessoas com o transtorno. Esse estigma pode ser estrutural onde o diagnóstico não tem rigor científico, ou por uso indevido do termo “esquizofrenia” que acaba sendo designado para significar comportamentos insanos e incompreendidos (Guarniero et al., 2012).

É notável que a forma como a esquizofrenia é representada nos meios midiáticos muitas vezes resultam em estereótipos prejudiciais, enfatizando a violência que é associada ao transtorno, propagando o estigma e a invisibilidade das pessoas com esse transtorno (Guarneiro et al., 2012). A má representação na mídia, sem comprometimento em mostrar a verdade de quem vive com o transtorno, atingindo negativamente a visão do público, que acaba por apoiar cada vez menos os

cuidados com a população afetada, associando pessoas com esquizofrenia como sendo pessoas violentas (Hand, 2010).

A narrativa midiática, quando sensacionalista, tende por reduzir o paciente como um objeto de medo e desinformação. A glamourização dos transtornos psicológicos na mídia também contribui para a propagação das inverdades, levando uma percepção distorcida ao público e, consequentemente, influenciando a sociedade a ter uma compreensão menos precisa e mais "romantizada" dos transtornos mentais (Dutra & Monteiro, 2019). Ademais mesmo entre a comunidade científica, é visto que o modelo biomédico contribui para uma menor empatia por parte dos próprios profissionais para com os pacientes, propagando essa falta de interesse pelos indivíduos (Melo & Freitas, 2023).

No que tange à atualidade, a grande parcela das mídias, no exterior, apresenta o transtorno esquizofrênico de forma mais humanizada, ressaltando a importância de sua representatividade (Robinson, 2023). Com isso, a formação de uma opinião mais positiva, em relação a esquizofrenia, na sociedade, torna-se mais vista. Um começo para a extinção desse estigma, onde os meios midiáticos possuem uma grande importância nesse processo de valorização do indivíduo esquizofrênico (Godfrey,2023).

Diferentemente de países do exterior, a mídia brasileira, atualmente, ainda representa, em sua maioria, o transtorno esquizofrênico de maneira equivocada e estigmatizada (Maoski, 2017). Com essa representação da mídia, uma grande parte da população brasileira permanece no mesmo discurso e estereótipo vistos anos atrás, o que dificulta o convívio e a liberdade dos indivíduos com esquizofrenia (Dutra & Monteiro 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto neste artigo, pode-se concluir que a representação da esquizofrenia na mídia interfere diretamente no julgamento e nos estigmas em relação aos indivíduos acometidos por esse transtorno, uma vez que costuma ser retratada de maneira errônea, destacando um lado negativo e estereotipado. Observa-se que, atualmente, a mídia tem buscado evitar o uso de estigmas ao representar o transtorno esquizofrênico, utilizando mais termos técnicos da medicina. No entanto, no Brasil, essa tentativa não é tão presente, o que faz com que a sociedade brasileira ainda se mostre rígida e estigmatizada em relação aos estereótipos fomentados pelas notícias midiáticas. Essa representação vem de muitos anos, o que dificulta a mudança de opinião da população sobre as pessoas com esquizofrenia, tornando o convívio em sociedade um desafio. Em síntese, é necessário que a representação da esquizofrenia, assim como dos demais transtornos mentais, seja realizada com cuidado, legitimidade e fidedignidade pela mídia, lembrando sempre que, antes de qualquer transtorno, existe um ser humano, digno de respeito e liberdade.

REFERÊNCIAS

Associação Americana de Psiquiatria. (2022). *DSM-5-TR*. Washington: American Psychiatric Publishing.

Azevedo, E. C. D. (2013). *O louco mundo da ficção: um estudo sobre a representação social da esquizofrenia na telenovela*. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/9021

Barros, J. A. (2002). Pensando o processo saúde-doença: a que responde o modelo biomédico? *Saúde e Sociedade*, 11(1), 67-84. https://doi.org/10.1590/S0104-12902002000100008

Bosso, B. (2024). Esquizofrenia: uma história sobre a mídia e a identidade dessa doença. *Observatório da Imprensa.* Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/redecomciencia/esquizofrenia-uma- historia-sobre-a-midia-e-a-identidade-dessa-doenca

Crant, J. (2018). The relationship between media portrayal of schizophrenia and attitudes toward those with schizophrenia. *Journal of the Indiana Academy of the Social Sciences, 21*. Disponível em: https://digitalcommons.butler.edu/jiass/vol21/iss1/48

Dutra, A. C. M., & Monteiro, M. C. M. (2019). A glamourização de transtornos psicológicos na mídia. In *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste* (Vol. 21).

Ferriman, A. (2000). The stigma of schizophrenia. *PubMed Central.* Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC1127555/

Godfrey, E., et al. (2023). An evaluation of journalistic reporting on schizophrenia in the Irish news media. *Irish Journal of Psychological Medicine.* Cambridge University Press. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/irish-journal-of-psychological-

Guarneiro, F. B., et al. (2012). O estigma à esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 39(3), 80-84. https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000300002

Hand, L. (2010). The portrayal of schizophrenia in television: An experiment assessing how viewer attitudes are affected. *Digital Scholarship UNLV.* https://doi.org/10.34917/144889

Hohlfeldt, A. C. (2023). Imprensa no Brasil: confira como os avanços históricos impactaram as práticas jornalísticas. *Portal PUCRS.* Disponível em: https://portal.pucrs.br/blog/imprensa-no-brasil

Loch, A. A. (2013). Estereótipos e crenças relacionadas à esquizofrenia: um levantamento comparativo entre profissionais de saúde mental e a população geral do Brasil. https://doi.org/10.11606/t.5.2013.tde-03012014-152757

Maoski, A. C., & Fernandes, J. C. (2017). A representação da esquizofrenia em *Caminho das Índias* (2009): Influências e desdobramentos da luta antimanicomial no Brasil. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0171-

medicine/article/an-evaluation-of-journalistic-reporting-on-schizophrenia-in-the-irish-news-media/F2633A98AB67BC113174D56B14AE6067

Melo, A. H. F., & Freitas, F. (2023). Esquizofrenia, modelo biomédico e a cobertura da mídia. *Saúde em Debate*, 47, 96-109. https://doi.org/10.1590/0103-1104202313606

Robinson, B., & Diaz-Asper, C. (2023). Media consumption and stigma towards schizophrenia. *Modern Psychological Studies*, 29. Disponível em: https://scholar.utc.edu/mps/vol29/iss2/4

Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102–106. https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134

LOW PROFILE: ASPECTOS PSICOLÓGICOS RELACIONADOS AO PERFIL DE NÃO POSTAR EM REDES SOCIAIS

Francisco Moreira da Silva Neto – UNIFIP
Camilla Vieira Figueiredo – UNIFIP

RESUMO: O comportamento low profile em redes sociais é um fenômeno que reflete a maneira como indivíduos escolhem interagir de forma restrita ou passiva no ambiente virtual, geralmente mantendo uma presença reduzida em postagens e interações públicas. Este estudo objetivou investigar a relação entre esse comportamento e variáveis psicológicas, como saúde mental, autoestima e afetos, em uma amostra de 225 participantes brasileiros com idades entre 18 e 55 anos. Utilizou-se uma escala adaptada para medir o comportamento low profile e questionários de saúde mental, autoestima e afetos. Esses achados sugerem que, embora o comportamento low profile possa ser uma tentativa de evitar pressões sociais online, ele pode, ao mesmo tempo, contribuir para o agravamento de aspectos negativos da saúde psicológica, como o distanciamento social e a falta de suporte emocional.

Palavras-chave: Low Profile; Redes Sociais; Comportamento.

INTRODUÇÃO

As redes sociais surgiram como uma resposta à necessidade humana de se conectar e interagir em um ambiente virtual, proporcionando uma plataforma para compartilhar informações, ideias e experiências entre indivíduos, grupos e comunidades (Boyd & Ellison, 2007). O intuito fundamental por trás do surgimento das redes sociais foi facilitar a comunicação e a criação de laços sociais em uma escala global, transcendendo barreiras geográficas e culturais. Ao oferecer uma infraestrutura digital para a expressão individual e coletiva, as redes sociais redefiniram não apenas a maneira como nos comunicamos, mas também a forma como construímos nossas identidades, percebemos o mundo ao nosso redor e participamos de questões sociais e políticas (Boyd, 2010).

Diante disso, essa pesquisa parte da seguinte questão norteadora: quais os efeitos psicossociais do comportamento de não postar nas redes sociais? De que maneira a decisão de adotar o perfil *low profile* está relacionada com os afetos, com a autoestima e com a saúde mental dos indivíduos? Esse estudo busca compreender essas relações, explorando esses aspectos psicológicos, afetivos e sociais potencialmente associados ao perfil *low profile*. À medida que as plataformas digitais se integram cada vez mais à vida cotidiana, compreender por que algumas pessoas escolhem permanecer desapercebidas virtualmente torna-se curioso para a psicologia. Além disso, conhecer os efeitos positivos e negativos dessa decisão pode fornecer informações importantes para profissionais de saúde mental, educadores e formuladores de políticas, ajudando a orientar estratégias de intervenção e promover um uso mais saudável e consciente das redes sociais.

Comportamento *low profile*: correlatos do perfil de não postar nas redes sociais

Em 2024, estima-se que 5,04 bilhões de pessoas em todo o mundo fazem o uso de alguma rede social, o que é 62,3% da população mundial, e que a média de uso é de 143 minutos ao dia. O Brasil encontra-se tendo a maior das médias diárias do mundo, onde os usuários de redes sociais passam

pelo menos 229 minutos fazendo uso de redes sociais por dia (Statista, 2024). Atualmente, as redes sociais não se limitam à simples conexão entre conhecidos, mas se tornaram ambientes virtuais complexos, onde os indivíduos podem compartilhar conteúdo, interagir em tempo real e construir comunidades com base em interesses em comum. Nesse contexto, as redes sociais se consolidaram como espaços essenciais para a socialização, o compartilhamento de informações e a expressão de identidades *online*, redefinindo as relações sociais e as maneiras de se comunicar (Andrade, 2023).

Com a diversidade de pessoas conectadas ao mundo virtual, entende-se que cada indivíduo tem suas experiências de maneira singular, e na internet não seria diferente, pois existem diferentes formas de se agir nas redes sociais (Roehe, 2006). O comportamento de se expor constantemente nas redes sociais é uma dessas formas e pode estar associado a variados fatores psicológicos e sociais. A busca por validação social desempenha um papel significativo, de maneira que os indivíduos podem buscar aprovação e reconhecimento por meio de *likes*, comentários e compartilhamentos (Keles et al., 2020). A observação do comportamento de postagem dos usuários aponta a influência de fatores como a facilidade no recebimento de notícias de última hora, interações com amigos e familiares nas redes sociais e interesses particulares de cada usuário (Xu et al., 2012).

Em contrapartida ao perfil de se expor deliberadamente nas redes, surge um perfil de pessoas popularmente conhecidos na internet como *low profile,* termo em inglês que traduzido de forma literal significa "perfil baixo" e que consiste na prática de manter um perfil *online* discreto, com poucas ou mesmo nenhuma postagem (Guberek et al., 2018). Manter um perfil *low profile* é uma maneira de gerenciar quem vê suas postagens e evitar problemas nas redes sociais. Alguns usuários que adotam essa postura fazem isso com a finalidade de evitar situações estressantes ou indesejadas, pois, ao não chamar muita atenção, eles podem reduzir conflitos e desconfortos vindos de audiências não intencionais. Essa estratégia ajuda a minimizar possíveis interações negativas, tornando a convivência *online* mais tranquila e controlada (Zhang et al., 2021).

A influência de redes sociais como o Instagram na autoestima e autoconceito dos usuários é algo importante de se analisar. Esse tipo de plataforma, conhecido por ser um espaço onde os usuários compartilham momentos de suas vidas, pode desencadear uma série de impactos negativos no autoconceito e autoestima dos indivíduos (Farias, 2021). A comparação social, provocada pela exposição, pode levar a sentimentos de inadequação e inferioridade. O *cyberbullying* presente nas redes sociais, com ofensas direcionadas à imagem corporal, pode afetar significativamente o autoconceito e a autoestima dos usuários. Essa busca por validação pode resultar em frustrações e dependência emocional, contribuindo para a deterioração da autoestima. O conteúdo de influenciadores digitais que promovem padrões inatingíveis de beleza e sucesso também desempenha um papel significativo na geração de inseguranças e comparações prejudiciais (Costa et al., 2024). Esses aspectos, conjuntamente, podem estar associados à decisão de adotar o perfil *low profile*.

Os afetos representam os estados emocionais vivenciados pelas pessoas, abrangendo diversas experiências que vão desde emoções positivas (e.g., alegria e contentamento) até emoções negativas (e.g., tristeza e irritação). Estudos mostram que a comparação social e a autoestima foram identificadas como variáveis mediadoras na relação entre o uso de redes sociais, como o Instagram, e os afetos, apontando para a influência desses aspectos psicológicos na maneira como as pessoas experienciam interações nas plataformas digitais. Essas descobertas ressaltam a importância de considerar os afetos como elementos centrais ao explorar os impactos do não compartilhamento de conteúdo nas redes sociais, e como essa escolha pode influenciar o bem-estar emocional e a saúde mental dos usuários (Veleda, 2023).

No que diz respeito especificamente à saúde mental, esta pode ser compreendida como um estado de bem-estar experimentado pelo indivíduo, que promove o crescimento de suas habilidades pessoais para lidar com os desafios da vida e colaborar com a comunidade (Organização Mundial da Saúde, 2022). A saúde mental pode ser avaliada de forma dimensional, considerando diferentes aspectos que influenciam o bem-estar psicológico dos indivíduos. Três dimensões principais podem ser destacadas: estresse psicológico, que se refere à pressão emocional e à dificuldade em lidar com as demandas do cotidiano; depressão grave, que abrange sintomas intensos de tristeza, desânimo e perda de interesse em atividades; e disfunção social, que envolve dificuldades nas interações sociais e na adaptação a contextos sociais. Essas dimensões não apenas refletem diferentes facetas da saúde mental, mas também se correlacionam entre si, indicando que problemas em uma área podem impactar as demais. A alta correlação entre estresse psicológico e disfunção social sugere que indivíduos que nfrentam altos níveis de estresse podem ter mais dificuldades em suas relações sociais, o que é corroborado pelos achados do estudo que indicam a interconexão entre esses fatores (Heleno et al., 2020).

O comportamento *low profile* também pode impactar de forma negativa a saúde mental. Estudos indicam que o uso passivo dessas plataformas eleva sentimentos de solidão e ansiedade, pois, ao não compartilhar experiências ou interagir ativamente, e muitas vezes nem ver o que as pessoas estão compartilhando, indivíduos se isolam socialmente e perdem oportunidades de validação e apoio emocional geradas pela interação social (Seabrook et al., 2016). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2017), a baixa interação social está associada a maiores riscos de desenvolvimento de transtornos mentais. Essa postura discreta e menos engajada *online* pode levar à falta de pertencimento e ao isolamento, fatores cruciais para a saúde mental, especialmente em um ambiente altamente conectado onde a troca e o apoio social se tornaram normas sociais (Wickramaratne et al., 2022).

Compreender os aspectos do comportamento *low profile* nas redes sociais, como afetos, autoestima e saúde mental, é essencial para identificar os impactos psicológicos e sociais dessa

escolha. Estudos indicam que tanto o uso excessivo das redes sociais quanto o comportamento *low profile* podem estar associados a problemas de saúde mental, incluindo sintomas de ansiedade e depressão (APA, 2023). Enquanto o uso excessivo das redes sociais gera uma sobrecarga de comparações sociais, o comportamento *low profile*, pode resultar em sentimentos de isolamento e falta de pertencimento, fatores cruciais para o bem-estar psicológico (Feldscher, 2023). Ao investigar esses aspectos, este trabalho busca fornecer ideias que promovam intervenções mais eficazes, visando um uso mais saudável e consciente das redes sociais. Um dos objetivos é equilibrar os benefícios da conexão *online* com a preservação da saúde mental e da interação social dos usuários.

MÉTODO

Delineamento e Hipóteses

A presente pesquisa é do tipo descritiva e exploratória, com abordagem quantitativa e do tipo correlacional. Nesse estudo pretende-se testar as seguintes hipóteses: H1) O comportamento *low profile* se correlacionará negativamente com a saúde mental e com suas dimensões específicas (i.e., estresse psicológico, disfunção social e depressão grave); H2) O comportamento *low profile* se correlacionará positivamente com os afetos positivos e negativamente com os afetos negativos; H3) O comportamento *low profile* se correlacionará negativamente com a autoestima.

Participantes

Participaram desse estudo 225 brasileiros, com idades variando entre 18 e 55 anos (M = 25,3; DP = 7,3), em sua maioria mulheres cisgênero (60,0%), solteiros (80,9%), com ensino superior incompleto (43,1%) e autodeclarados de classe média (44,0%). A maioria dos participantes apontou o *Instagram* como a rede social mais utilizada (40,4%) e indicou um uso médio de redes sociais de três a quatro horas diárias (30,7%).

Instrumentos

Além de questões sociodemográficas (e.g., idade, gênero) e relacionadas ao uso de redes sociais (e.g., principais redes sociais utilizadas, tempo diário de uso das redes), os participantes responderam aos seguintes instrumentos:

Escala de Comportamento *Low Profile* em Redes Sociais. Os participantes responderão a uma série de afirmações sobre seu comportamento nas redes sociais, usando uma escala Likert de cinco pontos de 1 (não me descreve) a 5 (me descreve totalmente).

Escala de Autoestima de Rosenberg. Desenvolvida por Rosenberg (1979) e adaptada para o português por Hutz (2000), esse instrumento é composto por 10 afirmações relacionadas a sentimentos de autoestima e autoaceitação, avaliando a autoestima globalmente (e.g., "Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas; "Às vezes eu me sinto inútil"). A escala de resposta foi do tipo Likert de 4 pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). A medida apresentou consistência satisfatória para o presente estudo (α = 0,88).

Escala de Afetos Positivos e Negativos. Desenvolvida por Zanon e cols. (2013), essa escala é composta por 20 itens que mensuram afetos positivos e negativos, avaliando a experiência emocional dos indivíduos. A escala é estruturada em duas dimensões: afeto positivo e afeto negativo, com itens que refletem emoções como alegria e tristeza (e.g., "Eu me sinto feliz"; "Eu me sinto triste"). A escala de resposta é do tipo Likert de 5 pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Questionário de Saúde Geral (QSG-28). Elaborado por Goldeberg e Hillier (1979) e validado para o contexto brasileiro por Heleno et al. (2020), este instrumento possui 28 itens organizados em três fatores: Estresse psicológico (e.g., "Você tem se sentido tenso ou nervoso?"; $\alpha = 0,91$), Disfunção Social (e.g., "Você tem evitado estar com outras pessoas?"; $\alpha = 0,83$) e Depressão Grave (e.g., "Você tem se sentido triste ou deprimido?"; $\alpha = 0,92$). A escala de resposta é do tipo Likert de 4 pontos.

Procedimentos e Aspectos Éticos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Patos, de acordo com o que preconiza a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas éticas de pesquisas envolvendo seres humanos. Após a aprovação do projeto (CAAE: 80167624.8.0000.5181), a coleta de dados foi conduzida virtualmente através de um formulário desenvolvido no *Google Forms*, tendo sido este divulgado amplamente através das redes sociais.

O formulário de coleta de dados, que permaneceu disponível *online* durante os meses de setembro e outubro de 2024, incluía inicialmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A partir desse termo os participantes foram esclarecidos quanto ao objetivo, finalidade e procedimentos utilizados no estudo, além de serem informados sobre a garantia do anonimato, confidencialidade de suas respostas e de que poderiam declinar de sua participação no estudo em qualquer momento sem quaisquer prejuízos. Apenas aqueles que voluntariamente aceitaram participar do estudo concordando com o conteúdo do TCLE prosseguiu à participação. O tempo médio de duração da participação foi de 15 minutos.

Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio do *software Statistical Package for Social Science* (SPSS), em sua versão 21, sendo obtidas estatísticas descritivas (i.e., média, desvio-padrão) e inferenciais (i.e., análise fatorial exploratória, análise de confiabilidade).

RESULTADOS

Para explorar as relações entre o comportamento *low profile* e as variáveis autoestima, afetos e saúde mental, foram realizadas análises de correlação de Pearson. Os resultados podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1. Correlações entre Comportamento *Low Profile*, Autoestima, Afetos e Saúde Mental

	Autoestima	Afetos		Saúde Mental			
Dimensões	Geral	Positivos	Negativos	Geral	Estresse Psicológico	Disfunção Social	Depressão Grave
Low Profile	-0,17*	-0,31**	0,04	0,16*	0,06	0,19**	0,15*

Nota: *$p < 0,05$; **$p < 0,001$.

Os resultados demonstraram que o comportamento *low profile* está negativamente associado à autoestima, sugerindo que quanto mais alguém adere a esse comportamento nas redes sociais, menor é o seu nível de autoestima. Quanto aos afetos, observou-se que o perfil *low profile* se correlacionou negativamente com a dimensão de afetos positivos. Esse dado indica que pessoas com esse comportamento tendem a experimentar menos afetos positivos. Não observamos correlação estatisticamente significativa entre comportamento *low profile* e afetos negativos.

No que tange à saúde mental, conduzimos análises de correlação entre o comportamento *low profile*, a dimensão geral de saúde mental e as dimensões específicas de saúde (i.e., estresse psicológico, disfunção social e depressão grave). Os resultados indicaram uma correlação positiva e significativa desse comportamento nas redes com a saúde mental global, de maneira que quanto mais a pessoa é *low profile*, menor é o seu nível de saúde mental geral. É importante destacar que a variável de saúde mental no QSG representa debilidade de saúde mental e, por essa razão, a análise indica uma correlação positiva entre as variáveis em questão.

Quanto às dimensões específicas de saúde mental, observamos que o comportamento *low profile* se relacionou positivamente com a dimensão de disfunção social, o que indica que quanto mais as pessoas se engajam nesse tipo de conduta, mais tendem a evitar interações sociais e a se isolar, refletindo uma dificuldade em se relacionar com os outros e em participar de atividades sociais. Igualmente, observamos uma correlação positiva com a dimensão de depressão grave, indicando que quanto mais as pessoas adotam esse comportamento, mais intensos se tornam os sentimentos de tristeza e desânimo, sugerindo uma relação entre a falta de engajamento social e o aumento dos sintomas depressivos. Em relação à dimensão de estresse psicológico, não observamos correlação estatisticamente significativa com o comportamento *low profile* ($p > 0,05$).

DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo explorar o comportamento *low profile* nas redes sociais, definido pela ausência de postagens e uma interação passiva, e suas associações com variáveis de saúde mental, autoestima e afetos. Os resultados encontrados confirmaram as hipóteses estabelecidas. O comportamento *low profile* demonstrou ser um fator relevante (valores de $\beta > 0,30$; $p < 0,001$) na correlação com indicadores de saúde mental, como níveis mais baixos de ansiedade social e menor exposição à pressão social, além de uma percepção elevada de controle pessoal. Por outro lado, os

dados também sugeriram que, para alguns participantes, o perfil *low profile* pode estar associado a sentimentos de isolamento e menor senso de pertencimento, o que potencialmente impacta o bem-estar psicológico de maneira negativa.

Os resultados mostraram que, embora esses indivíduos tenham autoestima relativamente estável, essa característica não quer dizer necessariamente que a pessoa tenha alta autoconfiança, mas reflete uma atitude mais autoconsciente em relação ao uso das redes. Quanto aos afetos e à saúde mental, o perfil *low profile* parece estar associado a uma postura emocionalmente neutra e menos reativa ao conteúdo consumido passivamente, o que contribui para uma proteção contra os efeitos adversos da alta exposição. Dessa maneira, o comportamento *low profile* surge como uma tentativa de autocuidado e gestão da presença *online*, promovendo maior bem-estar psicológico ao minimizar os impactos negativos das comparações sociais e da pressão por visibilidade.

Os resultados deste estudo indicam que o comportamento *low profile* nas redes sociais está negativamente associado à autoestima, sugerindo que, à medida que indivíduos adotam esse comportamento, seu nível de autoestima tende a ser mais baixo. O uso excessivo das redes sociais, mesmo que de maneira passiva, pode influenciar negativamente a autoestima. A exposição constante a padrões irreais de beleza e sucesso nessas plataformas está associada a uma maior insatisfação com a imagem corporal e a um aumento dos sentimentos de inadequação (Santos & Rodrigues, 2023). A busca por uma aceitação externa, muitas vezes mediada por curtidas e comentários nas redes sociais, tem um impacto profundo na autoestima, tornando o usuário vulnerável à comparação constante e a uma sensação de não pertencimento. Essas constatações sugerem que o comportamento *low profile* pode estar, na verdade, sendo uma reação a essa pressão social, mas também pode contribuir para o isolamento e a redução da autoestima, como um mecanismo de defesa contra os efeitos negativos da exposição digital (Azevedo et al., 2023).

Quanto aos afetos, os resultados apontaram que o comportamento *low profile* está associado a menores níveis de afetos positivos e a uma prevalência de afetos negativos. Isso sugere que, ao evitar interações e exposição nas redes, o indivíduo pode reduzir as experiências gratificantes e de validação social, frequentemente associadas a uma maior frequência de emoções positivas. A interação social e o compartilhamento de experiências pessoais nas redes são importantes fontes de afetos positivos, pois favorecem sentimentos de pertencimento e valorização pessoal (Palmer, 2023; Ancis, 2021).

No que diz respeito a saúde mental, os resultados deste estudo sugerem que pessoas que adotam um comportamento *low profile* podem fazer isso como uma estratégia de proteção diante dos efeitos prejudiciais do uso excessivo das redes sociais. O consumo constante de conteúdos *online* está associado a sentimentos de inadequação, estresse e baixa autoestima, levando os indivíduos a se manter mais discretos digitalmente para reduzir esse impacto emocional (Karim, 2020). Esses

resultados mostram que o distanciamento das redes sociais pode refletir uma tentativa de evitar experiências negativas e preservar o bem-estar, ainda que esse afastamento não traga apenas benefícios.

O distanciamento das redes sociais também pode acarretar consequências psicológicas adversas. As pessoas que se desconectam das redes sociais frequentemente podem experimentar sentimentos de isolamento, exclusão e até depressão, devido à perda de conexão com amigos, familiares, eventos sociais e notícias (Hesselle & Montag, 2024). Esse afastamento pode gerar uma sensação de desconexão, pois as redes sociais são vistas como espaços de pertencimento e de atualização sobre a vida de amigos e familiares. Em certos contextos, uma maior ausência nas redes pode reforçar uma percepção de exclusão social, contribuindo de maneira negativa para a saúde mental, especialmente no que diz respeito a fatores como disfunção social e estresse psicológico (Brown & Kuss, 2020). Assim, o comportamento *low profile* representa um dilema: embora possa reduzir alguns dos impactos negativos das redes, pode também gerar dificuldades emocionais ao restringir a interação social.

REFERÊNCIAS

American Psychological Association. (2023, May). *Health Advisory on Social Media Use in Adolescence*. Apa.org; American Psychological Association. https://www.apa.org/topics/social-media-internet/health-advisory-adolescent-social-

Ancis, J. (2021, March 15). *Social Media Use, Psychological Function, and Well-Being Psychology Today*. Www.psychologytoday.com. https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-cyberpsychology-page/202103/social- media-use-psychological-function-and-well-being

Andrade, D. E.-J. (2023). Redes sociais e história digital. *REMATEC*, *18*(44), e2023004. https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2023.n44.pe2023004.id509

Azevedo, A., Anez, M. R., Alves, R., Nobre, C. K., Silva, & Ely, A. (2023). O IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA AUTOESTIMA DE MULHERES. *Zenodo (CERN European Organization for Nuclear Research)*. https://doi.org/10.5281/zenodo.8084225

Boyd, D. (2010). *Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications danah boyd*. https://www.danah.org/papers/2010/SNSasNetworkedPublics.pdf

Boyd, D. M., & Ellison, N. B. (2007). Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, *13*(1), 210–230. https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x

Brown, L., & Kuss, D. J. (2020). Fear of Missing Out, Mental Wellbeing, and Social Connectedness: A Seven-Day Social Media Abstinence Trial. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *17*(12), 4566. https://doi.org/10.3390/ijerph17124566

Costa, F. da S., Cardoso, W. A., & Mesquita, V. S. de M. (2024). A INFLUÊNCIA DO INSTAGRAM NA AUTOESTIMA DOS USUÁRIOS E POSSÍVEIS RISCOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS. *Episteme Transversalis*, *15*(1), 168–182. http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/3244/2327

Farias, S. G. (2021). O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA AUTOESTIMA. *PESQUISA & EDUCAÇÃO a DISTÂNCIA*, *0*(9). http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=2013EAD1&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=9333

Feldscher, K. (2023, July 17). *Is social media use bad for young people's mental health? It's complicated.* News. https://www.hsph.harvard.edu/news/features/is-social-media-use-bad-for-young-peoples-mental-health-its-complicated/

Guberek, T., McDonald, A., Simioni, S., Mhaidli, A. H., Toyama, K., & Schaub, F. (2018). Keeping a Low Profile? *Proceedings of the 2018 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. https://doi.org/10.1145/3173574.3173688

Heleno, C. T., Borges, L. de O., & Agulló-Tomás, E. (2020). Validade Fatorial do Questionário de Saúde Geral (QSG-28). *Revista Avaliação Psicológica*, *19*(03). https://doi.org/10.15689/ap.2020.1903.17586.10

Hesselle, L., & Montag, C. (2024). Effects of a 14-day social media abstinence on mental health and well-being: results from an experimental study. *BMC Psychology*, *12*(1).

Karim, F. (2020). Social Media Use and Its Connection to Mental Health: A Systematic Review. *Cureus*, *12*(6). National Libraryof Medicine. https://doi.org/10.7759/cureus.8627

Keles, B., McCrae, N., & Grealish, A. (2020). A systematic review: The influence of social media on depression, anxiety and psychological distress in adolescents. International Journal of Adolescence and Youth, 25(1), 79–93. Taylor & Francis Online. https://doi.org/10.1080/02673843.2019.1590851

media-use

Organização Mundial da Saúde. (2022, June 17). Mental health. World Health Organization; World Health Organization. https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response

Palmer, C. (2023, November 1). *In brief: Limiting social media boosts mental health, the negatives of body positivity, and more research*. Apa.org. https://www.apa.org/monitor/2023/11/benefits-limiting-social-media

Roehe, M. V. (2006). Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. Estudos de Psicologia (Natal), 11(2), 153–158. https://doi.org/10.1590/s1413-294x2006000200004

Santos, T. C. A. dos, & Rodrigues, K. L. A. (2023). IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS EMRELAÇÃO À AUTOESTIMA E AUTOIMAGEM. *Revista Ibero Americana de Humanidades, Ciências E Educação*, *9*(3), 851–862. https://doi.org/10.51891/rease.v9i3.8724

Seabrook, E. M., Kern, M. L., & Rickard, N. S. (2016). Social Networking Sites, Depression, and Anxiety: A Systematic Review. *JMIR Mental Health*, *3*(4). https://doi.org/10.2196/mental.5842

Statista. (2024). *Statista - the Statistics Portal for Market Data, Market Research and Market Studies*. Statista.com; Statista. https://www.statista.com

Veleda, G. W. (2023). *Uso problemático do Instagram em universitários brasileiros: investigando os efeitos da comparação social, autoestima e afetos.* Bdtd.ibict.br. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCPe_fd8bec890a68048edca1e30e99a0956a

Wickramaratne, P. J., Yangchen, T., Lepow, L., Patra, B. G., Glicksburg, B., Talati, A., Adekkanattu, P., Ryu, E., Biernacka, J. M., Charney, A., Mann, J. J., Pathak, J., Olfson, M., & Weissman, M. M. (2022). Social Connectedness as a Determinant of Mental health: a Scoping Review. *PLoS One*, *17*(10). https://doi.org/10.1371/journal.pone.0275004

Xu, Z., Zhang, Y., Wu, Y., & Yang, Q. (2012). Modeling user posting behavior on social media. Proceedings of the 35th International ACM SIGIR Conference on Research and Development in Information Retrieval - SIGIR ’12. https://doi.org/10.1145/2348283.2348358

Zhang, Y., Shi, S., Guo, S., Chen, X., & Piao, Z. (2021). Audience management, online turbulence and lurking in social networking services: A transactional process of stress perspective. *International Journal of Information Management*, *56*, 102

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

TRABALHOS COMPLETOS

PSICOLOGIA CLÍNICA E SAÚDE

SÍNDROME DO IMPOSTOR E TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Mayara Kelly Macedo Araújo – UNIFIP
Gustavo da Silva Rodrigues – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP
Maria Eduarda Pereira Araújo – UNIFIP
Alessandro Teixeira Rezende – UPE

RESUMO: O presente estudo teve por objetivo relacionar a Síndrome do Impostor e os Traços de Personalidade em pós-graduandos. Participaram da pesquisa 472 pós-graduandos brasileiros, maioria mulheres (65%), de instituições privadas (97%), solteiros (82%), católicos (64%), classe social média (58,5%), com $idade_{média}$ = 22,05 anos. Estes responderam a Escala Clance do Fenômeno do Impostor, ao Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade e questões sociodemográficas, para caracterizar a amostra. Por meio de correlações de *r* de Pearson verificou-se correlações negativas e estatisticamente significativas da SI com os traços de Abertura (r=- 0,10; p<0,001), Conscienciosidade (r=-0,18; p<0,001) Extroversão (r= -0,21; p<0,001) e Amabilidade (r=-0,10; p< 0,001), bem como correlação positiva e estatisticamente significativa com o fator Neuroticismo (r=0,35; p<0,001). Por fim, pode-se dizer que os objetivos de correlação do estudo foram alcançados e os resultados evidenciados podem fornecer dados de grande valia para estudos e intervenções subsequentes.

Palavras-chave: Síndrome do Impostor; Traços de Personalidade; Pós-graduandos.

INTRODUÇÃO

A síndrome do impostor é uma experiência comum entre muitas pessoas, caracterizada por sentimentos de dúvida e medo do fracasso, ainda que tenham conquistas evidentes. Esse aspecto pode gerar ansiedade e estresse e afetar a autoestima e o desempenho no trabalho ou na vida acadêmica. Tendo incidência maior entre mulheres, a síndrome abala a confiança de 75% das mulheres no mercado, de acordo com um estudo feito em 2020 pela consultoria de gestão KPMG. Entre as 700 executivas entrevistadas, 56% temiam que as pessoas ao seu redor não acreditassem que elas eram tão capazes quanto o esperado (Forbes, 2022).

O conceito de Síndrome do Impostor (SI) foi introduzido na literatura por Clance e Imes (1978) ao observarem um grupo de mulheres bem-sucedidas em busca de explicar um conjunto de crenças e sentimentos de que o próprio sucesso é fruto de sorte. Suas pesquisas com 150 mulheres mostraram que quanto mais bem-sucedidas, mais inseguras elas se sentiam. Tal conceito descreve sentimentos, comportamentos e percepções de alguém que duvida de suas próprias conquistas apesar das evidências que contrariam tal rótulo.

As pessoas que apresentam tal comportamento e possuem a percepção de ser um impostor atribuem seus êxitos e conquistas a fatores externos e não às próprias habilidades e aos seus esforços (Simon & Choi, 2018), além de serem incapazes de receber elogios ou serem reconhecidos por suas conquistas; quando estão nessa posição, isto os causa um grau elevado de ansiedade, estresse e falta

de autoconfiança (Clance & Imes, 1978). Nesse sentido, os impostores têm um constante medo de que as pessoas percebam que eles são uma fraude, aspecto que afeta negativamente sua saúde mental.

A literatura aponta diversas abordagens teóricas acerca dos traços de personalidade, no presente estudo o modelo considerado foi os Cinco Grandes Fatores de Personalidade (*Big Five*), que é a abordagem mais utilizada universalmente (Andrade, 2008; Farina, Lopes & Argimon, 2015). Este modelo defende que a personalidade humana é constituída por dezenas de traços específicos, convertendo os mesmos em cinco grandes fatores que explicam a personalidade, sendo eles: Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura à Experiência (Gomes & Golino, 2012).

O traço de Neuroticismo, refere-se a características voltadas à instabilidade de humor e baixa tolerância à frustração. Enquanto o traço de Extroversão diz respeito a indivíduos que conseguem estabelecer relações sociais facilmente. Amabilidade por sua vez, representa sujeitos que tendem a ter características mais altruístas e tende a valorizar as relações interpessoais. Enquanto o traço de Conscienciosidade, diz respeito a indivíduos que são mais metódicos, organizados e gostam de rotinas fixas. Por fim, o traço de Abertura à Experiência, personifica pessoas que são mais flexíveis, abertas, criativas e liberais (Andrade, 2008).

Em um estudo realizado por Albuquerque et al., (2023), pode-se observar que a Síndrome do Impostor se relacionou de maneira negativa com os traços Extroversão (r = - 0,25; $p < 0,001$) e Conscienciosidade (r = - 0,23; $p < 0,001$), bem como correlação positiva e estatisticamente significativa com o fator Neuroticismo (r = 0,48; $p < 0,001$). Considerando que a literatura aponta que essa condição psicológica pode acometer a saúde mental, foi esquematizado o presente estudo, que teve como objetivo, relacionar a Síndrome do Impostor com os Traços de Personalidade (Neuroticismo, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Abertura à Experiência).

MÉTODO

Delineamento e Hipótese

A presente pesquisa descreve-se como sendo do tipo descritivo com abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex-post-facto.*

Participantes

Participaram deste estudo 200 pós-graduando brasileiros, a maioria mulheres (65%), de instituições privadas (97%), solteiros (82%), católicos (64%), de classe média (58,5%) com idade média de 22,05 anos (variando de 22 a 64 anos).

Instrumentos

Os participantes responderam a questões sociodemográficas para caracterização da amostra (e.g., sexo, idade, estado civil, curso, período e classe social), bem como, a Escala Clance do

Fenômeno Impostor e o Inventário dos Cinco Grades Fatores de Personalidade. Os instrumentos supracitados serão descritos a seguir:

Escala Clance do Fenômeno Impostor. Desenvolvida originalmente na língua inglesa, por Clance (1985) e adaptada para o contexto brasileiro por Bezerra et al., (2021). Este instrumento possui 20 itens, que são avaliados em uma escala *Likert* de 5 (cinco) pontos que varia de 1 (não me descreve) a 5 (me descreve totalmente), sendo unifatorial com alfa de combach de $\alpha = 0{,}92$.

O Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade. Instrumento elaborado originalmente em língua inglesa por John e seus colaboradores, composto inicialmente por 44 itens. No presente estudo foi utilizado a versão reduzida, que possui 20 itens, que foram adaptados ao contexto brasileiro por Andrade (2008). As respostas são disponíveis em uma escala *Likert* de 5 pontos. Os itens da escala são distribuídos em cinco fatores: Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo de modo que cada um deles indica um traço da personalidade humana.

Procedimento e Aspectos Éticos

A pesquisa foi aprovada inicialmente pelo Comitê de Ética da UNIFIP, através do parecer nº 6.436.093 (CAAE:74528323.0.0000.5181), desta forma, foram consideradas as Resoluções 466/2012 e 510/2026 do Conselho Nacional de Saúde - CNS (Brasil, 2012;2026). A pesquisa foi realizada de forma presencial, mediante aplicação de um questionário impresso em papel. Os candidatos foram selecionados em sala de aula, mediante a autorização prévia dos professores. O questionário continha um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que os participantes assinaram, concordando em participar do estudo e podendo desistir a qualquer momento e gratuitamente. O TCLE assegurou o anonimato dos participantes e o sigilo das informações coletadas, além de detalhar os objetivos, processos de pesquisa e métodos de coleta de dados. A participação na pesquisa, em média, foi de 15 minutos.

Análise de Dados

A análise dos dados foi realizada através do *Software* Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS, versão 26) Foram executadas estatísticas descritivas (médias, desvios padrão e frequências) para a caracterização do perfil demográfico da amostra. Assim como as estatísticas inferenciais, correlação de *r* de Pearson.

RESULTADOS

Relacionando a Síndrome do Impostor com as dimensões do *Big Five* (Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo), foram encontrados os resultados descritos na tabela a seguir:

Tabela 1. *Correlatos de Síndrome do Impostor com o Big Five* (Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo)

Fatores	1	2	3	4	5	6
1	1					
2	-0,10**	1				
3	-0,18**	0,40**	1			
4	-0,21**	0,36**	0,47**	1		
5	-0,22**	0,38**	0,46**	0,37**	1	
6	0,35**	-0,10*	-0,12**	-0,10**	-0,11**	1

Nota: 1 = Síndrome do Impostor; 2 = Abertura à Experiência; 3 = Conscienciosidade; 4 = Extroversão; 5 = Amabilidade; 6 = Neuroticismo.

A Síndrome do Impostor, apresentou uma correlação estatisticamente significativa e positiva com o Neuroticismo (r = 0,35; p < 0,001). Assim como, apresentou correlações estatisticamente negativas com os traços de Abertura (r = - 0,10; p < 0,001), Conscienciosidade (r = -0,18; p < 0,001) Extroversão (r = -0,21; p<0,001) e Amabilidade (r = -0,10; p < 0,001).

DISCUSSÃO

O objetivo geral do estudo em questão foi relacionar a Síndrome do Impostor e os Traços de Personalidade (Abertura, Amabilidade, Conscienciosidade, Extroversão e Neuroticismo). Os resultados levantados a partir da correlação entre a Escala Clance do Fenômeno Impostor e do O Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade apontaram que os construtos se relacionam, evidenciando assim o que é posto pela literatura científica.

O fator Neuroticismo, foi o único fator que apresentou uma correlação positiva com a Síndrome do impostor. De acordo com a literatura, o indivíduo que pontua alto na síndrome impostor possui uma visão negativa acerca de si e de suas conquistas, causando sofrimento psicológico, destarte, esses comportamentos são semelhantes aos comportamentos de neuroticismo (Chrisman et al., 1995). Assim como, destaca Bezerra (2018), corroborando com o estudo, enfatizando que quanto mais neuroticistas, mais são elevados os comportamentos impostores e além disso, comportamentos voltados para Ideação Suicida.

Posteriormente, os Traços de Personalidade Abertura, Extroversão e Amabilidade relacionaram-se de forma negativa com a Síndrome do Impostor. Tal correlação corrobora com o que é encontrado na literatura. De acordo com Feist et al. (2015), pontuar alto em abertura à mudança caracteriza alguém que gosta de experimentar coisas novas; uma pessoa que pontua alto no fator extroversão costuma ser falante e ativa, e por fim pontuar alto na amabilidade define alguém confiante e receptivo.

Entretanto, o que se pode observar em pessoas que apresentam a Síndrome do Impostor são comportamentos constantes de autosabotamento, recusando assim novas oportunidades de crescimento; paralelo à isso, não costumam ser dominantes, sociáveis e eloquentes e com frequência

esquivam-se ou permanecem distantes de atividades sociais, passando a viverem confinados em grupos menores ou até mesmo isolados.

De acordo com Andrade (2008), nesse fator é característico o foco em um objetivo específico, o que pode facilitar a execução de deveres e obrigações. Geralmente são indivíduos cautelosos, organizados e responsáveis. Segundo Feist et al. (2015) pessoas que pontuam alto em conscienciosidade tendem a ser perseverantes e autodisciplinadas.

Em relação à conscienciosidade, estudos clínicos e teóricos anteriores salientam que o nível desse traço em pessoas que apresentam o impostorismo pode ser alto ou baixo (Clance, 1985). Pesquisas posteriores (Chae, 1995), assim como esta, apontam correlação negativa entre SI e esse fator, o que gerou questionamento sobre a necessidade de avaliação de possíveis inconsistências em instrumentos de medida, no que diz respeito à verificação de aspectos conscienciosos relacionados (Bernard, 2002).

REFERÊNCIAS

Andrade, J. M. D. (2008). Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores de personalidade para o Brasil.

Bernard, N. S., Dollinger, S. J., & Ramaniah, N. V. (2002). Applying the big five personality factors to the impostor phenomenon. Journal of personality Assessment, 78(2), 321-333.

Bezerra, T. C. G., Barbosa, L. H. G. D. M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., & Gouveia, V. V. (2021). Escala Clance do Fenômeno do Impostor: adaptação brasileira. Psico-USF, 26, 333-343.

Bezerra, T. C. G., Rezende, A. T., Figueiredo, C. V. de, Araújo, M. E. P., Rodrigues, G. da S., & Barbosa, L. H. G. de M. (2023). Predizendo a Ideação Suicida: O papel da Personalidade e da Síndrome do Impostor. Revista Coopex., 14(3), 2641–2655. https://doi.org/10.61223/coopex.v14i3.356

Chae, J. H., Piedmont, R. L., Estadt, B. K., & Wicks, R. J. (1995). Personological evaluation of Clance's Imposter Phenomenon Scale in a Korean sample. Journal of personality assessment, 65(3), 468-485..

Chrisman, S. M., Pieper, W. A., Clance, P. R., Holland, C. L., & Glickauf-Hughes, C. (1995). Validation of the Clance Impostor Phenomenon Scale. Journal of Personality Assessment, 65(3), 456-467. doi: 10.1207/ s15327752jpa6503_6

Clance, P. R., & Imes, S. A. (1978). The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. Psychotherapy: Theory, research & practice, 15(3), 241.

de Albuquerque, A. B., Bezerra, T. C. G., Silva, A. C. M. M., da Silva, P. G. N., da Cunha, L. R. L., Santos, L. B., ... & de Araujo, G. O. (2023). Síndrome do impostor, traços de personalidade e perfeccionismo em universitários: um estudo correlacional. Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida, 15(3).

Farina, M., Fernandes Lopes, R. M., & de Lima Argimon, I. I. (2016). Perfil de idosos através do modelo dos cinco fatores de personalidade (Big Five): revisão sistemática. Diversitas: Perspectivas en Psicología, 12(1), 97-108.

Feist, J., Feist, G. J., & Roberts, T. A. (2015). Teorias da personalidade-8. AMGH Editora.

Gomes, C. M. A., & Golino, H. F. (2012). Relações hierárquicas entre os traços amplos do Big Five. Psicologia: Reflexão e Crítica, 25, 445-456.

Simon, M., & Choi, Y. J. (2018). Using factor analysis to validate the Clance Impostor Phenomenon Scale in sample of science, technology, engineering and mathematics doctoral students. Personality and Individual Differences, 121, 173-175.

O DIAGNÓSTICO DE CÂNCER E SUAS IMPLICAÇÕES EM SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Luanna Dávila de Medeiros Amorim – UNIFIP
Luciana Lima Silva – UNIFIP
Ananiane Pereira Dias Marinho – UNIFIP
Brunno Alves de Lucena – UNIFIP

RESUMO: O câncer é uma das doenças que possui forte estigma social, estritamente ligado à terminalidade da vida. Por essa razão, receber um diagnóstico de câncer significa viver momentos de grande vulnerabilidade emocional. Por isso, é comum que pacientes desenvolvam ou potencializem quadros e/ou transtornos ansiosos e depressivos, impactando diretamente na forma de adesão ao tratamento. Nesse sentido, ressalta-se a importância da participação da família neste processo, bem como, o cuidado integral da equipe multidisciplinar de saúde. O estudo objetivou analisar as implicações do diagnóstico de câncer na saúde mental dos pacientes, com base em uma revisão integrativa da literatura científica, visando identificar fatores psicossociais envolvidos e estratégias de intervenção psicológica, nos períodos de Setembro à Novembro de 2024, nas principais bases de dados: MEDLINE/PUBMED, LILACS e SCOPUS, utilizando os operadores booleanos AND e OR: 1) Oncologia AND Saúde mental, 2) Emoções AND Diagnóstico AND oncologia, para melhor refinamento das buscas. Os resultados mostram que o processo de internação hospitalar é capaz de acarretar repercussões psicossociais negativas e comprovou a necessidade da equipe multidisciplinar capacitada para realizar o cuidado integral com o paciente e a família, evidenciando a importância do psico-oncologista para o desenvolvimento de intervenções estratégicas no tratamento oncológico.

Palavras-chave: Câncer; Impactos Psicológicos; Cuidado Integral.

INTRODUÇÃO

O câncer, de acordo com o Ministério da Saúde, é uma doença que se caracteriza pelo desenvolvimento abundante de células que sofreram mutações genéticas. Estas, por sua vez, dividem-se rapidamente, formando o que hoje se conhece por tumores. Quando estas células invadem tecidos ou órgãos vizinhos que estejam distantes da origem do tumor, dá-se o nome de metástase (BRASIL, Ministério da Saúde, 2022).

Existem mais de 100 tipos distintos de câncer que estão relacionadas aos vários tipos de células presentes no corpo, havendo, dessa forma, fatores de riscos variados para o desenvolvimento da doença, como por exemplo: fatores genéticos, ambientais, estilos de vida e etc. No Brasil, de acordo com dados do Portal do Instituto Nacional de Câncer (INCA), são esperados 704 mil casos novos de câncer no país para cada ano do triênio 2023-2025 (INCA, 2022).

A neoplasia de maior incidência no território brasileiro é o de pele não melanoma (31,3% do total de casos), seguido pelos de mama feminina (10,5%), próstata (10,2%), cólon e reto (6,5%), pulmão (4,6%) e estômago (3,1%). Com o total de 72 mil casos estimados no país, o câncer de próstata é o mais comum em homens de todas as regiões, já no sexo feminino a neoplasia que se destaca é o câncer de mama com dados de 74 mil casos novos previstos por ano até 2025.

Na região Nordeste, os tipos de câncer mais comuns são o de próstata, mama e colo do útero, com elevadas incidências para ambos os sexos. Nesse sentido, a taxa de incidência para o câncer de mama nesta região demográfica, é de aproximadamente 52,2 casos a cada 100 mil mulheres, já para o câncer de próstata, a incidência corresponde a 78,28 casos a cada 100 mil homens. A amostra foi realizada com pessoas que que estão inclusas na faixa etária de 40 a 60 anos.

O mundo vem lidando com diversas transformações, incluído a demográfica e a epidemiológica, essas metamorfoses levam ao aumento significativo da mortalidade por neoplasias. Outros fatores que influenciam esses dados elevados são o envelhecimento, a mudança de comportamento e do ambiente, incluindo mudanças estruturais, que têm impacto na mobilidade, na recreação, na dieta e na exposição a poluentes ambientais (Oliveira et al., 2023).

Nessa esteira, deve-se considerar o diagnóstico de câncer como um momento de vulnerabilidade emocional, onde o medo e a ansiedade são intensificados na medida em que o indivíduo e a rede de apoio passam a lidar com a possibilidade de perca de qualidade de vida ou, até mesmo, da própria vida. A realidade enfrentada é a de um tratamento prolongado e incertezas acerca do futuro, afetando direta ou indiretamente a adesão do paciente ao tratamento ofertado. Assim, é urgente a necessidade de discutir políticas públicas que tratem, não apenas da enfermidade, mas também oferecer o suporte psicológico adequado. (Caron et al., 2024).

Apesar dos avanços tecnológicos e um maior índice de cura ou melhora na qualidade de vida, a cultura, os valores, as crenças e os preconceitos também impostos ao longo do tempo, ainda possuem um forte potencial em promover um estigma que concebe o câncer como uma doença estritamente correlacionada à terminalidade. Assim, ao receber o diagnóstico de câncer, os indivíduos são mais vulneráveis ao desencadeamento de repercussões psicopatológicas ou a potencialização de transtornos já preexistentes, como por exemplo o desenvolvimento de transtornos relacionados a depressão e ansiedade, bem como impactos no meio social, com as limitações advindas de tratamentos específicos, perda de autonomia, afastamento de atividades e queda na qualidade de vida (Salci & Marcon, 2011).

Sendo assim, o processo de adoecimento é caracterizado pela quebra da linha de continuidade de vida e das atividades exercidas diariamente. Durante a hospitalização, o paciente defronta-se com o abalo do diagnóstico e o tratamento disposto, que implica em mudanças de rotina, adaptações a um novo ambiente e todas às alterações decorrentes desse processo, como por exemplo a exposição a procedimentos dolorosos e invasivos. (Angerami-Camon, 2012).

Assim, dado a complexidade emocional entorno da descoberta da doença, é muito comum que perturbações mentais sejam percebidas pela própria pessoa, ou pela rede que a acompanha. O transtorno de ansiedade generalizada, transtorno depressivo maior e estresse pós-traumático estão presentes em cerca de um terço destes pacientes. O sentimento de angústia também está muito

presente, principalmente quando o sofrimento reside na ideia do processo de aceleração da morte e o modo de viver plenamente, feliz e autônomo não vem a ser uma opção. (Caron et al., 2024).

As consequências destes impactos vão além da vida do paciente, afetando, também, familiares e amigos que assumem o papel de cuidadores da pessoa necessitada. Os primeiros afetados são os cônjuges, descendentes e, em alguns casos, ascendentes. Estas pessoas, de igual modo, têm suas rotinas e aspirações modificadas diante deste quadro, ocorrendo, muitas vezes, o sofrimento de um luto antecipado de potencial morte (Caron et al., 2024).

Por esta razão destaca-se a importância de intervenções realizadas por profissionais capacitados que sejam capazes de proporcionar o mínimo de apoio emocional, enfatizando a família como foco de atenção e de cuidado. O bem estar da rede de apoio é fundamental para que as famílias sejam capazes, emocionalmente, de estarem ao lado das pessoas doentes e fornecerem o suporte necessário nestes momentos. A presença de familiares e/ou cuidadores pode facilitar a adesão ao tratamento, bem como prover suporte emocional, fornecer cuidados concretos, além de que representam a estabilidade no contexto de mudanças. Todos estes fatores cooperam para a boa recuperação do paciente (Rodrigues, 2019).

Considerando este aspecto, o apoio psicológico e/ou psiquiátrico ao público em comento, torna-se necessário, uma vez que a doença causa impactos significativos na vida do enfermo, bem como, na de seus familiares. (Scarton, 2017).

O trabalho do psicólogo junto às equipes multiprofissionais possibilita a identificação de problemas que devem ser atendidos, podendo auxiliar no processo de enfrentamento da doença, recuperação e cura, se possível. Por outro lado, em casos de pacientes terminais, o trabalho do profissional capacitado pode proporcionar um melhor estado geral orgânico, levando a refletir sobre melhor qualidade de morte e do morrer. (Carvalho, 2002).

Considerando estes aspectos, o estudo buscou responder a seguinte questão de pesquisa: O processo de hospitalização pode acarretar repercussões psicossociais nos pacientes oncológicos internos em unidade hospitalar? O suporte da equipe de saúde pode contribuir para a minimização do impacto do processo de hospitalização em pacientes oncológicos internos?

Este estudo parte do pressuposto que o processo de internação hospitalar favorece o desencadeamento de repercussões e outros agravos psicossociais na saúde de pacientes oncológicos internos em unidades hospitalares.

Objetivou-se com esse estudo analisar as implicações do diagnóstico de câncer na saúde mental dos pacientes, com base em uma revisão integrativa da literatura científica, visando identificar fatores psicossociais envolvidos e estratégias de intervenção psicológica.

Tendo em vista a complexidade desta temática e a importância que ela possui para o sistema de saúde, a realização deste estudo se justifica por oportunizar o conhecimento dos fatores que

favorecem as repercussões emocionais decorrentes do processo de hospitalização, bem como por subsidiar o desenvolvimento de estratégias que assegurem a qualificação de profissionais da saúde com vista à redução de riscos decorrentes do processo de hospitalização à pacientes oncológicos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Esse tipo de pesquisa agrupa os conhecimentos mais atuais sobre um tema específico, a fim de analisá-lo criticamente, direcionando a prática e fundamentando-a em conhecimento cientifico (Souza; Silva; de Carvalho, 2010). Desse modo, o estudo foi constituído de seis etapas: 1) elaboração da pergunta norteadora (definição dos descritores e critérios de inclusão e exclusão), 2) seleção dos artigos, 3) coleta de dados, 4) análise crítica dos estudos incluídos, 5) discussão dos resultados, 6) apresentação da revisão integrativa.

Inicialmente foi estabelecida a seguinte questão norteadora: "O processo de descoberta (diagnóstico) pode acarretar repercussões psicossociais em pacientes oncológicos? O suporte da equipe de saúde pode contribuir para a minimização do impacto do processo de hospitalização em pacientes oncológicos internos?"

Os critérios de inclusão foram artigos disponíveis na íntegra e gratuitos sobre as evidências cientificas que tratem do potencial que o diagnóstico oncológico possui para desencadear ou potencializar reações psicoemocionais no paciente, favorecendo a vivências de sentimentos deletérios, desequilíbrios e conflitos internos; publicações das ciências da saúde classificadas como artigo original e revisões bibliográficas, divulgadas nas principais bases de dados – Medical Literature Analysisand Retrieval System Online (MEDLINE/PUBMED) LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e SCOPUS, bem como teses e dissertações veiculadas nas plataformas dos repositórios de instituições de ensino superior. Foram excluídos os estudos que não atendessem a questão norteadora. Não houve limitação para ano e idioma de publicação dos artigos.

Para o refinamento das buscas foram utilizados os descritores indexados na plataforma Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) a saber: Oncologia; Saúde Mental; Diagnóstico e Emoções. Posteriormente, com intuito de ampliar o alcance na busca dos dados. Dessa maneira, foram feitos os seguintes cruzamentos utilizando os operadores booleanos AND e OR: 1) Oncologia AND Saúde mental, 2) Emoções AND Diagnóstico AND oncologia, as pesquisas foram realizadas nos meses de setembro à novembro de 2024.

RESULTADOS

Após a análise inicial obedecendo aos critérios de elegibilidades, dez estudos formaram a amostra final da pesquisa, dos quais 100% foram publicados nos últimos cinco anos – 2020 (20,0%); 2021 (40,0%); 2022 (20,0%); 2023 (10,0%) e; 2024 (10,0%). Esse dado aponta para a relevância dos impactos psicológicos após o diagnóstico de câncer e a importância de oferecer um cuidado integral por parte da equipe de saúde, para minimizar os efeitos do mesmo.

No que concerne ao idioma, a língua portuguesa predominou em 60,0% dos estudos, seguida da língua inglesa (40,0%). Os estudos foram publicados, em país situado na América Latina (60,0%); na Europa (30,0%); na Ásia (10,0%).

Quanto a metodologia utilizada, 40% dos estudos adotaram uma abordagem quantitativa e 60% adotaram a abordagem qualitativa,

Para melhor visualização, o quadro 1 demonstra a caracterização de artigos incluídos no estudo de acordo com o título, ano de publicação, país de publicação, base de dados, tipo de estudo e suas principais conclusões sobre o tema:

Tabela 1. Caracterização dos Estudos Utilizados

Número	Título	Ano de publicação	País	Base de dados	Tipo de Estudo	Conclusões do Estudo
01	The mental health impacts of receiving a breast cancer diagnosis: A meta-analysis	2021	Reino Unido	PubMed	Pesquisa quantitativa	A saúde mental pode ser afetada em pelo menos quatro dimensões após o diagnóstico de câncer de mama
02	Aspectos psicológicos do câncer de mama em mulheres	2022	Brasil	Portal Regional da BVS	Revisão bibliográfica	Reconhecimento de declínio na qualidade de vida e percepção corporal, bem como, sintomas de ansiedade e depressão
03	Câncer: Impacto do diagnóstico na vida dos pacientes	2021	Brasil	Biblioteca Digital de Monografias da UFMA	Estudo descritivo de natureza exploratória e abordagem qualitativa	O medo, em suas diversas vertentes, foi a expressão do sentimento mais presente no momento do recebimento do diagnóstico da doença, principalmente o medo de morrer
04	Mental Health Challenges in Cancer Patients: A Cross-Sectional Analysis of Depression and Anxiety	2024	Israel	PubMed	Estudo transversal	Destaca-se a alta prevalência de deterioração da saúde mental entre pacientes com câncer e identifica os principais fatores de risco para depressão e ansiedade
05	Pacientes com câncer e suas representações sociais sobre a doença: impactos e enfrentamentos do diagnóstico	2022	Brasil	Repositório Institucional - INCA	De natureza qualitativa, descritiva e exploratória	O processo de enfrentamento do câncer é pautado por representações sociais da doença e conflitos internos que dificultam a aceitação do diagnóstico e à adaptação a nova realidade
06	Sentimentos vivenciados por pacientes com câncer e a importância da equipe da enfermagem e da família no processo do cuidar: Uma revisão integrativa de literatura	2021	Brasil	SCOPUS	Revisão de literatura de caráter explanatório	Pacientes desenvolvem sintomas ansiosos e depressivos e destaca o cuidado integral com o paciente e com a família, onde a equipe é responsável por oferecer este suporte em todos os âmbitos
07	Reações defensivas de pacientes em tratamento oncológico: análise das principais formas de enfrentamento	2020	Brasil	RBPS	Pesquisa qualitativa	As defesas mais comuns observadas foram a racionalização e a negação da realidade, durante o tratamento
08	Impacto do tratamento quimioterápico na qualidade de vida de pacientes oncológicos	2021	Brasil	SciELO	Estudo de coorte prospectivo, exploratório	Os domínios mais afetados, após três meses de tratamento quimioterápico,

						relacionavam-se às funções da escala funcional e dos sintomas, destacando intervenções multiprofissionais para controle das variáveis
09	Mental health care in oncology. Contemporary perspective on the psychosocial burden of câncer and evidence-based interventions	2020	Inglaterra	PubMed	Revisão de literatura	Comprovou-se os benefícios advindos dos cuidados psicológicos fornecidos pela equipe de saúde durante e após o tratamento de câncer para pacientes e familiares
10	Optimizing outcomes through a Multidisciplinary Team approach in endometrial câncer	2023	Itália	PubMed	Estudo de coorte e análise retrospectiva	A abordagem da equipe multidisciplinar proporciona uma gestão global do tratamento, gerando impactos positivos e duradouros na vida dos pacientes

Os artigos 01, 02, 03 e 04 apresentam como ideia central os impactos do diagnóstico de câncer na saúde mental dos pacientes, com ênfase no desenvolvimento de transtornos de ansiedade e depressão. Já os artigos 05 e 07, destacam as dificuldades experienciadas pelos pacientes em tratamento oncológico no processo de enfrentamento da doença e as principais reações emocionais destes no cotidiano, frente aos procedimentos e necessidades de adaptação à nova realidade.

No que se refere aos artigos 06, 08, 09 e 10, é possível observar a importância da rede de apoio e de uma equipe multidisciplinar capacitada para intervir nestes casos. Ficou evidente a sobre-eminência da equipe multidisciplinar no que se refere ao cuidado integral ao paciente e também à família. Cuidado este que gera impactos positivos e duradouros durante e após o tratamento.

A análise dos conteúdos dos artigos investigados permitiu a identificação de 04 núcleos de sentido: (1) Os principais impactos sofridos no âmbito da saúde mental após um diagnóstico de neoplasia, (2) O processo de enfrentamento da doença frente as reações emocionais dos pacientes, (03) A importância das intervenções da equipe multidisciplinar capacitada, para os pacientes, no processo de enfrentamento da doença, (4) A sobre-eminência do apoio prestado às famílias dos enfermos, pela equipe multidisciplinar de saúde.

DISCUSSÃO

Núcleo de sentido 1: Os principais impactos sofridos no âmbito da saúde mental após um diagnóstico de neoplasia

Os estudos demonstram a alta prevalência de deterioração da saúde mental entre pacientes com câncer em razão do estresse profundo ao receber o diagnóstico, seguido de sentimentos de medo do futuro e da morte, acarretando em respostas psicológicas graves, incluindo transtornos psiquiátricos.

Durante o tratamento, principalmente da quimioterapia, é comum a prevalência de sentimentos negativos, em razão da agressividade do processo. Além disso, durante todo o tratamento, os indivíduos precisam se adequar a mudanças de rotina e de espaço, impactos financeiros, mudanças

de papéis e no âmbito social, além de mudanças físicas, que impactam a autoestima. Todos estes aspectos contribuem para o aumento significativo de sintomas ansiosos e depressivos, considerados os principais transtornos presentes neste período.

Núcleo de sentido 2: O processo de enfrentamento da doença frente as reações emocionais dos pacientes

Um diagnóstico de neoplasia está constantemente associado a elementos negativos de ordem cognitivo-afetiva, representando "tristeza e morte", incertezas sobre a cura, medo de possíveis mutilações são pensamentos recorrentes destes pacientes, que podem afetar a adesão ao tratamento. O artigo "Reações defensivas de pacientes em tratamento oncológico" destaca os principais mecanismos de defesa durante o processo de enfrentamento, quais sejam: racionalização, ambivalência e negação.

O primeiro trata-se de um mecanismo de fuga, avaliando a situação de maneira inadequada, perdendo a noção crítica para não acreditar na realidade, através de justificativas incoerentes com o contexto. A ambivalência em relação à patologia e ao tratamento, considerando que ao passo que traz a possibilidade de cura, também há o medo de possíveis sequelas e, até mesmo, da morte. Já a negação é mais comum no início do diagnóstico, nos estados graves de saúde e em estados terminais, servindo para anular sintomas presentes.

Já no segundo artigo, o autor ressalta as fases de enfrentamento que se equiparam às fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, enfatizando a importância de vivenciar cada uma destas, para que, enfim, haja a aceitação de seu estado de saúde. É comum que haja relação com a espiritualidade nesta última fase, trazendo um maior conforto e alívio para seguir em frente.

Núcleo de sentido 3: A importância das intervenções da equipe multidisciplinar capacitada, para os pacientes, no processo de enfrentamento da doença

Os artigos atentam para a necessidade da multidimensionalidade do cuidado. Ou seja, o tratamento não deve ocorrer limitando-se apenas aos aspectos físicos, mas abrangendo aspectos psicológicos, sociais, comunicativos, emocionais, etc. No exercício do trabalho, os profissionais devem ser capazes de adotar posturas humanizadas, a fim de auxiliar o paciente na adesão ao tratamento e no seu processo de luta contra a doença. Além disso, consultas/visitas rotineiras permitem a identificação de demandas de forma mais rápida, viabilizando a elaboração de estratégias para assegurar uma melhor qualidade no atendimento. Estes cuidados colaborativos indicam uma redução na gravidade de sintomas e transtornos psiquiátricos.

Núcleo de sentido 4: A sobre-eminência do apoio prestado às famílias dos enfermos, pela equipe multidisciplinar de saúde

Considerando a família como o alicerce do paciente, é dever da equipe multiprofissional fornecer cuidado integral para estas pessoas que tendem a ficar também ansiosos, depressivos,

desesperançosos, cansados e com vários questionamentos acerca do curso da doença e dos métodos de tratamento utilizados.

Portanto, os artigos evidenciam, também, que proporcionar este atendimento, é fundamental para o curso do tratamento, uma vez que a família é uma das principais fontes motivadoras, apoio e referência de um indivíduo, sendo sua participação indispensável, não podendo ser negligenciada. Os resultados mostram que estes processos de descoberta e hospitalização são capazes de acarretar em repercussões psicossociais negativas em pacientes internos nas unidades hospitalares. As consequências psicológicas podem variar de sintomas a transtornos graves de depressão e ansiedade.

Estes aspectos psicológicos são um dos fatores que determinam a forma que um indivíduo irá reagir ao tratamento oncológico adequado ao caso. Para a equipe de saúde, torna-se difícil identificar um transtorno psicológico de efeitos adversos ocasionados pelo próprio tratamento. Sintomas como: humor triste, vazio ou irritável são indícios de um transtorno depressivo, enquanto que características de medo e ansiedade excessivos, além de perturbações comportamentais, são componentes dos transtornos ansiosos (American Psychiatric Association, 2023). Ambas as sintomatologias também podem estar atreladas ao método terapêutico adotado ao caso. Por essa razão, torna-se necessária a presença de um psicólogo na equipe multidisciplinar, a fim de auxiliar, também, nestas demandas.

A necessidade de internação dá início a um complexo processo de mudanças decorrentes do adoecimento do indivíduo. Essas transformações ocorrem das mais diversas formas, podendo ir da submissão às normas e regras do hospital ao diálogo estabelecido com os profissionais de saúde. Essa necessidade de cuidados especiais provoca tanto no paciente quanto na sua rede de apoio momentos estressantes sofrimento interno, elevação de ansiedade, medo do desconhecido e apreensão quanto às decisões e situações a enfrentar. A família passa, então, a conviver com a estrutura hospitalar, algo novo em sua realidade cotidiana (Costa et al., 2016).

A importância de uma equipe multidisciplinar capacitada, para o atendimento oncológico restou provada, na medida em que o suporte oferecido, o trato humanizado e o cuidado integral, contribuem para dirimir os impactos da hospitalização e no direcionamento da família, esclarecendo dúvidas, incluindo-a nas etapas necessárias, realizando aconselhamentos e prestando apoio.

O planejamento estratégico de intervenções pode ser facilitado com a presença de um psico-oncologista, na medida em que este tipo de demanda necessita de um olhar mais especializado, reflexivo e cuidadoso no âmbito emocional. Isto, pois, o enfretamento deste diagnóstico é representado por uma grande luta, sem garantia prévia de sucesso, gerando um sofrimento intensivo, aflito e contínuo. (Caron et al., 2024)

Diante disso, as funções do profissional da psicologia no âmbito hospitalar tratando de pacientes oncológicos incluem: favorecer a adaptação das mudanças impostas pela doença, garantir que o paciente tenha aderência ao tratamento, auxiliar no manejo da dor e do estresse associados a

esse novo momento da vida, contribuir para a tomada de decisões, preparar o paciente para a realização de diversos procedimentos, incluindo os invasivos, e no enfrentamento das possíveis consequências dos mesmos. Deve buscar estratégias para a melhoria na qualidade de vida, tanto do paciente quanto da rede de apoio, e na revisão de valores para o retorno à vida anterior ou para o final da mesma (Scannavino et al., 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca a complexidade das repercussões psicossociais que o processo de hospitalização e o tratamento oncológico podem gerar nos pacientes internados, bem como nas suas redes de apoio. Os resultados indicam que o diagnóstico e tratamento do câncer não impactam apenas a saúde física, mas também trazem consequências psicológicas significativas, que vão desde sintomas leves até transtornos graves de depressão e ansiedade. Esses fatores psicossociais afetam diretamente a forma como os pacientes enfrentam o tratamento e lidam com as exigências da internação.

Diante desse cenário, a presença de uma equipe multidisciplinar, que inclua um psicólogo especializado em psico-oncologia, mostra-se essencial para garantir um atendimento humanizado e integral, capaz de atenuar os efeitos adversos do tratamento. O suporte psicológico especializado, além de auxiliar na identificação de sintomas psicológicos adversos, contribui para o fortalecimento emocional do paciente, promovendo adesão ao tratamento e melhora da qualidade de vida. A atuação do psicólogo é vital para desenvolver estratégias que favoreçam a adaptação à nova realidade e ajudem tanto o paciente quanto sua rede de apoio a enfrentar as dificuldades impostas pela doença, seja no processo de recuperação, seja no enfrentamento de possíveis perdas.

Portanto, este estudo reforça a importância de uma abordagem holística e humanizada no tratamento oncológico, onde a saúde mental e o bem-estar psicoemocional dos pacientes e familiares sejam priorizados como parte integrante dos cuidados.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Associantion. (2023). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR* (5a ed; M.I.C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.

Camon, V.A. A. (2012). *Psicossomática e suas interfaces - O processo silencioso do adoecimento*. Cengage Learning Brasil. https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788522113798.

Caron, M. M., Vilaça, A.P. O., & Oliveira, G.Z. D. (2024). *Psico-oncologia: teoria e prática*. Editora Manole. https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788520460900.

Caruso R, Breitbart W. (2020). *Mental health care in oncology. Contemporary perspective on the psychosocial burden of cancer and evidence-based interventions*. Epidemiol Psychiatr Sci. 2020 Jan 9;29:e86. doi: 10.1017/S2045796019000866. PMID: 31915100; PMCID: PMC7214708.

Carvalho, M.M. (2002). *Psico-oncologia: história, características e desafios*. SciELO – Brasil. https://www.scielo.br/j/pusp/a/C9zDcZyWhfKMLqWykFhVfqQ/

Costa, J. M., Finco, G. M., Souza, R. L. G., Medeiros, W. C. M., & Melo, M. C. M. (2016). *Repercussões biopsicossociais do diagnóstico de câncer colorretal para pacientes oncológicos*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, 19(2), 5-23.

Dib, R. V., Gomes, A. M. T., Ramos, R. D. S., França, L. C. M., Paes, L. D. S., & Fleury, M. L. D. O. (2022). *Pacientes com Câncer e suas Representações Sociais sobre a doença: Impactos e Enfrentamentos do Diagnóstico*. Revista Brasileira de Cancerologia, v.68, 3.

Fortin, J., Leblanc, M., Elgbeili, G., Cordova, M. J., Marin, M. F., & Brunet, A. (2021). *The mental health impacts of receiving a breast cancer diagnosis: A meta-analysis*. British Journal of Cancer, 125(11), 1582-1592.

Instituto Nacional de Câncer (Brasil). *Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: INCA; 2022. https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/noticias/2022/inca-estima-704-mil-casos-de-cancer-por-ano-no-brasil-ate-2025.

Jesus, C. A., de Barros Galhardi, S. R. R., & Avoglia, H. R. C. (2020). *Reações defensivas de pacientes em tratamento oncológico: análise das principais formas de enfrentamento*. Brazilian Journal of Health Review, 3(3), 5881-5899.

Mangone L, Marinelli F, Bisceglia I, Braghiroli MB, Mastrofilippo V, Pezzarossi A, Morabito F, Aguzzoli L, Mandato VD. (2023). *Optimizing Outcomes through a Multidisciplinary Team Approach in Endometrial Cancer. Healthcare (Basel)*. 2023 Dec 27;12(1):64. doi: 10.3390/healthcare12010064. PMID: 38200970; PMCID: PMC10778853.

Mathias, A. S., Gomes, F. K., Chagas, P. D. P., Campos, D. A. M., & Leão, M. A. B. G. (2022). *Aspectos psicológicos do câncer de mama em mulheres*. Femina, 311-315.

Ministério da Saúde. (2022). *Câncer*. https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/cancer#:~:text=C%C3%A2ncer%20(ou%20tumor%20maligno)%20%C3%A9,origem%20do%20tumor%20(met%C3%A1stases).

Oliveira Santos, M., de Lima, F. C. D. S., Martins, L. F. L., Oliveira, J. F. P., de Almeida, L. M., & de Camargo Cancela, M. (2023). *Estimativa de incidência de câncer no Brasil, 2023-2025*. Revista Brasileira de Cancerologia, *69*(1).

Rodrigues, A. L. (2019). *Psicologia da saúde – hospitalar: abordagem psicossomática.* Editora Manole. https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788520463536

Salci, M. A., & Marcon, S. S. (2011). *Enfrentamento do câncer em família.* Texto & Contexto-Enfermagem, 20, 178-186.

Sousa, W. C. D. S. (2021). *Câncer: impacto do diagnóstico na vida dos pacientes*. Trabalho de conclusão de curso de Graduação, Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz, Brasil.

Souza, M.T.de., Silva, M.D. da., & Carvalho, R. de. (2010). *Integrative Review: what is it? How to do it?*. Einstein (São Paulo), 8 (1), 102-106. https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW113.

Scannavino, C. S. S., Sorato, D. B., Lima, M. P., Franco, A. H. J., Martins, M. P., Morais Júnior, J. C., ... & Valério, N. I. (2013). *Psico-Oncologia: atuação do psicólogo no Hospital de Câncer de Barretos*. Psicologia USP, 24, 35-53.

Scarton, M.A.P.A. (2017). *Câncer colorretal e colostomia: aspectos psicodinâmicos envolvidos na vivência da sexualidade.* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Shalata, W., Gothelf, I., Bernstine, T., Michlin, R., Tourkey, L., Shalata, S., & Yakobson, A. (2024). *Mental Health Challenges in Cancer Patients: A Cross-Sectional Analysis of Depression and Anxiety*. Cancers, 16(16), 2827.

Veiga, A. C. A. da., de Oliveira Cardoso, M., & Porfirio, R. B. M. (2021*). Sentimentos vivenciados por pacientes com câncer e a importância da equipe da enfermagem e da família no processo do cuidar: Uma revisão integrativa de literatura*. Revista Saúde e Meio Ambiente, 12(1), 46-62.

PHUBBING E TRAÇOS DE PERSONALIDADE: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Micaelly Moreira Ferreira – UNIFIP
Amanda Dias de Araújo – UNIFIP
Ana Elisa Candeia Tavares da Silva – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP

RESUMO: A princípio a teoria *Big Five* é a proposta mais aceita e utilizada por pesquisadores e teóricos em relação ao conceito de personalidade. Nesse sentido, há cinco dimensões: Neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscieosidade. Esta teoria pode ser correlacionada com o fenômeno *phubbing*, que se caracteriza como o uso excessivo de telas ignorando relações interpessoais ao redor do indivíduo. Esse estudo buscou investigar a correlação entre o *Big Five* e o *phubbing*. Contou-se com a participação de 207 respondentes, maioria mulheres (65,7%), solteiras (64,7%), de classe social média (55,6%), com idade média de 22,35 anos. Os resultados apontaram uma relação estatisticamente positiva e significativa entre o *Phubbing* e o traços de personalidade Neuroticismo ($r = 0,28$; $\alpha = 0,001$). Nesse estudo foi observado que dentre os cinco grandes fatores da personalidade só o traço neuroticismo estabeleceu uma relação significativa com o *phubbing*. Apresentando uma incompatibilidade com outros estudos que envolviam o mesmo tema.

Palavras-chave: *Phubbing*; Traços de Personalidade; Correlação.

INTRODUÇÃO

Durante um bom tempo há a investigação sobre o conceito de personalidade, no entanto, não existe um consenso na literatura sobre o tema ainda, mas a proposta mais aceita por pesquisadores e teóricos e a mais utilizada universalmente é a teoria dos cinco grandes fatores da personalidade *(Big Five*). Segundo Passos e Laros (2014), os fatores apresentados apresentam dados de confiabilidade, sendo necessário o aprofundamento de estudos levando em consideração diversos ambientes socioculturais para entender possíveis modificações nos traços de personalidade. Além disso, essa teoria se mostrou versátil, pela possibilidade de realizar diversos estudos envolvendo constructos psicológicos distintos, possibilitando a associação do *Big Five* na predição de comportamentos. Nesse sentido, a teoria dos cinco grandes fatores compreende cinco dimensões diferentes: Neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscieosidade.

O neuroticismo se caracteriza pela tendência em apresentarem dificuldades na regulação emocional, sendo ansiosos, autoindulgentes e vulneráveis a transtornos relacionados ao estresse, pessoas que tem um score baixo nesses aspectos, podem ser calmos, equilibrados e apresentarem resiliência a dificuldades. Em contraponto, a extroversão, se refere a um traço que tende a apresentar facilidade em se comunicar, como serem mais joviais e afetuosos, indivíduos que apresentam um score baixo nesse âmbito, tendem a serem mais reservados, insensíveis, quietos e passivos (Feist, Feist & Roberts, 2015).

Já o traço que se refere a abertura à mudança, se caracteriza pela tendência a procura de novas experiências, sendo curiosas, criativas e liberais, pessoas que tem um score baixo nesse aspecto são

conservadores e preferem seguir uma rotina pré-estabelecida. A amabilidade, se caracteriza pela preferência em construir relações harmoniosas, sendo generosas e bondosas, mas pessoas que tem o score apontados para direção oposta são hostis a outras pessoas, podendo serem desrespeitosas e irritáveis. E por fim, os indivíduos que têm um alto score em conscienciosidade são responsáveis, perseverantes, controladas e organizados, sendo o seu oposto a desorganização e persistem de maneira fraca a atividades (Feist et al., 2015).

Alguns traços de personalidade norteiam nosso comportamento que estão relacionados com outros construtos psicológicos e dentre eles existe o *phubbing*. Portanto, o objetivo norteador desse estudo é a investigação da correlação entre o *Big Five* e o *phubbing*, contribuindo para uma compreensão mais ampla de como características de personalidade podem influenciar o uso excessivo de celulares para evitar interações sociais. Segundo Parmaksız (2021), os traços de personalidade explorados na teoria dos cinco grandes fatores podem tem o poder de predizer de forma significativo esse fenômeno, sendo associados, no entanto, somente a dimensão de extroversão não mostrou essa correlação entre ele e o comportamento de *phubbing.*

Esse fenômeno se caracteriza pelo uso excessivo do celular com o objetivo de se esquivar de relações interpessoais, isso é algo preocupante por estar associado ao vício em celular, visto que o uso do telefone seja uma tentativa de lidar com a solidão e organizar a própria vida (Karadağ et al., 2015). Nesse sentido, segundo Garrido, Issa, Esteban e Delgado (2021), o *phubbing* diminui a qualidade das interações sociais entre indivíduos na sociedade, já que indivíduos que adotam esse comportamento podem parecer desrespeitosos com aqueles que estão ao seu redor, sugerindo que desejam evitar a comunicação interpessoal ou que não estão cientes ou interessados no seu ambiente.

Visto isso, o vicío em internet é algo necessário de se aprofundar, segundo CNN (2024) foi realizado um levantamento da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) cerca 25, 3% dos adolescentes entrevistados afirmam apresentar dependência moderada ou grave de internet. Nesse sentido, com esse quantitativo significativo é válido a realização de estudos que exploram essa temática, visando compreender de forma extensa sobre o *phubbing* e como os traços de personalidade corroboram para o surgimento ou o aumento desse fenômeno. Portanto, revela-se um problema de pesquisa que seria: “qual é a correlação entre o *Big Five* e o *phubbing* ?”

MÉTODO

Delineamento

Tratar-se-á de um estudo não experimental (correlacional) do tipo ex-post-facto.

Participantes

Participaram do presente estudo, 207 indivíduos, majoritariamente do sexo feminino (65,7%), solteiras (64,7%), de classe social média (55,6%), com idade média de 22,35 anos, que variaram de 18 a 58 anos.

Instrumentos

No que diz respeito a coleta de dados, os participantes responderam a questões sociodemográficas para caracterização da amostra, como também, os instrumentos descritos abaixo:

Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade – Big Five (*CGF*), que trata-se de um instrumento de autorrelato, bastante utilizado atualmente, elaborado originalmente em língua inglesa por John e seus colaboradores, composto inicialmente por 44 itens. No presente estudo foi utilizado a versão reduzida, que possui 20 itens, que foram adaptados ao contexto brasileiro por Andrade. As respostas são disponíveis em uma escala Likert de 5 pontos, variando entre 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente). Os itens da escala são distribuídos em cinco fatores (Abertura à experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo) de modo que cada um deles indica um traço da personalidade humana (Andrade, 2008).

Escala de Phubbing: Trata-se de sete itens desenvolvidos por Grieve & March (2020) para mensurar esse comportamento. É respondido através de uma escala Likert variando de 1 (nunca) e 5 (o tempo todo), que deve ser respondida considerando a frequência que o respondente executa os comportamentos apresentados. Um exemplo de item é "Se meu celular toca eu irei dar atenção a ele, mesmo que esteja no meio de uma conversa."

Procedimentos e Aspectos Éticos

Inicialmente o Projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos, visando considerar todos os preceitos éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos, de acordo com Resolução nº 466/2012, expedida pelo Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Tal instrumento normativo afirma os direitos e deveres que dizem respeito à ética na pesquisa com seres humanos. Que nesta presente pesquisa, foram resguardados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que enfatizava a liberdade de escolha e de desistência sem qualquer prejuízo, além do sigilo nas informações e do anonimato quanto aos sujeitos envolvidos. O questionário de coleta de dados foi desenvolvido através do *Google Docs,* levando em consideração que a coleta dos dados foi realizada de forma *online*. Os participantes foram recrutados nas redes sociais. No questionário estavam descritos os objetivos da pesquisa, todos os procedimentos envolvidos, bem como, ressaltaram a importância do caráter voluntário e sigiloso dos dados. Para consolidar a participação, os participantes marcaram a opção que significava concordância em participar da pesquisa de acordo com os procedimentos descritos e explicados anteriormente, disponíveis no TCLE. A partir disso, os participantes do estudo autorizam a utilização das respostas fornecidas para fins da pesquisa e foram esclarecidos de que poderiam abdicar de sua participação na pesquisa a qualquer momento sem ônus algum. Cumprindo com os princípios éticos exigidos em pesquisa com seres humanos.

Análises de Dados

Para tabulação e análise de dados será utilizado o *Software* Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS – Versão 26), neste, foram realizadas estatísticas descritivas, para caracterizar a amostra (média, desvio padrão e frequência). Assim como, estatística inferencial, a correlação de *r* de Pearson.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos resultados, pode-se observar que o *Phubbing* só se relacionou de maneira significativa apenas com o traço de Neuroticismo ($r = 0{,}28$; $\alpha = 0{,}001$). Os resultados serão discutidos a seguir. A princípio, nessa pesquisa foi observado que o único traço de personalidade referente a teoria *Big Five* foi o neuroticismo, no entanto, segundo estudo de Passos e Laros (2014) o fenômeno "*phubbing*" dentre os cinco traços de personalidade, somente não teve uma relação significativa com o traço de personalidade extroversão. Evidenciando uma diferença nos resultados entre as pesquisas.

Já no estudo de Çikrikci, Griffiths e Erzen (2019), foi realizada uma correlação entre os cinco grandes de traços da personalidade, o *phubbing* e satisfação com a vida. Nesse sentido, foi observado uma relação significativa e negativa entre satisfação com a vida com o *phubbing*, distúrbios de comunicação (dificuldade em utilizar uma linguagem apropriada para o contexto social presente) e neuroticismo. Pode-se concluir que quanto mais o indivíduo apresentar satisfação com a vida menor será os traços do comportamento *phubbing*, ausência ou escassez de distúrbios de comunicação e baixo score de neuroticismo.

Em um contexto diferente, no estudo de Nugroho e Suhendrianb (2022), buscou-se investigar essa correlação em estudantes do ensino médio. Neste, foi evidenciado uma relação significativa e negativa entre os traços de personalidade concienciosidade e abertura com o *phubbing.* Retratando que quanto menor for o score desses dois fatores na personalidade do indivíduo maior será as taxas de *phubbing*.

Portanto, essa pesquisa mostrou-se uma incompatibilidade com outros trabalhos científicos do mesmo tema. Nesse sentido, uma possível causa para essa diferença seria os diferentes contextos socioculturais de cada participante dessas pesquisa, ocasionando essa mudança entre a relação das variáveis.

Portanto, as possíveis limitações dessa pesquisa foi a escassez de trabalhos científicos que buscam observar a correlação entre os cinco grandes fatores e o fenômeno "*phubbing*", principalmente no contexto brasileiro. Para direcionamentos futuros, é válido investigar essa correlação em diferentes contextos socioculturais, assim estabelecendo uma comparação entre o neuroticismo e o *phubbing* em âmbitos diferentes.

Referências

Çikrikci, Ö., Griffiths, M. D., & Erzen, E. (2019). Testing the Mediating Role of Phubbing in the Relationship Between the Big Five Personality Traits and Satisfaction with Life. International

Journal of Mental Health and Addiction, 20, 44-56. Doi: https://doi.org/10.1007/s11469-019-00115-z

Feist, J., Feist, G. J., & Roberts, T. (2015). Teorias da personalidade. Porto Alegre: Artmed.

Garrido, E. C., Issa, T., Esteban, P. G, & Delgado, S. C. (2021). A descriptive literature review of phubbing behaviors. Heliyon, 7 (5), 1-10. Doi: https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2021.e07037

Karadağ, E., Tosuntaş, Ş. B., Erzen, E., Duru, P., Bostan, N., Şahin, B. M., Çulha, İ., & Babadağ, B. (2015). Determinants of phubbing, which is the sum of many virtual addictions: a structural equation model. Journal of Behavioral Addictions, 4(2) 60-74. Doi: 10.1556/2006.4.2015.005.

Laros, J. A. & Cruz, M. F. D. (2014). O modelo dos cinco grandes fatores de personalidade: Revisão de literatura. Revista portuguesa de psicologia, 21, 13- 21. https://www.researchgate.net/publication/272181115_O_modelo_dos_cinco_grandes_fatores_de_personalidade_Revisao_de_literatura

Maraccini, G. (2024). Vício em internet pode afetar comportamento e desenvolvimento de adolescentes. Retirado de https://www.cnnbrasil.com.br/saude/vicio-em-internet-pode-afetar-comportamento-e-desenvolvimento-de-adolescentes/#:~:text=V%C3%ADcio%20em%20internet%20pode%20afetar%20comportamento%20e%20desenvolvimento%20de%20adolescentes,-Achado%20%C3%A9%20de&text=Adolescentes%20viciados%20em%20internet%20passam,aumento%20nas%20tend%C3%AAncias%20de%20depend%C3%AAncia.

Nugroho, S., & Suhendriani, N. (2022). Big Five personality terhadap perilaku phubbing pada siswa sma. Journal of Islamic and Contemporary Psychology. 2 (2), 117- 128. Doi: https://doi.org/10.25299/jicop.v2i2.11568

Parmaksiz, I. (2021). Relationships Between Phubbing and The Five Factor Personality Traits. Kastamonu Education Journal, 29 (4), 32-42. Doi: 10.24106/kefdergi.795620ee

APLICANDO A PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS EM PSICOLOGIA CLÍNICA PARA TRANSTORNO BIPOLAR E TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE

Allycia Vitória da Costa Silva – UNIFIP
Amanda da Silva Santos Viana – UNIFIP
Daniele Lima Ferreira – UNIFIP
Kailane Silva de Medeiros – UNIFIP
Maizy Araújo Alves – UNIFIP
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves – UNIFIP

RESUMO: A definição de intervenções psicoterápicas é frequentemente embasada pela experiência profissional e pela preferência por determinadas abordagens clínicas. No entanto, essa realidade tem se transformado com a prática baseada em evidências em psicologia clínica, cujo princípio é de que a atuação do psicólogo deve ser fundamentada em achados empíricos. Este ensaio teórico buscou explorar a aplicação prática da PBE na psicologia clínica, focando em dois transtornos complexos: o Transtorno Bipolar (TB) e o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB). Para tanto, utilizou-se a abordagem dos "5 As" - Ask (Perguntar), Acquire (Adquirir), Appraise (Avaliar), Apply (Aplicar) e Assess (Avaliar os resultados) – que estruturam o processo de aplicação da PBE em psicologia clínica, promovendo uma prática sistemática e cientificamente fundamentada. Essa metodologia reflete o compromisso da psicologia clínica em promover tratamentos eticamente responsáveis e cientificamente embasados, fortalecendo a confiabilidade da área como uma ciência que se ajusta às melhores práticas em saúde.

Palavras-chave: Prática Baseada em Evidências; Transtorno Bipolar; Transtorno de Personalidade Borderline.

INTRODUÇÃO

A prática baseada em evidências (PBE) é uma abordagem que tem transformado o campo da saúde ao oferecer uma estrutura metodológica que integra a pesquisa científica ao trabalho clínico. Originalmente desenvolvida na medicina, a PBE surgiu como uma resposta à necessidade de fundamentar decisões terapêuticas em dados empíricos, promovendo tratamentos mais eficazes e seguros para os pacientes (Evidence Based Medicine Working Group, 1992).

O movimento pela adoção de práticas baseadas em evidências (PBE) ganhou força ao longo do século XX, consolidando-se especialmente a partir dos anos 1990. Foi nesse período que profissionais da saúde começaram a adotar a PBE como padrão para intervenções clínicas, apoiando-se em pesquisas rigorosas e resultados verificáveis. A medicina, em particular, liderou a criação de diretrizes clínicas fundamentadas em revisões sistemáticas e meta-análises, que ofereciam informações sobre as práticas mais eficazes para diferentes condições médicas. Esse novo modelo foi revolucionário, transformando o tratamento de uma abordagem muitas vezes dependente da experiência individual do médico para uma que priorizava evidências científicas, proporcionando uma base sólida para decisões clínicas.

À medida que a PBE se consolidou na medicina, outras áreas da saúde, como a psicologia, começaram a adaptar seus princípios ao seu próprio contexto de prática clínica. Nessa direção, o percurso histórico específico da Psicologia aponta para alguns pontos importantes. Inicialmente,

ainda em 1952, a eficácia da psicoterapia foi contestada por Eysenck, a partir do estudo “The Effects of Psychotherapy: An Evaluation", o que levou à ideia de que todas as intervenções terapêuticas teriam efeitos equivalentes (Barlow et al., 2013).No entanto, pesquisadores da orientação cognitivo-comportamental questionaram essa premissa, iniciando uma investigação aprofundada dos fatores específicos e comuns que influenciam a eficácia terapêutica (Beutler, 1979; Kazdin & Bass, 1989).Esse movimento foi impulsionado pela criação de diversas forças-tarefa.

Já em 2002, equipes operacionais formadas pela Associação Americana de Psicologia (APA) e pela Society for Psychotherapy Research integraram os resultados das pesquisas conduzidas por essas unidades(Beutler & Johannsen, 2006; Castonguay & Beutler, 2006).No entanto, diante de conflitos sobre o que deveria ser considerado um tratamento empiricamente sustentado, a APA instituiu, em 2005, uma nova força-tarefa composta por psicólogos de diferentes áreas, com o objetivo de delinear um paradigma que abarcasse diversas concepções teóricas, metodológicas, conceituais e práticas (American Psychological Association, 2006). Como resultado, consolidou-se o papel da pesquisa científica, dos manuais de tratamento, das ferramentas específicas e da importância dos fatores comuns em intervenções eficazes (Norcross et. al., 2006).

Desse modo, na psicologia, a PBE enfrentou desafios adicionais, principalmente devido à complexidade dos fenômenos psicológicos e à dificuldade de mensurar de forma objetiva muitos dos aspectos subjetivos envolvidos no tratamento clínico. No entanto, a adesão crescente aos princípios da PBE refletiu uma demanda por maior rigor científico e uma necessidade de responder ao avanço da psicologia como uma ciência fundamentada em métodos empíricos. Isso possibilitou a integração de estudos experimentais, revisões sistemáticas e diretrizes específicas para guiar psicólogos clínicos na escolha de intervenções que fossem respaldadas por dados científicos confiáveis.

Ao longo do tempo, a PBE na psicologia evoluiu para um modelo que não apenas considera as evidências empíricas, mas também incorpora a expertise do profissional e as características próprias do paciente. Dessa forma, a PBE em psicologia clínica se configura como uma prática que valoriza tanto o conhecimento científico quanto a adaptação desse conhecimento às características e necessidades individuais de cada paciente.A integração desses três componentes – melhor evidência científica disponível, perícia clínica e preferências e cultura do paciente – representa o que muitos autores consideram o “tríplice alicerce” da PBE, garantindo que o atendimento clínico seja não apenas cientificamente fundamentado, mas também humanizado e flexível (American Psychological Association, 2006).

Apesar de seus avanços, a implementação da PBE na psicologia ainda é frequentemente rodeada de mitos e incompreensões (Goodheart et al., 2006; Norcross et al, 2006), muitos profissionais têm a percepção equivocada de que a PBE impõe uma rigidez ao processo terapêutico, limitando a criatividade do terapeuta e restringindo sua liberdade de adaptação das intervenções.

Outros consideram que a PBE significa a aplicação de protocolos padronizados para todos os casos, desconsiderando a subjetividade e complexidade dos pacientes. Entretanto, essas percepções subestimam o potencial da PBE, que, na verdade, visa enriquecer o processo clínico ao oferecer um conjunto de ferramentas e diretrizes baseadas em evidências, permitindo que o profissional tome decisões embasadas e adaptáveis.

A relevância da pesquisa sobre PBE para a psicologia clínica contemporânea é cada vez mais clara, especialmente em um contexto em que a psicologia se consolida como uma ciência com compromisso ético e científico. Com uma crescente demanda por tratamentos eficazes e baseados em evidências, a PBE surge como uma resposta importante, oferecendo uma prática embasada que visa não só a eficácia, mas também a credibilidade científica da psicologia. A adoção da PBE é um passo em direção ao fortalecimento da prática psicológica, promovendo intervenções que atendam aos mais altos padrões de qualidade e que respondam às necessidades reais dos pacientes (Melnik,2014).

Além disso, a PBE desempenha um papel crucial na avaliação psicológica e no planejamento das intervenções psicoterapêuticas. A avaliação psicológica, quando orientada pela PBE, permite que o profissional escolha instrumentos e técnicas baseadas nas melhores evidências disponíveis, garantindo que o diagnóstico e o consequente planejamento terapêutico sejam precisos e ajustados ao perfil do paciente (Stuart e Lilienfeld 2007).

Essa abordagem fortalece a prática clínica ao promover uma avaliação que vai além da simples categorização de sintomas e que se fundamenta na análise crítica dos dados, favorecendo uma intervenção terapêutica mais robusta e informada.

Assim, o presente ensaio teórico tem como objetivo explorar a aplicação prática da PBE na psicologia clínica, abordando dois transtornos de alta complexidade: o Transtorno Bipolar (TB) e o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB). O TB, caracterizado por episódios alternados de mania/hipomania e depressão, e o TPB, com seu padrão de instabilidade emocional e interpessoal, representam desafios significativos na prática clínica e exigem intervenções que sejam tanto eficazes quanto flexíveis para se adequarem às necessidades individuais dos pacientes.

Acredita-se que o uso de um modelo estruturado, mas flexível, permite que a prática psicológica atenda aos critérios científicos e éticos, beneficiando diretamente o tratamento dos pacientes e consolidando a psicologia clínica como uma prática fundamentada em evidências (Leonardi,2024).

MÉTODO

O presente estudo constitui um ensaio teórico: uma modalidade de pesquisa que visa a análise crítica e a discussão de conceitos, teorias, práticas e aplicabilidades com base em literatura científica já existente. Em um ensaio teórico, o foco recai sobre a compreensão e a síntese de abordagens e métodos de intervenção já consolidados, buscando integrar esses conhecimentos para oferecer

propostas aplicáveis à prática clínica (De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi, 2011). Diferentemente de um estudo empírico, este ensaio não inclui coleta de dados originais, mas explora e aplica os princípios da Prática Baseada em Evidências (PBE) com base na literatura existente e nos modelos de intervenção já desenvolvidos.

Como principal referência, utilizou-se o capítulo "Como implementar a prática baseada em evidências em psicologia clínica: um guia passo a passo" (Leonardi, 2024), que propõe uma estrutura para a implementação da PBE no contexto clínico da anorexia nervosa. A partir desse modelo, foram selecionados, para elaboração do presente ensaio teórico, dois transtornos de alta prevalência e relevância clínica: o Transtorno Bipolar e o Transtorno de Personalidade Borderline. A escolha dessas condições reflete a necessidade de intervenções cientificamente embasadas e ajustadas à complexidade desses quadros, que frequentemente apresentam desafios significativos para a prática clínica.

RESULTADOS

Para desenvolver a aplicação da Prática Baseada em Evidências (PBE) ao Transtorno de Personalidade Borderline e ao Transtorno Bipolar, utilizou-se a abordagem dos "5 As", conforme desenvolvido no capítulo anteriormente citado. Esses 5 As — Ask (Perguntar), Acquire (Adquirir), Appraise (Avaliar), Apply (Aplicar) e Assess (Avaliar os resultados) - estruturam o processo de aplicação da PBE em psicologia clínica, promovendo uma prática sistemática e cientificamente fundamentada (Guyatt et al.,2015).

Aplicação dos 5 As da PBE ao Transtorno de Personalidade Borderline (TPB)

1. Ask (Perguntar): O primeiro passo na aplicação dos "5 As" da Prática Baseada em Evidências é "Ask" (Perguntar), cujo objetivo é definir perguntas clínicas claras e específicas que possam direcionar o tratamento. No caso do TPB, a complexidade dos sintomas demanda questões que se concentrem em necessidades emocionais e comportamentais específicas. Para esse transtorno, uma pergunta clínica pode ser: "Quais intervenções psicoterapêuticas baseadas em evidências são eficazes para reduzir comportamentos impulsivos e promover habilidades interpessoais em pacientes com TPB?" Este questionamento ajuda a orientar o terapeuta na busca por técnicas voltadas para estabilizar o humor, controlar impulsos e melhorar a capacidade de relacionamento do paciente. Durante esta fase, é fundamental explorar o histórico do paciente e entender os gatilhos que desencadeiam suas crises emocionais, que muitas vezes levam a comportamentos de automutilação ou tentativas de suicídio. A conversa sobre a experiência do paciente com seus próprios sintomas permite que o terapeuta identifique tanto os padrões de humor e os principais desafios interpessoais quanto os comportamentos que o paciente considera problemáticos, promovendo um plano de intervenção personalizado.

2. Acquire (Adquirir): A segunda etapa, “Acquire” (Adquirir), implica a busca ativa pelas melhores evidências disponíveis para responder à pergunta clínica formulada. A Terapia Comportamental Dialética (Dialectical Behavior Therapy - DBT) tem sido amplamente estudada e indicada para o tratamento do TPB, comprovada pela sua eficácia em reduzir comportamentos impulsivos e autodestrutivos, além de melhorar as habilidades de relacionamento interpessoal e de regulação emocional (Sneed et al.,2012). A revisão de diretrizes clínicas e estudos científicos é essencial para validar o uso da DBT no tratamento de TPB. Esse processo envolve a análise de pesquisas recentes, incluindo meta-análises e revisões sistemáticas, que indicam que os módulos centrais da DBT – mindfulness, regulação emocional, tolerância ao mal-estar e eficácia interpessoal Linehan, 2018) – são ferramentas eficazes para ajudar pacientes com TPB. Esses módulos trabalham de maneira integrada para reduzir a reatividade emocional e ampliar a capacidade de lidar com o desconforto sem a necessidade de recorrer a comportamentos autodestrutivos, o que é particularmente importante para uma população com alto risco de automutilação e suicídio.

3. Appraise (Avaliar): A etapa seguinte, “Appraise” (Avaliar), consiste em uma análise crítica das evidências coletadas. Para o TPB, a qualidade dos estudos selecionados é essencial para garantir a segurança e a efetividade do tratamento. O terapeuta deve avaliar os métodos de pesquisa, o tamanho das amostras e a validade dos resultados. Em especial, a análise da metodologia empregada nos estudos é fundamental, pois tratamentos para TPB exigem abordagens específicas, como a validação e contenção emocional, descritas como eficazes na redução de comportamentos impulsivos e na estabilização de crises. A análise deve incluir também o exame de intervenções que possuem suporte empírico em populações com comportamentos suicidas ou de automutilação, que são comuns entre pacientes com TPB e requerem atenção e intervenção cuidadosa. Avaliar a aplicabilidade dos estudos aos casos atendidos pelo terapeuta também é necessário, especialmente para garantir que as intervenções sejam culturalmente sensíveis e possam ser adaptadas de acordo com as características do paciente, promovendo uma prática mais segura e assertiva.

4. Apply (Aplicar): A quarta etapa, “Apply” (Aplicar), envolve a implementação das intervenções selecionadas, com adaptações às particularidades do paciente. No caso da Terapia Comportamental Dialética (DBT), o terapeuta pode iniciar as sessões com o treinamento de habilidades de mindfulness, que ajudam o paciente a desenvolver uma consciência maior de suas próprias emoções e reações. Além disso, as habilidades de regulação emocional são fundamentais na DBT, permitindo que o paciente aprenda a identificar e manejar emoções intensas, promovendo uma resposta mais saudável ao estresse. O terapeuta pode ensinar técnicas específicas, como a reavaliação cognitiva, para que o paciente possa reinterpretar eventos emocionais de maneira mais assertiva. As habilidades de tolerância ao mal-estar são essenciais para que o paciente aprenda a suportar o desconforto emocional sem recorrer a comportamentos autodestrutivos. Essas habilidades são

particularmente importantes durante momentos de crise, onde o coaching telefônico pode ser uma ferramenta crucial. Isso permite que o paciente receba suporte imediato e utilize habilidades de regulação emocional em situações desafiadoras, evitando decisões impulsivas que podem resultar em comportamentos de risco. A análise de comportamentos problemáticos é outro aspecto crítico na DBT. O terapeuta e o paciente podem trabalhar juntos para identificar padrões de comportamento que levam a consequências negativas, ajudando a compreender as situações que provocam reações emocionais intensas. Isso permite que o paciente desenvolva um maior entendimento sobre seus gatilhos e crie estratégias personalizadas para lidar com eles. Outras estratégias incluem a criação de contratos de comportamento, onde o paciente se compromete a evitar comportamentos de risco, promovendo uma abordagem colaborativa e proativa ao tratamento. As habilidades de eficácia interpessoal, que visam melhorar a comunicação e a capacidade de gerenciar conflitos, são adaptadas para auxiliar o paciente a manter relações mais estáveis e satisfatórias. O processo de aplicação é dinâmico e requer que o terapeuta ajuste as técnicas de acordo com o progresso do paciente. Isso promove a integração de habilidades práticas que podem ser utilizadas no dia a dia, sempre buscando o equilíbrio entre aceitação e mudança, um dos princípios centrais da DBT. Essa abordagem dialética permite que o paciente reconheça e aceite sua experiência emocional enquanto trabalha ativamente para promover mudanças positivas em sua vida. (Linehan, 2018; Linehan & Wilks, 2015; Vásquez-Dextre, 2016).

5. Assess (Avaliar os resultados): Por fim, a última etapa, “Assess” (Avaliar os Resultados), visa monitorar o progresso e a eficácia do tratamento ao longo do tempo. Para pacientes com TPB, o uso de escalas de autoavaliação, registros de humor e acompanhamento de sintomas impulsivos permite uma avaliação contínua dos avanços e desafios do paciente. Revisões regulares do plano terapêutico são essenciais, especialmente quando o paciente está em um momento de maior vulnerabilidade emocional. A inclusão do feedback do paciente sobre o impacto das habilidades aprendidas fortalece a prática terapêutica, permitindo que o terapeuta ajuste o plano de tratamento conforme as necessidades emergentes. A avaliação contínua do progresso oferece ao paciente um senso de autonomia e realizações, essenciais para uma abordagem clínica que promova estabilidade emocional e aumento da confiança em suas próprias habilidades de enfrentamento.

Aplicação dos 5 As da PBE ao Transtorno Bipolar

1. Ask (Perguntar): No tratamento do Transtorno Bipolar, o primeiro passo da PBE, “Ask” (Perguntar), tem o objetivo de direcionar o terapeuta na busca por intervenções que promovam a estabilização do humor e a prevenção de recaídas. A questão clínica pode focar nas intervenções combinadas de terapias psicossociais e farmacológicas, buscando entender: “Quais estratégias psicossociais e farmacológicas baseadas em evidências são eficazes para estabilizar o humor e prevenir recaídas em pacientes com Transtorno Bipolar”? Esta pergunta orienta a investigação de tratamentos que abordam tanto os aspectos emocionais quanto as necessidades de adesão ao

tratamento. A fase de questionamento é uma oportunidade para explorar a experiência do paciente com seus episódios de mania/hipomania e depressão, identificando os gatilhos, a frequência e o impacto desses episódios. A partir dessa exploração, é possível traçar um perfil mais completo das dificuldades específicas do paciente e suas prioridades para o tratamento, o que inclui a construção de uma rotina estruturada e o desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento de sintomas.

2. Acquire (Adquirir): Na fase de "Acquire" (Adquirir), o terapeuta busca evidências para fundamentar o plano terapêutico. A pesquisa deve incluir revisões em bases de dados acadêmicas, diretrizes de associações reconhecidas, como a American Psychiatric Association (APA), e estudos empíricos que detalham os efeitos de tratamentos combinados, como a farmacoterapia com estabilizadores de humor e a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Estudos mostram que o lítio, como estabilizador de humor, associado à TCC, é uma combinação eficaz para controlar os sintomas do TB, melhorar a adesão ao tratamento e reduzir a frequência de episódios maníacos e depressivos (Miasso et al.,2009). A TCC, em particular, oferece técnicas específicas para que o paciente aprenda a identificar sinais precoces de recaída e desenvolva um plano de ação que inclua estratégias de *coping* e suporte social. Esta fase de busca é fundamental para garantir que o terapeuta tenha uma base sólida e atualizada sobre o que melhor funciona no manejo do Transtorno Bipolar, considerando tanto os benefícios quanto os riscos de cada intervenção (Knapp & Beck, 2008).

3. Appraise (Avaliar): Em "Appraise" (Avaliar), o terapeuta deve avaliar criticamente a qualidade das evidências reunidas, garantindo que os estudos selecionados tenham robustez metodológica e sejam aplicáveis à população atendida. É necessário analisar a validade externa dos resultados, considerando se os efeitos terapêuticos são replicáveis e sustentáveis em longo prazo. No caso do Transtorno Bipolar, a avaliação também deve considerar a eficácia das intervenções em populações com diferentes comorbidades e a possibilidade de efeitos adversos, especialmente quando o tratamento envolve medicamentos como o lítio, que requer um monitoramento rigoroso devido aos potenciais efeitos colaterais. Essa avaliação minuciosa permite ao terapeuta decidir com segurança quais abordagens serão mais adequadas para o paciente, considerando a segurança e a viabilidade de aplicação no cotidiano clínico.

4. Apply (Aplicar): A etapa de "Apply" (Aplicar) corresponde à implementação do plano terapêutico, com um enfoque adaptado às necessidades e preferências do paciente com Transtorno Bipolar. Na prática, o terapeuta pode integrar sessões de TCC que ensinem o paciente a reconhecer os sinais iniciais de um episódio de mania/hipomania ou depressão e desenvolver um plano de prevenção de recaídas que inclua estratégias de apoio social, hábitos de sono regulares e atividades que promovam o bem-estar .A farmacoterapia, usualmente com estabilizadores de humor como o lítio, anticonvulsivantes ou antipsicóticos atípicos, também é parte essencial do plano terapêutico para pacientes com Transtorno Bipolar (TB). Na fase de implementação, o terapeuta trabalha junto com o

psiquiatra do paciente para assegurar que o tratamento farmacológico seja monitorado e ajustado conforme necessário. Além disso, a adesão ao tratamento medicamentoso é frequentemente desafiadora em casos de TB, o que torna essencial o papel do terapeuta em ajudar o paciente a compreender a importância da consistência no uso dos medicamentos, prevenindo recaídas e estabilizando o humor a longo prazo (Basco & Rush, 2009). Durante as sessões de Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), o terapeuta e o paciente exploram técnicas específicas de autorregulação e identificação precoce de sintomas prodrômicos - sinais iniciais de um episódio iminente -, (Neto,2004). Por exemplo, o paciente é encorajado a registrar seu humor diariamente, monitorando alterações sutis que possam indicar o início de uma fase maníaca/hipomaníaca ou depressiva. Esse registro permite que o paciente e o terapeuta identifiquem padrões e estabeleçam estratégias de intervenção precoce, como a intensificação das sessões de terapia, ajustes na medicação pelo psiquiatra ou a implementação de estratégias de enfrentamento específicas para cada fase. Adicionalmente, o terapeuta auxilia o paciente a desenvolver um plano de ação para situações de crise, incluindo uma lista de contatos de emergência e o reconhecimento de estratégias de coping eficazes, como buscar apoio social, praticar técnicas de relaxamento ou engajar-se em atividades estruturadas que promovam o bem-estar. Outro aspecto crucial do passo "Aplicar" no tratamento de TB é o estabelecimento de uma rotina diária consistente, que inclua sono adequado, alimentação balanceada e exercício físico regular. O Transtorno Bipolar é particularmente sensível a mudanças nos ritmos circadianos, e o sono irregular pode precipitar episódios de mania ou depressão. Dessa forma, o terapeuta orienta o paciente a manter horários regulares para dormir e acordar, evitando variações abruptas na rotina. Além disso, práticas como a higiene do sono – que incluem evitar o uso de dispositivos eletrônicos antes de dormir e criar um ambiente de sono relaxante – são reforçadas. A atividade física regular também é incentivada, pois estudos mostram que o exercício contribui para a regulação do humor e a redução do estresse, ambos fundamentais para a estabilização emocional em pacientes com TB.

5. Assess (Avaliar os resultados): A etapa final do processo, “Assess” (Avaliar os Resultados), é dedicada ao monitoramento contínuo da eficácia do tratamento e à realização de ajustes necessários para garantir que o plano terapêutico esteja realmente beneficiando o paciente. Em pacientes com TB, a avaliação regular permite identificar padrões de recaída e responder rapidamente a quaisquer sinais de instabilidade. O uso de escalas de avaliação de humor pode auxiliar o terapeuta a monitorar as flutuações de humor e ajustar o tratamento conforme necessário. Essas ferramentas quantitativas ajudam tanto o terapeuta quanto o paciente a visualizarem os progressos feitos ao longo do tratamento, além de permitirem uma identificação precoce de mudanças que possam sinalizar um risco de recaída. Além das escalas, o terapeuta também incentiva o paciente a manter um diário de sintomas e eventos significativos, que serve como uma ferramenta qualitativa para entender as

circunstâncias que antecedem episódios maníacos ou depressivos. Esse registro contínuo não apenas permite ajustes no tratamento, mas também fortalece o autoconhecimento do paciente e sua capacidade de identificar e manejar sintomas de maneira autônoma.

DISCUSSÃO

A aplicação da Prática Baseada em Evidências (PBE) por meio dos "5 As" no tratamento de transtornos complexos, como o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) e o Transtorno Bipolar (TB), demonstrou a importância de um processo estruturado que une evidências científicas com a personalização das intervenções para contextos clínicos específicos. Essa abordagem não apenas fortalece a precisão e a eficácia das intervenções psicológicas, mas também oferece um modelo flexível e adaptativo, capaz de responder às demandas únicas de cada transtorno.

No TPB, onde a instabilidade emocional e impulsividade predominam, a utilização de abordagens como a DBT se mostrou fundamental. Estudos respaldam essa escolha, indicando que a DBT promove regulação emocional e habilidades interpessoais, ajudando a reduzir comportamentos autodestrutivos. A utilização da PBE permite ao terapeuta adaptar essas intervenções ao perfil do paciente, considerando suas necessidades e contextos específicos.

Para o Transtorno Bipolar, a combinação de intervenções psicossociais e farmacológicas têm sido amplamente recomendada pelas evidências. A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) adaptada para o transtorno proporciona estratégias que ajudam a estabilizar o humor e a prevenir recaídas. A aplicação da PBE, nesse caso, facilita a escolha e a personalização de intervenções que atendam à oscilação de humor típica do Transtorno Bipolar, contribuindo para uma prática clínica mais alinhada às necessidades do paciente e às evidências.

A discussão dos resultados, a partir desse modelo estruturado, realça a importância da PBE na prática psicológica. Ao integrar ciência e prática clínica, o terapeuta adota uma postura que valoriza tanto o conhecimento empírico quanto a adaptabilidade necessária no contexto real dos pacientes.

Apesar dos avanços oferecidos pela PBE, algumas limitações precisam ser consideradas. Em primeiro lugar, a aplicação prática da PBE demanda do profissional um amplo conhecimento das pesquisas atuais, o que pode ser um desafio diante do volume de novas publicações. Além disso, nem sempre existem evidências robustas para todos os contextos clínicos, o que pode limitar o processo de escolha de intervenções, especialmente em casos onde há comorbidades ou especificidades que não foram suficientemente exploradas pela literatura.

Para o TPB e o TB, futuros estudos empíricos poderiam explorar mais a fundo os impactos da PBE em contextos com variação cultural e demográfica, investigando se e como essas variáveis influenciam a eficácia das intervenções. A ampliação de pesquisas que considerem essas diferenças pode oferecer uma visão mais inclusiva e ajustável da PBE, permitindo que o modelo de "5 As" se torne ainda mais eficaz para uma diversidade de perfis de pacientes.

Outro aspecto importante para pesquisas futuras é a avaliação dos efeitos a longo prazo das intervenções baseadas em PBE, especialmente em transtornos crônicos como o TPB e o TB. Estudos longitudinais podem fornecer dados adicionais sobre a durabilidade dos benefícios terapêuticos e os fatores que contribuem para a manutenção dos progressos clínicos. Esses dados são fundamentais para aprimorar as práticas clínicas e oferecer orientações mais precisas para a adaptação das intervenções ao longo do tempo.

A utilização dos "5 As" da PBE no contexto TPB e TB evidencia o valor de uma prática clínica estruturada e informada pela ciência. Além de melhorar os resultados terapêuticos, a adoção da PBE contribui para a consolidação da psicologia como uma ciência comprometida com a eficácia e a ética. Em suma, a discussão destes resultados sugere que a PBE não é apenas uma metodologia de tratamento, mas também um caminho para o fortalecimento da credibilidade científica da psicologia clínica e para a promoção de cuidados psicossociais de qualidade.

REFERÊNCIAS

American Psychological Association (2006). Evidence-based practice in psychology: APA presidential task force on evidence-based practice. American Psychologist*, 61*, 271-285.

Barlow, D. H., Boswell, J. F. & Thompson-Hollands, J. (2013). Eysenck, Strupp, and 50 years of psychotherapy research: A personal perspective. *Psychotherapy*, *50*, 77-87.

Basco, R. M., & Rush, J. (2009). Terapia cognitivo comportamental para transtorno bipolar: guia do terapeuta. *Artmed, 2*.

Beutler, L. E., & Johannsen, B. E. (2006). Principles of change. In J. C. Norcross, L. E. Beutler & R. F. Levant (Orgs.), Evidence-based practices in mental health: Debate and dialogue on the fundamental questions (pp. 226-234). Washington: American Psychological Association.

Beutler, L. E. (1979). Toward specific psychological therapies for specific conditions. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *47*, 882-897.

Castonguay, L. G. & Beutler, L. E. (2006a). Principles of therapeutic change: A task force on participants, relationships, and techniques factors. Journal of Clinical Psychology, *62,* 631-638.

De-la-Torre-Ugarte-Guanilo, M. C., Takahashi, R. F., Bertolozzi, M. R. (2011). Revisão sistemática: noções gerais. *Revista da escola de enfermagem da Usp, 45*(5), 1260-1266. https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000500033

Evidence Based Medicine Working Group (1992, Nov). Evidence-based medicine. A new approach to teaching the practice of medicine. *JAMA*, *268*(17), 2420-2425.

Gaudiano, B. A., Brown, L. A. & Miller, I. W. (2011). Let your intuition be your guide? Individual differences in the evidence-based practice attitudes of psychotherapists. *Journal of evaluation in clinical practice*, *17,* 628-634.

Goodheart, C. D., Kazdin, A. E. & Sternberg, R. J. (Orgs.). (2006). Evidence-based psychoterapy: Where practice and research meet. *Washington: American Psychological Association.*

Guyatt, G., Rennie, D., Meade, M. O., & Cook, D.J. (2015). Users' guides to the medical literature: *A manual for evidence-based clinical practice*. 3. ed. McGraw-Hill Education.

Kazdin, A. E. & Bass, D. (1989). Power to detect differences between alternative treatments in comparative psychotherapy outcome research. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *57*, 138-147.

Knapp, P., & Beck A.T. (2008). Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Rev. Bras. Psiquiatr, 30*(Supl II):54-64. DOI: 10.1590/51516-44462008000600002.

Leonardi, J. L., et al. (2024). *Prática baseada em evidências em psicologia clínica: fundamentos teóricos, questões metodológicas e diretrizes para implementação*. Manole.

Linehan, M. M., & Wilks, C. R. (2015). The course and evolution of dialectical behavior therapy. *American journal of psychotherapy, 69*(2), 97-110. https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.2015.69.2.97

Linehan, M. M. (2018). Treinamento de habilidades em DBT: manual de terapia comportamental dialética para o terapeuta. *Artmed, 2*.

Melnik, T., Carvalho, M. R. & Souza, W. F. (2014). A importância da prática da psicologia em evidências: aspectos conceituais, níveis de evidência, mitos e resistências. *Costarricense de psicologia*, *33*(2), 79-92. http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=476747238008

Miasso, A.L., Monteschi, M., & Giacchero, K.G. (2009). Transtorno afetivo bipolar: adesão ao medicamento e satisfação com o tratamento e orientações da equipe de saúde de um núcleo de saúde mental. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, *17*(4):548-556.

Morrow-Bradley, C., & Elliott, R. (1986). Utilization of psychotherapy research by practicing psychotherapists. American Psychologist, *41*, 188-197.

Neto, F.L. (2004). Terapia comportamental cognitiva para pessoas com transtorno bipolar. *Rev. Bras. Psiquiatr., 26*(3):44-46.

Norcross, J. C., Beutler, L. E. & Levant, R. F. (Orgs.). (2006). Evidence-based practice in mental health: Debate and dialogue on the fundamental questions. *Washington: American Psychological Association*.

Sneed, J.R., Fertuck, E.A., Kanellopoulos, D., & Culang-Reinlieb, M.E. (2012). Transtorno de personalidade borderline. In P. Sturmey & M. Hersen (Eds.), *Manual de prática baseada em evidências em psicologia clínica, Vol. 2. Transtornos adultos* (pp. 507–529). John Wiley & Sons, Inc. https://doi.org/10.1002/9781118156391.ebcp002022

Stuart, R.B., & Lilienfeld, S.O. (2007). A evidência ausente da prática baseada em evidências. *American Psychologist, 62* (6), 615–616. https://doi.org/10.1037/0003-066X62.6.615

Vásquez-Dextre, E. R. (2016). Terapia Dialéctico Conductual en el trastorno límite de personalidad: el equilibrio entre la aceptación y el cambio. *Revista de Neuro-Psiquiatría, 79*(2), 108-118.

A SILENCIOSA DEPRESSÃO MASCULINA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Fábio De Freitas Soares Junior – UNIFIP
Anna Lívia Cunha Lima Vitorino – UNIFIP
Bianca Letícia Brandão De Sousa Farias – UNIFIP
Maria Eduarda Azevedo De Lima – UNIFIP
Yasmin Vitória Siqueira Barbalho – UNIFIP
Brunno Alves de Lucena – UNIFIP

RESUMO: A depressão masculina é frequentemente subdiagnosticada, devido a estigmas e normas culturais que desincentivam os homens a buscar ajuda. Estudos indicam que, enquanto as mulheres buscam mais apoio psicológico, os homens evitam esse tipo de tratamento, para não demonstrar vulnerabilidade. Esse fenômeno é agravado por fatores psicossociais, como as expectativas de masculinidade que impõem aos homens o papel de serem fortes e resilientes, o que os leva a internalizar o sofrimento e a recorrer a substâncias como álcool para aliviar o sofrimento emocional. Além disso, fatores como relações conjugais problemáticas e ambientes de trabalho tóxicos também contribuem para o agravamento da depressão. Objetivou-se com essa pesquisa analisar os fatores que influenciam o desencadeamento ou a potencialização do transtorno depressivo em homens, bem como analisar as estratégias que auxiliam no cuidado e na adesão ao tratamento. A pesquisa destacou que, embora os homens busquem formas alternativas de apoio, como grupos de apoio, essas soluções não substituem o tratamento psicológico profissional. Como resultado, muitas vezes o quadro depressivo se agrava, podendo levar a consequências mais graves, como o suicídio. Para enfrentar esse problema, é crucial que políticas públicas incentivem a busca de tratamento e a desmistificação dos cuidados com a saúde mental masculina. O estudo recomenda campanhas de sensibilização e a adaptação dos serviços psicológicos para que sejam mais acolhedores, com o objetivo de aumentar a adesão ao tratamento e reduzir o estigma em torno da saúde mental dos homens.

Palavras-chave: Depressão; Saúde Mental; Saúde do Homem.

INTRODUÇÃO

A depressão é um dos transtornos mentais mais prevalentes e desafiadores da contemporaneidade, é amplamente reconhecida como uma das patologias com maior impacto global, afetando milhões de pessoas e sendo identificada como um problema de saúde pública. Sua relevância é reforçada pela ampla gama de sintomas que afetam a vida pessoal, social e profissional dos indivíduos, comprometendo sua qualidade de vida e produtividade (Dourado et al., 2018).

Para o diagnóstico, segundo o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), é necessário que o indivíduo apresente por pelo menos duas semanas consecutivas e em alta intensidade, cinco ou mais dos seguintes sintomas: pensamentos negativos, sentimento de culpa, irritabilidade, alterações no sono e apetite, fadiga, ideias suicidas, tentativas de suicídio, entre outros. As consequências desse transtorno afetam a saúde, além de repercutirem em aspectos econômicos e sociais, influenciando diretamente o indivíduo e todos ao seu redor. (American Psychiatric Association, 2014).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) é um dos transtornos que mais atinge a população mundial, estima-se que atualmente cerca de 350 milhões de pessoas convivam com depressão. No contexto brasileiro, os números são igualmente alarmantes: cerca de 11,5 milhões de

pessoas convivem com esse transtorno, o que representa um desafio significativo para o sistema de saúde pública do país e reforça a necessidade de políticas e programas de intervenção e suporte (Stopa et al., 2015).

No tocante ao sexo, a depressão tem uma incidência significativamente maior em mulheres, tornando os transtornos depressivos um dos problemas de saúde mental mais frequentemente diagnosticados nesse grupo (Yuasa, 2012), apresentando uma proporção de dois casos entre mulheres para cada caso entre homens diagnosticado (Abelha, 2014).

A explicação desse fenômeno envolve uma série de fatores biológicos, sendo as intensas alterações hormonais ao longo da vida das mulheres um dos principais responsáveis. Essas flutuações hormonais ocorrem em diferentes fases, como a menstruação, a gravidez e a menopausa, e podem influenciar significativamente o humor e a saúde mental, que podem aumentar a vulnerabilidade ao desenvolvimento de transtornos depressivos (Cardoso et al., 2024).

Além disso, essa relação entre o sexo feminino e a depressão também se estabelece por aspectos psicossociais, pois, historicamente, as mulheres têm ocupado posições de submissão em relação aos homens, assumindo obrigações sociais, como o cuidado com a casa e os filhos, além das exigências relacionadas à carreira profissional (Justo & Calil, 2006).

No entanto, outras pesquisas sugerem que a diferença observada entre os sexos não se deve exclusivamente a fatores biológicos ou psicossociais, mas sim a um enviesamento nos dados coletados, uma vez que essas investigações frequentemente dependem de autorrelatos. Autores como Nolen-Hoeksema e Girgus (1994), Parker et al. (2014) e Piccinelli e Wilkinson (2000) afirmam que homens tendem a atenuar a manifestação de possíveis sintomas de transtornos de humor, possivelmente devido à incongruência desses sintomas com as normas predominantes de masculinidade na sociedade, isso se deve ao fato de que, ainda existe um estigma relacionado ao sexo masculino e a demonstração de sentimentos. Ademais, os sintomas descritos nos manuais de classificação diagnóstica têm sido alvo de críticas pelo possível viés de gênero. Um exemplo notável é a identificação da tristeza pelo choro, uma reação mais comumente observada em mulheres (Windmöller & Zanello, 2016).

Nesse sentido, é possível observar nuances entre as manifestações dos sintomas de depressão entre homens e mulheres. As mulheres tendem a internalizar suas emoções, o que frequentemente leva ao desenvolvimento de comorbidades como ansiedade generalizada, fobias, distimia e transtorno de pânico. Já os homens, por sua vez, apresentam maior predisposição a comorbidades relacionadas ao abuso de álcool e substâncias ilícitas, muitas vezes utilizando-as como uma válvula de escape para lidar com o sofrimento psíquico (Guimarães et al., 2024).

Esse fenômeno ocorre porque a sociedade impõe ao homem um papel associado à força e à virilidade, desencorajando a expressão de fraquezas e emoções vulneráveis. Essa pressão social para

manter uma imagem de resiliência emocional faz com que muitos homens reprimam sentimentos e busquem alternativas prejudiciais para lidar com seu sofrimento, como o abuso de substâncias, e em casos extremos essa repressão dos sentimentos pode levar a casos de suicídio. (Zanello, 2020).

Um outro aspecto relevante é a relação dos homens com a sua própria saúde. É sabido que homens frequentemente evitam consultas médicas; como resultado, as doenças tendem a ser diagnosticadas em estágios mais avançados, o que resulta em prognósticos menos favoráveis e na diminuição da expectativa de vida. Essa desatenção em relação à saúde está profundamente enraizada em questões culturais, e a resistência em buscar tratamento decorre da percepção de que estar doente é uma fraqueza, o que contraria os ideais de masculinidade (Meirelles & Hohl, 2009).

Esse fenômeno não se restringe apenas à saúde física, mas também se estende à saúde mental. De acordo com de Souza Walger, Santos e Gulin (2022), a busca por profissionais de saúde mental é significativamente baixa entre os homens, o que contribui para a subnotificação de casos de depressão e outras condições psicológicas. Em comparação com o sexo feminino, as mulheres procuram quase duas vezes mais ajuda profissional para sua saúde mental do que homens. Esse quadro é influenciado por normas sociais e culturais que desestimulam homens a demonstrarem vulnerabilidade ou a buscarem apoio terapêutico, perpetuando barreiras para o diagnóstico e tratamento adequados. (Iaroseski & Kristensen, 2022).

A realização desse estudo, se justifica por oportunizar o conhecimento acerca dos desafios e das barreiras que os homens enfrentam na busca por saúde mental, auxiliando na desconstrução de estigmas e subsidiando o desenvolvimento de políticas públicas que promovam um ambiente de acolhimento e apoio genuíno para aqueles que convivem com a depressão.

As questões que norteiam este estudo traduzem-se nas seguintes questões: Portanto, a questão que se coloca é: Quais são os fatores que dificultam o diagnóstico e a adesão ao tratamento da depressão entre os homens, e de que maneira intervenções podem facilitar a busca por profissionais e promover um melhor entendimento sobre a depressão masculina?

Objetivou-se com essa pesquisa analisar os fatores que influenciam o desencadeamento ou a potencialização do transtorno depressivo em homens, bem como analisar as estratégias que auxiliam no cuidado e na adesão ao tratamento.

Além disso, a pesquisa também teve como objetivo identificar, na literatura científica, as principais barreiras culturais e sociais que dificultam o diagnóstico e o tratamento da depressão em homens, do mesmo modo explorar os fatores psicológicos que afetam a resistência masculina em buscar ajuda.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Esse tipo de pesquisa agrupa os conhecimentos mais atuais sobre um tema específico, a fim de analisá-lo criticamente, direcionando a prática e fundamentando-a em conhecimento científico (Souza et al., 2010).

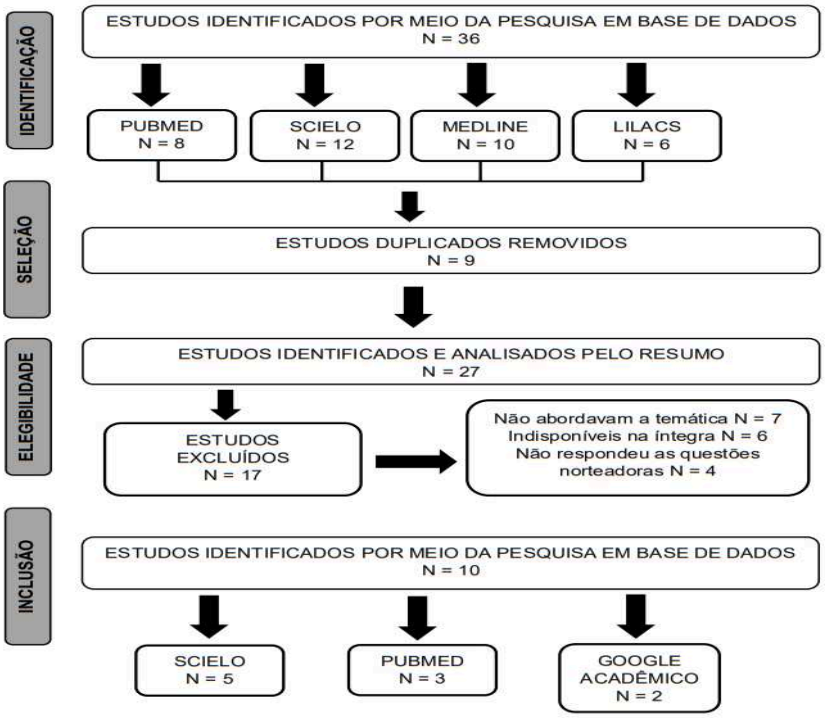
Desse modo, o estudo foi constituído de seis etapas: 1) elaboração da pergunta norteadora (definição dos descritores e critérios de inclusão e exclusão), 2) seleção dos artigos, 3) coleta de dados, 4) análise crítica dos estudos incluídos, 5) discussão dos resultados, 6) apresentação da revisão integrativa.

Inicialmente foi estabelecida a seguinte questão norteadora: "Quais são os fatores que dificultam o diagnóstico e a adesão ao tratamento da depressão entre os homens, e de que maneira intervenções podem facilitar a busca por profissionais e promover um melhor entendimento sobre a depressão masculina?

Os critérios de inclusão foram artigos disponíveis na íntegra e gratuitos sobre as evidências cientificas que tratem do de aspectos que possui uma potencial significativo para aumentar a vulnerabilidade ao desenvolvimento de transtornos depressivos; publicações das ciências da saúde classificadas como artigo original e revisões bibliográficas, divulgadas nas principais bases de dados – Medical Literature Analysisand Retrieval System Online (MEDLINE/PUBMED), LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SCOPUS, Google Acadêmico, bem como teses e dissertações veiculadas nas plataformas dos repositórios de instituições de ensino superior. Foram excluídos os estudos que não atendessem a questão norteadora. Não houve limitação para ano e idioma de publicação dos artigos.

Para o refinamento das buscas foram utilizados os descritores indexados na plataforma Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) a saber: Saúde mental; Depressão masculina; Saúde do homem. Depressão masculina; Saúde mental. Posteriormente, com intuito de ampliar o alcance na busca dos dados, foram pesquisados os descritores na língua inglesa indexados na plataforma Medical Subeject Headings (MeSH) sendo eles: a Men mental heath; Men depression; Men help-seeking. Dessa maneira, foram feitos os seguintes cruzamentos utilizando os operadores booleanos AND e OR: 1) Saúde mental AND Depressão masculina, 2) Saúde do homem AND depressão masculina AND saúde mental, as pesquisas foram realizadas nos meses de setembro a novembro de 2024.

Figura 1: Fluxograma do processo de identificação, seleção e inclusão dos estudos, Patos - PB, 2024



Para a terceira etapa, a coleta de dados, os estudos foram organizados em uma tabela a fim de categorizar as informações como identificação da publicação, bases de dados de extração, ano de publicação, país de publicação, delineamento metodológico, e as conclusões do estudo sobre o tema.

RESULTADOS

Após a análise inicial obedecendo aos critérios de elegibilidade, dez estudos formaram a amostra final da pesquisa, dos quais 80,0% foram publicados nos últimos cinco anos – 2020 (10,0%); 2021 (20,0%); 2022 (20,0%); 2023 (10,0%); 2024 (20,0%). Os estudos restantes foram publicados em 2018 (10,0%) e 2019 (10,0%). Esse dado destaca a importância de abordar a depressão masculina por meio de recursos que promovam o desenvolvimento emocional e favoreçam o bem-estar psicológico.

No que concerne ao idioma, a língua portuguesa predominou em 70,0% dos estudos, enquanto a língua inglesa esteve presente em 30,0%. Geograficamente, 70,0% dos estudos foram publicados na América Latina (Brasil), 20,0% em países da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) e 10% na Europa (Alemanha).

Em relação à metodologia utilizada, 40% dos estudos adotaram uma abordagem qualitativa, representando 4 pesquisas, enquanto 10% foram de abordagem mista, totalizando 1 estudo. Além disso, 30% dos estudos foram realizados como revisões integrativas (3 estudos) e 20% como revisões bibliográficas (2 estudos).

Para melhor visualização, o quadro 1 demonstra a caracterização de artigos incluídos no estudo de acordo com o título, ano de publicação, país de publicação, base de dados, tipo de estudo e suas principais conclusões sobre o tema.

Tabela 1. Caracterização dos Estudos Utilizados. Patos-PB, Brasil, 2024

Número	Título	Ano de publicação	País	Base de dados	Tipo de Estudo	Conclusões do Estudo
01	Adoecimento mental na população masculina: prevalência e fatores associados: revisão integrativa da literatura.	2024	Brasil	SCIELO	Revisão integrativa	A revisão mostra alta prevalência de transtornos mentais entre homens, dificultada por estigmas sociais que limitam a busca por ajuda.
02	Barriers and facilitators to depression care among Latino men in a primary care setting: a qualitative study.	2024	Estados Unidos	PubMed	Qualitativo	A masculinidade afeta o acesso de homens latinos ao tratamento para depressão, dificultando o reconhecimento e a busca por ajuda.
03	Mental health help-seeking behavior in men.	2023	Reino Unido	PubMed	Revisão bibliográfica	O artigo aborda como o silêncio, a invisibilidade e comportamentos mal adaptativos em homens afetam sua saúde mental e busca por ajuda.
04	Saúde Mental Masculina: um Estudo sobre a Procura por Auxílio Profissional.	2022	Brasil	SCIELO	Qualitativo	Os resultados do artigo indicam sofrimento mental entre homens e um distanciamento desse público em relação às práticas de autocuidado.
05	Determinantes sociais de saúde e associação com danos à saúde mental da população masculina.	2022	Brasil	SCIELO	Revisão integrativa	Destaca a baixa busca dos homens por autocuidado e serviços de saúde, fatores essenciais para a manutenção de sua saúde mental.
06	Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?	2021	Brasil	SCIELO	Revisão integrativa	O artigo conclui que a masculinidade influencia o sofrimento e os cuidados mentais dos homens, sugerindo um subdiagnóstico de transtornos mentais.
07	Saúde mental de homens na pandemia da COVID-19: há mobilização das masculinidades?	2021	Brasil	SCIELO	Misto	A pandemia de Covid-19 trouxe visibilidade à saúde mental masculina, fazendo com que os homens reconhecessem suas vulnerabilidades e expressassem suas emoções.
08	Suicídio e Depressão no Homem: Um Problema Subdiagnosticado?	2020	Brasil	Google acadêmico	Qualitativa	As taxas de depressão em homens podem ser subestimadas, pois eles relutam em relatar sintomas e buscam menos ajuda que as mulheres.
09	Depressão no gênero masculino	2019	Brasil	Google acadêmico	Qualitativa	A depressão masculina é frequentemente subdiagnosticada, pois muitos homens não reconhecem seus

						sintomas e evitam buscar tratamento.
10	Men's Mental Health: Social Determinants and Implications for Services	2018	Canadá	PubMed	Revisão bibliográfica	Este artigo sugere uma nova abordagem de saúde pública que considera fatores sociais que influenciam a saúde mental e critica os serviços existentes.

Após a análise dos artigos foi possível a construção de categorias temáticas com base nos objetivos deste estudo, sendo agrupadas em 2 categorias: 1) Fatores de risco para desencadeamento e potencialização da depressão masculina; 2) Estratégias de enfretamento da depressão masculina. A tabela a seguir permite a melhor visualização da síntese dos artigos:

Tabela 2. Categorização dos estudos. Patos. PB, Brasil, 2024

Categorização	Artigos
Fatores de risco para desencadeamento e potencialização da depressão masculina.	1, 2, 3,5, 8.
Estratégias de enfretamento da depressão masculina.	4,6,7,9,10.

DISCUSSÃO

As pesquisas evidenciaram que a depressão masculina é um problema subdiagnosticado, o que torna o sofrimento dos homens “silencioso” e evidencia um menor interesse em buscar ajuda psicológica em comparação com as mulheres. Com base nessa constatação, a pesquisa foi dividida em duas categorias:

Categoria 1: Fatores de risco para desencadeamento e potencialização da depressão masculina.

As questões psicossociais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e agravamento da depressão masculina, essas questões incluem fatores como expectativas culturais, pressão social e o preconceito envolvendo a vulnerabilidade do sexo masculino (De Almeida et al., 2010).

A sociedade impõe normas rígidas sobre masculinidade, mostrando que os homens devem ser fortes, resilientes e não podem demonstrar nenhum sinal de fraqueza, o que pode levar a repressão das suas emoções, esse tipo de preconceito faz com que a depressão se agrave e muitos homens sofram de forma velada (Windmöller & Zanello, 2016).

Outro fator desencadeante da depressão masculina é a relação com o trabalho. Em ambientes que promovem intensa competição e superexploração, o trabalho pode se tornar tóxico e prejudicial à saúde mental. Além disso, a baixa remuneração pode aumentar ainda mais o risco de estresse, ansiedade e agravar quadros depressivos (Correia & Rodrigues, 2017).

A relação com o cônjuge também exerce impacto significativo na saúde mental masculina. Problemas conjugais, conforme destacado por Souza Walger et al. (2022), são um fator relevante para o agravamento da depressão, levando homens com dificuldades no relacionamento a apresentarem maior vulnerabilidade emocional e a buscarem mais apoio psicológico.

Por fim, a dependência química está intimamente associada ao transtorno depressivo, sendo um facilitador para o desenvolvimento de doenças psiquiátricas como depressão e ansiedade. Essas condições comprometem a qualidade de vida e prejudicam os relacionamentos afetivos, especialmente entre o dependente e seus familiares (Abreu et al., 2014).

Categoria 2: Estratégias de enfretamento da depressão masculina.

A busca de homens por serviços de saúde mental é historicamente limitada e atravessada por barreiras culturais e psicológicas. Muitos evitam o apoio terapêutico devido ao estigma associado à vulnerabilidade, temendo que isso seja visto como fraqueza (Souza Walger et al., 2022). Esse estigma em torno da saúde mental masculina dificulta a identificação e o tratamento de distúrbios emocionais, perpetuando a ideia de que os homens devem lidar com seus problemas sozinhos.

Para aliviar o sofrimento, muitos recorrem ao álcool e outras drogas como uma estratégia de enfrentamento, buscando uma fuga temporária que proporciona alívio momentâneo das angústias (Swetlitz et al., 2024). Contudo, essa prática representa um risco significativo a longo prazo, pois o uso abusivo dessas substâncias tende a intensificar os sintomas depressivos e perpetuar o sofrimento emocional.

Em vez de enfrentar as causas da depressão, essa estratégia adia o tratamento adequado, criando um ciclo de dependência e agravamento dos sintomas (Silva & Melo, 2021).

Como alternativa ao apoio psicológico formal, muitos homens buscam grupos de apoio, como os Alcoólicos Anônimos, para aliviar o sofrimento. Segundo Reis et al. (2016), esses grupos oferecem um espaço acolhedor e compreensivo, onde os participantes podem compartilhar experiências e encontrar apoio entre pares.

Embora não substituam o tratamento psicológico profissional, esses grupos constituem uma rede de suporte importante, ajudando a gerenciar o sofrimento emocional e a fortalecer vínculos sociais positivos (Castro & Moreira, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo objetivou analisar a literatura científica sobre os impactos da depressão no sexo masculino. Para isso, foram selecionados artigos que destacam a depressão masculina como um transtorno frequentemente subdiagnosticado.

Os resultados revelam que, devido a estigmas e preconceitos relacionados ao conceito de masculinidade, muitos homens que desenvolvem sintomas depressivos evitam buscar ajuda psicológica e, em alguns casos, nem reconhecem os próprios sintomas. Em vez disso, é comum que recorram a outras formas para aliviar seus sintomas, como o consumo de álcool e outras substâncias, o que pode intensificar o quadro depressivo e, em casos mais graves, levar ao suicídio.

Uma limitação deste estudo é uma escassez de pesquisas sobre o tema, o que restringe comparações mais abrangentes com outras investigações. No entanto, espera-se que a identificação

dessa lacuna possa estimular a produção de novos estudos focados no subdiagnóstico da depressão em homens.

Almeja-se com esse estudo evidenciar o problema da saúde mental masculina e incentivar os homens a buscarem ajuda psicológica. Nesse contexto, recomenda-se que o governo federal implemente campanhas de sensibilização sobre a importância do cuidado com a saúde mental e que adapte os serviços de atendimento psicológico para que sejam mais acolhedores e acessíveis aos homens. Essas iniciativas são fundamentais para aumentar a adesão aos tratamentos, reduzir estigmas e incentivos.

REFERÊNCIAS

Abelha, L. (2014). Depressão, uma questão de saúde pública. *Cadernos Saúde Coletiva, 22*(3), 223-223.

Affleck, W., Carmichael, V., & Whitley, R. (2018). Men's mental health: Social determinants and implications for services. *Canadian Journal of Psychiatry. Revue Canadienne de Psychiatrie, 63*(9), 581–589. https://doi.org/10.1177/0706743718762388

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.* Artmed Editora.

Cardoso, R. S., Barbosa, A. L. P., Gonçalves, F. P., Naves, A. L. M. F., & Medeiros, J. P. M. (2024). Depressão pós-parto: Estudos socioeconômicos e transtornos mentais. *Cuadernos de Educación y Desenvolvimento, 16*(2 Edição Especial).

Cardoso, R. S., Barbosa, A. L. P., Gonçalves, F. P., Naves, A. L. M. F., & Medeiros, J. P. M. (2024). Depressão pós-parto: Estudos socioeconômicos e transtornos mentais. *Cuadernos de Educación y Desenvolvimento, 16*(2 Edição Especial).

Castro, W., & Moreira, L. (2022). Da loucura alcoólica à sanidade: a recuperação em alcoólicos anônimos. *Cadernos de Psicologia*, *3*(6).

Corrêa, C. R., & Rodrigues, C. M. L. (2017). Depressão e trabalho: revisão da literatura nacional de 2010 e 2014. *Negócios em projeção*, *8*(1), 65-74.

de Almeida, J. B. L., Sales, V. D. A., & De Lima, J. V. S. (2010). A invisibilidade da depressão em homens: há lugar para dor no masculino?. *AMAzônica*, *4*(1), 28-45.

de Morais, P. A., de Lira Silva, M., de Quental, O. B., & Oliveira, G. S. (2024). Adoecimento mental na população masculina: Prevalência e fatores associados: Revisão integrativa da literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 10*(9), 1633-1641.

de Souza Walger, C., Santos, A., & Gulin, L. (2022). Saúde mental masculina: Um estudo sobre a procura por auxílio profissional. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental, 11*(2), 52-67.

dos Santos Costa, F., da Silva, J. L. L., Teixeira, L. R., de Almeira, G. L., & Ramos, G. F. S. (2022). Determinantes sociais de saúde e associação com danos à saúde mental da população masculina. *Revista Pró-UniverSUS, 13*(1), 65-73.

Dourado, D. M., Rolim, J. A., de Souza Ahnerth, N. M., Gonzaga, N. M., & Batista, E. C. (2018). Ansiedade e depressão em cuidador familiar de pessoa com transtorno mental. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, 8*(1), 153-167.

Guimarães, Á. S., Dias, F. L. T., Mendonça, F. D., Pinto, G. M., Borges, I. S. C., Ramos, N. A., & de Oliveira, S. V. (2024). Suicídio entre homens: Um paradoxo de gênero. *Revista Sociais e Humanas, 37*, e53206-e53206.

Iaroseski Neto, G., & Kristensen, C. H. (2022). Quando homens vão à psicoterapia: Uma revisão de contextos e demandas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*.

Justo, L. P., & Calil, H. M. (2006). Depressão: O mesmo acometimento para homens e mulheres? *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), 33*, 74-79.

Meirelles, R. M., & Hohl, A. (2009). Saúde masculina: Tão negligenciada, principalmente pelos homens. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia, 53*, 899-900.

Mendes, M., Nogueira, V., Pereira, D., Fernandes, R., & Teixeira, J. (2020). Suicídio e depressão no homem: Um problema subdiagnosticado? *Acta Médica Portuguesa, 33*(11), 776-776.

Nolen-Hoeksema, S., & Girgus, J. (1994). O surgimento de diferenças de gênero na depressão durante a adolescência. *Psychological Bulletin, 115*(3), 424–443.

Organização Mundial da Saúde. (2020). *Relatório mundial sobre a saúde mental: Transformando a saúde mental para todos.* Organização Mundial da Saúde. https://www.who.int/publications

Parker, G., Fletcher, K., & Paterson, A. (2014). Diferenças de gênero na gravidade da depressão e sintomas entre subtipos depressivos. *Journal of Affective Disorders, 167*, 351–357.

Piccinelli, M., & Wilkinson, G. (2000). Diferenças de gênero na depressão. *British Journal of Psychiatry, 177*(6), 486–492.

PICKLER, C. D. (2019). Depressão no gênero masculino. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, 4*(4), 86-97.

Reis, S. C. R. T., da Silva, A. C., & Vicente, F. C. (2016). Alcoólicos anónimos. *Revista INFAD de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology.*, *2*(1), 375-384.

Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: Do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciência & Saúde Coletiva, 26*, 4613-4622.

Smith, G. D., & Hebdon, M. (2024). Mental health help-seeking behaviour in men. *Journal of Advanced Nursing, 80*(3), 851–853. https://doi.org/10.1111/jan.15869

Stopa, S. R., Malta, D. C., Oliveira, M. M. D., Lopes, C. D. S., Menezes, P. R., & Kinoshita, R. T. (2015). Prevalência do autorrelato de depressão no Brasil: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 18*, 170-180.

Swetlitz, N. (2021). Depression's problem with men. *AMA Journal of Ethics, 23*(7), E586–E589. https://doi.org/10.1001/amajethics.2021.586

Windmöller, N., & Zanello, V. (2016). Depressão e masculinidades: Uma revisão sistemática da literatura em periódicos brasileiros. *Psicologia em Estudo, 21*(3), 437-449.

Yuasa, C. S. (2012). *A depressão feminina no discurso de mulheres* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Zanello, V. (2020). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação.* Editora Appris.

PERDA GESTACIONAL: ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA PARTURIENTE E O SUPORTE DA EQUIPE DE SAÚDE NA ELABORAÇÃO DO LUTO

Yasmin Almeida de Sousa – UNIFIP
Danielle Gama de Oliveira – UNIFIP
Érica Nicodemos de Araújo – UNIFIP
Fabrynny Escarião Gomes – UNIFIP
Fernanda Rodrigues de Brito – UNIFIP
Maria Eugênia Sena de Lucena – UNIFIP
Brunno Alves de Lucena – UNIFIP

RESUMO: A gestação provoca mudanças significativas na vida da mulher, gerando expectativas e sonhos, que podem ser interrompidos por complicações ou pela perda gestacional. Essa situação causa grande sofrimento emocional, afetando a mulher e sua família, e impactando o equilíbrio individual e familiar. Este estudo teve como objetivo analisar a experiência da interrupção gestacional devido ao óbito fetal e refletir sobre o cuidado da equipe de saúde nesse contexto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, com coleta de dados por meio de entrevistas semi estruturadas e análise de conteúdo. Conclui-se que a perda gestacional representa um momento de vulnerabilidade física e emocional, podendo resultar em sentimentos como culpa, tristeza e trauma, que, se não tratados, podem levar a distúrbios psicológicos. O estudo sugere a necessidade de políticas públicas para capacitar profissionais de saúde no apoio à elaboração do luto nas mulheres que enfrentam a perda gestacional.

Palavras-chave: Luto; Perda Gestacional; Apoio Psicológico.

INTRODUÇÃO

A gestação acarreta transformações significativas na vida da mulher, sendo elas físicas, psicológicas, fisiológicas e sociais, uma vez que a fase é marcada por expectativas, idealizações e sonhos que tendem a aumentar conforme o período gestacional. Logo, torna-se necessário a reestruturação e adaptação dos papéis realizados por essa mulher, assim como, a adequação de sua relação conjugal e familiar, dos compromissos profissionais, e condições socioeconômicas. Essas transformações acarretam maior impacto nas mães primíparas, por vivenciar esses processos pela primeira vez, embora as multíparas também vivenciem com entusiasmo. (Piccinini et el., 2008; Silva et el., 2023).

Nesse contexto, existem possíveis intercorrências ou eventos que se consolidam como obstáculos para o prosseguimento da gestação, onde os pais tendem a vivenciar sentimento de impotência perante a morte e a privação da presença do filho, sendo essas situações dolorosas também para toda a unidade familiar, repercutindo diretamente no equilíbrio individual e familiar (Lopes et al., 2019).

Deste modo, a perda gestacional se caracteriza pela interrupção abrupta e inesperada de um embrião ou feto, antes da expulsão ou extração completa do corpo da mãe, independentemente do tempo de gestação. As estimativas mundiais anuais rondam os 2.6 milhões de ocorrências (WHO, 2022) e as causas relacionadas são infeções maternas, condições especificas da saúde materna (e.g.

hipertensão, diabetes), o prolongamento da gravidez para além do previsto, as anormalidades congênitas e a idade avançada da gestante (WHO, 2022).

Logo, esse processo de perda representa para mulher a desvalorização da autoimagem, a impossibilidade de gestar o próprio filho, além de interromper de forma brusca um projeto de vida, desencadeando sentimentos de inferioridade, fracasso e incapacidade. (Amador et al., 2019).

Visto que, a sociedade considera a maternidade como um papel natural da mulher, onde ser mãe é uma realização plena do feminino. (Lemos & Cunha, 2015). Apesar de ser uma temática recorrente e complexa no dia a dia dos hospitais e instituições de saúde do país, o número de pesquisas que se aprofundam na discussão acerca da perda gestacional é escasso.

Considerando esses aspectos, esse estudo buscou responder a seguinte questão de pesquisa: A perda gestacional incide negativamente sobre a saúde da mulher, desencadeando repercussões emocionais? A falta de suporte da equipe de saúde tem influência negativa no processo de elaboração do luto?

Acredita-se que a realização deste estudo se justifica por permitir o conhecimento dos fatores que favorecem as repercussões emocionais decorrente da perda gestacional, por meio das percepções e sentimentos materno, bem como por subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas que assegurem a capacitação de profissionais de saúde diante da perda gestacional auxiliando a elaboração do luto nas parturientes.

Objetivou-se com essa pesquisa analisar a experiência da interrupção da gravidez em decorrência do óbito fetal em puérperas e refletir acerca do cuidado prestado pela equipe de saúde frente à perda gestacional, bem como traçar o perfil sócio demográfico das puérperas, analisar as implicações da perda gestacional e os efeitos desta sobre a saúde mental em puérperas e analisar a percepção das puérperas acerca da assistência prestada por profissionais da saúde mediante o diagnóstico de óbito fetal.

MÉTODO

Delineamento de Hipóteses

Este estudo adota uma abordagem qualitativa descritiva e exploratória. O método qualitativo foi escolhido para compreender significados, práticas, crenças e valores que moldam as experiências humanas, conforme destacado por Minayo (2010), que enfatiza a importância de compreender a intencionalidade nas relações sociais.

O caráter descritivo da pesquisa visa identificar relações entre variáveis e classificar características da população ou fenômeno em questão (Marconi & Lakatos, 2010). A pesquisa exploratória busca aprimorar ideias e esclarecer o problema investigado, permitindo a constituição de hipóteses. A combinação de pesquisas descritivas e exploratórias permite uma aproximação das experiências vividas pelos participantes, através de entrevistas e análise de casos (Gil, 2010).

Este estudo parte do pressuposto de que a perda gestacional impacta negativamente a saúde mental da mulher e a unidade familiar, resultando em potenciais traumas.

Participantes

A amostra foi composta por 20 puérperas que vivenciaram perda gestacional, utilizando a estratégia de amostragem não probabilísticas Snow Ball. O primeiro participante divulgou a pesquisa para, pelo menos, três outras mulheres, que, por sua vez, indicaram mais participantes. A amostra foi definida com base no critério de saturação teórica, segundo Denzin e Lincoln (1994), conforme citado por Fontanella, Ricas e Turato (2008), onde a inclusão de novos participantes é suspensa quando os dados obtidos se tornam redundantes.

Instrumentos

Os dados deste estudo foram coletados por meio de uma entrevista semi estruturado, utilizando dois instrumentos.

O primeiro foi um questionário socioeconômico, elaborado pelo pesquisador, que abordou questões como idade, estado civil, hábitos de vida (atividade física, consumo de álcool e estimulantes) e redes de apoio. O segundo instrumento foi um roteiro de entrevista com perguntas abertas, desenvolvido com base em revisão da literatura, focado nas implicações da perda gestacional, seus efeitos na saúde mental das puérperas e a percepção delas sobre o atendimento prestado pelos profissionais de saúde.

Procedimentos

O processo de coleta de dados procedeu-se aos convites aos participantes realizado de forma presencial, e obedeceu às seguintes etapas: apresentação do pesquisador, apresentação do objetivo do estudo, sua temática e população alvo, por qual instituição ele está sendo feito e que consistia num projeto de graduação. Após esse primeiro momento foi exposto como seria realizada as entrevistas, e que as mesmas seriam gravadas e posteriormente transcritas, assegurando o rigor ético quanto ao anonimato e confidencialidade dos participantes e das falas conforme aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Após obter a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), as entrevistas foram agendada individualmente, gravadas e posteriormente transcritas, garantindo a ética em relação ao anonimato e à confidencialidade dos participantes. As entrevistas foram conduzidas de forma presencial, com duração estimada de 10 a 15 minutos. Em caso de recusa, foram feitas novas tentativas de agendamento.

Os dados foram coletados começando pelos registros sócio demográficos e, em seguida, pelas questões da pesquisa. Todo o material gravado foi armazenado em dispositivos de armazenamento e nuvem, seguindo um padrão de identificação para evitar perdas.

Aspectos Éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Patos - UNIFIP, com o parecer número 6.623.792 e CAAE76036723.1.0000.5181, conforme a Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016 (Brasil, 2016). Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado aos participantes, garantindo anonimato e o direito de desistir do estudo a qualquer momento sem penalizações.

Após a leitura e compreensão do TCLE, os participantes assinaram o documento, recebendo uma cópia digitalizada. A coleta de dados foi agendada previamente, respeitando as normas éticas estabelecidas.

Análise de Dados

Os dados sócio demográficos foram analisados por meio de estatística descritiva. Já as informações subjetivas, coletadas nas entrevistas, foram analisadas com o apoio do software IRAMUTEQ. Esse programa permite análise de textos a partir de um corpus textual, identificando padrões de vocabulário e agrupando palavras com base em sua frequência e similaridade. A análise utilizou a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) falar sobre a CHD (Camargo & Justo, 2013).

Para interpretar os dados, foi usada a análise de conteúdo de Bardin, dividida em três etapas: pré-análise, exploração e interpretação. Durante a pré-análise, as transcrições foram revisadas para entender nuances do discurso. Na exploração, foram identificados os temas com maior frequência, e, na interpretação, as categorias temáticas foram construídas para elaborar conclusões (Bardin, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O discurso das parturientes entrevistadas permitiu identificar os fatores que influenciam as repercussões emocionais da perda gestacional, com base nas percepções e sentimentos maternos. A pesquisa incluiu dados sobre características sócio demográficas, como idade, sexo, estado civil e escolaridade, além de informações sobre a perda gestacional, como o tempo gestacional da perda, número de gestações anteriores e uso de psicotrópicos. Os resultados são baseados em 20 puérperas que vivenciaram a perda gestacional em Brejinho/PE.

Os resultados mostraram que a maioria das mulheres participantes tinha entre 31 e 40 anos (70%), o que está de acordo com estudos que indicam que a idade materna avançada está associada a maiores riscos de complicações gestacionais, como hipertensão e diabetes, além de ser um fator de risco para a mortalidade infantil e natimortalidade (Maia et al., 2021).

Em relação à escolaridade, 60% das participantes tinham ensino médio completo, corroborando a tendência observada em estudos recentes de aumento de mães com esse nível educacional (Costa et al., 2022).

A perda gestacional ocorreu predominantemente no primeiro trimestre (50%), especialmente entre 8 a 12 semanas, resultado consistente com outros estudos sobre a alta incidência de perdas nesse período (Soares & Calçado, 2018).

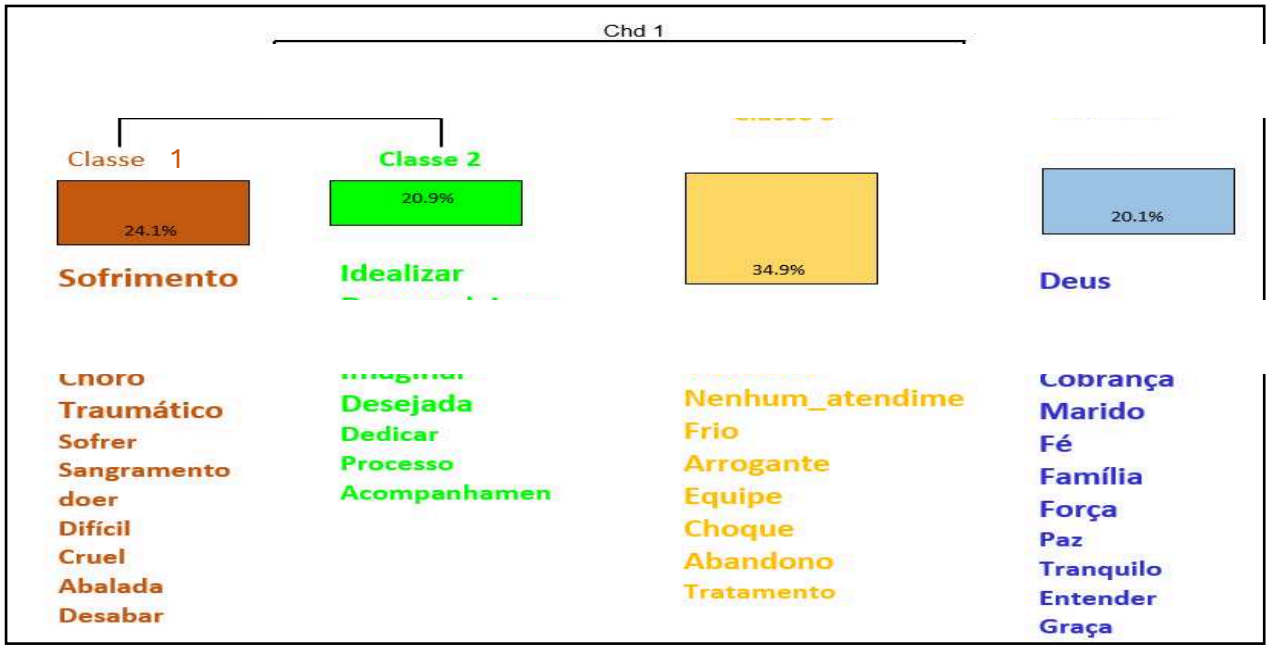
Quanto ao número de gestações, 65% das mulheres vivenciaram a perda na primeira gestação, o que é consistente com a literatura, que aponta maior risco de perda gestacional entre primigestas (Fidelis et al., 2022).

Quanto ao tipo de serviço, 65% das participantes buscaram atendimento no serviço público, o que pode ser explicado pelo impacto positivo da Rede Cegonha, que tem promovido melhorias na saúde materno-infantil, especialmente nas regiões Norte e Nordeste, reduzindo a mortalidade infantil (Santos et al., 2021).

A partir da utilização da Classificação Hierárquica descendente (CHD) ou o método de Reinert, o conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes, divididas em cores, que mostram quantas palavras estão presentes no corpus do texto, enquanto a percentagem indica a sua abrangência.

A CHD seccionou o corpus textual em 4 classes, o primeiro subcorpus (1ª partição) corresponde a CLASSE 1, com 24,1 % de segmentos de texto. A 2ª partição corresponde a CLASSE 2, com 20,9 % de segmentos de texto. A partição posterior corresponde a CLASSE 3 com 34,9 %. A última partição, corresponde a CLASSE 4, com 20,1 % de segmentos de texto. Essas classes estão identificadas no corpus total em análise, conforme pode ser observado abaixo (Figura 1):

Figura 1 – Dendrograma do corpus textual "Aspectos psicológicos da parturiente e o suporte da equipe de saúde". Brejinho, Pernambuco, 2024.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Com base nas classes de palavras evidenciadas pelo software IRAMUTEQ, obtêm-se as classes de palavras conforme a sua frequência e significância analisados a partir dos textos das entrevistas. Essas palavras são as que possuem maior significado e que foram mais proferidas pelos participantes das entrevistas. De acordo com as referidas classes têm-se a categorização de cada uma delas, bem como suas palavras que as representam e seu significado detalhado de acordo com sua classificação.

Assim, as classes e suas respectivas denominações serão apresentadas e desenvolvidas no texto de acordo o seu grau de significância, as quais representam a categorização das entrevistas e discutidos a partir do diálogo com a literatura científica.

3.3 Classe 1: As dores da Perda

A classe 1, denominada de "As dores da perda", evidenciam nas falas das entrevistadas às possíveis repercussões na saúde mental das puérperas, após a vivência da perda de um filho de modo repentino e inesperado. É possível observar, de acordo com a figura 1, que as palavras mais significativas da classe sinalizam o desencadeamento de um processo de respostas emocionais que tendem serem intensas e de longa duração, manifestando-se de diferentes maneiras.

A partir de então, a perda gestacional, apresenta um grande potencial traumático por ser incongruente com o que se espera para uma gestação (Hutti & Limbo, 2019).Nesse sentido, a exposição ou vivência de uma situação traumática durante o curso da gravidez, possibilita o desencadeamento de reações emocionais alterações de humor, tais como depressão, ansiedade, laços familiares rompidos, sentimento de culpa e outros distúrbios (Bernstein et al., 2022).

Percebe-se, a partir dos relatos seguintes, a vivência de situações de adoecimento expressa em sintomatologia, sendo manifestados de diferentes formas em cada puérpera, considerando as características individuais e que, por vezes, tais efeitos não são percebidos.

> [...] às vezes chorava sozinha, às vezes chorava com a família, pela saudade, por querer estar ela perto, porque é um sofrimento, entendeu? porque a dor é imensa, é uma dor que eu sei que vai ser, vai pro resto da vida [...]. (Orquídea)
>
> [...] Minha saúde mental já não era lá essas coisas, eu sinto que eu fiquei com medo de tudo, eu sempre já tive um medo, né, dá morte, de tudo, mas eu acho que eu fiquei mais assim, nervosa quanto a isso de tá sempre esperando alguma coisa ruim [...]. (Hortênsia)
>
> [...] chegou um tempo que eu não queria mais sair, naquele período ali eu não estava querendo sair de casa, porque toda vez que eu saía alguém vinha perguntar, e quando eu tinha que relembrar tudo aquilo que eu tinha passado [...]. (Rosa)

Nos relatos, é evidente as repercussões emocionais no psiquismo das puérperas, manifestos por sintomas e sinais. Assim, pode-se denotar que a perda do filho durante a gestação se constitui como sendo uma das experiências mais traumáticas para a mulher, e pode resultar numa crise intensa, com consequências para o bem-estar físico, psicológico e social da mesma.

Nesse sentido, Delgado et al. (2023), constataram em seu estudo que a perda gestacional repercute de forma negativa na saúde mental das puérperas, podendo desencadear sentimentos de impotência, raiva, dor intensa, sintomas depressivos, irritabilidade, isolamento social apatia, estresse crônico, ansiedade, estresse pós-traumático, confusão, sentimentos de culpa, ideações suicidas, fobias, diminuição na autoestima.

Corroborando com esses achados, Oliveira et al. (2021), relatam que a perda do filho ao longo da gestação pode causar doenças mentais como depressão e ansiedade e ser responsável pelo surgimento de sentimentos como medo, raiva e culpa. O sofrimento mental pode persistir se um novo aborto, por esta razão o cuidado mental é extremamente necessário neste grupo de mulheres.

3.4 Classe 2: Idealização da gravidez

A classe 2, denominada de "idealização da gravidez", a partir dos discursos de das participantes, pode-se perceber que idealização da gravidez é um fenômeno comum, onde as expectativas e fantasias sobre a experiência da gravidez e da maternidade são por vezes configuradas por influências culturais, sociais e pessoais. Esse processo pode influenciar significativamente a forma como a gravidez é vivenciada e pode ter várias repercussões emocionais.

O nascimento de um filho é um acontecimento que provoca profundas transformações na vida da mulher (Lemos & Cunha, 2015), com um potencial para promover uma maturidade individual. Desse modo, a mulher se dedica a um processo de construção de um espaço psíquico para o bebê, por meio da projeção e da idealização a partir da sua própria história (Piccinini et al., 2009). Além disso, ao longo do curso da gestação, o filho se desenvolve em seu corpo, o que promove adaptações físicas e deixa marcas singulares em sua existência.

O vínculo materno-afetivo com a gestação já é criado desde sua descoberta, a mãe passa a planejar sua vida de uma forma diferente. São muitas expectativas e sonhos criados para chegada desse novo ser, como retrata as falas a seguir:

> [...] então assim, foi a gente... justamente por ser a primeira gestação e ser uma coisa muito desejada, então foi um baque muito grande pra gente inicialmente [...] (Jasmim).

> [...] porque é muito difícil sabe, ela era nossa primeira filha, aquela coisa esperada, foi planejada [...] (Lírio).

> [...] você imaginara muito como seria, a gestação, como seria o rosto da criança né? O sexo, então a gente tem muita história na nossa mente referente a isso sabe? Como seria né? Qual seria o nome, como estaria agora [...] (Azaléia).

Notadamente, associada à gravidez está a expectativa do sucesso da mesma, com o nascimento de um bebê imaginado ao longo da gestação. Assim, quando a mulher não consegue realizar esse ideário materno acaba por sofrer psicologicamente por se frustrar. Muito antes da gravidez, a mulher interioriza o seu papel de mãe, sonha ter filhos. Após a concepção, o vínculo inscrito no sonho da mãe passa a ser realidade, entre a mãe e o feto, e intensifica-se (Camarneiro et al., 2015).

Ao considerar que o papel exercido na maternidade é percebido como uma função natural da mulher na sociedade, tem-se em mente que se tornar mãe é uma realização plena do feminino. Logo, quando a mulher não consegue desempenhar esta "competência natural" de gerar um bebê perfeito e saudável, é afetada, muitas vezes, por um sentimento de incompletude e inferioridade.

3.5 Classe 3: Suporte da equipe de saúde como obstáculo de enfrentamento

A classe 3, denominada 'Suporte da equipe de saúde como obstáculo no enfrentamento', apresenta a percepção das entrevistas sobre a falta de preparo profissional para lidar com a PG, bem como com seus aspectos clínicos e emocionais, e como os malefícios ocasionados pela falta de preparo profissional e pelo funcionamento dos serviços de saúde impacta negativamente no processo de elaboração do luto.

A literatura científica sobre o tema, tem evidenciado que o cuidado ofertado pela equipe de saúde após uma PG tem impactos de modo longitudinal sobre os pais enlutados, podendo favorecer processos de resiliência ou dificultá-la (Serafim et al., 2021).

É possível apreender por meio dos relatos das entrevistadas, o quanto a falta de preparo, acolhimento e de humanização dos profissionais de saúde, potencializa ainda trauma vivenciado por essas mulheres, como pode ser visto a seguir:

> [...] Ele só fez olhar para mim e disse, tem bebê vivo na sua barriga mais não, porque eu não estou ouvindo batimento. Foi curto e grosso [...] (Íris).
>
> [...] Foi pro médico especialista, e ele era extremamente grosseiro. E ele foi muito grosso. Ele foi extremamente grosso. E ele só disse que não tinha mais bebê, embora eu já imaginasse que realmente não tinha, porque eu tava sentindo muitas dores, então eu já sabia que não tinha. Aí... no meu íntimo eu sabia que não tinha, mas aí quando fez a ultrassom que ele me confirmou... Ele foi...Grosseiro, extremamente grosseiro [...] (Dália)

É perceptível nos discursos, as falhas na comunicação da notícia de morte, caracterizados pela pouca habilidade da equipe em manejar e acolher a dor do outro, denotando a falta de preparo, sinalizando para a importância de treinamento para a transmissão de notícias difíceis de forma que o profissional tenha confiança para estabelecer essa função. Para tanto, deve ser requerido que os profissionais sejam qualificados para oferecer acolhimento e suporte emocional, assim como ter uma postura ética e acolhedora para que às puérperas e seus familiares sintam segurança.

Ratificando os achados nesse estudo, Pereira et al. (2018) identificou que as equipes de saúde não estão qualificadas para a comunicar e nem para prestar suporte emocional às mulheres que vivenciam perda gestacional, requerendo assim capacitação profissional e de estratégias institucionais que ofereçam esse cuidado especializado. Portanto, é fundamental um processo de educação permanente em saúde de modo contínuo bem como a oferta de cursos específicos que visem a melhoria da atenção e das relações de cuidado.

3.6 Classe 4: Os recursos de suporte frente à perda gestacional

A classe 4, nomeada "Os recursos de suporte frente à perda gestacional", apresenta a importância da espiritualidade e da presença dos companheiros e familiares nesse processo da perda e elaboração do luto. Frente a um momento de perda a rede de apoio torna-se um recurso emocional diante da dor. O apoio social, assim como a boa relação conjugal se consolida como um importante recurso para o ajustamento depois da perda. De igual modo, a espiritualidade, independentemente da crença, também se mostrou um recurso de apoio importante para as puérperas.

É sabido que a perda gestacional é um evento inesperada que posiciona a mulher frente à sua impotência e vulnerabilidade. Diante disso, o apoio do parceiro, e ou da família, são aspectos concebidos como fonte de cuidado e segurança favorecendo que a puérpera se sinta acolhida. Assim, se pode minimizar a sensação de estar solitária ao longo do processo da perda gestacional, conforme as falas a seguir:

> [...] eu vi que estava morto, caiu a ficha, assim, aí eu só fiz, pedir a Deus, eu disse é Deus... seja feita sua vontade agora, só isso [...] (Íris).
>
> [...] Nos primeiros dias eu me sentia bem pra baixo sabe? Mas aí eu disse, tá nas tuas mãos Senhor, porque se Deus viu que não era pra mim ter, eu dizia sempre assim, quando eu descobri que eu tava com essa doença, eu dizia Senhor tá nas tuas mãos, se for pra mim ter, que venha com saúde e se o Senhor acha que não é pra mim ter, que aconteça alguma coisa pra que nem se gere [...](Lótus).
>
> [...] Eu questionava porque eu queria tanto e eu não tinha. Depois eu entendi, né? Que era no tempo de Deus [...] (Dália).

Por meio das falas, foi possível constatar que as participantes demonstraram que as crenças espirituais foi um fator fundamental para o enfrentamento do sofrimento psíquico, onde as crenças das participantes, se constituiu como um aspecto capaz de ressignificar a situação vivenciada, seja nos aspectos da conformidade ou esperança de modificação dos acontecimentos. A cerca disso, Kalu (2019) descreve em seu estudo que a religiosidade pode favorecer uma percepção de significado, propósito e conforto capaz de auxiliar de modo positivo a reestruturação da identidade da mulher e em sua análise sobre o evento doloroso vivenciado.

De modo análogo, os achados de Martins et al. (2020) aludem que a utilização do aspecto religioso por meio da elaboração de justificativas e significados espirituais como resposta de enfrentamento, interpretação ou adaptação à PG, se conformou em uma forma de encontrar alívio emocional e também compreender a morte do filho. No tocante a conformidade, tem-se um reconhecimento da falta de controle frente a situação, necessitando, portanto que houvesse uma intervenção divina, enfatizando as percepções de mulheres em situação de abortamento espontâneo (Carvalho et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se com essa pesquisa analisar as implicações da experiência da interrupção da gravidez em decorrência do óbito fetal e os efeitos desta sobre a saúde mental em puérperas e refletir acerca da assistência prestada por profissionais da saúde mediante o diagnóstico de óbito fetal.

Dentre os achados destaca-se que a Perda Gestacional se configura como um momento de extrema vulnerabilidade física e emocional, desencadeando diversos sentimentos na vida da mulher, como culpa, tristeza, ansiedade, trauma, e quando não são manejados podem desencadear síndromes depressivas, ansiosas, e transtorno de estresse pós-traumático, assim como desenvolver medo e dificuldades psicológicas diante de uma nova gravidez. Notadamente, associada à gravidez está a expectativa do bom êxito da mesma, com o nascimento de um bebê imaginado ao longo da gestação. Assim, quando a mulher não consegue obter sucesso do seu ideário materno, acaba por sofrer psicologicamente por se frustrar.

Foi possível perceber que as repercussões emocionais identificadas nas participantes, foram potencializadas pela lacuna na assistência humanizada da equipe de saúde. Destaca-se o modo como se deu o processo de comunicação da perda gestacional, retratado pelas participantes como evento traumático com grande potencial de sofrimento, devido as falhas na comunicação da notícia, resultante da falta de habilidade e de preparo da equipe para a transmissão de notícias difíceis.

REFERÊNCIAS

Amador, D. G., Astarita, J. G. D. A., Santos, M. M. D., Aguiar, N. S., Santos, C. S. S. D., & Salle, A. G. (2019). Atuação do psicólogo no óbito fetal em um hospitalescola. *[Anais]*. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/ 10183/222574/001104244.pdf?sequence=1.

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, P. 229.

Bernstein, Christofer Adiel et al. (2022). "Impacto psicológico no pós-aborto espontâneo: uma revisão narrativa." Promoção e proteção da saúde da mulher. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, p. 135-150. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/236714.

Brasil. (2016) Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf.

Camacho-Ávila, et al. (2019); Almeida, F. de A., Moraes, M. S., & Cunha, M. L. (2016). Taking care of the newborn dying and their families: Nurses' experiences of neonatal intensive care. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 50 Spec, 122–129. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000300018

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. Temas em Psicologia, 21(2), 513–518. Disponível em: https://doi.org/10.9788/tp2013.2-16.

Camarneiro, A. P. F., Maciel, J. C. S. C., & da Silveira, R. M. G. (2015). Vivências da interrupção espontânea da gravidez em primigestas no primeiro trimestre gestacional: um estudo fenomenológico. Revista de Enfermagem Referência, 4(5), 109-117. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3882/388241 158015.pdf.

Carvalho S, C., Stabnow Santos, F., Sousa Siqueira, L., Siqueira Santos, L. F., Santos Neto, M., & Pascoal, L. M. (2021). Vivências e percepções de mulheres em situação de abortamento espontâneo em maternidade pública. Revista Científica de Enfermagem-RECIEN, 11(36). Disponível em: https://doi.org/10.24276/ rrecien2021.11.36.490-497.

Costa, E. L. N., Levandowski, D. C., & Grzybowski, L. S. (2022). Perfil de puérperas e satisfação com assistência em saúde materno-infantil. Revista Psicologia e Saúde, 91-105. Disponível em: https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/1379.

Delgado, L., Cobo, J., Giménez, C., Fucho-Rius, G. F., Sammut, S., Martí, L., Lesmes, C., Puig, S., Obregón, N., Canet, Y., & Palao, D. J. (2023). Initial Impact of Perinatal Loss on Mothers and Their Partners. International journal of environmental research and public health, 20(2), 1304. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph20021304.

Fideles, A. A. D., Miranda, H. D., Resende, M. M., Tissi, M. M. G., Dias, A. M. N.,

Fontanella, B. J. B.; Ricas, J.; Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24 (1) 17-27, Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf.

Gil, A. C. (2010) Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas S.A,184 p.

Hutti, M. H., & Limbo, R. (2019). Using theory to inform and guide perinatal bereavement care. MCN The American Journal of Maternal/Child Nursing, 44(1), 20-26. Disponível em: https://doi.org/10.1097/NMC.0000000000000495.

IBGE. (2023). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/brejinho/panorama.

Kalu, F. (2019). Women's Experiences of Utilizing Religious and Spiritual Beliefs as Coping Resources After Miscarriage. Multidisciplinary Digital Publishing Institute, Irlanda, v. 10, n. 3, DOI: 10.3390/rel10030185. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331706961_Women's_Experiences_of_Utilizing_Religious_and_Spiritual_Beliefs_as_Coping_Resources_After_Miscarriage.

Lemos, L. F. S., & Cunha, A. C. B. (2015). Concepções sobre morte e luto experiência feminina sobre a perda gestacional. Psicologia: Ciência e Profissão, 35(4), 19823703. Disponível em: https://doi. org/10.1590/1982-3703001582014.

Lemos, L. F. S., & Cunha, A. C. B. (2015). Concepções sobre morte e luto experiência feminina sobre a perda gestacional. Psicologia: Ciência e Profissão, 35(4), 1982-3703. Disponível em: https://doi. org/10.1590/1982-3703001582014.

Lemos, L. F. S., & Cunha, A. C. B. da. (2015). Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional. *Psicologia Ciência e Profissão*, *35*(4), 1120–1138. https://doi.org/10.1590/1982-3703001582014.

Martins, K. C. S.; Silva, M. G. V. (2020). Entre o bebê imaginário e o real: a elaboração do luto materno frente ao filho com necessidades especiais. LUMEN, Recife, v. 29, n. 1, p. 97-108. Disponível em: http://dx.doi.org/10.24024/23579897 v29n12020p970108.

Mendes, N. D. E., ... & Loures, L. F. (2022). Causas evitáveis de morte fetal na

Oliveira EC, Cruzeiro IK, Garcia GM, Paiva SP. (2021) .Perda gestacional de repetição:aspectospsíquicos e terapias comportamentais. Femina. 2021;49(12):699-704. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/02/1358207/femina-2021-4912-699-704.pdf.

Pereira, M. U. L. et al . (2018). Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos. Rev. Paul. Pediatr., São Paulo, v. 36, n. 4, p. 422-427. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rpp/v36n4/0103-0582-rpp-2018-36-4-00013.pdf.

Piccinini, C. A., Lopes, R. S., Gomes, A. G., & De Nardi, T. (2009). Gestação e a constituição da maternidade. Psicologia em estudo, 13, 63-72. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100008.

Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, MG-Brasil, no período de 2017 a 2019. Brazilian Journal of Health Review, 5(1), 1518-1535. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/43067.

Serafim, T., Camilo, B., Carizani, M., Gervasio, M., Carlos, D., & Salim, N. (2021). Atenção à mulher em situação de óbito fetal intrauterino: vivências de profissionais da saúde. Revista Gaúcha de Enfermagem, 42, 1-12. Disponível em: https:// doi.org/https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200249.

DESDOBRAMENTOS PSICOSSOCIAIS DA PANDEMIA DE COVID-19 EM TRABALHADORES DA ATENÇÃO PRIMÁRIA NO INTERIOR DA PARAÍBA

Joamille Benigno dos Santos – UNIFIP
Fernanda de Oliveira Marinho – UNIFIP
Mikévilly Martins Lima Pereira – UNIFIP
Nathalia Costa Da Gama – UNIFIP
Brunno Alves de Lucena – UNIFIP

RESUMO: Durante a crise da COVID-19, os trabalhadores da Atenção Primária à Saúde enfrentaram desafios além de suas rotinas, lidando com a escassez de recursos para atender à alta demanda de pacientes infectados, o que aumentou o sofrimento psíquico. Esta pesquisa analisou os impactos da pandemia na saúde mental desses profissionais em um município da Paraíba, utilizando uma abordagem qualitativa com entrevistas semiestruturadas. A análise dos discursos, realizada com o software IRAMUTEQ, revelou três classes temáticas: experiências profissionais durante a pandemia, satisfação em contribuir para o enfrentamento da crise, impactos na saúde mental, incluindo angústia e medo. O estudo sugere que o reconhecimento da atuação dos profissionais foi um fator de proteção à sua saúde mental e destaca a necessidade de políticas públicas eficazes para prevenir riscos à saúde dos trabalhadores.

Palavras-chave: Atenção Primária em Saúde; COVID-19; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, um surto de pneumonia sem causa definida emergiu em Wuhan, China, levando à identificação do SARS-CoV-2, causador da COVID-19 (Schmidt et al., 2020). A doença se espalhou rapidamente, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar uma pandemia em março de 2020 (WHO, 2020). O Brasil notificou seu primeiro caso em fevereiro de 2023, e, em poucos meses, o vírus se espalhou por todas as regiões do país, pressionando intensamente os sistemas de saúde (Lima, 2020), medidas de proteção, como isolamento social e uso de máscaras, foram adotadas, mas tiveram grande impacto no cotidiano e na saúde mental, afetando hábitos e comportamentos (Malta et al., 2020).

No entanto, os profissionais de saúde continuaram expostos a situações estressantes, como o risco de infecção, exaustão e isolamento social (Barreto, 2021). Frente à esse cenário, a Atenção Primária à Saúde (APS) mostrou-se fundamental no enfrentamento da pandemia, realizando triagens e monitoramento de casos leves, embora tenha sofrido com a fragilidade de políticas e recomendações (Giovanella et al., 2021). A APS, que já era um recurso importante em outras epidemias, tornou-se essencial durante a COVID-19, com 80% dos casos leves sendo tratados nesse nível de atenção (OPAS, 2020).

Consequentemente, o aumento da demanda obrigou os trabalhadores da APS a enfrentar rotinas extenuantes, bem como a falta de recursos e jornadas prolongadas, afetando sua saúde mental (Schwartz et al., 2020). O ambiente de trabalho, que já possuía alta carga emocional, tornou-se ainda mais desafiador, resultando em sentimentos de angústia e esgotamento (Fernandes, 2020).

Este estudo justifica-se por permitir o conhecimento dos riscos psicossociais de um ambiente ocupacional que presta assistência à saúde e compreender a possibilidade de uma ameaça para a saúde do trabalhador. Uma vez que a falta de reconhecimento, a omissão ou a má gestão de tais riscos possibilitam a manutenção do trabalhador em exposição contínua, agravando a sua condição de saúde e interferindo no processo de trabalho.

Dessa forma, os problemas que norteiam este estudo traduzem-se nas seguintes questões: O trabalhador de saúde que atuam na APS reconhece os riscos psicossociais que foram influenciados pela atuação profissional durante a pandemia de COVID-19, no ambiente de trabalho? Qual a relação entre repercussões psicossociais em trabalhadores de equipes de atenção básica que atuaram no contexto de pandemia?

Este estudo parte do pressuposto que o processo de trabalho na APS durante a crise sanitária decorrente COVID-19 favoreceu o desencadeamento de crises e outros agravos nas condições psíquicas dos seus trabalhadores. O objetivo dessa pesquisa foi de analisar as implicações que a atuação profissional durante o curso da Pandemia da COVID-19 acarretou na saúde mental dos trabalhadores da Atenção Primária à Saúde, em um município do interior da Paraíba.

MÉTODO

Delineamento e Hipótese

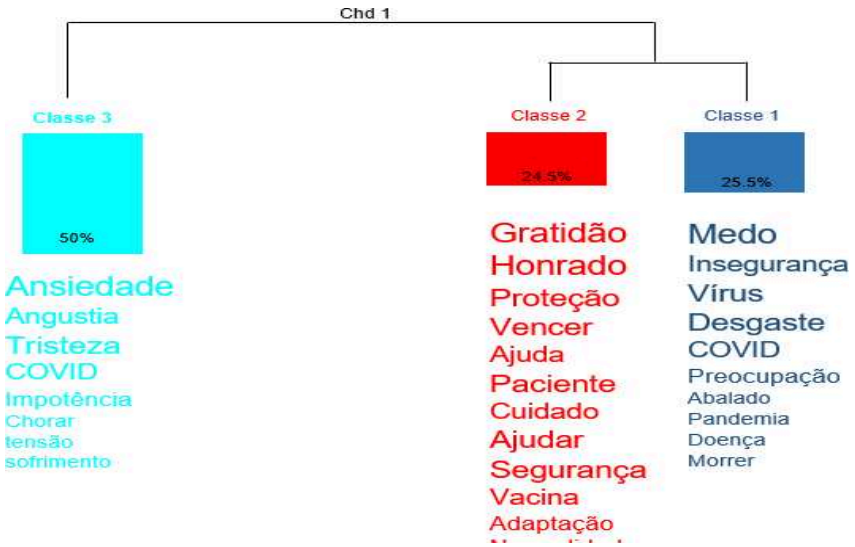
Neste estudo o empreendimento metodológico se deu através de abordagem qualitativa do tipo descritivo e exploratório. A escolha do método qualitativo deu-se pela perspectiva de compreender significados e práticas, motivos, percepções, crenças, valores, hábitos e atitudes, permitindo um aprofundamento das relações humanas, dentro de uma rede complexa, não perceptível e não passível de captações pela estatística, uma vez que, conforme Minayo (2010).

Análise lexicográficas por meio do IRAMUTEQ

O *corpus* geral da pesquisa foi constituído por 37 textos, separados em 193 segmentos de texto (ST) e com aproveitamento de 175 segmentos de texto (90.60%). Emergiram 5.563 ocorrências (palavras ou vocábulos), sendo 961 palavras distintas e 527 palavras com única ocorrência (hápax).

A análise lexicográfica, utilizando a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) ou método de Reinert, categorizou o conteúdo em quatro classes, representadas por cores, que indicam a quantidade de palavras no corpus e a percentagem de abrangência. A CHD dividiu o corpus em 4 classes: a CLASSE 1, correspondendo a 25,5% dos segmentos de texto; a CLASSE 2, com 24,5%; e a CLASSE 3, abrangendo 50,0% dos segmentos. Essas classes estão distribuídas no corpus total em análise, como ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Dendrograma do corpus textual. Maturéia, Paraíba, 2023.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Com base nas classes de palavras geradas pelo software IRAMUTEQ, as categorias foram definidas pela frequência e importância das palavras mencionadas nas entrevistas, refletindo as questões mais significativas para os participantes. Cada classe foi categorizada e suas palavras analisadas conforme a classificação. No texto, essas classes serão apresentadas em ordem de relevância e discutidas em diálogo com a literatura científica.

Classe 1: A atuação profissional durante o curso da pandemia de COVID-19

A Classe 1, "A atuação profissional durante o curso da pandemia de COVID-19", destaca as experiências dos profissionais de saúde durante esse período. Os relatos revelam que a incerteza em relação à COVID-19, o risco de contaminação e a escassez de recursos nas Unidades Básicas de Saúde geraram medo e insegurança, que se tornaram obstáculos significativos para o desempenho profissional, como ilustrado nos relatos a seguir:

"[...]O medo de ser infectado pelo vírus eram grandes e a higienização e limpeza das mãos era com frequência e também o uso de álcool e máscara que acabaram se tornando algo rotineiro" Trabalhador 7

"Durante a pandemia meu estado psicológico ficou cheio, por causa do medo da insegurança. Passei 22 dias sem ver minha família e sem ver a minha filha também o medo de me infectar, a população nos procurava bastante através de informações que às vezes nós não sabíamos" Trabalhador 2

A falta de serviços complexos em pequenos municípios fez das Unidades Básicas de Saúde o primeiro ponto de atendimento para casos de COVID-19, expondo seus profissionais a pacientes suspeitos ou confirmados e desencadeando transtornos emocionais. Reiser et al. (2023) destacam que, durante a pandemia, esses profissionais se tornaram mais vulneráveis a problemas como medo, ansiedade, estresse e sobrecarga. Além disso, o impacto da COVID-19 causou desgaste físico devido ao aumento da carga horária e das demandas de atendimento, como ilustrado nos relatos a seguir:

"No período crítico da pandemia, a gente realmente teve um aumento na carga horária, tivemos que manter barreiras nas entradas e saídas da cidade, tivemos que higienizar veículos que entravam e saíam e na questão vacina, vacinamos no período da noites e fizemos agendamento de pessoas de acordo com as faixas etárias no início da campanha." Trabalhador 9

"Teve um aumento de atendimento, pois eles misturaram todos os atendimentos consultas e pacientes com sintomas de COVID." Trabalhador 22

Góes et al. (2022) apontam que a crise da COVID-19 intensificou a sobrecarga e o desgaste físico e mental dos profissionais de saúde, exacerbando fatores estressores, como a carga horária exaustiva. Da mesma forma, Silva et al. (2023) observaram que o aumento das horas de trabalho e mudanças na rotina provocaram um fardo emocional, amplificado pelo medo de contágio e preocupações familiares. Esses fatores resultaram em sofrimento emocional, elevando a percepção de complexidade e incerteza da situação, como ilustrado na seguinte fala:

"Por se tratar de uma doença que não tínhamos tanto conhecimento para lhe darmos no dia a dia e mesmo assim não poderia deixar a população descoberta [...] foi nesse período que iniciei crises de ansiedade evoluindo para uma depressão." Trabalhador 30

Profissionais de saúde, especialmente de enfermagem, enfrentaram preocupação e medo intensos durante a pandemia, temendo tanto sua contaminação quanto a possibilidade de transmitir o vírus a familiares. Estudos, como o de Ramos et al. (2020), mostram que surtos de doenças infecciosas, como a COVID-19, podem sobrecarregar sistemas de saúde e gerar emoções como angústia, medo e incerteza entre esses trabalhadores.

Classe 2: A satisfação dos Profissionais decorrente da atuação durante a Pandemia

A Classe 2, "A satisfação dos Profissionais decorrente da atuação durante a Pandemia", explora os sentimentos de gratidão, proteção e superação dos profissionais de saúde, evidenciando sua satisfação e senso de dever ao atuar na linha de frente. A satisfação profissional é subjetiva e complexa, influenciada por fatores internos e externos, variando conforme cada trabalhador e suas circunstâncias (Dick et al., 2018). A capacidade de atender às demandas dos usuários também contribuiu para essa satisfação, motivando os profissionais a persistirem em seu trabalho, mesmo diante do risco de contaminação, conforme relatado por eles:

"Sinto-me feliz e grato por ter sobrevivido e ter ajudado muitas pessoas no curso da maior pandemia da história mundial"

Trabalhador 33

"Me sinto orgulhoso em saber que fiz parte da equipe de saúde que ajudou a salvar vidas mesmo colocando a minha própria vida em risco, mas foi gratificante mesmo sabendo dos riscos." Trabalhador 25

"Sinto-me com a sensação de dever cumprido, porém ainda vigilante" Trabalhador 12

A maioria dos profissionais avaliados apresentou níveis satisfatórios de satisfação, especialmente em relação à responsabilidade social, qualidade dos serviços e atendimento aos usuários. Esses achados estão alinhados com o estudo de Lessa dos Santos et al. (2021), que observou satisfação entre profissionais de uma UTI em virtude da assistência prestada. Ademais, o reconhecimento da população foi um fator crucial para essa satisfação durante a pandemia, conforme relatado pelos profissionais:

Me sinto grata por muitas vezes não ter apoio da Secretaria de saúde, somos bem restritos, conseguir trazer alívio para muitas pessoas faz com que eu fique grata, principalmente quando eu recebia mensagens de agradecimentos que o paciente tinha conseguido sair do hospital com vida era gratificante" Trabalhador 1.

"Me sinto honrado em ter conseguido ter atendido, ter realizado alguns procedimentos e ao mesmo tempo ouvir relatórios de pessoas que estavam sofrendo com perdas e conhecidos doentes devido ao vírus, mas tudo isso sendo feito seguindo todas as orientações e cuidados." Trabalhador 3

O reconhecimento dos usuários é fundamental para aumentar a motivação e satisfação dos profissionais de saúde, contribuindo para sua identidade e saúde mental (Dejours, 2019). Um maior reconhecimento leva a uma satisfação profissional mais intensa, funcionando como um fator protetor contra doenças ocupacionais (Carvalho et al., 2018). Essa satisfação vai além de recompensas financeiras, gerando um sentimento de realização (Brito et al., 2018) e permitindo que os trabalhadores ressignifiquem dificuldades e transformem o sofrimento laboral (Mendes et al., 2014).

Classe 3: O impacto da pandemia na saúde mental dos profissionais de saúde

A Classe 3, "O impacto da pandemia na saúde mental dos profissionais de saúde", analisa as repercussões emocionais vivenciadas durante esse período. As entrevistas revelaram que esses profissionais enfrentaram crises de ansiedade, episódios depressivos, angústia, medo e isolamento, resultando em alterações psicossomáticas. O ambiente de trabalho se tornou um estressor, causando sobrecarga psíquica, insatisfação e sofrimento, o que afetou a qualidade dos serviços prestados. Essa constante exposição ao estresse gerou mudanças comportamentais e o surgimento de transtornos emocionais, conforme evidenciado nas falas a seguir:

"Com toda a certeza e estado mental foi abalado falta de reconhecimento principalmente financeiro a parte emocional ansiedade aflorou e fiquei mais reservada e introspectiva". Trabalhador 19.

"Durante a pandemia desenvolvi ansiedade que reflete no meio-dia a dia até hoje também síndrome de burnout onde fiquei afastada por 1 mês e em tratamento psiquiátrico" Trabalhador 27

"Me sinto ansiosa sempre preocupado com o que vai acontecer" Trabalhador 34

Os relatos dos participantes indicam que a pandemia de COVID-19 provocou um estado de pânico coletivo entre os trabalhadores, gerando angústia, insegurança e medo persistentes (Hossain et al., 2020). Ramírez-Ortiz et al. (2020) destacam que o medo elevou o estresse e a ansiedade,

piorando os sintomas em pessoas com transtornos mentais pré-existentes. Sentimentos de tristeza e choro predominam, refletindo os altos níveis de estresse observados por Wang et al. (2020) entre médicos e enfermeiros, evidenciando um processo de adoecimento em um ambiente de trabalho exaustivo e insustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo examinar as implicações da atuação profissional durante a pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental dos trabalhadores da Atenção Primária à Saúde em um município localizado no interior da Paraíba. A presente pesquisa destaca que a atuação dos trabalhadores durante a pandemia teve um impacto substancial na emergência de repercussões adversas à saúde mental, incluindo sentimentos de angústia, insegurança e medo. À luz das declarações documentadas na pesquisa evidenciaram um processo de alterações psicossomáticas, manifestadas através de crises de ansiedade, episódios depressivos, angústia, medo, isolamento e comprometimento das relações sociais.

O reconhecimento da atuação profissional durante a pandemia emergiu como um importante fator de proteção para a saúde mental dos trabalhadores. Os relatos dos profissionais indicam um aumento na motivação e na satisfação resultantes do reconhecimento recebido dos usuários em função do atendimento prestado. Dessa forma, um fator adicional que se revelou como uma significativa proteção para a saúde mental desses profissionais foi a percepção de que desempenharam um papel crucial no combate à pandemia, ao oferecer um cuidado abrangente e integrado entre os distintos níveis de atenção à saúde.

Este estudo apresenta limitações metodológicas em relação aos objetivos originalmente propostos, uma vez que a investigação foi restrita à análise de entrevistas como único material de pesquisa. A impossibilidade de realizar um acompanhamento da rotina em campo ou de empregar metodologias complementares, como a observação, decorreu das elevadas demandas e exigências enfrentadas pelos trabalhadores em sua prática profissional.

A escassez de estudos na literatura sobre a saúde dos trabalhadores da Atenção Primária à Saúde também se configurou como uma limitação significativa, uma vez que impediu a realização de uma discussão comparativa com outras investigações sobre essa categoria profissional. Presume-se que futuras pesquisas possam problematizar a vivência dos trabalhadores da saúde na atenção primária à saúde, explorando abranger os fatores que contribuem para o desencadeamento de crises e outros agravos da condição psíquica dessa classe de profissionais.

Em síntese, pretende-se colaborar para a problematização dos processos de trabalho na área da saúde, com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento de políticas públicas eficazes. Tal iniciativa abrange a implementação de ações voltadas para a prevenção de riscos e agravos, bem como a criação de sistemas de monitoramento e avaliação que forneçam evidências locais para a gestão dos riscos.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, P. 229.

Barreto, CM. (2021). COVID-19 e seus impactos nos profissionais de saúde atuantes na pandemia: Um estudo teórico reflexivo. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento. v. 10, n. 8, pág. e 17610817169,. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17169.

Brito, G. E. G. de ., Mendes, A. da C. G., & Santos Neto, P. M. dos .. (2018). O trabalho na Estratégia Saúde da Família e a persistência das práticas curativistas. Trabalho, Educação E Saúde, 16(3), 975–995. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981- 7746-sol00164.

Carvalho, M. N. de ., Gil, C. R. R., Costa, E. M. O. D., Sakai, M. H., & Leite, S. N.. (2018). Necessidade e dinâmica da força de trabalho na Atenção Básica de Saúde no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, 23(1), 295–302. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232018231.08702015.

Dejours C. (2019). Psicossomática e teoria do corpo. São Paulo: Blucher.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (1994). Introduction: Entering the field of qualitative research. Em K. Norman & Y. S. Denzin (Orgs.), Handbook of qualitative research (p. 1–18). Thousand Oaks, CA: Sage.

Dick AB, Lohmann PM, Pissaia LF, Costa AEK. (2018). Avaliação da qualidade de vida de profissionais da saúde de uma Estratégia Saúde da Família. Revista Espaço Ciência & Saúde [Internet]. 2018 [acesso em: 2022 set. 20];6(2):76-87. Disponível em: https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/saude/ article/view/117/57

Fernandes M A; Ribeiro AAA. (2020). Salud mental y estrés ocupacional en trabajadores de la salud a la primera línea de la pandemia de COVID-19. Rev Cuidarte, v.11. n.2: e1222. Disponível em: http://dx.doi.org/10.15649/ cuidarte.

Giovanella, L. et al. (2021). A contribuição da atenção primária à saúde na rede SUS de enfrentamento à Covid-19. Saúde em debate, v. 44, p. 161-176.

Góes, F. G. B., Silva, A. C. S. S. da ., Santos, A. S. T. dos ., Pereira-Ávila, F. M. V., Silva, L. J. da ., Silva, L. F. da ., & Goulart, M. de C. e L.. (2022). Impacto da COVID- 19 no trabalho de enfermagem em unidades de urgência/emergência. Acta Paulista De Enfermagem, 35, eAPE01977. Disponível em: https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO01977.

Hossain, M. M., Sultana, A., & Purohit, N. (2020). Mental health outcomes of quarantine and isolation for infection prevention: A systematic umbrella review of the global evidence. Epidemiology and Health, 42, e2020038. Disponível em: https://doi.org/10.4178/epih.e2020038

Lessa dos Santos, E., Pereira da Silva, C. E., Melo de Oliveira, J., Farias Barros, V., Da Silva Barros Romão, C. M., Dos Santos, J. J., & Barbosa da Silva, M. (2021). satisfação profissional do

enfermeiro no ambiente da unidade de terapia intensiva. Revista Baiana de Enfermagem. Disponível em: https://doi.org/10.18471/rbe.v35.42812.

Lima, D. L. F. (2020). COVID-19 no Estado do Ceará: Comportamentos e crenças na chegada da pandemia. Ciênc. Saúde Coletiva. Disponível em: http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/covid19-no-estado-do-ceara - comportamentos-e-crencas-na-chegada-da-pandemia/17540.

Malta, D. C et al. (2020). A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. Epidemiologia e Serviços de Saúde,v. 29, n. 4, p. 1-13. Disponível em: 10.1590/S1679-49742020000400026.

Mendes M A, Gonçalves de Freitas, Lêda, & Magnólia M. A. (2014). Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. Psicologia em Revista, 20(1), 34-55. Disponível em: https://dx.doi.org/DOI- 10.5752/P.1678-9523.2014v20n1p34.

Minayo, M. C. (2010). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). (2020). Folha Informativa - COVID-19: doença causada pelo novo coronavírus.

Ramírez-Ortiz, J., Castro-Quintero, D., Lerma-Córdoba, C., Yela-Ceballos, F., & Escobar-Córdoba, F. (2020). consecuencias de la pandemia COVID 19 en la salud mental asociadas al aislamiento social. Disponível em: https://doi.org/10.1590/ scielopreprints.303

Ramos-Toescher, A. M., Tomaschewisk-Barlem, J. G., Barlem, E. L. D., Castanheira, J. S., & Toescher, R. L. (2020). Saúde mental de profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19: recursos de apoio. Escola Anna Nery, 24(spe), e20200276. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0276. Reiser, M. N., & Mattos, L. B. (2023). Repercussões da COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde da atenção primária à saúde. Revista Enfermagem Atual In Derme, 97(3), e023128. Disponível em: https://doi.org/10.31011/reaid-2023-v.97-n.3-art.1640.

Schmidt, B.; Crepaldi, M. A.; Bolze, S. D. A.; Neiva-Silva, L.; Demenech, L. M. (2020). Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). SciELO Preprints. V.1, n.1, p. 1–26.. Disponível em: https://doi.org/10.1590/SCIELO PREPRINTS.58.

Schwartz, J.; King, Chwan-Chuen; Yen, Muh-Yong. (2020). Protecting Healthcare Workers During theCoronavirus Disease 2019 (COVID19) Outbreak: Lessons from Taiwan's Severe Acute Respiratory Syndrome Response. Clinical Infectious Diseases. V.255, n. 121, p. 1-3. Disponível em: 10.1093/cid/ciaa255.

Silva, J. H. da, José Eduardo Fereira Dantas, Rhayssa Irley Pinheiro Pereira, Sóstenes Ericson, & Diego de Oliveira Souza. (2023). Repercussões da pandemia de COVID-19 na qualidade do sono de trabalhadoras em enfermagem: uma abordagem discursiva. Revista eletrônica extensão em debate, 12(14). Disponível em: https://www.seer.ufal.br /index.php/extensaoemdebate/article/view/15389.

Wang, C., Pan, R., Wan, X., Tan, Y., Xu, L., Ho, C. S., & Ho, R. C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 Coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. International Journal of Environmental Research and Public Health, 17(5), 1729. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph17051729.

World Health Organization, WHO. (2020). COVID-19 situation reports - 115. Disponívelem:https://www.who.int/docs/defaultsource/coronaviruse/situationrep orts/20200 514- covid19-sitrep-115.pdf?sfvrsn=3fce8d3c6.

ESQUIZOFRENIA DE INÍCIO TARDIO: UMA REVISÃO NARRATIVA

Matheus Douglas Oliveira Santos – UNIFIP
Luana Lopes Abrantes – UNIFIP
Suzana Cinthia Silva Oliveira de Albuquerque – UNIFIP

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo principal analisar, com base na literatura brasileira, os aspectos clínicos e diagnósticos relacionados à esquizofrenia de início tardio, visando assim fornecer conhecimento prático para profissionais e cuidadores de forma consciente. Buscando, de forma científica, da ênfase para essa demanda tão pouco abordada entre estudantes e psicólogos formados. Foi-se realizado uma revisão narrativa, do qual selecionado livros e manuais no formato físico/virtual e artigos disponibilizados em sites acadêmicos como Google Acadêmico e Biblioteca Virtual Scielo. Para análise final foram selecionados nove estudos. Com base na pesquisa, a esquizofrenia em idosos acontece raramente, por isso existem poucas pesquisas em relação a descoberta, tratamentos e prognósticos efetivos. Muitas das vezes, ela é confundida com o envelhecimento normal que se acomete nessa fase da vida, onde muitas das vezes a doença passa despercebida, assim o tratamento existente não é realizado, e a qualidade de vida dessa pessoa é extremamente prejudicada. Faz-se necessário um olhar mais aguçado para a presença de sintomas característicos desse transtorno.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Idosos; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A esquizofrenia em idosos é um tema de crescente interesse devido ao envelhecimento acelerado da população. Melhorias nas condições econômicas e nos cuidados com a saúde tem contribuído para um rápido envelhecimento populacional. (Mrejen et. al., 2023). Este transtorno mental é caracterizado por sintomas como alucinações, delírios, desorganização do pensamento e comportamento, afetando significativamente a qualidade de vida das pessoas. (Moreira, 2020).

De acordo com a Organização Mundial de saúde (OMS, 2001), esse transtorno causa prejuízos à saúde mental, e a saúde mental por sua vez é um bem-estar cognitivo, mental e social onde você pode cumprir com suas demandas sem defasagem. (Moreira, 2020). Os sintomas característicos da esquizofrenia incluem uma variedade de deficiências cognitivas, comportamentais e emocionais. O diagnóstico envolve o reconhecimento de uma variedade de sinais e sintomas associados ao funcionamento ocupacional ou social de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM-5-TR (American Psychiatric Association [APA], 2022).

Possuir parentes com esquizofrenia pode contribuir de forma significativa para o aparecimento da doença, já que o transtorno é hereditário. Geralmente os sintomas e sinais aparecem na fase adulta ou na adolescência e é mais comum em homens. (Vallada Filho & Busatto Fillho, 1996).

A esquizofrenia de início tardio não se diferencia de forma sintomatológica da esquizofrenia em jovens, o que diferencia, é seu início após os 40 anos de idade (Bleuler, 1978). É mais comum em mulheres do que em homens (Sadock et. al., 2007). Pessoas com esquizofrenia tardia pendem a ter um melhor funcionamento pré-mórbido, deficiências cognitivas menos graves e quase sem sintomas

negativos (Folsom et. al., 2006). A compreensão da esquizofrenia em idosos é essencial para a implementação de estratégias de prevenção, diagnóstico e intervenção precoce.

Mesmo com o avanço no conhecimento da esquizofrenia, através de pesquisas e artigos científicos, o recorte desse transtorno no inicio tardio sofre uma grande falta de reconhecimento e explanação do assunto, corroborando para que as pessoas acometidas do transtorno, em uma idade mais avançada, e seus familiares não tenham grandes fontes para conhecimento de manejo e tratamento para com essa situação. Com isso, essa pesquisa vem para pontuar corretamente, os sinais e sintomas do transtorno esquizofrênico de início tardio, e ressaltar a falta de estudos sobre sua prevalência.

Nesse contexto, este artigo possui relevância acadêmica por buscar o reconhecimento do transtorno esquizofrênico de início tardio, trazendo um arcabouço teórico a respeito de suas manifestações clinicas, de sua epidemiologia e etiologia, e descrevendo os resultados dos manejos terapêuticos existentes até então.

Esta pesquisa teve por objetivo principal analisar, com base na literatura, os aspectos clínicos e diagnósticos relacionados à esquizofrenia de início tardio, visando assim fornecer conhecimento prático para profissionais e cuidadores de forma consciente.

MÉTODO

A pesquisa foi realizada através de uma revisão narrativa, optou-se pela utilização desta metodologia devido as poucas publicações relacionadas à temática. Este tipo de estudo não utiliza critérios explícitos e sistemáticos, não esgotando as fontes de informação e descrevendo o estado da arte de um determinado assunto (Rother, 2007).

Para isto foi selecionado artigos publicados no banco de dados do Google Acadêmico e na Biblioteca Virtual Scielo, bem como, manuais e livros sobre o transtorno: DSM-5 TR (APA, 2022) e o Compêndio de Psiquiatria (Sadock & Sadock, 2007). Para seleção dos estudos, optamos por publicações primordialmente em português com ênfase nos descritores: esquizofrenia tardia, esquizofrenia de início tardio e terceira idade. Levando em consideração a temática abordada, foram selecionadas nove publicações científicas fidedignamente baseados na esquizofrenia de início tardio.

RESULTADOS

Autor/Ano	Objetivo	Método	Principais Resultados
Bleuler (1978)	Analise aprofundada da esquizofrenia, com ênfase em pacientes e suas famílias ao longo de um período extenso.	Estudo Longitudinal	A esquizofrenia de início tardio não se diferencia de forma sintomatológica da esquizofrenia em jovens.
Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM-5-TR (APA, 2022)	Descrever as características da esquizofrenia.	Empírica e colaborativa	Os sintomas característicos da esquizofrenia envolvem uma gama de disfunções cognitivas, comportamentais e emocionais, mas nenhum sintoma é patognomônico do transtorno.
(Folsom et. al., 2006)	Discussão de várias áreas de pesquisa e cuidados clínicos que são particularmente pertinentes para idosos com esquizofrenia.	Revisão de literatura	A esquizofrenia na terceira idade é uma doença séria. É profundamente incapacitante para a maioria das pessoas com a doença, e o cuidado com esses pacientes coloca grande pressão sobre os sistemas de saúde.

Hasset (2002)	Discutir se há fatores de risco específicos associados a esse pico de incidência no final da vida.	Revisão de literatura	Sintomas psicóticos não afetivos que surgem na vida adulta continuam a apresentar ao clínico um desafio diagnóstico. Embora muitos aspectos da apresentação clínica sejam semelhantes à doença do espectro da esquizofrenia de início precoce, fatores biológicos e psicossociais associados ao processo de envelhecimento precisam ser incorporados em uma estrutura para entender e gerenciar esses pacientes.
Moreira (2020)	Explanar o adoecimento causado pela esquizofrenia, a partir vivência da condução de psicoterapia de grupo.	Estudo de caso qualitativo	É fundamental propiciar autonomia (considerando limitações específicas e singulares) e implicar quem sofre de algum transtorno mental no seu papel ativo no tratamento. Conscientizar a sociedade, articular a rede e o contexto destes adoecimentos, para que haja, plenamente, a rescisão de modelos hospitalocêntricos. E consequentemente efetivação de serviço qualitativo e humanizado.
Mrejen et. al., (2023)	Análise do processo de envelhecimento da população brasileira. Esse envelhecimento populacional traz desafios para o sistema de saúde e a sociedade: a percepção sobre o estado de saúde piora com a idade, a composição da carga de doenças muda e aumentam a utilização de serviços de saúde e a demanda por cuidados no domicílio.	Estudo descritivo, transversal e quantitativo.	Os resultados apresentados sugerem três mensagens principais. Em primeiro lugar, a população brasileira está envelhecendo rapidamente e isso é importante, dentre outros motivos, porque traz desafios na área da saúde.
Raposo et. al., (2020)	Reconhecer as peculiaridades da esquizofrenia de início tardio.	Estudo descritivo	No transtorno esquizofrênico de início tardio, é possível verificar os sintomas positivos em maior evidência.
Sadock (2007)	Compreensão da esquizofrenia pela psiquiatria.	Compêndio	A hipótese do neurodesenvolvimento da esquizofrenia postula que fatores etiológicos e patogenéticos ocorrendo antes do início formal da doença, ou seja, durante a gestação, interrompem o curso do desenvolvimento normal.
Vallada Filho & Busatto (1996)	Analisar aspectos da esquizofrenia como: história, sintomatologia, tratamentos e modelos experimentais.	Revisão bibliográfica	No estudo etiológico da esquizofrenia, é desejável o esclarecimento de dois aspectos. De um lado é necessário determinar como uma alteração discreta e de causas variadas no desenvolvimento do sistema nervoso pode converte-se em um conjunto característico de endofenótipos. Por outro lado, além das alterações que predispõem a doença, é necessário apontar os fatores do ambiente do qual o sistema nervoso sofrerá o efeito patogênico, seja o ambiente interno ao corpo, seja o ambiente externo.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve por objetivo analisar, com base na literatura, os dados sobre os aspectos clínicos e diagnósticos relacionados à esquizofrenia de início tardio. De acordo com os estudos selecionados, no que se refere à *Manifestação Clínica da Esquizofrenia Tardia*, uma pessoa que apresenta sintomas do transtorno esquizofrênico a partir dos 40 anos (início tardio), e depois dos 60 anos (início muito tardio) apresentam características diagnósticas, em que muitas vezes, se diferenciam daquelas que iniciam os sintomas no início da juventude (Hassent, 2002). É de grande conhecimento que a premissa da esquizofrenia se manifesta antes dos 45 anos, aproximadamente em 85% dos casos, tornando assim mais difícil o diagnóstico para identificar, como também o tratamento para pessoas em idades mais avançadas (Raposo et. al., 2020).

A esquizofrenia, no geral, é possível caracterizar seus sinais e sintomas em negativos e positivos, alterações do humor, e também ansiosos (Raposo et. al., 2020). No transtorno esquizofrênico de início tardio, é possível verificar os sintomas positivos em maior evidência, como delírios e alucinações auditivas, essas pessoas também apresentam maiores riscos de demência,

chegando a ser três vezes maior do que naquelas da mesma faixa etário, porém sem o diagnóstico (Raposo et. al., 2020)

No geral, a esquizofrenia tem uma grande progressão com a idade, segundo as recentes investigações, esse avanço diz respeito há alguns dos sintomas que possuem uma melhora com a idade. No caso da esquizofrenia de início tardio, não ocorre uma progressão de sintomas, mas sim algo melhor, pois os pacientes mais velhos apresentam sintomas menos graves do que pacientes mais jovens, com isso, a sua manifestação é mais sutil (Folsom et. Al, 2006).

Com base na *Epidemiologia e Etiologia*, um estudo realizado na Suécia, pela Universidade Stanford em 2019, a esquizofrenia de início tardio apresenta uma maior prevalência em mulheres, a partir dos 70 anos, em contraste com a esquizofrenia habitual. Outra divergência apresentada, é em relação a fatores hereditários, como a associação familiar, que apresentam menores influências em comparação a esquizofrenia de início mais precoce (Hassett, 2002).

Já no que concerne sobre *Manejo e Estratégias Terapêuticas*, apesar da alta prevalência de transtornos psicóticos em idosos, ainda existe uma falta de manejo e disponibilidade de tratamentos formulados em evidências. As pessoas nessa faixa etária também podem desenvolver uma atitude defensiva quanto ao diagnóstico, tornando esses grupos de pacientes menos propícios à adesão de tratamentos pré-existentes (Raposo et. al., 2020). Pacientes com esquizofrenia tardia requerem doses mais baixas de antipsicóticos em comparação com pacientes que tem esquizofrenia desde jovem. (Folsom et. al., 2006).

Após análise da literatura encontrada, é notório a presença de um grande déficit em relação a tratamentos eficazes direcionados, exclusivamente, para as pessoas acometidas do transtorno de esquizofrenia na terceira idade. É importante ressaltar que, apesar dos tratamentos medicamentosos existentes, a inviabilidade e as restrições são grandes empecilhos para o uso desses medicamentos, visto que devido às idades avançadas, a maioria das drogas não podem ser ingeridas com riscos de agravamento em outras áreas da vida da pessoa idosa.

No geral, o dia a dia do idoso com esquizofrenia se torna ainda mais limitado, agregando, além da esquizofrenia, outros tipos de restrições em decorrência da faixa etária. É de suma importância conscientizar profissionais, cuidadores, familiares, e sociedade como um todo, para o cuidado e acompanhamento consciente e eficaz. E que assim, as pessoas idosas acometidas de transtorno esquizofrênico possam conviver e viver no âmbito social, mesmo com suas limitações.

Na execução desta pesquisa, foi possível perceber um grande déficit de publicações a respeito do transtorno esquizofrênico de inicio tardio em si. A presença de artigos, de vinte páginas, que citavam, em um único parágrafo, algumas informações a respeito de sintomas, prevalência ou tratamentos da esquizofrenia tardia, foi muito comum encontrar. Essa lacuna na literatura dificulta a

compreensão mais detalhada dos aspectos únicos desse fenômeno, como a etiologia, evolução dos sintomas e a eficácia dos tratamentos.

Para que se alcance um avanço expressivo nessa área é importante que as pesquisas sejam focadas exclusivamente nessa população. Estudos longitudinais que investiguem o avanço da doença ao longo dos anos, bem como pesquisas a respostas ao tratamento psicossocial e psicofarmacológico. Além disso é interessante que as pesquisas foquem em fatores ambientais e sociais para uma melhor compreensão da causa.

Por fim, estudos que incluam uma análise mais aprofundada sobre a qualidade de vida, rede de suporte e impacto das intervenções terapêuticas com intuito de oferecer cuidados e tratamentos direcionados a esse grupo específico.

REFERÊNCIAS

Bleuler, M. (1978). *The schizophrenic disorders: Long-term patient and family studies*. New Haven: Yale University Press.

DSM-5-TR. (2022). APA - ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. Washington: American Psychiatric Publishing.

Folsom, D. P., Lebowitz, B. D., Lindamer, L. A., Palmer, B. W., Patterson, T. L., & Jeste, D. V. (2006). Schizophrenia in late life: Emerging issues. *Dialogues in Clinical Neuroscience, 8*(1), 45-52. https://doi.org/10.31887/DCNS.2006.8.1/dfolsom

Hassett, A. (2002). Schizophrenia and delusional disorders with onset in later life. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 24*(1), 81-86. https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000500015

Moreira, N. M. (2020). A vivência além da esquizofrenia: Um relato de experiência. *IGT na Rede*, 1807-2526. Recuperado de http://igt.psc.br

Mrejen, M., Nunes, L., & Giacomin, K. (2023). Envelhecimento populacional e saúde dos idosos: O Brasil está preparado? Recuperado de https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Estudo_Institucional_IEPS_10.pdf

Raposo, G. A. C., et al. (2020). Esquizofrenia de início tardio e muito tardio. In Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (Orgs.), *Esquizofrenia e envelhecimento* (pp. 139-154). Porto Alegre: Artmed Panamericana.

Rother, E. T.. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista De Enfermagem*, *20*(2), v–vi. https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001

Sadock, B. J., & Sadock, V. A. (2007). Esquizofrenia. In B. J. Sadock & V. A. Sadock (Orgs.), *Compêndio de psiquiatria* (9ª ed., pp. 506-541). Porto Alegre: Artmed.

Vallada Filho, H., & Busatto Filho, G. (1996). Esquizofrenia. In P. Almeida, L. Dractu, & R. Laranjeira (Orgs.), *Manual de psiquiatria* (pp. 127-150). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

RESUMOS SIMPLES

PSICOMETRIA E ANÁLISES DE DADOS

ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE RECONHECIMENTO (EMR): CONFIRMAÇÃO DA ESTRUTURA FATORIAL E AVALIAÇÃO COM BASE EM VARIÁVEIS EXTERNAS

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Lícia Jammyle da Silva Morais – UNIFIP
Flávia Marcelly de Sousa Mendes da Silva – IRESÁ
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFP

Nas últimas décadas tem se observado uma retomada da discussão acerca do reconhecimento, que ocorre dentro da concepção das sociedades contemporâneas onde se observou a constituição de modelos inéditos de relações sociais. Desta forma, é importante contar com instrumentos válidos para mensuração desse fenômeno. Considerando o contexto supracitado, foi esquematizado o presente estudo, objetivando reunir evidência de validade da EMR com base em fatores externos. Contou-se com a participação de 235 universitários, majoritariamente mulheres (60%), solteiras (81,1%), católicos (38,9%), de classe social média (56,7%). Responderam a questões sociodemográficas, assim como, EMR e o Questionário de Gratidão, versando testar a validade Convergente. Para análise dos dados, foi utilizado o *software R*, para realização de correlações. Os achados apontaram que a medida apontou bons indicadores de validade convergente. De modo que, todas as dimensões da gratidão se relacionaram com a Gratidão, incialmente o Reconhecimento Familiar (r=0,34; p<0,001) com maior coeficiente de correlação, seguido por Reconhecimento Amoroso (r=0,28; p<0,001) e Reconhecimento de Amizades (r=0,28; p<0,001), com coeficientes iguais. Sendo assim, pode-se inferir que os construtos se encontram associados, sustentando a rede nomológica do construto do reconhecimento e suas facetas, bem como, pode-se contar com uma medida precisa que reúne uma séria de evidências de validade psicométrica, podendo ser utilizada como base em estudos futuros acerca do fenômeno reconhecimento.

Palavras-Chave: Reconhecimento; Gratidão; Validade Convergente.

ADAPTAÇÃO DO *BINGE-WATCHING ADDICTION QUESTIONNAIRE* PARA O CONTEXTO BRASILEIRO

Maria Edisandy Bezerra dos Santos – UNIFIP
Fernanda de Souza Pereira – UFPB
Josefa Wanilla da Costa Medeiros – UFPB
Giovani Amado Rivera – UNIFIP

O binge-watching consiste no comportamento de assistir sequencialmente vários episódios de uma série de TV em um mesmo momento, popularmente conhecido no Brasil como "maratonar". A prática tem levantado discussões sobre possíveis consequências negativas a partir de um envolvimento problemático. Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo adaptar para o contexto brasileiro uma medida de Vício em Binge-watching. A amostra corresponde a 235 participantes, idade média de 28 anos (DP = 8,91), maioria mulheres (68,9%), solteiras (65,1%) e universitárias (29,4%). Por meio de uma Análise Fatorial Confirmatória do Questionário de Vício em Binge-Watching o modelo hierárquico foi confirmado a partir de quatro fatores de segunda ordem (Desejo, Dependência, Antecipação e Evitação) e um fator geral de primeira ordem (Vício), todos com cargas fatoriais acima de 0,35. Os índices de ajuste foram satisfatórios (CFI = 0,988, TLI = 0,986, RMSEA = 0,058) além dos índices de consistência interna com valores aproximados e superiores a 0,70. Dessa forma, o instrumento se mostrou válido e fidedigno podendo ser útil em pesquisas que buscam conhecer os antecedentes e as consequências do vício em maratonar séries de TV.

Palavras-chave: Binge-watching; Vício; Adaptação.

ADAPTAÇÃO DO WATCHING TV SERIES MOTIVES QUESTIONNARIE PARA O CONTEXTO BRASILEIRO

Maria Edisandy Bezerra dos Santos – UNIFIP
Fernanda de Souza Pereira – UFPB
Josefa Wanilla da Costa Medeiros – UFPB
Giovani Amado Rivera – UNIFIP

Introdução: Para compreender os efeitos do consumo de mídias audiovisuais é preciso um olhar cuidadoso para os aspectos motivacionais. Assim, se faz necessário focar na avaliação de tais fatores. **Objetivo:** Para isso, o estudo teve como objetivo a construção de um instrumento de motivos para assistir séries de TV. **Método:** A amostra corresponde a 235 participantes, idade média de 28 anos (DP = 8,91), maioria mulheres (68,9%), solteiras (65,1%) e universitárias (29,4%). **Resultados e Discussão:** Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória testando as estruturas propostas pela literatura de quatro fatores oblíquos. Foi observado um ajuste adequado do modelo (CFI = 0,988, TLI = 0,987, RMSEA = 0,073). Ainda, a análise de consistência interna apresentou índices elevados entre os fatores: Escapismo (ωt = 0,90), Enriquecimento (ωt = 0,83), Estimulação Emocional (ωt = 0,85) e Social (ωt = 0,77). Ainda, os fatores apresentaram índices de covariância de moderada a forte (entre 0,32 e 0,72) reforçando o modelo de fatores interrelacionados. Todos os itens apresentaram cargas fatoriais elevadas (acima de 0,35). Dado o exposto, tem-se um instrumento válido e fidedigno que pode ser utilizado em estudos nacionais para compreender o consumo de séries a partir de uma perspectiva motivacional.

Palavras-chave: Adaptação; Mídia; Saúde Mental.

ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA DA ESCALA DE PREFERÊNCIA POR SÉRIES DE TV

Fernanda de Souza Pereira – UFPB

O consumo de séries de TV é algo corriqueiro para grande parte da população, e a preferência por determinados conteúdos pode estar associada a alterações significativas no humor e até mesmo a desfechos negativos. Nessa perspectiva, a pesquisa teve como objetivo elaborar uma medida de preferência por gêneros de séries de TV. A amostra foi composta por 235 participantes, com idade média de 28 anos (DP = 8,91), em sua maioria mulheres (68,9%), solteiras (65,1%) e universitárias (29,4%). Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória, utilizando o método de extração Análise Paralela e rotação ortogonal varimax. Os fatores foram nomeados com base no agrupamento dos gêneros retidos e suas características comuns (Agressivo, Excitante, Investigativo, Leve, Imaginativo). Todos os itens apresentaram cargas fatoriais acima do ponto de corte. Além disso, foram analisados os coeficientes Ômega de McDonald, todos apresentando valores dentro do esperado (entre 0,47 e 0,84). Dessa forma, observa-se que a Escala de Preferência por Séries apresentou parâmetros satisfatórios, podendo ser utilizada para investigações acerca dos modos de consumo de mídia e das possíveis consequências associadas à preferência por diferentes conteúdos. Ademais, recomenda-se a realização de estudos confirmatórios.

Palavras-chave: Mídia; Comportamento; Criação de Medida.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

RESUMOS SIMPLES

PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO

CUIDANDO DE QUEM CUIDA: ACOLHENDO OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE DO TRABALHADOR DO INTERIOR DA PARAÍBA

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Erlania Rodrigues Ferreira – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP
Larisse Helena Gomes de Macedo Barbosa – FIP CG

O "cuidando de quem cuida" refere-se à prática de estágio, visando oferecer suporte e atenção à saúde mental e emocional aos profissionais da saúde do trabalhador. O projeto foi desenvolvido em parceria com o CEREST, que é o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, uma instituição vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS). O CEREST vem sendo crucial para a promoção e prevenção de doenças relacionados ao trabalho. O objetivo da prática de estágio, foi garantir que aqueles que estão dedicados a cuidar de outros também recebam os cuidados necessários para manter sua saúde e qualidade de vida laboral. Para tanto, participaram da prática, 42 auxiliares de serviços da secretaria de saúde, 2 professoras de psicologia, 3 estagiários de Psicologia, 6 alunos de biomedicina e fisioterapia, sob supervisão de 2 professores das respectivas áreas, além da equipe do CEREST, estes participaram de dois momentos distintos, inicialmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para coletar dados acerca das necessidades do lócus de trabalhos e posteriormente, foi realizado uma “Oficina das Emoções” e “Autocuidado”. A Oficina das Emoções, foi realizada pelos estagiários de psicologia, visando promover a inteligência emocional, ajudando os colaboradores a lidarem melhor com as emoções no ambiente laboral. Enquanto o Autocuidado, foi realizado pelos alunos de Fisioterapia e Biomedicina, estes desenvolveram Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, refere-se a um conjunto de métodos e técnicas que complementam o tratamento convencional, promovendo a saúde e o bem-estar, com isso, pode-se perceber o quão significativo a integração das práticas junto ao CEREST.

Palavras-Chaves: Saúde do Trabalhador; CEREST; Cuidando de Quem Cuida.

FORTALECENDO AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE DE TRABALHO

Graziele Nobre Braga Dos Santos – UNIFIP
Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Erlania Rodrigues Ferreira – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP

A psicologia enquanto ciência estuda o comportamento humano e os processos mentais, além disso é uma ciência multifacetada que pode atuar em diversos contextos, dentre estes, pode-se destacar a Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT). É importante durante a formação profissional que o acadêmico de psicologia conheça através de estágios estas diferentes áreas. Os estágios em psicologia são experiências em que os alunos aplicam a teoria na prática, supervisionados por profissionais qualificados. Esses são fundamentais para desenvolver habilidades, além de permitir contato com a prática. O objetivo deste estudo, é relatar a experiência em uma prática na POT com profissionais auxiliares de serviços gerias de uma instituição de ensino superior na Paraíba, na qual foi realizada uma "Oficina de Relações Interpessoais no Ambiente de Trabalho", visando fortalecer as relações, visto que não foram identificados pontos negativos na equipe. Contou-se com a participação24 auxiliares de serviços gerais, 02 professoras e 06 estagiários, de psicologia e fisioterapia. A oficina "Fortalecendo as Relações Interpessoais", objetivou capacitar os participantes a desenvolverem habilidades de comunicação eficaz, empatia e resolução de conflitos. Através de dinâmicas práticas e reflexões, busca-se melhorar a interação social, fortalecer vínculos e promover um ambiente de respeito e colaboração, tanto na vida pessoal quanto profissional. Enquanto, a Ginástica Laboral, foi promover a saúde e o bem-estar dos trabalhadores, prevenindo lesões e desconfortos físicos relacionados ao trabalho. Por fim, além de promover um ambiente acolhedor para com os colaboradores, propiciou a experiência de entrar em contato com as práticas, por parte dos discentes.

Palavras-Chaves: Relações Interpessoais; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Estágio.

DESENVOLVENDO A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL EM UMA EMPRESA DE AUTOMÓVEIS NO INTERIOR DO SERTÃO PARAIBANO

Thereza Christina Garcia Bezerra – UNIFIP
Erlania Rodrigues Ferreira – UNIFIP
Tessya Hyanna Almeida Oliveira – UNIFIP
Larisse Helena Gomes de Macedo Barbosa – FIP CG
Débora Najda de Medeiros Viana – FIP CG

Os estágios supervisionados em Psicologia são essenciais para a formação de futuros profissionais. Eles permitem a aplicação prática do conhecimento teórico, nas diversas faces da psicologia. O estudo em questão, se refere a prática na Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT). Para tanto, participaram do estudo 02 professoras de psicologia e gestão, 04 estagiários e 01 gestor de uma empresa de automóveis. Incialmente, foi realizada entrevista com o gestor e percebeu-se a necessidade de desenvolver a Estrutura Organizacional da empresa, considerando, que é o guia básico para o posicionamento estratégico. A Estrutura Organizacional, pode ser definida como a forma que a empresa organiza e coordena as suas atividades para alcançar os objetivos, neste contexto, existem três conceitos importantes, a Missão, que define o motivo da empresa existir e o seu papel na sociedade, a Visão, que representa os objetivos da empresa a longo prazo e os Valores, que são as crenças e princípios que definem a personalidade da empresa. Neste sentido, na prática foi desenvolvida a Estrutura Organizacional da Organização, para que pudesse ser disseminada e passasse a fazer parte da Cultura Organizacional a longo prazo. Sendo assim, percebe-se a importância de uma estrutura bem definida, para o posicionamento estratégico, bem como, o quão eficaz se torna a experiência de estágios, por unir teoria e prática durante o processo de formação profissional.

Palavras-Chaves: Estrutura Organizacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Estágio.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

RESUMOS SIMPLES

PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL

EXTENSÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: DESENVOLVENDO RESILIÊNCIA EMOCIONAL EM ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Mayra Deodato Carneiro – UNIFIP
Ayslane Fabia Martins Cabral Lucena – UNIFIP
Erick Daniel Gomes Oliveira – UNIFIP
Wivian Diniz Lins – UNIFIP
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves – UNIFIP

A Psicologia Escolar busca promover o desenvolvimento integral e o bem-estar de alunos no ambiente educacional, considerando a escola como um espaço essencial para a construção de competências sociais e emocionais. Nesse contexto, a extensão universitária atua como um elemento valioso de interação entre universidade e comunidade, ao possibilitar que conhecimentos teóricos e práticos da Psicologia sejam aplicados diretamente na realidade social, contribuindo para a formação acadêmica e cidadã dos estudantes. Este relato de experiência visa compartilhar as intervenções realizadas no âmbito da extensão universitária do curso de Psicologia em uma escola de jovens e adultos, adotando-se como método a observação participantes. Após a inserção e observação no ambiente escolar, identificou-se a necessidade de promover a saúde mental com foco nas competências socioemocionais, especialmente a resiliência emocional. As intervenções incluíram sessões em grupo com psicoeducação sobre resiliência emocional, além da construção coletiva de um diário de bordo. Este diário incentivava os participantes a expressarem e reconhecerem suas emoções, a identificarem estratégias de manejo emocional e a refletirem sobre seus objetivos de vida, incluindo ainda práticas de respiração diafragmática e relaxamento muscular para o enfrentamento do estresse. A experiência demonstrou a relevância da extensão universitária, ao fortalecer habilidades emocionais e de enfrentamento na comunidade, ao mesmo tempo em que proporcionou aos alunos extensionistas uma prática enriquecedora, que alia formação técnica e o desenvolvimento de uma perspectiva crítica e socialmente engajada.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Psicologia Escolar; Resiliência Emocional.

PROMOVENDO HABILIDADES EMOCIONAIS: RELATO DE INTERVENÇÃO LÚDICA NO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR

Ana Aparecida Pedrosa dos Santos Cosme – UNIFIP
Ayslane Fabia Martins Cabral Lucena – UNIFIP
Iramilde Amorim Batista – UNIFIP
Erick Daniel Gomes Oliveira – UNIFIP
Mayra Deodato Carneiro – UNIFIP
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves – UNIFIP

O papel do psicólogo escolar é promover um ambiente inclusivo e saudável, proporcionando suporte emocional e desenvolvimento social. Este relato de experiência descreve e reflete sobre as atividades realizadas no estágio básico supervisionado em Psicologia Escolar. Inicialmente, foram feitas observações em diferentes salas de aula e uma entrevista com a direção escolar, visando compreender a dinâmica do ambiente. Em seguida, as ações foram direcionadas a uma turma do 5º ano, começando com uma atividade de quebra-gelo, onde os alunos se apresentaram por meio de seus nomes e desenhos, seguida por uma psicoeducação sobre o papel do psicólogo escolar, cuja visão predominante entre as crianças era de um profissional clínico. Na fase seguinte, considerando que a educação emocional é essencial para construir uma base sólida de autoconhecimento e empatia em crianças nessa faixa etária, organizou-se uma rotação de cinco estações: Jogo da Memória, Jogo de Tabuleiro, Caça-Palavras, Quem Sou Eu? e Mímica das Emoções. Todas as atividades buscavam desenvolver habilidades emocionais, promovendo o reconhecimento, a expressão e a compreensão das emoções por meio de atividades lúdicas. Os alunos participaram de cada estação em grupos, passando por jogos que incentivavam associações entre emoções e personagens, a expressão de sentimentos, o compartilhamento de experiências e a identificação das emoções em si mesmos e nos outros. A experiência evidenciou a importância do estágio para fortalecer o desenvolvimento emocional das crianças e proporcionar aos estagiários habilidades práticas em intervenções educativas, promovendo uma compreensão mais profunda do papel da Psicologia na escola.

Palavras-chave: Educação Emocional; Psicologia Escolar; Intervenção Lúdica.

RAÍZES DA MENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL

Yanne Souza Soares – UNIFIP
Evaristo Nóbrega Alves Neto – UNIFIP
Jéssica Kailanny Rufino Bezerra da Silva – UNIFIP
Maria Eduarda Rodrigues Dantas – UNIFIP
Marlon Johnny Ribeiro da Silva – UNIFIP
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves – UNIFIP

A Psicologia Escolar e Educacional, ao ultrapassar o modelo tradicionalmente clínico e individualizante, torna-se essencial para promover um ambiente escolar inclusivo, crítico e participativo. Este relato de experiência descreve e reflete sobre intervenções realizadas no estágio básico supervisionado, conforme demandas observadas em uma escola pública de Ensino Médio, adotando como método a observação participante. Inicialmente, foram realizadas observações em salas de aula e entrevistas com a direção da escola, visando mapear necessidades emocionais e sociais da comunidade escolar. A partir daí, uma intervenção foi conduzida com uma turma de 25 alunos do 1º ano do Ensino Médio, utilizando técnicas de grupo fundamentadas na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Após psicoeducação sobre o modelo cognitivo, a técnica principal - "árvore das crenças - consistiu na representação de crenças centrais disfuncionais (desamor, desvalor e desamparo) nas raízes da árvore, enquanto que nas folhas eram registrados pensamentos automáticos identificados pelos alunos. Na segunda parte, os alunos foram convidados a identificarem qualidades entre si, registrando-as em uma nova árvore, com o objetivo de fortalecer a autoestima e promover uma visão de si e dos outros mais funcional. A experiência de estágio, embora ainda em desenvolvimento, já evidenciou sua relevância tanto para a comunidade escolar, ao contribuir para um ambiente mais acolhedor e emocionalmente saudável, quanto para os estagiários, ao proporcionar uma prática essencial no desenvolvimento de habilidades e uma compreensão mais profunda do papel da Psicologia na educação.

Palavras-chave: Autoestima; Crenças Centrais; Terapia Cognitivo-Comportamental.

DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR

Rayssa Esthefanny Pereira Alves – UNIFIP
Graziele Nobre Braga dos Santos – UNIFIP
Mayara Cristina Pinto Brandão – UNIFIP
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves – UNIFIP

A Psicologia Escolar contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, favorecendo também o processo de ensino-aprendizagem. Este relato de experiência visa compartilhar as atividades e reflexões do estágio supervisionado em uma escola de Ensino Fundamental. Guiando-se pela observação participante, o primeiro passo foi realizar um diagnóstico da escola, por meio de entrevistas com a direção e observações em sala de aula, o que possibilitou melhor conhecer as potencialidades e vulnerabilidades da comunidade escolar. As intervenções seguintes ocorreram na turma de 5º ano, com foco no fortalecimento da autoestima e melhoria das relações interpessoais. Foram realizadas técnicas de dinâmicas de grupo e rodas de conversa, a partir das quais os estudantes expressaram sentimentos e fortaleceram habilidades sociais, promovendo um ambiente de apoio mútuo, empatia e confiança. Uma das técnicas utilizadas foi a "caça ao tesouro dos elogios", em que os alunos procuraram elogios escritos em papeis escondidos pela escola. Após essa atividade, participaram de uma roda de conversa, na qual foram incentivados a identificar e compartilhar as características positivas de seus colegas. A dinâmica promoveu o reconhecimento mútuo e fortaleceu os vínculos entre os estudantes, tendo sido bem acolhida pela turma e indicando para as próximas práticas a necessidade de continuar trabalhando a autoestima. A experiência demonstrou como a intervenção psicológica pode influenciar positivamente o ambiente escolar e contribuir para o bem-estar dos alunos. Destaca-se também o valor do estágio para o estudante de Psicologia, proporcionando contato direto com práticas inclusivas e desenvolvimento de habilidades fundamentais para apoio emocional aos estudantes.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Autoestima; Estágio Supervisionado Básico.

O DESENVOLVIMENTO MORAL NA ADOLESCÊNCIA: APLICAÇÕES DA TEORIA DE KOHLBERG NO CONTEXTO ESCOLAR

Mércya Monteiro Lustosa – UNIFIP
Larissa da Nóbrega Trindade – UNIFIP
Claryssa Cyntia Figueiredo de Morais – UNIFIP
Ícaro Medeiros De Morais – UNIFIP
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves – UNIFIP

A adolescência é marcada pela busca de identidade e autonomia, e é neste período que muitos jovens começam a definir suas crenças e valores. O desenvolvimento moral na adolescência é uma etapa fundamental nessa evolução, influenciado pelo contexto familiar, social, cultural e religioso. Este trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo analisar a teoria do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg e suas implicações práticas no contexto escolar. A teoria de Kohlberg descreve seis estágios morais organizados em três níveis: pré-convencional, convencional e pós-convencional. No 5º estágio, o adolescente começa a valorizar o contrato social e os direitos individuais, reconhecendo a importância da concordância mútua nas leis e buscando o benefício coletivo. Esse estágio pode ser particularmente relevante para o ambiente escolar, pois promove o respeito às normas e a consideração dos direitos dos outros. Aplicações práticas dessa teoria incluem atividades que incentivem a reflexão sobre dilemas morais e a discussão sobre valores como justiça, igualdade e respeito. Além disso, professores podem atuar como mediadores, estimulando os alunos a avaliar diferentes pontos de vista e a tomar decisões fundamentadas no bem-estar coletivo. A abordagem de Kohlberg oferece uma base para intervenções que favorecem o desenvolvimento moral dos adolescentes, contribuindo para um ambiente escolar mais inclusivo e ético. Programas educativos baseados na teoria de Kohlberg podem envolver debates em grupo, simulações de dilemas morais e reflexões sobre ações que impactam o bem comum, promovendo uma formação ética contínua entre os jovens e favorecendo o aprendizado sobre os direitos e responsabilidades sociais.

Palavras-chave: Adolescência; Desenvolvimento Moral; Psicologia Escolar.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA UMA EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA

Pedro Mikael da Silva Souza – UNIFIP
Volffraniad Pinheiro Dias de Sá – UNIFIP

O sistema tradicional de educação no Brasil volta-se, atualmente, para uma metodologia de decorar informações, fomentando um saber generalista de caráter enciclopédico. Causando um distanciamento dos indivíduos de uma razoável autonomia intelectual, como é proposto pela corrente teórica construtivista. Em acordo com essa teoria, a psicanálise sugere uma educação para além dos conhecimentos conscientes. Objetivo: Investigar as contribuições positivas da psicanálise, com base em seus conceitos intrínsecos, para o desenvolvimento de um modelo de ensino-aprendizagem construtivista. O método utilizado constitui-se de uma revisão integrativa da literatura, utilizando-se de materiais previamente disponibilizados em sala de aula, acerca das contribuições da psicanálise para a educação e de pesquisas realizadas no banco de dados do Google Acadêmico, levando em consideração os seguintes descritores: educação, psicanálise, construtivismo e educação contemporânea. Com base na bibliografia estudada, entende-se que a padronização da aprendizagem pode acarretar uma inflexibilidade no ensino e um comodismo dos docentes. Sendo o construtivismo responsável por propor uma metodologia de interações mútuas entre aluno-professor, a fim de dinamizar o conhecimento dos indivíduos. Em consonância com essa teoria a psicanálise salienta que não existe satisfação no ensinar sem a transferência, sugerindo que o aluno dotado de suas pulsões sexuais sublimadas, propõe ao professor um conhecimento prévio, de modo que ambos, a partir dessa interação, construa uma aprendizagem dinâmica, flexível e autônoma. Por fim, as informações psicanalíticas geram uma reflexão e uma compreensão no docente sobre sua prática acadêmica, a título de melhorar sua metodologia de ensino.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação Construtivista; Ensino-Aprendizagem.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

RESUMOS SIMPLES

NEUROPSICOLOGIA E NEURODESENVOLVIMENTO

TRANSTORNO OPOSITOR DESAFIADOR: CARACTERÍSTICAS, INTERVENÇÃO E IMPLICAÇÕES NO NEURODESENVOLVIMENTO

Anna Lívia Cunha Lima Vitorino – UNIFIP
Bianca Letícia Brandão de Sousa Farias – UNIFIP
Fábio de Freitas Soares Júnior – UNIFIP
Maria Eduarda Azevedo de Lima – UNIFIP
Yasmin Vitória Siqueira Barbalho – UNIFIP
Suzana Cinthia Silva Oliveira de Albuquerque – UNIFIP

O Transtorno Opositor Desafiador (TOD) é um quadro que se caracteriza por comportamentos negativistas, desafiadores e hostis a figuras de autoridade. Crianças com TOD apresentam irritabilidade crônica, impulsividade, baixo limiar à frustração, dificuldade em aceitar regras e, como o próprio nome sugere, uma postura desafiadora. Os sintomas se iniciam na idade pré-escolar e estatisticamente são mais comuns no sexo masculino. O estudo se propõe a explorar as principais características do TOD, bem como, apresentar as estratégias de intervenção e inclusão, considerando as comorbidades que podem estar associadas a essa condição e o impacto no neurodesenvolvimento. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica, por meio da análise de dados extraídos do SCIELO, PubMed e Google acadêmico, com a utilização das palavras-chave: “transtorno opositor desafiador”, “comorbidades”, “características”, “intervenção”, “neurodesenvolvimento” e “impacto”. Com base nas análises dos dados, o TOD deve ser compreendido dentro de uma perspectiva multidimensional, onde fatores biológicos, psicológicos e sociais interagem de maneira complexa. Os estudos também indicam que o impacto do TOD no neurodesenvolvimento é notável, com prejuízos nas funções executivas, como regulação emocional, atenção sustentada e controle de impulsos, assim como, dificuldades significativas no ambiente escolar e social. Deste modo, a implementação de estratégias de intervenção voltadas tanto para a criança quanto para a família é essencial para reduzir os sintomas e prevenir a evolução para transtornos mais graves na adolescência e vida adulta.

Palavras-chave: Transtorno Opositor Desafiador; Comorbidades; Neurodesenvolvimento.

MONTANDO O CÉREBRO: UMA DINÂMICA LÚDICA PARA O ENSINO DE NEUROANATOMIA

Fábio De Freitas Soares Junior – UNIFIP
Lavoisier De Morais Medeiros Filho – UNIFIP
Suzana Cinthia Silva Oliveria de Albuquerque – UNIFIP

Uma parcela considerável dos estudantes de psicologia relata que o estudo de neuroanatomia é de difícil compreensão. Por se tratar de um campo de estudo complexo, o ensino pode se tornar monótono, fazendo com que os alunos não tenham bom proveito da disciplina. Este estudo tem como objetivo relatar o desenvolvimento e aplicação de uma estratégia pedagógica interativa para o ensino de neuroanatomia, visando facilitar a compreensão dos alunos de psicologia de uma instituição privada de ensino superior. Bem como, promover um maior engajamento acadêmico, contribuindo para uma formação mais completa e estimulante. Neste estudo foi utilizado gamificação com aprendizagem ativa, proporcionando uma dinâmica de competição saudável e colaborativa. Os alunos respondiam perguntas orais e montavam a imagem do encéfalo. Participaram da dinâmica os alunos do primeiro período de psicologia. Os alunos demonstraram grande engajamento na atividade e relataram maior facilidade na aprendizagem, destacando que o método lúdico e interativo permitiu uma compreensão mais aprofundada do conteúdo. Para trabalhos futuros, identificou-se a necessidade de integrar tecnologias no ensino, como a inteligência artificial, aplicativos de neuroanatomia e programas de computador, a fim de potencializar ainda mais o processo de aprendizado.

Palavras-chave: Neuroanatomia; Dinâmica; Ensino.

VÍCIO EM JOGOS DE APOSTA ONLINE E SAÚDE MENTAL

Lavoisier Morais de Medeiros Filho – UNIFIP,
Fábio de Freitas Soares Junior – UNIFIP
Suzana Cinthia Silva Oliveira de Albuquerque – UNIFIP

Com o fácil acesso aos jogos de aposta online graças aos avanços tecnológicos e seu uso crescente, surge a preocupação com a saúde mental desses indivíduos. O comportamento compulsório muitas vezes já ligados a algum transtorno leva a perdas econômicas e sociais prejudicando os indivíduos e afetando sua saúde mental. Este trabalho tem como objetivo analisar como o vício em jogos afeta a saúde mental, incluindo a relação com outros fatores como depressão, ansiedade, dependências entre outros. Este é um estudo de revisão integrativa da literatura, onde foram realizadas buscas em fontes de dados, como PubMed, BVS, SCIELO e Google Acadêmico. A pesquisa foi conduzida através das palavras-chave: Vício em jogos, saúde mental, transtorno do jogo. A pesquisa revelou que o vício em jogos on-line está fortemente associado a problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e isolamento social. Tendo questões socioeconômicas e de vulnerabilidade diretamente ligadas a maior probabilidade do vício. Estudos de neuroimagem mostraram ativação aumentada nas regiões frontoestriatais e límbicas do cérebro, semelhantes ao observado em transtornos de dependência, sugerindo que os ciclos de recompensa dos jogos afetam o sistema de recompensa cerebral.

Palavras-chave: Vício em Jogos; Saúde Mental; Transtorno do Jogo.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

RESUMOS SIMPLES

PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE NO IMAGINÁRIO SOCIAL DE HOMENS GAYS

Lavoisier Morais de Medeiros Filho – UNIFIP
Larissa Raposo Diniz – UNIFIP

Nas últimas décadas se acentuou, no Brasil, um processo de ruptura do que se entendia como homem gay, saindo de uma representação como pessoas doentes (vinculadas à AIDS) para uma maior aceitação social. A partir disso aumenta a pressão pela masculinidade dentro do próprio meio, no qual é possível perceber que aqueles homens que performam mais próximo da heteronormatividade exercem um papel de poder e legitimação maior. Verificar os sentidos atribuídos à masculinidade e à homoafetividade elaborados por homens gays nas suas relações com outros homens. Este é um estudo de revisão bibliográfica que buscou, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, trabalhos publicados em português, nos últimos 10 anos, através dos descritores: masculinidade, homens gays e heteronormatividade, e realizou análise de conteúdo dos referidos trabalhos. Foi possível identificar que os homens reproduzem papéis heteronormativos comumente existentes em relações de gênero, em que ocorre uma hierarquização de poder baseada em uma masculinidade hegemônica. A pressão imposta pelos próprios indivíduos na busca de ser "mais homem" demonstra uma homofobia interiorizada, muitas vezes ligadas a estigmas da própria identidade gay.

Palavras-chave: Masculinidade; Representação Heteronormativa; Homens gays.

DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL: ANALISANDO O EFEITO DE VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

Josefa Wanilla da Costa Medeiros – UFPB
Fernanda de Souza Pereira – UFPB
Maria Edisandy Bezerra dos Santos – UNIFIP

A identidade étnico-racial envolve o senso de pertença a um grupo social com base em aspectos como cor da pele, raça, etnia e cultura, sendo influenciada por fatores sociais, culturais e individuais. Compreender essa identidade é essencial para promover a justiça social no Brasil. O estudo contou com 727 participantes, 67% mulheres, com média de 26 anos. Objetivando testar o papel preditivo do gênero, idade, escolaridade e nível socioeconômico em cada um dos fatores da escala de identidade étnico-racial (assimilação, desinformação, auto-ódio, antidominância, etnocentricidade, multiculturalista inclusivo e saliência étnico-racial), foram realizadas regressões múltiplas (forward) entre as variáveis sociodemográficas e os fatores da escala. Os resultados mostram que as variáveis de classe socioeconômica, idade e escolaridade auxiliaram a predizer alguns fatores. O fator "assimilação" foi explicado em 3% pela classe socioeconômica e escolaridade, com maior classe associada a maior assimilação e menor escolaridade associada a maior assimilação. O "auto-ódio" foi influenciado negativamente pela idade e classe socioeconômica, com níveis mais baixos de ambos resultando em maior auto-ódio. Para o fator "antidominante", índices menores de classe e idade estavam associados a maior oposição à dominação, enquanto maior escolaridade se correlacionava com maior antidominância. Por fim, a "saliência étnico-racial" foi maior entre indivíduos de menor idade e classe, enquanto a escolaridade mais alta aumentou a importância atribuída às questões étnico-raciais. Esses achados indicam que condições socioeconômicas influenciam a internalização de atitudes sobre identidade.

Palavras-chave: Identidade; Raça; Desenvolvimento.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

RESUMOS SIMPLES

PSICOLOGIA CLÍNICA E SAÚDE

CRENÇAS DOS PROFESSORES DE LÍNGUAS SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM DIAGNÓSTICO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS DE PATOS-PB

Bianca Letícia Brandão de Sousa Farias – UNIFIP
Anna Lívia Cunha Lima Vitorino – UNIFIP
Fábio de Freitas Soares Junior – UNIFP
Maria Eduarda Azevedo de Lima – UNIFIP
Yasmin Vitória Siqueira Barbalho – UNIFIP,
Giovani Amado Rivera – UNIFIP

Em diversas escolas brasileiras, o ensino-aprendizagem de línguas adicionais/estrangeiras, além de possuir uma pequena carga horária, baseia-se predominantemente no estudo de textos escritos, com o objetivo de desenvolver a habilidade leitora dos alunos. No entanto, não dedica atenção aos textos multimodais, com os quais os alunos se comunicam no seu cotidiano, utilizando a internet. A pesquisa que realizamos teve como objetivo identificar as crenças dos professores de línguas da cidade de Patos-PB sobre o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nas práticas de ensino-aprendizagem de línguas. A metodologia adotada possui caráter descritivo e qualitativo, pois buscamos revelar as crenças dos professores de línguas nas escolas de Patos, sem generalizações, com o intuito de apresentar uma realidade de ensino-aprendizagem que muitos professores ainda desconhecem. Constatou-se que todos os professores acreditam que o intercâmbio pode facilitar a aprendizagem de línguas adicionais para seus alunos. No entanto, nenhum deles havia vivenciado essa experiência. Além disso, quase metade dos professores desconhecia a possibilidade de realizar intercâmbios virtuais pela internet.

Palavras-chave: Crenças; Ensino-Aprendizagem; TDIC.

COMPORTAMENTO ADITIVO AO INSTAGRAM: INVESTIGAÇÃO SOBRE O NÍVEL DE VÍCIO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Maria Eduarda Azevedo de Lima – UNIFIP
Yasmin Vitória Siqueira Barbalho – UNIFIP
Bianca Letícia Brandão de Sousa Farias – UNIFIP
Fábio de Freitas Soares Júnior – UNIFIP
Anna Lívia Cunha Lima Vitorino – UNIFIP
Giovani Amaro Rivera – UNIFIP

O uso das redes sociais no Brasil tem crescido significativamente, alcançando milhões de usuários diariamente. Embora essas plataformas proporcionem benefícios como interação social, disseminação de informações e entretenimento, o uso excessivo gera preocupações. O vício em redes sociais, caracterizado pelo uso compulsivo, é um problema emergente, especialmente entre jovens e adolescentes (Machado et al., 2020). Esse comportamento pode levar a consequências negativas, como isolamento social, baixa autoestima, insônia e dificuldades de concentração (Souza & Martins, 2019). Este estudo teve como finalidade investigar o nível de vício no Instagram entre estudantes universitários. O foco foi compreender as causas desse vício e analisar suas consequências, incluindo os prejuízos nas relações interpessoais e no desempenho acadêmico. A pesquisa foi realizada com 143 participantes, sendo 81 mulheres (56,6%). A maioria dos participantes era solteira (93%), com idades entre 18 e 50 anos (M = 21, DP = 4). Em relação à escolaridade, 28,7% dos participantes tinham ensino médio completo, enquanto 56,6% possuíam ensino superior. Os resultados corroboram pesquisas anteriores, indicando que o vício em redes sociais, especialmente no Instagram, é mais comum entre mulheres. Morais e Almeida (2020) indicam que mulheres utilizam essas plataformas mais frequentemente para interação social e autopromoção, aumentando o risco de comportamentos aditivos. Assim, futuras pesquisas devem explorar intervenções para reduzir esse impacto e promover campanhas sobre o uso equilibrado das redes sociais.

Palavras-chave: Vício; Instagram; Universitários.

PSICODIAGNÓSTICO PARA IDENTIFICAÇÃO DE FATORES PROTETIVOS DE MÃES DE CRIANÇAS COM AUTISMO EM UMA ONG

Gabrielle Lopes Alves – UFPB
Maria Gabriela Costa Ribeiro – UFPB

Os cuidados com crianças com TEA são desafiadores, exigindo muita dedicação dos responsáveis, especialmente das mães. Estas são as que mais adaptam suas rotinas, dedicam tempo e cuidados aos filhos, enfrentando cansaço físico, desgaste emocional e altos níveis de estresse. Nesse contexto, a identificação de recursos psíquicos e sociais utilizados por essas mães foi uma maneira de intervir para desenvolver o senso de domínio e competência O objetivo deste estudo foi avaliar fatores protetivos, como personalidade e resiliência, em mães de crianças com autismo atendidas por uma ONG. Para isso, foi realizado um processo de psicodiagnóstico utilizando técnicas de entrevista e instrumentos psicológicos, como as Pirâmides Coloridas de Pfister e a Escala Pilares de Resiliência. Os resultados mostraram que, em termos de personalidade e resiliência, as mães apresentaram alta sociabilidade, empatia, capacidade de adaptação a mudanças e perseverança. Portanto, essa prática buscou fortalecer o senso de pertencimento e identidade dessas mães, considerando seu contexto de vulnerabilidade social e a falta de políticas públicas direcionada para essa população.

Palavras-chave: Mães; Autismo; Psicodiagnóstico.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

RESUMOS SIMPLES

PSICOLOGIA JURÍDICA E FORENSE

CRIME E INFÂNCIA/ADOLESCÊNCIA: INVESTIGANDO O PAPEL DA PSICOLOGIA NA COMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO DELINQUENTE

Maria Eduarda Azevedo de Lima – UNIFIP
Yasmin Vitória Siqueira Barbalho – UNIFIP
Bianca Letícia Brandão de Sousa Farias – UNIFIP
Fábio de Freitas Soares Júnior – UNIFIP
Anna Lívia Cunha Lima Vitorino – UNIFIP
Suzana Cinthia Silva Oliveira de Albuquerque – UNIFIP

Compreender o comportamento delinquente na infância e adolescência é essencial para prevenir problemas mais graves no futuro. Esse comportamento, que frequentemente tem início na primeira infância, tende a se intensificar ao longo dos anos, levando ao desenvolvimento de padrões antissociais e até criminosos na vida adulta. O comportamento delinquente é definido como um conjunto de ações que violam normas sociais e jurídicas, muitas vezes associado a distúrbios emocionais que afetam o desempenho escolar. Este estudo teve como objetivo investigar as influências dos ambientes de desenvolvimento e o impacto das intervenções psicológicas na prevenção da delinquência juvenil, além de oferecer recomendações para políticas públicas de prevenção. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura com dados qualitativos e quantitativos. As buscas ocorreram nas bases de dados PubMed, Scielo, PsycINFO e Google Acadêmico, utilizando descritores como "delinquência juvenil", "fatores de risco", "intervenções psicológicas" e "prevenção de crimes". A pesquisa revelou que a delinquência juvenil é resultado de uma interação complexa entre múltiplos fatores, como abusos, violência e ausência de supervisão parental. A vulnerabilidade socioeconômica também desempenha um papel significativo, com jovens de baixa renda apresentando maior probabilidade de envolvimento em atividades criminosas. A atuação de psicólogos é fundamental para desenvolver estratégias eficazes de intervenção, promovendo mudanças positivas na vida desses jovens e reduzindo o risco de reincidência, destacando a importância de políticas preventivas para minimizar a delinquência juvenil.

Palavras-chave: Delinquência; Intervenção; Risco.

PSICOLOGIA DO DELITO: EXPLORANDO AS CAUSAS E SOLUÇÕES PARA O COMPORTAMENTO CRIMINOSO

Yasmin Vitória Siqueira Barbalho – UNIFIP
Anna Lívia Cunha Lima Vitorino – UNIFIP
Bianca Letícia Brandão de Sousa Farias – UNIFIP
Fábio de Freitas Soares Junior – UNIFIP
Maria Eduarda Azevedo de Lima – UNIFIP
Suzana Cinthia Silva Oliveira de Albuquerque – UNIFIP

Este artigo explora a complexa relação entre a psicologia e o comportamento criminal, buscando entender os fatores que moldam a mente do detento. Analisar a questão da delinquência é observar como fatores emocionais, sociais e cognitivos influenciam a ocorrência de um crime. Muitos estudos revelam que o histórico de delinquência é marcado por uma infância traumática, como abusos físicos e psíquicos, instigando o isolamento e o repudio social, embora não seja a única causa para cometer o crime. Este trabalho tem por objetivo analisar a influência destes fatores, buscando compreender de forma aprofundada as motivações e as circunstâncias que levam ao comportamento criminoso. Além disso, visa destacar como a psicologia é valiosa para a reabilitação e reintegração social dos detentos, prevenindo uma possível reincidência. Para este artigo foi realizada uma revisão de literatura através de pesquisas feitas no Google Acadêmico, utilizando das seguintes palavras-chave: “Psicologia do delito” e “comportamento delinquente” e “psicologia”. Dessa forma, conclui-se que o comportamento criminal não pode ser atribuído somente a uma causa, é preciso compreender a junção de influências, sendo elas do meio social, de eventos traumáticos e de genética. A desigualdade socioeconômica e a capacidade de empatia também desempenham papéis cruciais na formação de padrões de comportamento delinquente. Ademais, faz-se necessário a inserção de programas efetivos de reabilitação como forma de reduzir esses comportamentos e prepará-los para voltar a sociedade, visto que somente privá-los de liberdade não pode ser a única solução.

Palavras-chave: Comportamento Criminal; Psicologia do Delito; Reabilitação Criminal.

Psicologia UNIFIP

2º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA

TRABALHOS PREMIADOS

PRÊMIO JOSÉ GOMES ALVES

Modalidade	Título	Autores
Trabalho Completo	Construção de uma Medida Implícita de Abuso Digital no Namoro	Maria Eduarda Pereira Araújo Thereza Christina Garcia Bezerra Gustavo da Silva Rodrigues Alessandro Teixeira Rezende Tessya Hyanna Almeida Oliveira
Resumo Simples	Análise Fatorial Exploratória da Escala de Preferência por Séries de TV	Fernanda de Souza Pereira Josefa Wanilla da Costa Medeiros Maria Edisandy Bezerra dos Santos